



organizadores

Francisco Eric Vale de Sousa

Jéssica Miranda

A PANDEMIA DA COVID-19

recortes interdisciplinares



organizadores

Francisco Eric Vale de Sousa

Jéssica Miranda

A PANDEMIA DA COVID-19

recortes interdisciplinares

| São Paulo | 2025 |



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P189

A pandemia da COVID-19: recortes interdisciplinares /
Organização Francisco Eric Vale de Sousa, Jéssica
Miranda. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-398-1

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-398-1

1. Pandemia. 2. COVID-19. 3. Interdisciplinaridade.
4. Pesquisas Científicas. I. Sousa, Francisco Eric Vale de (Org.).
II. Miranda, Jéssica (Org.). III. Título.

CDD 001.4614302

Índice para catálogo sistemático:

I. Pesquisas Científicas

II. Pandemia

Simone Sales • Bibliotecária • CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2025 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2025 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).
Os termos desta licença estão disponíveis em:
<<https://creativecommons.org/licenses/>>.
Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.
O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patrícia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patrícia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini
Estagiárias em editoração	Raquel de Paula Miranda Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	creative_kamran, pikisuperstar , BiZkettE1 - Freepik.com
Tipografias	Acumin, Alternate Gothic, Gravtra
Revisão	Os autores e as autoras
Organizadores	Francisco Eric Vale de Sousa Jéssica Miranda



CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade do Estado do Amapá, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva.
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil



Dayse Sampaio Lopes Borges

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro

Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrícia Lopes Pinheiro

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa

Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales

Instituto Nacional de Estudos

e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges

Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles

Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa

Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre

Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura

Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini

Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Moraes Souza

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro

Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik

Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos

Universidad Internacional Iberoamericana del México, México

Marcos Uzel Pereira da Silva

Universidade Federal da Bahia, Brasil



Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil



PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

Erlene dos Santos Sousa

Maria Beatriz Sousa Saturnino

Educação básica

em tempos de pandemia:

breves reflexões acerca da educação local..... 11

CAPÍTULO 2

Geilson Conceição Silva

Wellida Cristina Silva Nascimento

Transtorno de ansiedade e depressão

em adolescentes no contexto escolar

no período de pandemia da COVID-19.....40

CAPÍTULO 3

Francisco Eric Vale de Sousa

Cinthya Rayrelly Pereira de Sousa

Edilson da Silva Oliveira

Francisco das Chagas Alves da Silva Rufino Júnior

Ansiedade no contexto escolar

no período da COVID-19:

uma investigação bibliográfica.....86

CAPÍTULO 4

Francisco Eric Vale de Sousa

Wanderson Fernando Moraes de Aguiar

Pandemia do COVID-19

e as ferramentas de aprendizagem:

um olhar neuropsicopedagógico..... 111

CAPÍTULO 5

Cristhiane Sampaio Aragão Fontenele

**O ensino remoto da disciplina
de matemática e a pandemia
do COVID-19:**

relato de experiência no 6º ano

do ensino fundamental 123

CAPÍTULO 6

Edma Ribeiro Luz

**Meandros de uma perspectiva
docente no ensino da língua inglesa
na pandemia COVID-19:**

um relato de experiência do ensino fundamental
séries finais do colégio Frei Germano de Cedrate –

Trizidela do Vale – Maranhão..... 135

CAPÍTULO 7

Gilson da Conceição Silva

Wellida Cristina Silva Nascimento

**Saúde mental de professores
no período pandêmico da COVID-19:**

uma investigação bibliográfica..... 150

CAPÍTULO 8

Thayronne Rennon Lima Gomes

Francisca Dacy da Silva Carvalho

Luiz Carlos Rodrigues da Silva

Lays Karyne da Silva Santos Mendes

Antônio Cleilton da Costa Sousa

A docência e seus desafios:

o uso das TDICs na educação especial/inclusiva

no contexto do ensino remoto emergencial

em tempo de pandemia da COVID-19..... 182

CAPÍTULO 9

Márcia Regina Pereira Bílio

Ronny Batista de Sousa

Viviane Soares Silva

Talita Maciel Teixeira

Francisco das Chagas Araújo Coelho

Atuação profissional do assistente social junto às famílias de pacientes internados por COVID-19 em um hospital no interior do Maranhão	198
--	------------

CAPÍTULO 10

Isis Miridan Lopes de Sousa

Claudielli Francy da Costa Dias

Redes sociais, pandemia e saúde mental: o uso das redes sociais durante a pandemia pelos adolescentes	234
--	------------

Sobre os autores e as autoras	272
--	------------

Índice remissivo	277
-------------------------------	------------

1

Erliene dos Santos Sousa
Maria Beatriz Sousa Saturnino

EDUCAÇÃO BÁSICA EM TEMPOS DE PANDEMIA:

**BREVES REFLEXÕES ACERCA
DA EDUCAÇÃO LOCAL**

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-398-1.1

INTRODUÇÃO

A sociedade está vivendo um momento de reinvenção em todos os aspectos, inclusive na educação, muitos podem até se indagar com questões a respeito dos avanços, concluindo que “se a sociedade muda, a escola só poderia evoluir com ela!”. Nos últimos tempos, a população tem passado momentos difíceis, vivenciando um momento de distanciamento causado por uma pandemia, no Brasil, o avanço da COVID-19 forçou o fechamento das unidades de ensino já no início de março.

Sendo assim a temática da pesquisa justifica-se pelo fato de as atividades educativas serem uma das primeiras a serem suspensas, por conta da orientação das autoridades de saúde indicando a urgência do distanciamento social, e isso fez com que discussões fossem levantadas a respeito de como a educação seria conduzida. Não se pode esperar que familiares substituam os professores, que são profissionais formados para ensinar.

Perante tais afirmativas, surgiu os seguintes questionamentos: Como a educação está sendo conduzida em tempo de pandemia? Quais metodologias estão sendo utilizadas? Como está sendo a avaliação dos alunos?

Além disso, uma parte importante do processo de alfabetização se dá na interação com os colegas e por meio da mediação docente. O uso da tecnologia também se faz presente no processo e que passou ser uma rotina na vida dos educandos. Por isso, na sua prática pedagógica, o professor deve fazer parte do processo de ensino/aprendizagem seja efetivado na sua plenitude dentro da realidade do aluno, sobre isso Reforça Cury (2003, p. 65):

SUMÁRIO

Os educadores, apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos.

Com isso percebe-se a importância do professor e o papel da família nesse momento, portanto, vemos nascer e prevalecer uma parceria que aos poucos estava se desfazendo e que as práticas do professor devem atender de fato as necessidades dos alunos.

Diante disso sentiu-se a necessidade de analisar como está a educação básica no momento vivido, através de breves reflexões acerca da educação local. A pesquisa possui como objetivo geral, analisar como a educação está sendo conduzida. Também possui objetivos específicos que são: identificar a metodologia que está sendo utilizada; compreender a forma de avaliar o aprendizado do aluno. A criação e desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação e da internet, inegavelmente, estabeleceram significativas mudanças e transformações. E a educação na era da virtualidade sendo desenvolvida em vantagem do ensino ou da aprendizagem deve ocorrer de maneira contextualizada, paradigmas devem ser transpostos e novas práticas e metodologias pedagógicas devem ser inovadoras, a fim de que, a educação seja promovida de modo a contemplar as necessidades dos sujeitos na sociedade contemporânea.

Quanto aos procedimentos metodológicos da pesquisa trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico e de campo ao qual foram realizados levantamentos bibliográficos necessários para compreender-se sobre o atual cenário da educação, e questionários aplicados virtualmente para os docentes dos municípios de Pedreiras e Trizidela do Vale - MA, a pesquisa também possui uma abordagem quanti-qualitativa.



SUMÁRIO

A análise reúne no primeiro tópico um breve histórico sobre a história da educação do Brasil, desde o período colonial até a atualidade, abordando o ponto da pandemia. No segundo tópico é questionado os desafios docentes na atualidade e em período de pandemia. Já no terceiro tópico as reflexões se voltam para os desafios que o docente enfrenta neste momento de pandemia. Por fim, será explanada e analisada as respostas dos docentes que contribuíram para a realização desta pesquisa.

MATERIAIS E MÉTODOS

Tomando por base o tipo de trabalho desenvolvido optou-se por uma pesquisa bibliográfica e de campo que é definida por Minayo (2010), a pesquisa de campo é aquela em que os dados são coletados no local onde os fatos ocorrem, permitindo maior familiaridade com o objeto de estudo.

Conforme descreve Gil (2010) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Com abordagem do tipo qualitativa, definida por Vieira e Zouain (2010) como aquela que não pode ser reduzida a variáveis numéricas, tendo em vista, atribuir importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, ao discurso e aos significados transmitidos por eles, prezando pela descrição detalhada dos fenômenos, e dos elementos que o envolvem.

A pesquisa também pode ser caracterizada como quantitativa e qualitativa com aplicação de questionário aos professores do Ensino Fundamental nos anos iniciais das cidades de Pedreiras e Trizidela do Vale-MA. Posteriormente, os dados coletados foram analisados para melhor compreensão do estudo proposto pela referente pesquisa. Esclarece Fonseca (2002, p. 20):

SUMÁRIO

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente.

A pesquisa classifica-se ainda como exploratória. Para Minayo (2010) a pesquisa exploratória visa analisar de forma aprofundada o objeto de estudo, permitindo ao pesquisador um contato direto com os sujeitos, e maior familiaridade com o problema levantado.

O método utilizado como instrumento de coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada, realizada através de questionário elaborado pelo Google Forms, constituído por dez (10) perguntas objetivas e dissertativas, respondidas por dezesseis (16) professores da Educação Básica.

O recorte de tempo para a realização desta pesquisa foi de sete dias consecutivos, onde o link do questionário ficou ativo e foi distribuído nos contatos de docentes de várias escolas dos municípios de Pedreiras e Trizidela do vale.

A pesquisa sucedeu-se desta maneira devido o agravo da pandemia do COVID-19 e o cumprimento das regras de distanciamento social e a suspensão das aulas presenciais.

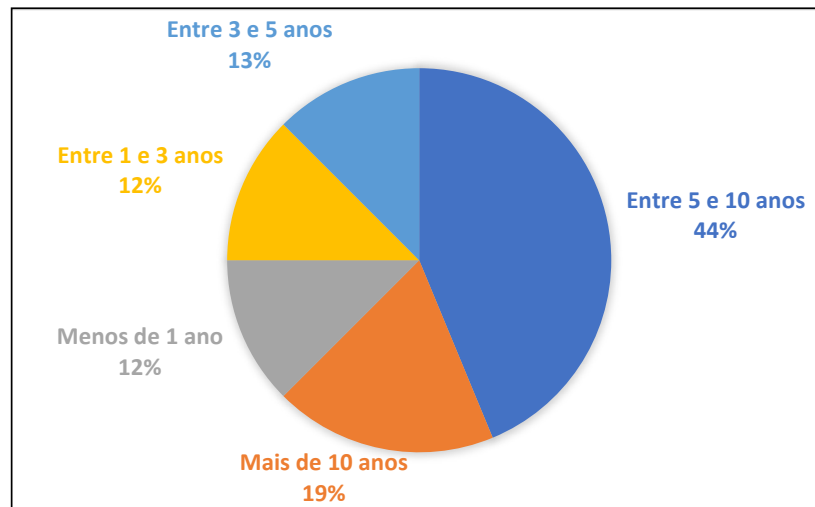
O presente estudo buscou refletir sobre os principais desafios enfrentados pelos professores regionais, atualmente, com a utilização do ensino remoto, como também as estratégias utilizadas para minimizar os prejuízos do período de ausência das aulas presenciais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA

A presente pesquisa foi realizada através de questionários virtuais, elaborado pelo google forms, onde foram aplicados à 16 professores. O questionário era composto de perguntas objetivas e dissertativas. O questionário contava com seis (06) questões objetivas de múltipla escolha, onde não apresentaram nenhuma dificuldade ou resistência em responder e quatro (04) questões dissertativas.

RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO APLICADA COM PROFESSORES

A forma de aplicação do questionário efetuou-se dessa forma devido a realidade da pandemia do (COVID-19), por isso, fez-se necessário ser realizado individual e virtualmente, visto que, não está havendo aulas presenciais nas escolas. Além disso, foi solicitado através do contato dos professores envolvidos, por via WhatsApp. Por fim, a pesquisa foi concluída com sucesso, onde os professores foram bem gentis e entenderam a necessidade.

Gráfico 1 - Referente a quanto tempo você atua com docente?

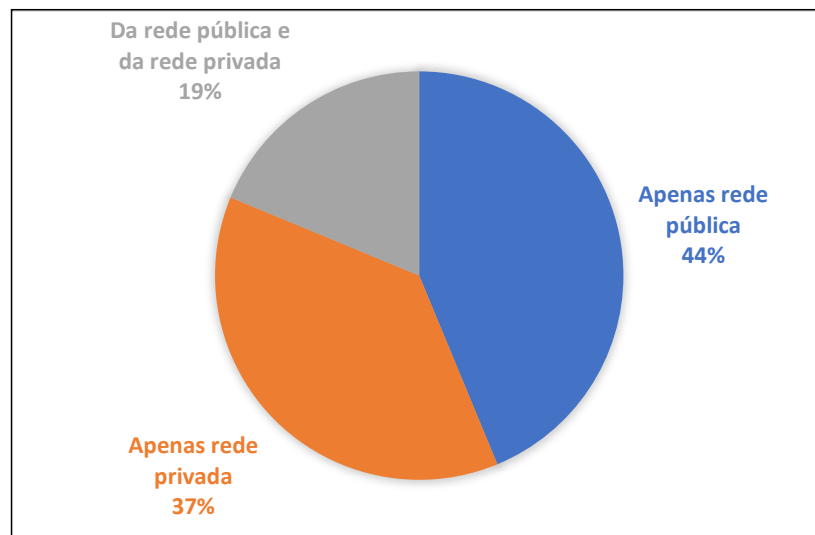
Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

SUMÁRIO

Segundo análise, é possível identificar que cinquenta por cento (50%) dos entrevistados atuam entre 5 e 10 anos como docentes, assim como vinte e dois por cento (22%) também. Quatorze por cento (14%) dos entrevistados atuam por menos de 1 ano e entre 1 e 3 anos.

Desse modo, Freire (1996, p. 52) diz que "saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção". O professor aberto às indagações dos alunos e a curiosidade.

O tempo de formação e atuação não influencia em um bom desenvolvimento profissional, mas sim a desenvoltura e a capacidade de repassar os conhecimentos a diante.

Gráfico 2 - Referente você é professor da rede pública ou particular?

Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

De acordo com os dados coletados na pesquisa, quarenta e oito por cento (48%) dos entrevistados atua apenas na rede pública. Em contrapartida, quarenta por dois (42%) dos professores entrevistados atuam apenas na rede privada. E dez por cento (10%) atuam em ambas as redes.

Independente da rede atuante do docente os seus deveres para com a instituição e os alunos é praticamente a mesma. Em ambas as instituições, os docentes, devem seguir as orientações jurídicas previstas na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), para um ingresso no mercado de trabalho, sem transtornos trabalhistas ou exploração profissional.

O artigo 13 da Lei de Diretrizes e Bases Curricular diz que os docentes incumbir-se-ão de:

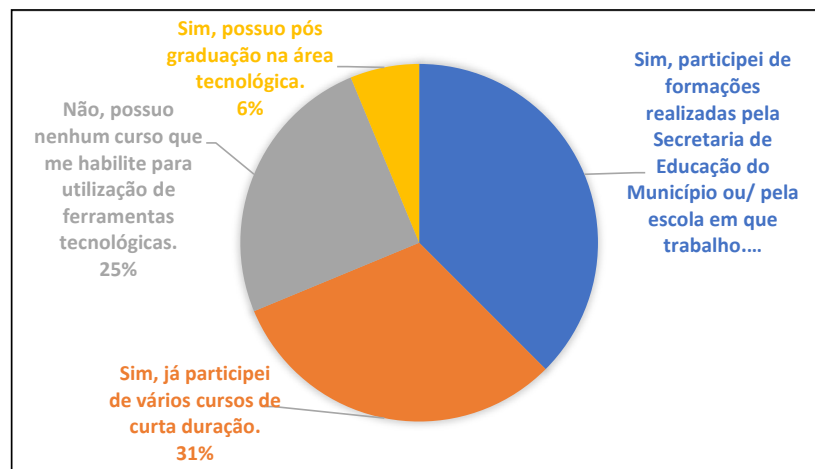
I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; III - zelar pela aprendizagem dos alunos; IV - estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento; V - ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional; VI - colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade (BRASIL, 1996, p. 12).

Além disso, o cargo pedagógico impõe ao professor conhecer o projeto pedagógico e seguir as recomendações previstas neste documento, que, na verdade, vai ajudá-lo na construção do Plano de Trabalho Docente.

Os professores, como agentes de mudanças e formadores das novas gerações, são fundamentais para a sociedade e para o desenvolvimento de um país.

SUMÁRIO

Gráfico 3 - Referente você participou de algum curso para utilizar as ferramentas tecnológicas?



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

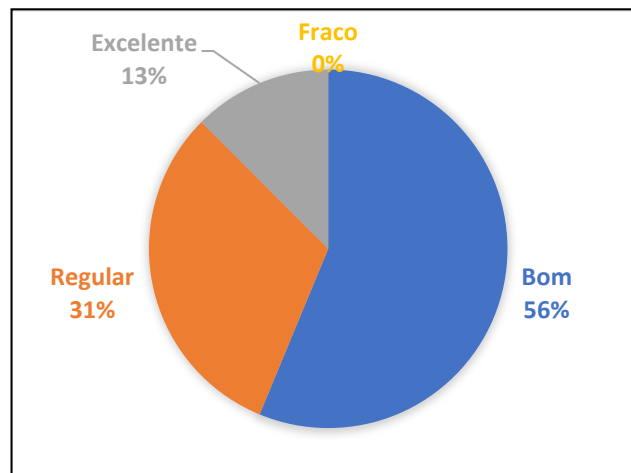
SUMÁRIO

De acordo com os dados coletados, trinta e oito por cento (38%) dos docentes entrevistados já participaram de formações específicas para a utilização das ferramentas tecnológicas, trinta e um por cento (31%) já participaram de vários cursos de curta duração, enquanto vinte e cinco por cento (25%) não possui nenhum curso que os habilite para a utilização de ferramentas tecnológicas e apenas 6% possui pós-graduação na área tecnológica.

Para Prensky (2001), a realidade do professor que detém dificuldades na utilização das tecnologias e o aluno que está totalmente habituado e capacitado com as mesmas, é elucidada da seguinte forma: imigrantes digitais e nativos digitais, onde os imigrantes são os professores que estão integralmente distantes desta realidade tecnológica, que não possuem o hábito de utilizar ferramentas tecnológicas, principalmente por dificuldade em utilizá-las, e os nativos digitais são os alunos que nasceram em um era totalmente tecnológica, onde descobriram desde cedo como manusear estas ferramentas com excelência.

A grande maioria dos professores, principalmente os mais veteranos na área nasceram em uma época totalmente diferente, com outro modelo de ensino, consequentemente sentem dificuldade em se adequar a esse novo modelo de ensino. Desta forma, pode-se perceber que os professores vêm de uma cultura digital antiga e os alunos de uma realidade bem moderna, onde dominam os recursos digitais.

Questão 04 - Referente a hoje perante a realidade do COVID-19 como você classifica seu domínio em relação ao uso das TICs?



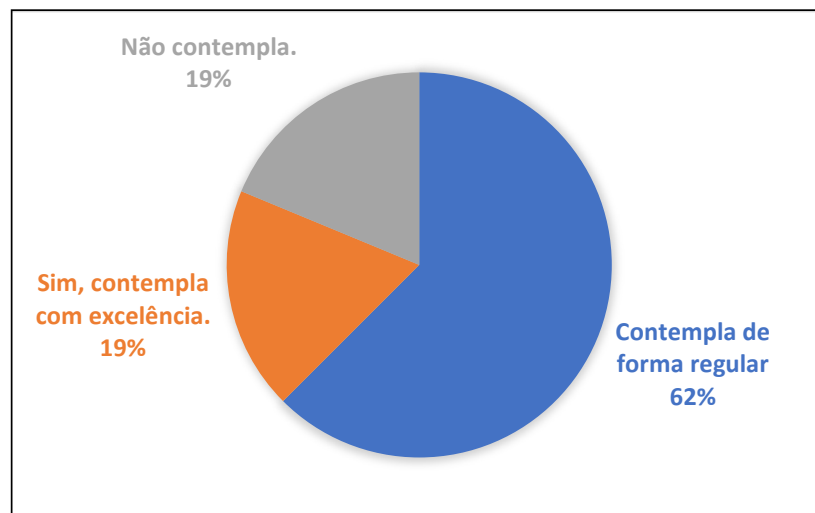
Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

SUMÁRIO

De acordo com os dados coletados, cinquenta e seis por cento (56%) dos professores entrevistados afirmam que o seu domínio em relação ao uso das TIC's é bom. Já trinta e um por cento (31%) afirmam que seja regular. Treze por cento (13%) afirmam excelência ao uso das TIC's. As demais alternativas ficam em zero por cento (0%). É imprescindível que toda instituição de ensino, dê acesso a aparelhos tecnológicos ao professor e também obtenha sala de informática com número suficiente de computadores para todos os alunos, para que os mesmos possam ter aulas de introdução a informática básica já na escola, e possam complementar trabalhos, tirar dúvidas e ter momentos de entretenimento, como jogos virtuais educativos.

Na opinião de Tekura 2006 apud Segantini (2014), "as ferramentas tecnológicas favorecem o acesso a coleta de informações, textos, mapas e que todo acesso rápido a informação contribui para melhorar o ensino". É significativo também que o professor esteja qualificado para manusear estes recursos e orientar os alunos.

Questão 05 - Referente como você classifica se a educação está sendo ofertada de forma a contemplar todos os alunos, tanto da rede pública quanto da rede particular?



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

Os dados mostram que sessenta e dois por cento (62%) a educação ofertada atualmente contempla os alunos de forma regular, dezanove por cento (19%) afirma a contemplação com excelência. Já em contrapartida outros 19% afirmam que não contempla os alunos.

Quando questionado se havia alguma observação em relação a questão anterior alguns docentes responderam que na modalidade de ensino presencial, todo o conteúdo do curso é exposto por meio de aulas em que os alunos e os professores estão fisicamente no mesmo local e ao mesmo tempo.

Sendo assim, as principais características desse padrão de ensino é a dependência do ambiente físico, onde alunos e professores se reúnem diariamente. Também afirmaram que o ensino não está sendo ofertado a todos, visto que nem todos possuem os recursos

necessários para acompanhar as aulas remotas, e boa parte dos que acompanham não tem um apoio em casa para que esse ensino seja eficaz. Uma outra observação exposta foi: “A rede pública não está devidamente preparada para ofertar o ensino público de qualidade nesse período de pandemia, enquanto a rede privada está à frente e nunca parou suas atividades.”

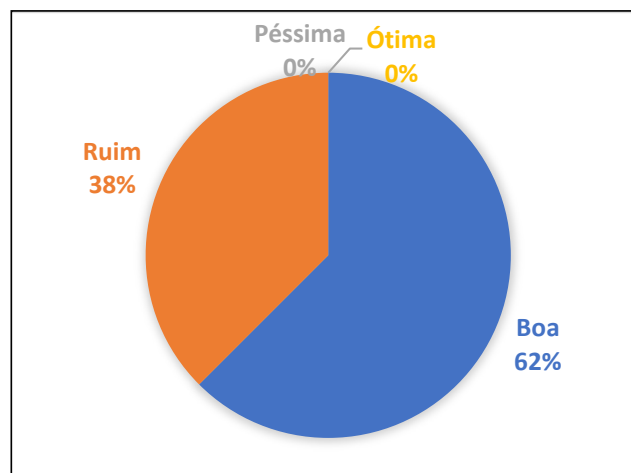
Vivemos em um mundo tecnológico, onde a Informática é uma das peças principais. Conceber a Informática como apenas uma ferramenta é ignorar sua atuação em nossas vidas. E o que se percebe?! Percebe-se que a maioria das escolas ignora essa tendência tecnológica, do qual fazemos parte; e em vez de levarem a Informática para toda a escola, colocam-na circunscrita em uma sala, presa em um horário fixo e sob a responsabilidade de um único professor. Cerceiam assim, todo o processo de desenvolvimento da escola como um todo e perdem a oportunidade de fortalecer o processo pedagógico (LOPES, 2002, p. 02).

É extrema importância que haja um ambiente na escola em que os alunos possam usufruir e aprender com/de tecnologia, é importante também que esse espaço não seja estagnado, mas que seja idealizado constantemente por alunos e professores para pesquisa, realização de atividades e também entretenimento.

A sala de informática deve estar inserida do âmbito escolar, para que os alunos tenham acesso aos ambientes virtuais educativos e de pesquisa, e para que essas experiências resultem em aprendizagem e construção de conhecimento. Assim, familiarizar o aluno desde cedo às novas tecnologias, o que já prepara para eventualidades futuras como as da atual realidade.

SUMÁRIO

Questão 06 - Referente como você avalia a qualidade da educação neste momento de pandemia?



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

Conforme as respostas coletadas na pesquisa sessenta e dois por cento (62%) consideram como boa a qualidade da educação neste momento de pandemia. Já trinta e oito por cento (38%) consideram uma qualidade ruim. As demais alternativas ficam em zero por cento (0%).

A observação acrescentada foi dita no atual contexto, as avaliações de aprendizagem precisam considerar o cenário educacional em que o aluno está inserido. Se faz necessário que sejam feitos com o objetivo de avaliar não somente o conteúdo pedagógico, mas também o nível de envolvimento dos alunos com os processos de aulas remotas, ainda mais que a pandemia veio para nos mostrar uma nova realidade de se fazer educação, muitos professores tinham muita resistência em usar a tecnologia em seu favor.

SUMÁRIO

Esse cenário pegou a todos de surpresa, em especial a educação, que ainda não estava completamente habituada às novas práticas de ensino proporcionadas pela tecnologia. Desse modo, as escolas e os professores tiveram que efetivar um replanejamento de aulas e atividades acadêmicas, para serem praticadas virtualmente, buscando estratégias para envolver os alunos.

Foi preciso refletir sobre o modo de ensinar a aprender, ampliando novas possibilidades e habilidades para que fosse possível suceder a educação a distância, particularmente para a Educação Básica, que tinha pouco contato com essa forma de ensino.

A escola Digital SAE (2021) diz que “a ideia é trabalhar tudo o que foi planejado de forma adaptada ao ensino remoto, para que os alunos não percam os conteúdos que precisam aprender e as habilidades que precisam desenvolver. É possível manter os dias e horários que seriam as aulas presenciais, realizando o encontro virtual, os componentes curriculares e as atividades a serem propostas.”

Muitas instituições não tinham os recursos tecnológicos apropriados e necessitaram providenciá-los, e a maioria dos professores não eram familiarizados com certas ferramentas digitais, então foi preciso aprender a utilizá-las.

Questão 07 - Referente levando em consideração a sua prática pedagógica, você faz uso de ferramentas tecnológicas em suas aulas? Quais são as mais utilizadas?

PROFESSOR 01: Sim. Plataformas como Classroom, Google Meet, WhatsApp, dentre outros aplicativos.

PROFESSOR 02: Sim. Smoothdraw (mesa digitalizadora), Jamboard, Google Forms, Canva, YouTube.

PROFESSOR 03: Faço uso do celular.

PROFESSOR 04: Celular, vídeos.

PROFESSOR 05: Sim. Google Meet, Google Classroom.

PROFESSOR 06: Sim! Utilizo ferramentas de gravação de vídeos (screencast o matic), data show, gamificação e material digital.

SUMÁRIO

PROFESSOR 07: Slides e App de interação com conteúdo.

PROFESSOR 08: Classroom e Meet.

PROFESSOR 09: Sim, aplicativos de vídeos, registro e organização de atividades e planejamentos.

PROFESSOR 10: Vídeo aulas, WhatsApp, Classroom, Meet.

PROFESSOR 11: Computador, data show, caixa de som, microfone e câmera.

PROFESSOR 12: Sim, slide, data show e alguns aplicativos como o Kahoot.

PROFESSOR 13: Alguns exemplos são: programas, aplicativos, plataformas virtuais, jogos, hardwares e softwares, portais e sites da Internet, câmeras, retroprojetores, entre outros.

PROFESSOR 14: Sim. Google Classroom, Jamboard, Kahoot, Mentimeter, Paint, PowerPoint, Word, Gmail, WhatsApp, GeoGebra, YouTube, quizzex.

PROFESSOR 15: Sim. Meet, Google Sala de Aula, YouTube, PowerPoint, Word, ADV gravador de tela.

PROFESSOR 16: Antes da pandemia já utilizava práticas pedagógicas tecnológicas, não tão quanto atualmente, pois elas somam bastante e ajudam muito no processo de aprendizagem do aluno. As práticas mais utilizadas são jogos educativos, vídeos interativos e atividades online.

Os professores relataram que antes da pandemia já utilizavam práticas pedagógicas tecnológicas, não tão quanto atualmente, pois elas somam bastante e ajudam muito no processo de aprendizagem do aluno. As práticas mais utilizadas são jogos educativos, vídeos interativos, como também aplicativos para edição de vídeos e textos e atividades online, e os aparelhos mais utilizados são celulares, computadores, tablets. Já as plataformas mais utilizadas segundo os entrevistados são o Google Meet, Google Classroom e WhatsApp.

De acordo com Souza, Moita e Carvalho (2011) os professores devem pensar continuamente sobre a sua prática metodológica, e buscar atualizar-se com recursos que ajudem seu trabalho e dê suporte para o aluno, para que ele se motive, e busque desenvolver-se e crescer intelectualmente.

SUMÁRIO

É valoroso que o professor se adapte a mudanças contínuas, e procure sempre técnicas eficientes para trabalhar em sala de aula, a fim de levar conhecimento e aprendizagem para os alunos. Isto pondo, é acertado que inclua as tecnologias com programas que auxiliem na aplicação de conteúdos estudados.

Para Moran (2000), com as novas tecnologias: o professor tem um amplo campo de práticas pedagógicas, de aperfeiçoamento na comunicação e interação com os alunos, de transmitir o conteúdo, de se organizar, distribuir as atividades e avaliá-los. Na atualidade, o professor tem muitas ferramentas a seu favor para utilizar em sala de aula, é marcante que este prescindia da aula tradicional, e encoraje até mesmo aquele aluno mais reservado a se desenvolver e evoluir.

Em concordância Dantas (2005, p. 17) *apud* Mercado (1999, p. 27): As novas tecnologias criam novas chances de reformular as relações entre alunos e professores e de rever a relação da escola com o meio social, ao diversificar os espaços de construção do conhecimento, ao revolucionar os processos e metodologias de aprendizagem, permitindo à escola um novo diálogo com os indivíduos e com o mundo.

Com os recursos tecnológicos, a comunicação professor-aluno melhorou imensuravelmente, por se tratar de uma ferramenta muito comum no cotidiano do aluno, e na escola ele se sente cada vez mais à vontade para estudar, pois irá utilizar recursos em que ele domina, além de estabelecer uma conexão com professor pois acaba havendo uma ajuda mútua, visto que, o alunos muitas das vezes entendem muito mais de tecnologia que o próprio professor, assim ele contribui ajudando com as tecnologias e o professor com os conteúdos e atividades propostas.

SUMÁRIO

Questão 08 – Referente elenque quais foram as dificuldades enfrentadas durante o período de pandemia do COVID-19 e quais foram as estratégias para dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem durante esse período?

PROFESSOR 01: O maior desafio foi a inclusão de todos aos meios utilizados. Aconteceram reuniões, orientações para as galinhas auxiliarem e para os que não tem acesso de forma alguma tem a opção de pegar cópias físicas.

PROFESSOR 02: Busquei trazer mais dinamicidade, como forma de despertar atenção dos alunos. O desafio vai além do ensinar, mas envolve aspectos psicológicos.

PROFESSOR 03: Fazer vídeos pra chamar a atenção das crianças.

PROFESSOR 04: Dificuldade foi encontrar os alunos nessas novas formas, visto que, já era um problema a evasão em sala de aula; estratégias foram feitas de forma a busca ativa.

PROFESSOR 05: Falta de experiência com as tecnologias. Pesquisas e ajuda dos amigos.

PROFESSOR 06: As dificuldades foram na adaptação dos alunos as nossas aulas on-line, participação e compromisso de devolutivas de atividades. Muitos alunos foram incluídos no Busca Ativa para solucionar essas dificuldades. Apesar de planejarmos aulas bem elaboradas e ter preocupação de levar o melhor para nossos alunos, existe a questão do desamino e falta de compromisso por parte dos mesmos.

PROFESSOR 07: A principal dificuldade e a participação dos alunos de maneira efetiva em sala de aula.

PROFESSOR 08: As dificuldades viver em um novo normal, lidar a cada dia com obstáculos tudo novo para nos adequar a uma nova realidade, como: editar, fazer slides para os vídeos, aprender a usar as ferramentas do Google Classroom como limpeza do drive, usar a plataforma elaborar atividades no Google Forms.

PROFESSOR 09: A maior dificuldade foi me adaptar e adaptar às famílias ao ensino remoto, pois foi esse o método utilizado para que as aulas não parassem.

PROFESSOR 10: As dificuldades foram encontradas em ambas partes, tanto para o professor como para o aluno. Os recursos tecnológicos que os professores e alunos não estavam habituados no dia a dia escolar. O espaço e tempo que os alunos precisam ter, para concentração das aulas remotas, sendo que estavam expostos os barulhos de pessoas, vizinhos, e o próprio celular que têm jogos direcionados ao grupo de adolescentes. Para aqueles que não tinha acesso as aulas remotas, o retorno das atividades sendo que em algumas situações os pais estavam no trabalho, em outros casos os pais não tinham condições financeiras para pagar alguém que auxiliasse nos estudos, sendo que alguns responsáveis não sabem orientar e ensinar seus filhos por falta de estudos.

SUMÁRIO

PROFESSOR 11: Dificuldade: adaptação aos meios tecnológicos e interação com os alunos. Estratégia: entender as dificuldades dos alunos de acordo com a realidade que estamos vivendo.

PROFESSOR 12: Lidar com o novo, ou seja, operar as tecnologias, e prender a atenção dos meus alunos, a estratégia usada foi buscar conhecimento e ferramentas que possibilitassem um ensino de modo que meus alunos fossem atendidos.

PROFESSOR 13: dificuldades está relacionada à falta de habilidade na utilização das tecnologias como potencial educativo e também, a ausência da participação efetiva dos estudantes no ensino remoto.

PROFESSOR 14: Avaliar, engajar, adaptar as metodologias ativas foram as maiores dificuldades e as estratégias usadas foram: uso de jogos tecnológicos, aprofundar os estudos sobre metodologias ativas e encontrar meios de avaliar durante todo o processo.

PROFESSOR 15: Falando como docente as dificuldades enfrentadas foram o uso das ferramentas tecnológicas para gravação de videoaulas, a busca por metodologias ativas para manter o aluno na plataforma digital para fazer acompanhamento das atividades.

PROFESSOR 16: - Dificuldades enfrentadas - Dificuldade com o novo processo de ensino. - Como promover uma educação de qualidade para todos os alunos, pois muitos não estavam preparados ou não tinham acesso a meios tecnológicos. - Práticas pedagógicas para que prendam a atenção do aluno, pois os mesmos estavam acostumados a ver o celular, tablet e/ou computador somente como um passatempo. - Falta de letramento digital por parte da família. - Estratégias Como tudo que é novo e causa medo, ainda mais algo que parecia tão longe da nossa realidade resultou que fomos pegos despreparados, deixando para trás o modo de planejar de antes para adaptá-lo para essa nova realidade. Para tal, tive que me qualificar através de cursos, videoaulas, palestras a respeito de como enfrentar e continuar com a missão de compartilhar o conhecimento para com nossos alunos. Essa foi a estratégia mais viável de início.

Foram elencadas as seguintes dificuldades: a forma de como promover uma educação de qualidade para todos os alunos, pois muitos não estavam preparados ou não tinham acesso a meios tecnológicos. Um outro fator foi às práticas pedagógicas para que prendam a atenção do aluno, pois os mesmos estavam acostumados a ver o celular, tablet e/ou computador somente como um passatempo.

SUMÁRIO

A falta de letramento digital por parte da família, também teve grande peso nesse processo. Estratégias como tudo que é novo e causa medo, ainda mais algo que parecia tão longe da nossa realidade resultou que fomos pegos despreparados, deixando para trás o modo de planejar de antes para adaptá-lo para essa nova realidade. Para tal, tive que me qualificar através de cursos, videoaulas, palestras a respeito de como enfrentar e continuar com a missão de compartilhar o conhecimento para com nossos alunos. Essa foi a estratégia mais viável de início.

Muitos relatos na pesquisa dizem que as dificuldades foram encontradas em ambas partes, tanto para o professor como para o aluno. Os recursos tecnológicos que ambos não estavam habituados no dia a dia escolar não condiziam com os atuais. O espaço e tempo que os alunos precisam ter para a concentração das aulas remotas, sendo que estavam expostos os barulhos de pessoas, como vizinhos, familiares, televisão e o próprio celular. Para aqueles que não tinha acesso às aulas remotas, o retorno das atividades sendo que em algumas situações os pais estavam no trabalho, em outros casos os pais não tinham condições financeiras para pagar alguém que auxiliasse nos estudos, sendo que alguns responsáveis não sabem orientar e ensinar seus filhos por falta de estudos.

Ainda que tenha tido um grande desenvolvimento e expansão das tecnologias da informação e comunicação nota-se ainda que muitos ainda não tem acesso à internet e as suas tecnologias, acarretando desigualdades na medida em que apenas alguns são beneficiados e outros ficam prejudicados no processo (FELIZOLA, 2011).

Além dessas também foram citadas outras dificuldades como falta de participação e devolutiva das atividades pelos discentes, além do problema no avanço dos conteúdos em decorrência dos estudantes não assimilarem os assuntos ministrados remotamente. Conforme Pezzinie; Szymanski, (2015, p. 01):

Dentre todas as dificuldades pelas quais passa a educação no Brasil, destaca-se, atualmente, um grande desinteresse por parte de muitos alunos, por qualquer atividade escolar. Frequentam as aulas por obrigação, sem, contudo, participar das atividades básicas. Ficam apáticos diante de qualquer iniciativa dos professores, que se confessam frustrados por não conseguirem atingir totalmente seus objetivos.

Sobre a situação educacional atual o que se pode observar é uma falta de interesse da família, pois, muitos pais trabalham fora e ao chegarem em casa não buscam saber dos filhos como foi o dia escolar, se tem lição a ser feita, ou seja, não há cobrança e empenho com às tarefas passadas pelos professores, o que gera nos filhos uma falta de interesse e motivação pelo aprendizado escolar (TONCHE, 2014).

Questão 09 – Referente de que forma acontece a avaliação de aprendizagem do aluno?

PROFESSOR 01: Atrás de participação nas aulas, atividades, avaliações em forma de questionários virtuais e também cópias físicas para quem não tem acesso.

PROFESSOR 02: Via Online e participação nas aulas síncronas.

PROFESSOR 03: De forma contínua e progressiva buscando compreender facilidades e dificuldades do aluno.

PROFESSOR 04: Escrita através dos envios das atividades e participações na aula on-line.

PROFESSOR 05: De forma continuada.

PROFESSOR 06: Avalio o aluno através das devolutivas das atividades, atividades práticas no momento da aula, por meio das interações nas aulas e avaliações no Google Forms.

PROFESSOR 07: Através de seminários e avaliações.

PROFESSOR 08: Através de seminários e avaliações.

PROFESSOR 09: Através de observação e registro com fotos, vídeos e anotações.

PROFESSOR 10: Participação nas aulas no meet Retorno das atividades e trabalhos Provas avaliativas Trabalhos desenvolvidos e apresentados para turma.

PROFESSOR 11: Assiduidade com as tarefas e sua evolução na realização das atividades.

SUMÁRIO

PROFESSOR 12: Participação, avaliação, entrega de trabalhos e a presença nas aulas.

PROFESSOR 13: Este deve ser formativo: observar o progresso dos estudantes, analisar suas dificuldades e implementar novas práticas para que se desenvolvam e aprendam. Avaliar com foco no processo é, sem dúvidas, a melhor maneira de identificar e medir o progresso dos alunos.

PROFESSOR 14: De forma contínua, durante todo o processo de ensino-aprendizagem, em cada aula, a todo momento. Seja através da participação, entrega de atividades e até o de questionários e quiz.

PROFESSOR 15: Através da participação nas aulas ao vivo pelo google meet e entregas das atividades pela plataforma google sala de aula.

PROFESSOR 16: O aluno é avaliado constantemente. A cada aula, atividade proposta, participação, proatividade como também avaliarmos por meio de prova e simulados.

Os dados colhidos nessa questão foram praticamente unânimes, afirmando que o aluno é avaliado constantemente. A cada aula, nas atividades propostas, nas participações, proatividade como também se avalia por meio de provas e simulados pelo Google forms.

Segundos os entrevistados o método avaliativo deve ser formativo: observar o progresso dos estudantes, analisar suas dificuldades e implementar novas práticas para que se desenvolvam e aprendam. Avaliar com foco no processo é sem dúvidas, a melhor maneira de identificar e medir o progresso dos alunos num momento em que as aulas são mediadas por meios não presenciais.

A avaliação da aprendizagem é, segundo Luckesi (2011), componente do processo didático e tem cinco eixos mediadores: as teorias pedagógicas, o currículo, a didática, os conteúdos e o professor. Ressalta-se ainda, que o processo avaliativo deve ser, principalmente, formativo, de acompanhamento e construtivo. Assim, ao avaliar, o professor adota posturas e assume um compromisso, um lugar:

Nesse lugar, nós, educadores, temos de acolher (receber o educando), nutrir (oferecer-lhe o melhor de nós mesmos, em termos de informação, procedimentos, valores, afetividade), sustentar (garantir condições para que aprenda, em termos psicológicos, tempo e atendimento)

e confrontar (nem tudo está adequado; é possível mostrar outras possibilidades) o educando para que ele possa, passo a passo, constituir-se a si mesmo e, nesse processo, tomar posse de si (LUCKESI, 2011, p. 132).

Dessa forma, vê-se que avaliar é um ato amoroso, caloroso, dinâmico, consciente, compromissado, atento, investigativo e de intervenção. E em concordância com tal afirmação, Vasconcellos (2005, p. 103) realça que a “avaliação processual contínua, é essa atenção e ocupação permanente do professor com a apoderação efetiva do conhecimento, por parte do aluno, [...] é uma conduta, um compromisso durante todo o processo de ensino-aprendizagem”, que deve ser assumida pelo docente mediante os feedbacks dos estudantes.

Trazendo tal necessidade para as aulas remotas, o professor necessita, então, proceder com estratégias avaliativas de caráter formativo, processual e qualitativo, conforme direciona o Parecer CNE/CP n.º 11/2020 (BRASIL, 2020). O referido documento enfatiza, ainda, que professores e redes de ensino tenham um olhar cuidadoso, flexível e que valorizem os esforços de cada aluno, no sentido de não ampliar a reprovação e a evasão escolar; mas, de manter vínculos positivos e promover as aprendizagens essenciais que são possíveis para o momento, sendo, portanto, uma avaliação mediadora.

Questão 10 – Em sua opinião, referente as problemáticas enfrentadas no cenário atual, como será educação pós pandemia?

PROFESSOR 01: Como todos os processos no início terão dificuldades, mas com planejamento e organização será estabelecida novamente.

PROFESSOR 02: A conduta pedagógica do professor será reavaliada, visto que o perfil dos alunos sofreu transformações.

PROFESSOR 03: Fraca.

PROFESSOR 04: Vamos precisar de novas estratégias para ensinar os mesmos conteúdos, pois vemos que não está sendo aprendido da maneira correta.

PROFESSOR 05: Preocupante.

SUMÁRIO

PROFESSOR 06: Creio que será um desafio grande, o trabalho será árduo e exigirá de toda a comunidade escolar, mais uma vez teremos que nos readaptarmos, porém será um serviço que colheremos bons frutos se houver a força e colaboração de ambas as partes. A escola é o lugar que transforma vidas e nós professores somos os heróis da educação.

PROFESSOR 07: Espero que de maneira efetiva, pois muitos alunos não participam das aulas por falta de acesso ou por falta de interesse e acompanhamento da família.

PROFESSOR 08: Acredito que enfrentaremos muitos obstáculos que deverão ser superados como estimular os alunos a querer estudar e estimular a leitura.

PROFESSOR 09: Imagino que será um ensino mecanicista, as crianças terão dificuldades de pensar pois hoje as redes, os meios virtuais tem feito isso por elas. É como se estivéssemos voltando a era dos alunos copistas.

PROFESSOR 10: A escola precisará dar continuidades há essas ferramentas tecnológicas.

PROFESSOR 11: Desafiadora, principalmente com déficit no aprendizado e com a situação psicológica dos alunos pós pandemia.

PROFESSOR 12: Uma educação com muitas perdas no ensino uma vez que a maioria dos pais e professores não souberam ou não se adaptaram a esse processo.

PROFESSOR 13: Sendo assim, na educação pós pandemia, a tendência é que as aulas tradicionais e expositivas diminuam, dando espaço para aquelas que coloquem o aluno como personagem principal, tornando-o mais ativo na busca pelo conhecimento.

PROFESSOR 14: Bem delicada, visto que precisaremos recuperar algumas habilidades que foram/serão deixadas para trás durante a pandemia e ainda colocar em dias aquelas habilidades para o ano. Essa é apenas uma das problemáticas que serão enfrentadas.

PROFESSOR 15: Diria que dividida onde 50% de tudo será online como vem sendo durante toda a pandemia. Vale ressaltar que hoje a tecnologia tomou de conta de toda as arestas da sociedade e o ensino remoto adentrou nossas escolas públicas e agora se tornou mais um meio de oferecer aprendizagem.

PROFESSOR 16: Creio que passaremos por um bom tempo com o ensino híbrido, até termos certeza e segurança em meio a este cenário, incorporando as tecnologias educacionais no cotidiano escolar pois ela está sendo uma grande aliada do ensino aprendizagem.

Os dados coletados dizem que como todos os processos, no início poderá haver dificuldades, mas com planejamento e organização a educação será reestabelecida novamente. A conduta pedagógica do professor será reavaliada, visto que o perfil dos alunos sofrera transformações. Em contrapartida houve respostas que afirmam que será fraca.

SUMÁRIO

Segundo uma das docentes entrevistadas “vamos precisar de novas estratégias para ensinar os mesmos conteúdos, pois vemos que não está sendo aprendido da maneira correta”.

Ainda de acordo com a questão, será um desafio grande, o trabalho será árduo e exigirá de toda a comunidade escolar, mais uma vez teremos que nos readaptarmos, porém será um serviço que colheremos bons frutos se houver a força e colaboração de ambas as partes. A escola é o lugar que transforma vidas e nós professores somos os heróis da educação.

A educação futura tem sido uma preocupação incessante dos educadores, mães, pais e estudantes. A pandemia do COVID-19 pegou a todos de surpresa e as instituições de ensino tiveram que encarar com um cenário completamente novo. A moldagem à nova realidade foi difícil, pois muito rapidamente, foi necessário colocar em prática numerosas ações para dar continuidade ao aprendizado dos alunos.

O retorno às aulas presenciais tem sucedido de forma gradativa e não são todas as instituições que abraçaram a iniciativa. Muitas escolas optam por esperar, inclusive as instituições públicas. Contudo, as consequências da pandemia na educação já fazem parte da rotina e emergiu algumas tendências para a área educacional.

Além de exigir a conservação de hábitos voltados para a prevenção, como uso de máscaras, também tem sido nítido a preeminência de outros aspectos que pendem a se tornar cada vez mais presentes no ambiente escolar. Conforme Trezzi, (2021, p. 12):

A busca por uma escola justa parece ser a única opção para a educação no momento pós pandemia. Embora com atraso de meio século, o primeiro passo a ser dado é compreender como a escola pode ser inclusiva e buscar alternativas para isso.

Olhar para a educação brasileira pós pandemia significa imaginar uma escola que olhe para o futuro. Escola justa não é apenas aquela que garante a admissão, mas aquela que leva em conta as

diferentes realidades para que todos os discentes possam ter acesso não apenas a sala de aula, mas os conteúdos curriculares e extracurriculares de acordo com a sua própria realidade, aos poucos a escola pode ir se estabelecendo aos novos paradigmas educacionais.

Sendo assim, Trezzi (2021) afirma que “uma escola justa é uma escola humanizada. Ou a educação pós-pandemia segue esse rumo, ou continuará reforçando a desigualdade e a exclusão”.

As consequências e os impactos deixados pela pandemia do COVID-19 desvendam que se a escola continuar se deixando degenerar por ideologias que levam à exclusão, posteriormente continuaremos com os mesmos problemas. Antes de pensar em possibilidades que mexam na estrutura da escola, é preciso analisar a própria identidade da escola. E, verificando a identidade da escola, planejar a humanização da mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidenciou como a educação está sendo conduzida atualmente, em tempos de pandemia, de forma virtual e em alguns casos de forma híbrida.

Com base nas informações referidas e refletidas acerca da educação a distância nos municípios de Pedreiras e Trizidela do Vale – MA, em tempos da pandemia do coronavírus, percebe-se que muitos são os desafios enfrentados pela escola e pelos docentes diante desse cenário pandêmico, como a falta de formação e de informação, dos alunos e familiares sobre o uso das TIC's, enquanto intermédio do conhecimento. O número de alunos que não possuem acesso à internet é bem grande, o que gera desigualdades.

SUMÁRIO

Por esse motivo, é necessário um olhar mais aprofundado acerca da EAD diante desta realidade social, analisando as práticas educativas que são capazes de promover a expansão do ensino geral. Apesar de uma grande parte não ter acesso à internet ou as tecnologias, uma parcela de estudantes e professores buscam se reinventar em aulas à distância ou on-line. Uma boa parte estão pela primeira vez tendo contato com essa didática.

Perante isso, surge a preocupação de não estar devidamente preparado, ou até mesmo capacitado, pois o ritmo é outro, a organização do tempo, a interação professor-aluno. Sem horário fixo de aula e sem a figura do professor presente o tempo todo, esse aluno precisa se esforçar mais para aprender o que é proposto e o professor para repassar o conteúdo que repassaria presencialmente da mesma forma, com a mesma qualidade.

A referente pesquisa trouxe grandes reflexões acerca da educação regional, em consequência do COVID-19 como ponto de partida. Como nos objetivos sugeridos, foi analisada a metodologia que está sendo utilizada pelos docentes que vem sendo através de plataformas digitais como o Google Meet, Classroom, Youtube, WhatsApp, entre outros, e compreendido a forma de avaliação do aprendizado do alunado. Vistos como meios educativos que utilizados neste contexto de pandemia provavelmente irão se incorporar aos recursos e metodologias da educação também no pós-pandemia, que é algo preocupante para muitos docentes.

Por fim, é possível dizer que todos os objetivos da pesquisa foram alcançados com sucesso permitindo assim analisar como a educação está sendo conduzida durante o período pandêmico. Desse modo, deve-se repensar a educação, suas formas e objetivos, levando em consideração o desenvolvimento de programas e políticas públicas que viabilizem a melhoria das condições de saúde, bem-estar e educação de toda a população e que promova a inclusão de todos ao direito de educar-se.

SUMÁRIO

REFERÊNCIAS

BRASIL. Centro de Inovação para a Educação Brasileira (CIEB). **Pesquisa analisa estratégias de ensino remoto de secretarias de educação durante a crise da COVID-19**. 2020. Virtual- Disponível em: <https://cieb.net.br/pesquisa-analisa-estrategias-de-ensino-remoto-de-secretarias-de-educacao-durante-a-crise-da-COVID-19/>. Acesso em: 26 de maio de 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/ CONSED/UNDIME, 2018.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação (PNE)**. Plano Nacional de Educação 2014-2024 Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

BRASIL. **Parecer CNE/PC nº 05/2020**. Brasília, DF: MEC, 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 03 junho 21.

BRASIL. **Parecer nº 145/2020- CEE/MA**. Maranhão, MEC, 2020. Disponível em: http://conselhodeeducacao.ma.gov.br/files/2019/10/PARECER-145_2020_CEE.pdf.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DANTAS, Aleksandre Saraiva. **A Formação Inicial Do Professor Para O Uso Das Tecnologias De Comunicação E Informação**. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/53/57>. Acesso em: 13 de jun. 2021.

FELIZOLA, P. A. M. O direito à comunicação como princípio fundamental: internet e participação no contexto da sociedade em rede e políticas públicas de acesso à internet no Brasil. **Revista de Direito, Estado e Telecomunicações**, v. 3, n. 1, p. 205-280, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 28ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

SUMÁRIO

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LOPES, José Junio. **A Introdução da informática no ambiente escolar**. Universidade Estadual Paulista. 2002. Disponível em: . Acesso em: 24 nov 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MORAN, José Manuel *et al.* **Novas tecnologias e meditação pedagógica**. 6. Ed. Campinas; Papirus, 2000.

PEZZINI, C. C.; SZYMANSKI, M. L. S. **Falta de desejo de aprender: Causas e Consequências**. Paraná. 2015. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/853-2.pdf>. Acesso em: 14 de jun. 2021.

PRENSKY, M. Digital Natives Imigrants. *In*: PRENSKY, M. On the Horizon. **NCB University Press**, v. 9, n. 5, oct. 2001. p. 1-6. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/>. Acesso em: 01 de junho de 2021.

SEGANTINI, Jésus Henrique. **O uso das tecnologias na sala de aula, como ferramenta pedagógica e seus reflexos no campo**. Monografia de especialização pela Universidade do Paraná, Foz do Iguaçu, 2014.

SOUSA, R. P.; MOITA, F. M. C.; CARVALHO, A. B. G. **Tecnologias digitais na educação**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

TREZZI, Clóvis. **A educação pós-pandemia: uma análise a partir da desigualdade educacional**. São Paulo, 2021.

TONCHE, J. C. S. **O desinteresse dos alunos das séries iniciais do ensino fundamental pela educação escolar: causas e possíveis intervenções**. 2014. Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica. Universidade Federal do Paraná Setor de Educação. Curitiba 2014. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/47110/R%20-%20E%20-%20JOSIANE%20CIPRIANO%20DA%20SILVA%20TONCHE.pdf?sequence=1&isA>. Acesso em: 19 jun. 2021.

*Geilson Conceição Silva
Wellida Cristina Silva Nascimento*

TRANSTORNO DE ANSIEDADE E DEPRESSÃO EM ADOLESCENTES NO CONTEXTO ESCOLAR NO PERÍODO DE PANDEMIA DA COVID-19

INTRODUÇÃO

Os impactos causados pela pandemia e pós-pandemia em adolescentes escolares é algo ainda imensurável, por outro lado observa-se que os efeitos provocados pelo período pandêmico em sua fase mais elevada provocaram sérios problemas ligados à saúde mental, em especial o bem-estar e os transtornos depressivos.

Frente a este cenário, infere-se que essa emergência de saúde pública gerou aflição no qual desencadeou uma espécie de desconforto emocional trazendo abalos psicológicos, como os problemas de ansiedade, depressão, e até o consumo excessivo de bebidas alcoólicas e drogas entre os profissionais de enfermagem bem como as mudanças de comportamento, como dificuldade para dormir e alterações alimentares.

Maia (2020) e Dias (2020), relatam que os impactos da pandemia bem como as medidas de isolamento social no qual abrange também a suspensão das atividades presenciais nos ambientes escolares foram fatores elementares para o aumento dos problemas que envolvem o comportamento emocional fazendo com que as doenças psiquiátricas se tornassem comuns.

Apesar de ainda não existir estudos conclusivos em relação aos impactos do fechamento provisório dos ambientes de ensino, por outro lado observa-se que os efeitos provocados pelo período pandêmico em sua fase mais elevada provocaram sérios problemas ligados à saúde, em especial o bem-estar e aprendizagem no qual os efeitos adversos já são notados. Existe evidências de que as suspensões das aulas presenciais podem ser consideradas como causadoras de impacto que desencadearam prejuízos no aprendizado futuro do alunado bem como decorrências emocionais e físicas sem precedentes (DA SILVA E ROSA, 2021).

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Diante desse escopo, infere-se que os impactos da COVID-19 na saúde mental entre adolescentes geraram efeitos negativos que aumentaram os sintomas dos transtornos mentais, fazendo com que a qualidade desse público passasse a apresentar um quadro mais intenso em relação aos sintomas de depressão, estresse e ansiedade bem como a baixa de autoestima.

Deste modo, a ênfase deste estudo parte da concepção de que os adolescentes sofreram algum tipo de transtorno mental durante a COVID-19 que podem ser percebidos com mais precisão após a fase mais crítica da pandemia, em especial nas variações de comportamento emocional que causa mudanças comportamentais, principalmente psíquicas e físicas.

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho foi evidenciar as produções científicas sobre transtorno de ansiedade e depressão de adolescentes no período de pandemia da COVID-19. E tendo como objetivos específicos: conhecer os principais problemas causados pela COVID-19 em adolescentes frente às discussões literárias; demonstrar o quantitativo anual de produções científicas sobre os transtornos de saúde mental de escolares no período de COVID-19; destacar os efeitos da COVID-19 na extensão dos quadros de ansiedade e depressão em adolescentes em fase escolar;

O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica do tipo integrativa, realizada através de um levantamento de produções científicas. Realizou-se buscas em sites, revistas eletrônicas a fim de selecionar materiais que corroborassem com a temática.

Em síntese, percebeu-se a necessidade de entendimento de como a COVID-19 provocou impactos imensuráveis na saúde mental dos estudantes, especialmente os relacionados aos efeitos comportamentais que são agentes causadores de depressão e ansiedade.

COVID-19: ALGUMAS DEFINIÇÕES

A pandemia de COVID-19 foi considerada como uma das maiores catástrofes no campo da saúde mundial dos últimos 20 anos, e desse modo, torna-se relevante conhecer um pouco mais desta doença, no qual é conceituada por Oliveira *et al.* (2020), onde o autor descreve que a terminologia corona vírus está relacionada a uma família de vírus responsável em provocar infecções no sistema respiratório. Conforme o autor, já se tinha conhecimento desde a década de 1930, no entanto, apenas na década de 1960 recebeu o termo de corona vírus em razão de seu perfil microscópico, que se aparenta com uma “coroa” palavra que é originária do latim corona original (BRASIL, 2020).

Iser *et al.* (2020), descreveu a pandemia da corona vírus como uma patologia que causava síndrome respiratória aguda grave e em alguns casos mais graves parada cardiorrespiratórias, principalmente os casos ocorridos na cidade de Wuhan, que rapidamente se propagou por todos os continentes, tendo um aumento exponencial em relação ao número de casos infectados e provocando milhares de mortes no mundo. Calcula-se que até meados de abril de 2020, houve mais de 2,9 milhões de infecções no mundo, acompanhado de 195 mil mortes correlacionadas à doença provocada pelo novo corona vírus (COVID-19).

Diante desse cenário, a comunidade científica diz que já foram descobertos sete corona vírus que podem infectar o ser humano, sendo o de consequências mais graves, no qual destaca-se o SARS-COV que provoca a Síndrome Respiratória Aguda Grave, MERS-COV conhecida como Síndrome Respiratória do Oriente Médio e Sars-CoV-2 responsável pelo desenvolvimento de COVID-19 (BRASIL, 2020).

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Nesta perspectiva, a COVID-19 é considerada como uma patologia provocada pelo Sars-CoV-2, comumente conhecida como “novo corona vírus”, o qual foi identificado em 31 de dezembro de 2019, após diversas ocorrências registradas inicialmente na China, mais especificamente na cidade de Wuhan. Uma pessoa infectada, apresenta um quadro clínico que pode variar desde infecções sem sintomas (assintomáticas) a quadros respiratórios que podem ser confundidos com resfriados ou pneumonias graves. Onde, os sintomas mais recorrentes são a tosse, a febre, coriza, infecções na garganta e complicações respiratórias (BRASIL, 2020).

Nesse contexto, a Organização Mundial da Saúde (OMS), no ano de 2020, afirmou como pandemia a situação atual da COVID-19, em razão da rápida propagação do vírus em escala mundial, alertando vários países sobre os cuidados relativos à saúde no que dizia respeito a prevenção da doença (UNA-SUS, 2020).

De acordo com o Ministério da Saúde, ainda não existe informações limitadas para pormenorizar o espectro da doença clínica. Dessa forma, o ministério estabeleceu como síndrome gripal (SG) com manifestação mais comum, sendo essa caracterizada como quadro respiratório agudo, no qual os sintomas apresentam uma sensação febril ou febre, mesmo que revelada, que comumente vem acompanhado de tosse ou inflamação na garganta ou coriza bem como dificuldades respiratórias do indivíduo.

Diante deste escopo, Oliveira *et al.* (2020), define a COVID-19 como uma patologia que apresenta dificuldades respiratórias, que em alguns casos pode apresentar dispneia, desconforto respiratório ou pressão persistente e/ou incômoda na região da caixa tórax bem como saturação de O₂ inferior que 95% em ar ambiente ou coloração azulada dos lábios ou rosto.

A pandemia do novo corona vírus se tornou um quebra-cabeça para a saúde em escala mundial, provocando graves infecções do trato do sistema respiratório. A contaminação entre seres humanos

se dá através de gotículas que se espalham no ar quando se fala, ao tossir e/ou espirrar, pelas mãos ou por superfícies que estejam infectadas. Lembrando que essas gotículas podem ficar suspensas no ar criando aerossóis e também podem se depositar nos mais variados tipos de materiais (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

Em síntese, infere-se que a definição ou conceituação da corona vírus está bastante relacionado com os sinais ou sintomas iniciais da doença, pois lembram um quadro gripal, no entanto pode variar de indivíduo para indivíduo, podendo se apresentar de forma moderada, com quadros leves de pneumonia ou pneumonia grave e SRAG. Grande parte das pessoas que se infectaram com a corona vírus manifestaram uma forma leve da doença, no qual destaca sintomas como mal-estar, febre, fadiga, tosse, dispneia leve, anorexia, dor de garganta, dor no corpo, dor de cabeça ou congestão nasal, sendo que alguns casos podem apresentar complicações no sistema digestivo como a diarreia, náusea e vômito.

SUMÁRIO

EFEITOS DA PANDEMIA DA COVID-19

A respeito da relevância que tem a aferição e o estudo das taxas de morbimortalidade possam ter para que haja um entendimento dos impactos da COVID-19, observa-se a importância de uma discussão que abranja de maneira mais efetiva o quanto este problema de saúde pública influencia as condições de saúde da sociedade, levando em conta aspectos como sua proporção, intensidade, potencialidade em gerar complicações crônicas por faixa etária, sexo e local de ocorrências dos casos, ademais, destacar os impactos no Sistema Único de Saúde (SUS) desde a evolução e disseminação da doença (SILVA; SANTOS; OLIVEIRA, 2020).

SUMÁRIO

Ao longo de quase três décadas após o aparecimento do corona vírus, os estudos de carga global em relação a doença têm introduzido atualizações e refinamentos no que diz respeito aos processos metodológicos que buscam cada vez mais conhecer essa doença. Ao longo destes anos, vários debates se deram em torno da proposta metodológica da métrica DALY, onde diversos refinamentos metodológicos foram introduzidos. Ademais, agregou especialistas, grupos de pesquisa e organizações de todo o mundo como colaboradores das mais variadas edições das estimativas nacionais e mundiais do GBD, onde tais iniciativas apresentou um crescimento significativo do número de doenças e sequelas avaliadas, assim como dos fatores de risco analisados (BRASIL, 2023).

Silva *et al.* (2022) descreve que os desafios demandados bem como o aparecimento e ressurgimento de novas e antigas doenças requerem atualizações, novos meios investigativos no campo da ciência para calcular a carga de morbidade (YLD), muitas vezes com grau relevante de inconcluso, levando em consideração o limitado conhecimento sobre a história natural da doença, a exemplo temos a Zika e Chikungunya e, na conjuntura atual, temos a pandemia da COVID-19. Outra condição, está relacionada com as questões que se relacionam com às especificidades, haja vista que as características econômicas, demográficas bem como as desigualdades sociais, continuam a ser tema de discussão no tocante a reflexões sobre as estimativas nacionais e globais.

Vasquez *et al.* (2022), relata que a pandemia provocou ao menos cinco fatores de estresse na população, no qual estão correlacionados tanto à própria pandemia quanto no que diz respeito ao seu enfrentamento, nos quais destaca-se: a) fobia de ser infectado, ou de alguém próximo também ser infectado e aqueles relacionados ao medo de não possível receber atendimento médico; b) impactos na sua renda, associado a sacrifícios no consumo e os riscos de se endividar; c) o isolamento; d) informações divergentes ou alarmosas sobre a evolução da pandemia no que correspondia

ao enfrentamento; e) a falta de uma estratégia rápida e prática para solução da crise de saúde mundial que surgia.

Ainda conforme o autor acima, outros agravos causados pela pandemia diz respeito ao organismo humano, em especial no cérebro assim como no Sistema Nervoso Central (SNC), onde as sequelas neurológicas foram imensuráveis, principalmente aquelas decorrentes de infecções virais respiratórias, visto que já é sabedor pelo menos duas rotas de acesso ao Sistema Nervoso Central (SNC), que é a via hematogênica e por vias retrógradas neuronais, tal condição pode explicar o crescimento das ocorrências de acidente vascular cerebral (AVC) em pessoas infectadas pelo coronavírus durante a pandemia e pós pandemia.

Diante desse contexto, Moraes (2020), reitera também os problemas causados pelo coronavírus no coração e sistema vascular, onde as complicações mais descritas são lesão cardíaca aguda, insuficiência cardíaca, miocardite (inflamação no músculo do coração associado as inflamações vasculares bem como as arritmias cardíacas. Para o autor, estudos apontam que os problemas cardíacos identificados em pessoas infectadas pela COVID-19 estão relacionados a valores encontrados nas enzimas cardíacas, no qual podem estar correlacionados à uma espécie de combinação de resposta inflamatória sistêmica localizada no nível da placa arterial.

Durante a pandemia de COVID-19 houve uma preocupação imensa com a população idosa e de pessoas de grupos de riscos (diabéticos, hipertensos, obesos dentre outros) em razão que o agravamento pela doença era bastante rápido, o que causava a morte, sobretudo dos idosos e pessoas com comorbidades preexistentes. Ainda que estes fatores afetem toda a população, os níveis de estresse são de forma proporcional maiores em alguns grupos, principalmente aqueles com maior risco de ser infectado pela doença ou em condição de pobreza (MORAES, 2020).

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Desse modo, buscou-se realizar um mapeamento de quais seriam as complicações crônicas decorrentes da COVID-19 assim como entender a sua evolução, exemplo têm-se os estudos das pneumonias graves que evoluíram para a síndrome de angústia respiratória aguda durante o período pandêmico, que de forma geral causam problemas respiratórios a longo prazo bem como aumentam a probabilidade de risco de ataque cardíaco e acidente vascular cerebral (AVC). Estudos evidenciaram que após o período de internação de COVID-19, pessoas com pneumonia grave apresentaram cerca de 5 vezes mais chances de terem ataque cardíaco ou AVC no primeiro 1 ano e nos 9 anos subsequentes (FARIAS *et al.*, 2022).

Para Silva *et al.* (2022), as complicações advindas da COVID-19, revelaram que as doenças diferenciam com o grau de limitação assim como o comprometimento da autonomia dos indivíduos. Conforme o autor, infecções severas causadas pelo coronavírus influenciou na qualidade de vida das pessoas, fazendo com que muitas delas requeressem aposentadorias, em alguns casos de forma precoces e, deste modo, aumento da demanda pela atenção de média e alta complexidades que, por outro lado, a distribuição desigual no país limitou ainda mais o direito aos serviços, sobretudo os diagnósticos realizados de forma tardia, apesar do Sistema Único de Saúde (SUS) assegurar a universalidade e integralidade do acesso ao sistema de saúde.

Diante desse contexto, torna-se relevante destacar a aprovação da Emenda Constitucional nº 95 (EC95) que acabou sendo um dispositivo na diminuição do investimento em saúde para um Sistema Único de Saúde (SUS) subfinanciado no decorrer dos anos. Neste sentido, fica evidente que tal ação trouxe um encolhimento da qualidade dos serviços públicos de saúde bem como uma limitação ainda maior ao acesso dos pacientes. Essa conjuntura foi agravada pela diminuição do investimento em políticas de proteção e promoção social, assim como trazendo o fechamento de clínicas e o ressurgimento de doenças previamente eliminadas, como é o exemplo do sarampo (CAMPOS *et al.*, 2020).

SUMÁRIO

Dentro desse cenário discursivo, é importante salientar que mesmo após a superação da fase mais crítica da pandemia, com a diminuição do número de casos e óbitos, emerge ainda o desafio de lidar com o crescimento da demanda no Sistema Único de Saúde (SUS), serviços como diagnóstico, tratamento e reabilitação dos pacientes recuperados, oriundos das possíveis infecções crônicas da COVID-19, no qual destaca-se o crescimento da demanda por serviços de reabilitação em razão das complicações respiratórias; consultas e psicoterapias tanto para os novos casos como também para os casos psiquiátricos prévios, que se agravaram em razão ao acesso lento durante a pandemia; uma demanda exagerada dos atendimentos dos cardiologistas por causa do acúmulo das consultas que foram adiadas, respeitando protocolos de controle para prevenir a contaminação e a propagação da incidência de cardiopatias derivadas da COVID-19. Além disso, associado ao aumento de acidentes vasculares cerebral e ataque cardíaco; e adoecimento do cenário de terapia medicamentosa e consultas médicas bem como as cirurgias eletivas para doenças crônicas em consequências de novo agendamento das consultas, dentre outros fatores (JESUS; SANTOS; SANTOS, 2023).

Desse modo, infere-se que os efeitos vigentes e futuros da atual pandemia no campo da saúde e nas pessoas são imensuráveis e as métricas a serem elaboradas necessitam levar em conta os aspectos até aqui discutidos. Neste sentido, o tempo e a história natural da doença são mecanismos fundamentais para a criação das medidas (YLL e YLD) que concebem o DALY, ou seja, com a ausência desses fatores o grau de incerteza pode atrapalhar as estimativas dos indicadores futuros a respeito da COVID-19 (SILVA *et al.*, 2022).

Frente a este cenário, cabe salientar que as complicações advindas à COVID-19 não apenas aquelas somadas às outras doenças, devem representar uma carga ainda maior para os serviços de saúde bem como para as famílias. Dessa forma, é importante que cada vez mais se tenha um olhar sobre a relevância da carga de

morbidade (YLD) e desse modo, sendo meio estratégico para a estruturação das redes de atenção, organização e programação das ações voltadas a saúde pública.

MEDIDAS DE CONTINGÊNCIAS SOBRE A SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES

A Saúde mental é um termo empregado para referenciar ao nível de qualidade de vida cognitiva ou emocional. Neste sentido, a saúde Mental pode inserir a capacidade de um sujeito de levar a vida bem como os meios de equilíbrio entre as atividades e os esforços para atingir com resistência psicológica. Por outro lado, há uma ressalva da Organização Mundial de Saúde (OMS) em que ratifica que não há definição universal de saúde mental, mas sim, distinções culturais, ponderamentos subjetivos, e teorias correlacionadas concorrentes que interferem na forma como as pessoas se comportam sobre determinado problema (VASQUEZ *et al.*, 2020).

Arelado a este cenário, o isolamento social foi uma maneira usada como forma de prevenção e enfretamento do contágio do vírus da COVID-19, tal estratégia empregada conseguiu viabilizar uma redução nos números de casos, após o decreto recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (SILVA *et al.*, 2021). No entanto, ocorreu uma modificação sem precedentes no dia a dia e no comportamento das pessoas, isto é, a interação social sofreu consequências visíveis que afetaram a forma de se relacionar socialmente, consideradas relevante para desenvolvimento do ser humano, em especial das crianças e adolescentes (QUEIROZ; FARIA, 2021). Conforme os autores, a Pandemia da COVID-19 somou prejuízos no que diz respeito a qualidade de vida e, principalmente, para a saúde mental (JESUS; SANTOS; SANTOS, 2023).

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Bastos *et al.* (2022), descreve que as comunidades jovens foram atingidas de maneira duradoura pelo distanciamento social, ou seja, os rompimentos de vínculos e suspensão das principais rotinas, como a do estudo e lazer, em uma fase da vida na qual os contatos sociais são mais intensos e em que as vulnerabilidades emocionais aumentam os riscos à saúde mental. Porém, mesmo antes da pandemia, a saúde mental dos adolescentes já era considerada uma preocupação de saúde pública. Tal preocupação estava associada aos transtornos mentais em adolescentes, que apresentavam prejuízos no seu desenvolvimento integral, especialmente na redução de chance de concluir a educação básica, ausência de coesão social e empobrecimento da capacidade de encarar as adversidades futuras.

Segundo Kessler *et al.* (2023), durante a pandemia, esses transtornos só aumentaram, conforme o autor, houve um crescimento de mais de 60% de queixas relacionadas a problemas de saúde mental entre adolescentes, como ansiedade e depressão, fazendo com que essa preocupação sobre os jovens só aumentasse em razão que os problemas de saúde mental podem ser considerados estáveis na vida adulta desses adolescentes, isto é, sendo uma preocupação no campo da saúde pública (VASQUEZ *et al.*, 2022).

ADOLESCÊNCIA E FAMÍLIA: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

O nascimento do termo adolescência designa do Latim “Adolescentia”, que tem significado de fase da vida humana através da infância e do período adulto. Está fase é classificada como uma etapa equidistante da evolução humana, ela é a transição entre ambas as fases. Este processo é indicado por inúmeras mudanças no corpo, hormonais e até mesmo na conduta humana, aparentando para o sujeito um processo de afastamento de maneiras e modos,

liberdades típicas da infância e de obtenção dos traços e aptidões que o preparem a incumbir-se as tarefas, e funções sociais do adulto (SILVA, 2018).

Nesta perspectiva, infere-se que adolescência é considerada uma fase de conflito, pois é onde o adolescente vai conviver com as mudanças em seu corpo e em sua mente, se adequar para conseguir seu espaço e possivelmente se tornar adulto, é nessa fase que o adolescente usa referências na formação de sua personalidade, e isso se dar, através de colegas e familiares que lhes serviram de modelo (BARROS; BARROS, 2020).

Para Costa e Sagado (2018), na lógica institucional tradicional o adolescente como um ser que lida com várias mudanças físicas e comportamentais é necessário o papel dos pais e instituições como igrejas e escolas para discipliná-los, a fim de que os mesmos não caíssem em situações de perigos sociais como as drogas e à criminalidade.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS) delinea o termo adolescência como sendo uma fase do ser humano que se inicia a partir dos 10 anos de idade e finda aos 19 anos de idade. Assim a OMS, divide o termo adolescência em três períodos:

- ✓ Pré-adolescência – que vai dos 10 anos de idade aos 14 anos completos.
- ✓ Adolescência – que se inicia aos 15 anos de idade e termina aos 19 anos de Idade.
- ✓ Juventude – que compreende dos 15 a 24 anos completos. Conforme Moraes *et al.* (2017), os pressupostos do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, crianças são sujeitos que estão no período que vai de zero e doze anos incompletos, já os adolescentes, são os que compreendem a faixa entre os doze e os dezoito anos completos.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Diante desse contexto, Lopes & Lopes (2019), salientam que nas sociedades atualmente, o adolescente é considerado como aquele que não é mais criança, porém ainda não é um adulto de fato. Diversas vezes, busca-se dele atitudes infantis, flexível e manejável. Algumas vezes, busca-se a maturação adulta, cautela e raciocínio.

Dessa forma, entende-se que o adolescente, necessita de fatores atrelados à conjuntura social da pessoa e, principalmente, as ações de experiências positivas da personalidade adulta, em especial, trabalhar, engravidar, ter filhos, ter uma vida sexualmente participante e manter a família. Além disso, admite-se que as ações sociais e culturais podem acelerar ou atrasar o andamento do desenvolvimento do sujeito em detrimento a questões que influenciam antecipação e entrada da criança ou do adolescente na fase adulta (PEREIRA, 2019).

Assim a adolescência integra-se como algo elementar e próprio da etapa de elaboração dos processos de identificação dos sujeitos. Dessa forma, redefinindo a figura corporal, estabelecendo uma equivalência de valores éticos peculiares, assumindo incumbências e atribuições, que definem as opções profissionais e ampliam as relações para além dos laços familiares (OSÓRIO, 2016).

Para Santos (2020), considera-se a família, um grupo de pessoas que apresentam um grau de similitude entre si e vive na mesma casa concebendo um lar. A família é encarregada de propiciar a educação de seus filhos e intervir nas condutas dos mesmos em relação ao campo social.

Diante disso, a família possui um papel importante no que se refere o progresso de cada pessoa, em virtude de ser no âmbito da família que são repassados os princípios morais e sociais que auxiliarão na base para o desenvolvimento social daquela criança, além da preservação dos costumes e os hábitos solidificados ao longo das gerações (BARROS; BARROS, 2020).

SUMÁRIO

Ainda segundo o autor acima, o âmbito familiar é um espaço onde deve haver equilíbrio, afetividade, acolhimento e qualquer tipo de apoio essencial na solução das divergências ou contrariedades de algum dos integrantes. As relações de otimismo, proteção, alento e bem-estar possibilitam laços mais fortes nestes ambientes.

No entanto, o campo familiar também pode ser um setor contraditório sinalizado por preocupações, divergências, hostilidades e usurpações de direitos, que podem induzir seus integrantes a uma condição de risco, marcado por comportamentos e intercedendo em seu percurso (SOUSA, 2017). A maioria das famílias que se encontram em regiões marcadas por fragilidade social e risco iminente, está em ininterruptas tensões, principalmente pelos desafios encontrados no dia a dia em relação a sua manutenção.

Neste cenário, muitas famílias não têm acesso às ações das políticas públicas que de certa forma contribuem para o desenvolvimento social. Não significa culpar as famílias, e sim admitir que suas instabilidades sociais, influenciando em ciclos que geram violência, além de aumentar os índices de miséria e desigualdades sociais. Em diversos casos, por mais que os laços familiares se encontrem presentes, podem ter enfraquecimento e até fragmentações, conforme as circunstâncias de violações de direitos vivenciados pelos adolescentes e seus respectivos ambientes familiares (BARROS, 2018).

Farias (2018), descreve que há pouco tempo, a Emenda Constitucional, colocou os adolescentes no grupo de prioridade integral à garantia dos direitos elementares, salvando-os de toda forma de indiferença, marginalização, isolamento, hostilidade, desumanidade e arbitrariedade.

As especificidades da adolescência são acentuadas quando se refere aos sujeitos em condição de fragilidade e iminência social. Para que assim, conforme o cenário específico, as especificidades geracionais ganham maior proporção diante dos desafios que as

famílias enfrentaram para assegurar a preservação social e organização de projetos de vida. No entanto, conseguirá se tornar um período mais complicado por causa das discrepâncias, em especial o fator econômico. Outro ponto importante diz respeito das políticas públicas e à inexistência de expectativa de inserção no âmbito do trabalho (SOUSA, 2017).

As famílias cada vez mais desassistidas pelo Estado se veem impossibilitada de dar a devida proteção às necessidades básicas dos seus membros, acabando por entrar em situação de vulnerabilidade e risco social e este indo contra o que enuncia o artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente por isso é prioridade máxima do Assistente Social a defesa da família e dos seus membros (TEIXEIRA, 2018).

Perante as discussões entende-se que o período da adolescência é definido por várias mudanças nas quais marcam os processos de maturidade física, cognitiva, afetiva, e que é instigado pelas singularidades intrínsecas a cada adolescente, além do contexto sociocultural e pelo momento histórico, o que torna enigmática a sua definição ou avaliação.

DEPRESSÃO: UMA ABORDAGEM REFLEXIVA

Atualmente a depressão é considerada como uma doença que está afetando um número cada vez maior de pessoas, principalmente as crianças, os jovens, os adultos bem como os idosos, o fato maior mais preocupante é este tipo de doença que gera uma série de transtornos que necessitam de cuidados, dessa forma se precisa salientar a relevância de investigar as fatores e suas dimensões para estabelecer tratamentos mais eficazes que venham

SUMÁRIO

consequentemente dar mais qualidade de vida ao sujeito que sofre de tal transtorno (MENDONÇA, 2020).

Segundo Jardim (2020), entende-se por depressão uma espécie de síndrome que se caracteriza por um conjunto de sintomas que abalam o sistema nervoso, em especial os emocionais e físicos, fazendo com que haja uma incapacidade do sujeito de realizar suas atividades normais. Conforme o autor, a pessoa manifesta mudanças no comportamento, principalmente aqueles relacionados ao humor, apresentam sensação de vazio, sentimento de angústia associado de irritação, além de agitação e crises de choro, e o mais prejudicial de todos que é o afastamento das atividades sociais.

Ainda sobre a ótica do autor acima, infere-se que a depressão pode ser considerada como um tipo de transtorno emocional que causa e produz mudanças comportamentais, psíquicas bem como físicas. Ou seja, trata-se de um conjunto de sintomas que podem insistir por semanas ou durar anos, e deste modo, interferindo de maneira profunda na vida pessoal, em especial nos aspectos sociais e profissionais do sujeito.

De acordo com a classificação internacional de Doenças (CID-10) caracteriza o indivíduo com depressão como sendo um ser que apresenta baixo autoestima, além disso, manifesta concepções negativas acerca de seu futuro, coloca-se como uma pessoa solitária e infeliz bem como manifestando déficit de memória, esgotamento físico assim como pensamentos de autodestruição como é o caso de recorrência a suicídio.

Recentemente o mundo inteiro passou por uma pandemia que causou milhares de mortes, além disso deixou diversas sequelas em todo contexto que envolve saúde pública e bem estar social. Conforme os indicadores da organização mundial de saúde (OMS), no ano de 2020 a depressão foi a doença que mais cresceu no mundo todo, sendo hoje uma das preocupações do setor da saúde, em razão que as alterações emocionais causadas pelo isolamento ainda são

imensuráveis, portanto esta enfermidade será uma das que mais vai depender de gastos financeiros por parte das gestões públicas em razão dos tratamentos que necessitam ser aprimorados.

Nesta perspectiva, torna-se relevante destacar outros dados da organização mundial de saúde (OMS) em relação às consequências da pandemia onde as estatísticas revelam que mais de 120 milhões de pessoas em todo mundo apresentaram algum quadro de depressão, sendo que grande parte desses casos ocorrem em países em desenvolvimento. Em relação ao Brasil cerca de 20 milhões de pessoas estão com esta doença, principalmente as crianças e adolescentes. Este indicador fez com que o número de suicídio no Brasil aumentasse de forma preocupante chegando a um total de mais de 860 mil casos de pessoas que recorreram ao suicídio, entre eles jovens e adultos com faixa etária entre 14 a 40 anos (OMS, 2020).

Diante desse contexto, Soares & Soares (2021), descrevem que a depressão se dá em meio a algumas condições que englobam diferentes cenários, em especial aos aspectos sociais e psicológicos. Os autores discorrem três condições que estão atrelados ao desenvolvimento da depressão que são eles: o primeiro está associado aos fatores biológicos que dizem respeito as condições que englobam os comportamentos de humor, isto é, com disfunção nos neurotransmissores. O segundo relaciona-se com as condições genéticas, ou seja, a herança genética, é considerada como um dos motores de surgimento de quadros de depressão. E o terceiro concerne aos aspectos psicossociais que envolvem eventos vitais, principalmente aqueles relacionados ao estresse ambiental.

Deste modo, estas condições são de suma relevância para o entendimento de um quadro depressivo e dessa forma possibilita a criação de um tratamento mais apropriado.

Trazendo essa discussão para o cenário familiar, Costa e Silva (2020), relatam que este ambiente é repleto de compartilhamentos de experiências no qual destaca-se os momentos de felicidades,

SUMÁRIO

aflições, conquistas e decepções. Conforme os autores é também um espaço que ensina o respeito, a conviver em grupos bem como estabelecer laços e suportar fracassos.

Conforme os autores mencionados, atualmente o espaço familiar tem passado por inúmeros problemas e desafios, fazendo com que este ambiente se tornasse um espaço cada vez mais estressante, no qual as relações se tornassem motivos para o surgimento de quadros depressivos, em especial entre os jovens, condição essa que causa uma árdua luta para a família, pois precisam lidar com situações não comuns como os transtornos emocionais, perturbações mentais, isolamento bem como atentados violentos por parte de uma pessoa depressiva.

Conforme a classificação Internacional das Doenças (CID-10) existe quatro tipos de depressões que serão apresentados a seguir:

- ✓ **EPISÓDIO DEPRESSIVO LEVE:** nesses casos apresentam uma perda de vontade bem como uma espécie de fadiga emocional, que podem se manifestar por duas semanas, no entanto pode se tornar progressiva apresentando sintomas somáticos que vão desde relatos de dores vagas há sintomas imprecisos (CID 10, 1997).
- ✓ **EPISÓDIO DEPRESSIVO MODERADO:** está relacionado aos mais variados sintomas presentes que podem ser de quatro em diante que geralmente duram duas semanas. As principais características são: dificuldade de convívio social, em especial aquelas relacionadas às atividades de trabalho. Ademais, podem apresentar desconforto abdominais assim como dificuldade de respirar (CID 10, 1997).
- ✓ **EPISÓDIO DEPRESSIVO GRAVE:** este tipo de quadro depressivo é o mais preocupante em razão que a pessoa apresenta comportamentos agressivo bem como a perda da razão de viver, sentimentos de incapacidade que em alguns a recorrência de suicídio é uma característica marcante.

SUMÁRIO

- ✓ **TRANSTORNO DEPRESSIVO RECORRENTE:** este tipo de transtorno diz respeito a recorrências de quadros depressivos que duram cerca de seis meses. Nestes casos é comum ocorrer a recuperação, no entanto ela pode voltar durante o período da velhice (CID 10, 1997, p. 123).

A diminuição do uso da internet e das redes sociais, apresentaram quadros de saúde mental menos abalado durante a intensa onda de COVID-19. Deste modo, infere-se que o cuidado com saúde física e mental foi extremamente essencial para a qualidade de vida destes adolescentes. Conforme a Organização Mundial da Saúde (2014), a depressão bem como as recorrências de suicídio entre adolescentes passará a ter uma atenção maior por parte da saúde pública que observou que os quadros clínicos depressivos, tiveram um aumento significativo desde os anos 2000. Outro fator, está relacionado a condição que o adolescente atravessa por uma fase de mudanças intensas e uma das formas para entender de que maneira a depressão se desenvolve, é propiciar um ambiente onde ele possa retratar o seu mundo e seus abstrações, deste modo, estimulando uma ação natural baseada nas realidades em que o adolescente se encontra.

Rodrigues (2022), salienta que os impactos negativos bem como a intensidade dos sintomas, fazem com que a qualidade de vida do adolescente passe a apresentar um quadro mais intenso em relação ao sintoma depressivo, gerando assim uma desvantagem no tratamento ao indivíduo depressivo. Além disso, é importante destacar que podem ocorrer variações em correlação à sintomas da depressão que frequentemente é correlacionada aos fatores de stress bem como a baixa de autoestima.

Um dado relevante é descrito pela OMS (2014) que apontava que cerca de mais de 60% das pessoas poderiam ter algum tipo de transtorno mental no mundo, e isso mesmo antes do surgimento da COVID-19. O público mais afetado conforme a OMS (2014) está entre jovens onde as perturbações psiquiátricas representavam cerca de 14%

SUMÁRIO

dos quadros depressivos no mundo. Segundo o DSM-5 esta condição está relacionada ao desenvolvimento humano em virtude que esse processo passa por inúmeras mudanças, em especial nos aspectos físicos, neuroquímicos, cognitivos, emocionais e comportamentais.

A COVID-19 provocou diversos problemas de saúde mental entre adolescentes brasileiros, no quais destaca-se os sintomas de desânimo, violência, perturbações do sono bem como isolamento onde tais condições estavam correlacionados com o afastamento das escolas assim como dos espaços públicos, assim a saúde mental sofreu abalos que prejudicaram a qualidade de vida dos adolescentes (RODRIGUES, 2022).

Ainda conforme o autor mencionado, a pandemia trata-se de um fator externo de grande proporção e que apresenta um efeito devastador para toda uma geração. Em relação aos modos preventivos que visam a qualidade da saúde mental é recomendável que se realize atividades de curto, médio e longo prazo durante esse período, principalmente no que concerne ao estabelecimento de rotinas, realização de atividades físicas, conservação dos laços sociais dentre outros.

Para Costa *et al.* (2022), inúmeras condições causaram um aumento expressivo nos casos de transtornos mentais, no qual destaca-se o medo de lidar com a pandemia bem como seus efeitos, as queixas correlacionadas ao bem-estar social e aos ambientes de ensino bem como os problemas de saúde física ou mental, associados as perturbações do sono, exposição ao COVID-19, perdas familiares fizeram com que houvesse um aumento significativo nos transtornos de ansiedade e depressão.

Rodrigues (2022), em um de seus estudos identificou que aqueles adolescentes que mantiveram uma rotina que envolveu a prática de atividade física, rotinas regulares, em especial para com a qualidade do sono bem como a diminuição do uso da internet e das redes sociais, apresentaram quadros de saúde mental menos abalado durante a intensa onda de COVID-19. Deste modo, infere-se

que o cuidado com saúde física e mental foi extremamente essencial para a qualidade de vida destes adolescentes.

Portanto, compreende-se que a depressão se trata de uma doença bastante preocupante, que vem aumentando de forma significativa, trazendo consequências imensuráveis. Neste sentido, é importante que toda conjuntura social der mais atenção a esta enfermidade criando e efetivando políticas públicas que visem a orientação assim como a identificação dos sinais e sintomas da depressão para que dessa forma os prejuízos a uma pessoa depressiva sejam amenizados.

TRANSTORNO DEPRESSIVO E ANSIEDADE

Compreende-se que os transtornos depressivos bem como os de ansiedade consistem em transtornos que estreitam com a condição de humor comum bem como de curso crônico, e que estar vinculada aos altos níveis de incapacitação. Ou seja, é marcada por uma redução de condutas no qual as situações prazerosas tendem a ter uma sensibilidade negativa, dessa forma, desenvolvendo um modelo de comportamento em que as pessoas com depressão apresentem sentimento de culpa e baixa autoestima (SANTOS; MATTOS, 2019).

Conforme o DSM-5, é comum os transtornos depressivos estejam vinculados a sintomas de ansiedade ou mesmo a um transtorno de ansiedade. Há também situações em que existe a presença de forma simultânea a presença de sintomas de ansiedade bem como de transtornos de depressivos, no entanto é fundamental que sejam tratados de forma isolada em razão que em grande parte das vezes os sintomas e sinais que venham a ser tratados podem influenciar na redução de outros.

Diante desse cenário, os transtornos depressivos são classificados da seguinte forma: transtorno disruptivo da desregulação do humor, transtorno depressivo maior onde inclui o episódio

SUMÁRIO

depressivo maior, transtorno depressivo persistente conhecido como distímia, transtorno disfórico pré-menstrual, transtorno depressivo que é estimulado por substâncias, em especial medicamentos e aqueles transtornos não identificado (MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS, 2014).

Segundo o DSM-5, o transtorno depressivo maior manifesta as situações clássicas desse grupo de transtornos. Pelo fato de ser caracterizada por condições distintas em que envolve pelo menos duas do (MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS, 2014).

Trazendo essa discussão para o campo do transtorno da ansiedade o DSM-5 refere-se a um estado de sentimentos desagradáveis, apreensões negativas, inquietações, sentimento de futuro incerto bem como alterações fisiológicas como taquicardia, desmaio, sensação de pânico, suor, dor de cabeça, náuseas, entre outros e em relação a condição psíquica manifesta desregulação do sono, irritabilidade, medo, sensação de incapacidade dentre outros.

Diante desse cenário, o DSM-5 traz uma classificação de diagnósticos que integram as inferências do capítulo que tratam o transtorno de Ansiedade, onde serão descritos de forma sintética para melhor entendimento.

- **FOBIA ESPECÍFICA:** nesses casos, a pessoa vivencia sensações de medo ou transtornos de ansiedade de forma acentuada no que diz respeito ao objeto ou condição específica, se esforçando para não os confrontar nos quais destaca-se o medo de voar, medo de altura, medo de animais, lugares fechados entre outros.
- **TRANSTORNO DE ANSIEDADE SOCIAL (FOBIA SOCIAL):** nesse tipo de transtorno, o indivíduo passa a ter sentimentos de medo ou ansiedade no qual evita se expor a determinados grupos ou aglomerações de pessoas.

SUMÁRIO

- **TRANSTORNO DE PÂNICO:** neste caso em específico a pessoa sofre ataques de pânico de forma inesperada e dessa forma entram em um estado de crise. Os sintomas mais comuns são batimentos acelerados, dificuldade para respirar, aperto na região do peito ou dores dentre outros.
- **TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA:** é quando a pessoa se percebe que estar ansiosa, tendo preocupações excessivas, e que sempre estão relacionados ao cunho social ou familiar, isto é, passar a ter interpretações de suas próprias conclusões. Os principais sintomas são: insônia e incapacidade.

Marques (2014), descreve que algumas condições podem ser parâmetros para identificar as manifestações de uma depressão em adolescentes, em especial as variações de humor e comportamento social bem como o baixo rendimento escolar, passando a não apresentar resultados satisfatórios dentro da sala de aula, deste modo, os jovens tendem a apresentar transtornos mentais, principalmente aqueles relacionados aos aspectos cognitivos e emocionais. Para o autor, os pais bem como os profissionais de educação devem ficar atentos as mudanças de comportamentos dos adolescentes e deste modo prevenindo uma evolução mais grave dos quadros depressivos.

Neste cenário, entende-se que a saúde mental dos adolescentes deve ser vista como uma preocupação que envolve um caráter individual, em razão que grande parte desses adolescentes apresentam aspectos socioeconômicos que favorecem ainda mais o desenvolvimento de transtornos depressivos e quadros de ansiedade. Estudos apontam que cerca de 6% dos adolescentes que estão entre as faixas etárias de 12 e os 17 anos tendem a sofrer algum tipo de transtorno depressivo ou de ansiedade. O mais preocupante é que cerca de 10% desse público recorrem ao suicídio (OMS, 2014).

SUMÁRIO

Costa *et al.* (2022), salienta que os transtornos depressivos bem como os de ansiedade nos adolescentes não é uma tarefa difícil de se identificar, em razão que muitas vezes é confundido com comportamentos naturais da idade que este adolescente está passando, no entanto, quando os comportamentos se tornam recorrentes é necessário que haja intervenção bem como tratamento para que não se transforme em algo mais danoso a integridade física do adolescente.

Diante deste cenário, o autor mencionado reitera que os jovens se deparam com inúmeras situações que fazem com que seu comportamento e sentimento mudem de forma positiva ou negativa, em especial quando se fala das pressões sociais, que sempre cobram das jovens perspectivas sobre futuro pessoal e de trabalho e estas pressões levam a possíveis desenvolvimentos de transtornos depressivos ou de ansiedade.

Neste contexto, existe uma distinção nas manifestações clínicas que envolve meninos e meninas. É comum as meninas sentirem mais sentimentos de solidão, desânimo, irritação e preocupação com imagem corporal. Em relação aos meninos estes demonstram sentimentos de frieza, desrespeito, ou seja, apresentam ações com caráter mais violentos que refletem nas evasões escolares bem como atitudes como fugir de casa. Neste sentido, os jovens passam a perceber as variações de comportamento, no entanto desconhecem estes sentimentos (MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS, 2014).

Nesta perspectiva, depreende-se que os adolescentes que vivenciam algum tipo de depressão ou ansiedade seja ela de forma moderada ou severa tende a enfrentar uma redução do seu desempenho no ambiente de ensino. À proporção que as manifestações dos transtornos depressivos ou de ansiedade passam a aumentar, há uma tendência de déficit de atenção do adolescente bem como um baixo dispêndio de energia física e mental, e deste modo apresentando índices negativos de autoestima (MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS, 2014).

SUMÁRIO

Marques (2014), aponta que o perfil dos jovens que recorrem ao suicídio em grande parte são meninas entre a faixa etária de 15 a 17 anos, e que a maioria reside com os familiares, estudam, ou seja, aparentemente tem uma vida normal. Tal condição exprime uma reflexão acerca dos motivos que levam ao suicídio, e deste modo, infere-se que os conflitos familiares associados as rupturas sociais que ligadas ao fracasso escolar podem ser o estopim para a evolução dos transtornos depressivos ou de ansiedade e consequente o suicídio (MARQUES, 2014).

Portanto, os altos índices de comportamentos autodes-trutivos entre os adolescentes se apresenta como um problema para toda sociedade, em especial para a saúde pública, no qual é necessário que paradigmas sejam rompidos, principalmente aqueles relacionados forma de tratamento, ou seja, deixar de associar os comportamentos e as variações de sentimentos das pessoas como uma loucura maníaca tratando-as como perturbadas e antissociais, e sim desenvolvendo métodos de tratamento que visem a inserção destas pessoas a suas vivências anteriores (COSTA *et al.*, 2022).

AGENTES DE PROMOÇÃO E PROTEÇÃO À SAÚDE E AO BEM-ESTAR: A FUNÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

Ao longo da pandemia, várias medidas de proteção foram desenvolvidas com a finalidade de estabelecer meios de enfrentamento a COVID-19, no quais destaca-se, a utilização de máscaras, limpeza com álcool das mãos, sepsia do ambiente, isolamento daqueles casos suspeitos e já confirmados com COVID-19, seguindo a recomendação de ficar em quarentena para que dessa forma tivesse um controle parcial do vírus. E dentro desse cenário, foi

SUMÁRIO

uma grande angústia no público adolescente que teve de enfrentar o sofrimento bem como a necessidade de adaptação repentina (TORRES *et al.*, 2021).

Rodrigues (2022), salienta que entre as medidas de enfrentamento e prevenção de COVID-19, o isolamento social foi um dos recursos que mais destacou o quanto as limitações voltadas à interação social puderam possibilitar ou aumentar os quadros de clínicos de saúde mental, tal condição evidencia que o isolamento social foi o que mais proporcionou um aumento de casos de adoecimento psíquico na população de forma geral (CUNHA, 2021).

Nesta perspectiva, Xavier *et al.* (2023), aborda em sua menção literária a relevância da escola na vida dos adolescentes. O autor diz que era salutar e importante o retorno das aulas de maneira segura, com a pandemia sob controle, graças a adoção de todos os regulamentos sanitários assim como a aceleração da vacinação para os grupos de mais necessidades, idosos especialmente, e nessa conjuntura os profissionais da educação se encaixavam como grupo de prioridade. Por um lado, a rotina escolar poderia amenizar os efeitos demonstrados na saúde, em especial na saúde mental; por outro lado, teve uma predisposição de aumento de casos clínicos de depressão como uma tendência significativa para ansiedade, que foi mais preponderante durante o período crítico da pandemia.

Silva *et al.* (2021), vem corroborar com as argumentações acima, no qual relata que algumas medidas alternativas encontradas pelas organizações de ensino, sobretudo a garantia de acesso ao material didático, foi a implementação de aulas remotas e envio de material impresso para os estudantes. Porém, tal estratégia não garantia uma comunicação efetiva entre docentes e discentes, o que acabou por levar aos pais a fazerem o papel dos professores, atribuição para a qual, grande parte não se eram preparados.

SUMÁRIO

Diante desse escopo, infere-se que a transição do ensino presencial para o ensino remoto possibilitou que os estudantes desenvolvessem uma metodologia de aprendizagem escolar que supria o mínimo perdido durante o período crítico da pandemia, e que foi tida como benéfica para a saúde mental. Todavia, as metodologias pedagógicas utilizadas durante a pandemia, foram também consideradas excludentes, pelo fato que a comunidade escolar é composta por alunos que se encontram em vulnerabilidade social, deficiência dentre outros, e que somado a ausência de condições de acesso às tecnologias digitais para realização das atividades, ampliou mais ainda, mais desigualdades educacionais durante a COVID-19.

Diante desse cenário, observou-se que a suspensão das atividades escolares presenciais por conta da pandemia emergiu um desafio preocupante para todas as organizações de ensino de educação básica, especialmente à maneira como o calendário escolar deveria ser reorganizado. Foi fundamental levar em conta propostas que não aumentem as disparidades ao mesmo tempo em que utilizassem os benefícios das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação para desenvolver dispositivos de atenuação no que diz respeito as disparidades de participação e aprendizagem (PEREIRA; SANTOS; MANENTI, 2020).

Em síntese, depreende-se que as estratégias que visavam amenizar a rotina escolar causado pela pandemia da COVID-19, foram importantes dispositivos de enfrentamento bem como fatores imprescindíveis para a promoção e proteção da saúde mental de toda a comunidade escolar, nos mais contextos e modalidades de ensino. Conforme Melo (2022), destaca o esforço de todos os agentes envolvidos com a educação seja ela âmbito estadual, municipal e nacional, o qual as articulações e ações tinham a função de amenizar os efeitos desastrosos da pandemia na saúde e no bem-estar dos adolescentes escolares, e que de forma direta, afetava de forma prejudicial o processo de aprendizagem e interação, elementos estes importantes para a construção integral do ser humano.

METODOLOGIA

O presente trabalho tratou-se de estudo de revisão bibliográfica do tipo integrativa, realizada através de um levantamento de literatura na qual foram utilizadas outras literaturas referentes à temática em questão. Pois segundo Segundo Gil (2016), a pesquisa bibliográfica é um estudo elaborado com base em material já produzido, embasado especialmente em livros e artigos científicos, sendo que há também pesquisas produzidas somente de fontes bibliográficas.

Conforme o autor é denominado integrativa, porque fornece informações mais amplas sobre um assunto, constituindo um corpo de conhecimento e podendo ser direcionada para a definição de conceitos, revisão de teorias ou análise metodológica dos estudos.

Neste contexto, conforme acima, o estudo alicerçado por uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativa possibilita a realização de uma pesquisa que pode ser construída através de uma concepção ampla do objeto que pretende ser pesquisado, além disso, evidencia-se a relevância das inter-relações no que concerne as mais diversas concepções, principalmente nas condições sociais, políticas e culturais. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica qualitativa constitui como um instrumento interpretativo, isto é, proporciona ao pesquisador realizar uma interpretação dos dados, tendo como ponto de partida uma ótica holística das manifestações sociais.

Neste cenário, Minayo (2016), aponta que as pesquisas bibliográficas do tipo qualitativas podem ser caracterizadas como aquelas que procuram entender como determinada manifestação social, natural se manifestam, isto é, onde eles ocorrem de forma efetiva. Neste sentido, infere-se que este processo, procura por informações que conduzem o pesquisador a trilhar caminhos das mais variadas expressões, ou seja, emprega uma imensa variedade de ações e dispositivos que promovem uma investigação mais detalhada dos dados.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Corroborando com a autora mencionada, Pereira (2018), relata que o modelo de pesquisa bibliográfica, uma vez tem como finalidade viabilizar maior proximidade com o problema, com panoramas a torná-lo mais compreensível e ao mesmo tempo que confronta as hipóteses do trabalho. Neste sentido, engloba concepções que ajudam a corroborar e fomentar discussões pelo fato que as mesmas abrangem publicação de livros, boletins, jornais, revistas, monografias, teses, dentre outros.

Após a coleta documental, foi realizada uma análise dos objetivos e resultados de todos os estudos a fim de obter os pontos de partida e desfechos que mais fundamentavam o tema pesquisado. Em seguida foram realizadas leituras de todo material escolhido e reunidas as principais informações buscando estabelecer uma compreensão e ampliar o conhecimento sobre o tema estudado para a elaboração dos resultados e da discussão.

Por fim, a proposta deste estudo foi passar maiores informações sobre os impactos da COVID-19 e sua relação com o desenvolvimento de transtornos depressivos bem como a de suicídio entre jovens, se tornando assim, o grande mal de saúde do século XXI. Além disso, chamar atenção da sociedade bem como das instituições no qual busquem políticas públicas voltadas ao cuidado e prevenção de atos de suicídio.

RESULTADOS

Nesta parte do trabalho serão apresentadas literaturas (artigos, periódicos dentre outros) que foram publicados entre os anos de 2020 e 2023 que corroboram com a temática em questão, a fim de subsidiar argumentações no que tange aos problemas causados pela pandemia de COVID-19 na comunidade estudantil, levando como ponto de partida discursiva os problemas causados na saúde mental dos estudantes. O quadro abaixo, mostra 8 produções científicas publicadas no ano de 2020, no qual pode ser observado a seguir:

Quadro 1 – Literaturas publicadas no ano de 2020

TÍTULO	OBJETIVO (DO ESTUDO)	AUTOR(ES)	PERÍODICO
Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19	Analisar se os níveis de depressão, ansiedade e estresse em estudantes universitários se alteraram no período pandêmico (2020) comparativamente a períodos anteriores/normais	Berta Rodrigues Maia; Paulo César Dias	Estudos de psicologia (Campinas), v. 37, p. e200067, 2020
Impacto da Pandemia por COVID-19 sobre a saúde mental de crianças e adolescentes: uma revisão integrativa	Analisar os impactos gerados na saúde mental infantil em decorrência do isolamento social provocado pela atual pandemia, através de uma revisão da literatura por meio do uso de unitermos: "crianças", "saúde mental" e "COVID-19" em publicações feitas nos últimos cinco anos	Ana Luisa Neumann, Fabíola Maria Kalfels, Fernanda Schmalz, Rayanne Louise Marinoso da Rosa, Luciano Henrique Pinto	Synapse, p. 56-66, 2020
Os efeitos da pandemia de COVID-19 na saúde mental das crianças	Descrever e analisar, a partir do discurso de crianças do ensino fundamental, os efeitos da pandemia de COVID-19 em relação à sua saúde mental	Joyce Luzia Chaves, Dutra, Natália Cristina Correa Carvalho, Thamires Aparecida, Rodrigues Saraiva	Pedagogia em Ação, v. 13, n. 1, p. 293-301, 2020
Saúde mental de docentes em tempos de pandemia: os impactos das atividades remotas	Compreender os impactos da pandemia na saúde de professoras e professores	Hortência Pessoa Pereira, Fábio Viana Santos, Mariana Aguiar Manenti	Boletim de conjuntura (BOCA), v. 3, n. 9, p. 26-32, 2020
Saúde mental de adolescentes em tempos de COVID-19: desafios e possibilidades de enfrentamento	Contribuir de forma ativa no enfrentamento do adoecimento mental de adolescentes, enfatizando que distanciamento social deve ser físico, e não emocional	Claudia Reis Miliuskas, Daniela Porto Faus	Physis: Revista de Saúde Coletiva, v. 30, 2020
Pandemia de COVID-19: guia prático para promoção da saúde mental de crianças e adolescentes	Fornecer ao pediatra recomendações úteis para ajudar as famílias a minimizar o impacto da pandemia de COVID-19 e do isolamento social na saúde mental de crianças e adolescentes	Roberto Santoro Almeida, Adriana Rocha Brito, Ana Silvia Mendonça Alves, Cecy Dunshee de Abranches, Daniele Wanderley, Gabriela Crenzel, Rossano Cabral Lima, Vera Ferrari Rego Barros	Residência Pediátrica, v. 10, n. 2, p. 1-4, 2020
Saúde mental na pandemia de COVID-19: considerações práticas multidisciplinares sobre cognição, emoção e comportamento	Discutir abordagens da psiquiatria, psicologia e ciências relacionadas no manejo de questões relacionadas à mudança de comportamento, hábitos de nutrição e atividade física, trabalho e grupos etários vulneráveis	Leandro Fernandes Malloy-Diniz, Jonas Jardim De Paula, Débora Marques De Miranda, Mayra Isabel Correia Pinheiro, Roberto Moraes Cruz, Antônio Geraldo Da Silva, Danielle de Souza Costa, Fabiano Loureiro, Lafaiete Moreira Dos Santos, Brenda Kelly Souza Silveira, Herika de Mesquita Sadi, Tércio Apolinário-Souza, Antônio Marcos Alvim Soares Junior, Rodrigo Nicolato	Debates em psiquiatria, 2020.
As implicações da pandemia da COVID-19 na saúde mental e no comportamento das crianças	Analisar qual a influência que a pandemia do COVID-19 trouxe para a saúde mental das crianças, além das modificações comportamentais no âmbito psicossocial do desenvolvimento infantil	Ingrid Ribeiro Soares da-Mata, Letícia Silva Carvalho Dias, Celso Taques Saldanha, Marilucia Rocha de Almeida Picanço	Resid Pediatr, Rio de Janeiro, v. 0, n. 377, p. 1-14, 2020

Fonte: Próprio autor, 2023.

Após levantamentos em plataformas digitais como Pub Med, Scielo, Lilacs, verificou-se 5 artigos que se encaixam com a temática abordada no qual poderá ser apresentado abaixo:

Quadro 2 – Literaturas publicadas no ano de 2021

TÍTULO	OBJETIVO (DO ESTUDO)	AUTOR(ES)	PERÍODICO
Educação e Saúde: Aspectos da Saúde Mental do Adolescente em Contexto Escolar em Tempos de Pandemia	Analisar quais fatores decorrentes da pandemia tem repercutido na saúde mental dos adolescentes em contexto escolar, bem como averiguar as principais estratégias promotoras de saúde mental no contexto escolar em tempos de pandemia	Ana Caroline Inácio de Alencar Aguiar (Instituto Dom Barreto), Delite Conceição Rocha Barros Lemos (Instituto Dom Barreto), Érica Vanessa Rodrigues Da Silva (Instituto Dom Barreto), Estefane Vasconcelos Sousa, Kaynna Beatriz Nascimento Sousa (Facid), Paulo César Borges de Sousa Filho (Instituto Dom Barreto)	Saúde Coletiva (Barueri), v. 11, n. COVID, p. 7007-7012, 2021
Emoções manifestadas por adolescentes escolares na pandemia COVID-19	Analisar os impactos gerados na saúde mental infantil em decorrência do isolamento social provocado pela atual pandemia, através de uma revisão da literatura por meio do uso de unitermos: "crianças", "saúde mental" e "COVID-19" em publicações feitas nos últimos cinco anos	Aline Dias Gomes, Claudia Mara de Melo Tavares, José Carlos Carvalho, Maryana Tavares e Souza, Marilei de Melo Tavares e Souza	Research, Society and development, v. 10, n. 3, p. e47110313179 -e47110313179, 2021
Adoecimento mental docente em tempos de pandemia	Discutir as possíveis causas de adoecimento mental nos docentes em tempos de pandemia causada pelo coronavírus. Trata-se de um artigo que resultou de uma pesquisa bibliográfica a partir de produções científicas publicadas entre 2020 e 2021	Erik Cunha de Oliveira, Vera Maria dos Santos	Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 4, p. 39193-39199, 2021
O impacto da COVID-19 na saúde mental dos estudantes e o papel das instituições de ensino como fator de promoção e proteção	Discutir os efeitos da pandemia e das medidas de contingenciamento sobre a saúde mental dos estudantes e o papel das instituições de ensino como fator de promoção e proteção de saúde e bem-estar	Simone Martins da Silva, Adriane Ribeiro Rosa	Revista Práxis, v. 2, p. 189-206, 2021
Ansiedade em tempos de Coronavírus: uma análise no contexto escolar	Analisar os níveis de ansiedade de estudantes do ensino médio, na rede pública do estado do Maranhão, correlacionando-os a fatores decorrentes do isolamento social ocorrido durante os meses iniciais da pandemia	Antonio Phillipi Maciel Silva, Yanna Leidy Ketley Fernandes Cruz, Lucimar Fernandes de Brito, Kayla Rocha Braga	Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 6, p. 60855-60873, 2021

Fonte: Próprio autor, 2023.

A seguir serão apresentadas 5 literaturas publicadas no ano de 2022 e que apresentam similaridade com o tema proposto, conforme o quadro abaixo:

Quadro 3 – Literaturas publicadas no ano de 2022

TÍTULO	OBJETIVO (DO ESTUDO)	AUTOR(ES)	PERIÓDICO
Vida sem escola e saúde mental dos estudantes de escolas públicas na pandemia de COVID-19	Analisa os efeitos da pandemia de COVID-19 sobre a saúde mental dos estudantes durante parte do período de suspensão das aulas presenciais. Trata-se de estudo transversal, aplicado entre outubro e dezembro de 2020, baseado em questionário on-line de autorrelato respondido por estudantes entre 13 e 20 anos, do 9º ano do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, que acompanhavam as atividades escolares remotas em 21 escolas públicas estaduais e municipais, localizadas nas periferias dos municípios de São Paulo e Guarulhos	Daniel Arias Vazquez, Sheila C. Caetano, Rogerio Schlegel, Elaine Lourenço, Ana Nemi, Andréa Slemian, Zila M. Sanchez	Saúde em Debate, v. 46, p. 304-317, 2022
Impactos desenvolvimentais de saúde mental e aprendizagem em crianças, adolescentes, pais e professores pós- fechamento das escolas: uma revisão sistemática	Promover uma caracterização dos impactos do fechamento das escolas na aprendizagem, nos desenvolvimentos cognitivo e socioemocional e na saúde mental de crianças, pais e professores, por meio de uma revisão sistemática	Rochele Paz Fonseca, Victoria Augusto Guinle, Valentina Fiorioli, Nicole Prigol Dalfovo, Mariana Guedes Pedrini Uebel, Larissa Valency Enéas	Debates em Psiquiatria, v. 12, p. 1-87, 2022
Impacto da COVID-19 na vida de crianças e adolescentes: uma revisão narrativa	Revisar na literatura acerca do impacto físico e psicológico da COVID-19 a vida de crianças e adolescentes	Ester Maria de Almeida Costa, Anna Laura Gomes Goulart, Victória Santos Ribeiro, Iácara Santos Barbosa Oliveira, Amanda Aparecida Borges, Mateus Goulart Alves, Edna Messias de Freitas Santos, Nariman de Felício Bortucan Lenza	Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 15, n. 2, p. e9747-e9747, 2022
Indicativos de Ansiedade, Estresse e Depressão em Professores e Estudantes no Contexto da Pandemia	Identificar indicadores de ansiedade e de depressão em estudantes e professores que foram infectados com a COVID-19	Heloisa Melo, Bianca Verona Mattana, Juliana Muller Rios, Thaís Cristina Gutstein Nazar	Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental, v. 11, n. 1, p. 95-104, 2022
Prevenção e saúde mental dos adolescentes: fatores de risco frente às dificuldades vivenciadas na Pandemia da COVID-19	Identificar a qualidade do sono de escolares durante pandemia SarsCov2	Gicela de Siqueira Urruth, Fernanda Pires Jaeger	Research, Society and Development, v. 11, n. 10, p. e385111032857 -e385111032857, 2022

Fonte: Próprio autor, 2023.

Para dar mais robustez ao trabalho, foi realizado busca em sites e revistas eletrônicas com a finalidade de selecionar artigos publicados este ano e corroboram com a proposta investigativa. Neste sentido, elencou-se 8 artigos no qual pode ser observado no quadro abaixo:

Quadro 4 - Literaturas publicadas no ano de 2023

TÍTULO	OBJETIVO (DO ESTUDO)	AUTOR(ES)	PERÍODICO
Repercussões da pandemia da COVID-19 em crianças do Ensino Fundamental	Conhecer as questões emocionais e comportamentais vivenciadas pelas crianças durante o período da pandemia da COVID-19, conforme a percepção dos pais	Andréia Vedana Romanzini, Letícia Thomasi Jahnke Botton, Aline Groff Vivian	Saúde em Debate, v. 46, p. 148-163, 2023
Saúde mental da professora e os efeitos da pandemia em sua docência na Educação Básica: um olhar a partir da perspectiva de gênero	Discutir sobre saúde mental da professora da Educação Básica, assim como conhecer os efeitos da pandemia em sua docência a partir de uma perspectiva de gênero	Mara Dantas Pereira, Lorien Assis Dourado Duarte, Dinamara Garcia Feldens, Joilson Pereira da Silva	Educação, p. e104/1-31, 2023
Saúde mental dos adolescentes na pandemia: uma revisão integrativa	Identificar as condições de saúde mental dos adolescentes na pandemia da COVID-19	Jaciele de Souza dos Santos, Vivian Ranyelle Soares de Almeida, Sinara Lima Souza, Givanildo da Silva Nery, Rosely Cabral Carvalho	Revista Contemporânea, v. 3, n. 10, p. 17994-18014, 2023
A Saúde de adolescentes na volta às atividades escolares presenciais após dois anos de pandemia do COVID-19- estudo transversal de base escolar em Pelotas/RS	Comparar a percepção sobre a massa corporal, comportamentos relacionados à saúde, e a saúde mental de escolares adolescentes durante o período de retorno às atividades escolares presenciais com o período anterior à pandemia de COVID-19	Tamires Carvalho Motta, Julie Hellen de Barros da Cruz, Inácio Crochemore Mohnsam da Silva, Daniela Lopes dos Santos, Gabriel Gustavo Bergmann	Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, v. 27, n. 2, p. 684-700, 2023
O impacto na saúde mental em crianças de 8-12 anos de uma escola particular de cascavel na vigência da pandemia de COVID-19	Avaliar a influência na mudança de comportamento, analisando possíveis transtornos depressivos, em crianças com 8 e 12 anos de idade, durante a pandemia do COVID-19	Luana Vanessa Basso, Urielly Tainá da Silva Lima, Andrea Maria Rigo Lise	Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 9, n. 8, p. 1465-1475, 2023
Comportamentos e sentimentos de adolescentes durante a pandemia da COVID-19: uma revisão integrativa	Descrever e identificar na literatura científica os sentimentos e comportamentos de adolescentes durante a pandemia da COVID-19	Sofia Falsetti Xavier, Lucas Pereira Bitencort, Julia Maria Terossi Carvalho, Adelita Cabrera Costa, Wanderlei Abadio de Oliveira	Revista Fronteiras em Psicologia, v. 5, 2023

Fonte: Próprio autor, 2023.

SUMÁRIO

Diante deste contexto, as pesquisas descrevem que os efeitos da pandemia na saúde mental de crianças e adolescentes como males que se desencadeiam a longo prazo, os adolescentes de forma geral enfrentam estresse crônico, a exemplo desses danos pode-se destacar a falta de concentração, sintomas de ansiedade dentre outros (BIANCHINI *et al.*, 2023). No que tange à infecção com o vírus, crianças e adolescentes foram os públicos menos afetados, no entanto, no que diz a respeito à saúde mental deve ser tratada com cautela, pelo fato que este público é considerado como um grupo vulnerável em relação aos aspectos psicológicos, pois nessa etapa de vida os circuitos neurais de crianças e adolescentes sofrem inúmeras interferências do ambiente que o cerca.

DISCUSSÃO

As produções científicas analisadas sinalizam que os efeitos da COVID-19 afetaram de forma negativa a saúde mental dos adolescentes escolares, uma vez que as experiências enfrentadas durante a pandemia influenciaram de forma prejudicial em razão que todos os estresses que as condições de confinamento e temor puderam causar. Outra condição bastante discutida foi a ausência de convívio e interação social proporcionada pelos ambientes de ensino. Ou seja, a mudança de forma repentina no modelo de ensino associada à ausência de contato com os colegas associado as situações de distração foram consideradas como agentes de sofrimento e abalo psicológico, consequentemente causando danos na saúde mental da comunidade escolar.

Cardoso (2023), em seus estudos ressalta que a interação social, a qual é parte fundamental para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, em razão que ela está ligada à linguagem e ao pensamento e dessa forma viabiliza o desenvolvimento das

SUMÁRIO

correlações com os demais sujeitos assim com o ambiente no qual está inserido. Neste sentido observa-se que a sua “falta dessa interação social” acaba prejudicando algumas estruturas que fazem parte do desenvolvimento interacional, especialmente aquelas relacionadas a troca de experiências.

Ainda corroborando com o contexto acima, Costa (2022), salienta a importância em destacar que durante a pandemia, essa interação foi substituída por um crescimento significativo de tempo de uso na frente das telas (celulares, televisão, tablets dentre outros) que acabou refletindo de forma negativa no comportamento de crianças e adolescentes no que tange à dependência exagerada de aparelhos eletrônicos. Por outro lado, os recursos tecnológicos acabaram sendo também um forte aliado no prosseguimento do ensino remoto, além de possibilitar a comunicação entre os indivíduos que estavam submetidos ao isolamento, sendo deste modo uma alternativa positiva no que diz respeito ao uso das telas enquanto recursos tecnológicos (DE OLIVEIRA; DOS SANTOS, 2021).

Dos Santos *et al.* (2023) e Da Mata *et al.* (2020), sinalizam que o público mais predisponente a desenvolver problemas psicológicos é de crianças, adolescentes e idosos, no entanto, quando se refere a situações de crise, as crianças e adolescentes são o público que pode ser mais prejudicados, pelo fato que nessa etapa podem manifestar problemas de comunicação e compreensão das situações, ademais, durante o isolamento social, acabaram a utilizar os recursos eletrônicos por um tempo excessivo e isso acabou sendo prejudicial à saúde mental dos mesmos, apesar do público infantil está entre a faixa etária menos afetada em relação aos indicadores de mortalidade.

Frente a este bojo discursivo Fonseca (2022), reitera que é de extrema relevância destacar que a pandemia prejudicou não apenas a saúde física dos infectados, mas como também a saúde mental, pelo fato, que nesse período as crianças e adolescentes acabaram sendo submetidas a vivenciar de forma diária as decepções, o medo

SUMÁRIO

advindo do isolamento social, além das problemáticas que surgiam no cenário familiar bem como a ausência de contato com os amigos e lazer, isto é, as particularidades do cotidiano acabaram se tornando agentes crucias para o desenvolvimento da ansiedade e depressão.

Ao partir desse pressuposto, e levando em consideração o desenvolvimento da ansiedade na infância e adolescência assim como o seu crescimento durante essa etapa da vida, torna-se imprescindível levar em conta a realidade mundial que foi marcada pelo último cenário catastrófico na saúde mundial que foi a COVID-19, em que grande parte dos indivíduos que tinham uma vida ativa tiveram que se isolar em suas residências e, dessa forma, algumas crianças e adolescentes tiveram um impacto negativo em relação a interação social, pelo fato que os espaços que permitiam uma convivência social relevante para o desenvolvimento físico, social e emocional acabaram não sendo mais permitidos (DE SIQUEIRA URRUTH; JAEGER, 2022).

Motta (2023), em suas argumentações científicas, salienta que ao apontar a pandemia e seus efeitos no âmbito escolar bem como no comportamento das crianças e adolescentes quando relacionado ao seus comportamentos gerado pelo uso excessivos de telas, associado a ausência de interação com os ambientes e as pessoas, acabou promovendo o desenvolvimento de comportamentos como a irritação, impaciência, apneia durante o sono dentre outros danos que influenciaram no aparecimento e piora da ansiedade durante essa etapa de desenvolvimento humano (ALMEIDA *et al.*, 2022).

Diante desse cenário, a ansiedade na infância e adolescência, ao qual se relaciona aos aspectos sociais, tem potencial de propiciar uma percepção das problemáticas que geram danos a estabilidade emocional de crianças e adolescentes, assim como seus impactos que estão relacionados as situações de experiências a partir de elementos estressores e da ausência de interação que é elementar para o desenvolvimento saudável do sujeito (MELO *et al.*, 2022).

SUMÁRIO

Xavier (2023), salienta que os indicadores recentes sobre a ansiedade na infância e adolescência no ambiente escolar servem de suporte para obtermos um entendimento melhor em relação aos casos de ansiedade e depressão, de forma a investigar se a crescente se deu no pico da pandemia, isto é, na fase em que se dava o isolamento social, bem como, se o aumento dos casos de ansiedade se estendeu mesmo durante o controle do vírus e com o final da restrição social. Neste sentido, de forma geral, depreende-se que o contexto pandêmico afetou de forma negativa a saúde mental de crianças e adolescentes e a ausência de uma intervenção psicológica pode provocar sérios agravos ao longo prazo.

Nesta perspectiva, ao se abrir um pouco o leque desse cenário discursivo, Torres (2021), salienta que é de suma importância tratar transtorno de ansiedade em crianças e adolescentes não apenas focado no tratamento em si, mas especialmente no que tange a criação de mecanismos de prevenção e promoção de saúde. Conforme o autor, quando se realiza um tratamento voltado a promoção e prevenção desde a infância e adolescência.

Partindo dos pressupostos acima, cabe nesta discussão destacar a função da escola bem como salientar três desafios impostos a ela no cenário pós-pandemia. Pois conforme Xavier (2023), após a volta as aulas presenciais, os ambientes de ensino receberam crianças e jovens com os mais variados comportamentos advindos da pandemia, fazendo com que este cenário seja encarado como uma espécie de “demandas novas e ampliadas”. Neste sentido, o primeiro desafio estar relacionado na prevenção e promoção da saúde mental. Segundo o autor, a utilização de oficinas como estratégia de trabalho no âmbito escolar, a qual assegura relevante relação com possibilidades efetivas, ao qual envolve aprendizagem diversas dos adolescentes escolares. O segundo desafio está relacionado a criação de estratégias educacionais que se encaixe no período pós-pandemia, pois as experiências vividas neste período, como o isolamento social

não foi intermediada pela escola, ademais é necessário que se crie ambientes autônomos de produção de conhecimentos que não fazem parte do currículo prescrito.

Ainda de acordo com o autor acima, é de suma relevância destacar que os danos de uma pandemia são bem mais preocupantes do que o número de óbitos, sendo fundamental apresentar uma programação de estratégias que visem o cuidado da saúde mental de forma emergencial. Neste sentido, emerge-se a necessidade de compreender como se apresenta uma crise em condições de estágios de evolução do problema de saúde pública, sendo relevante o preparo de profissionais de saúde bem como da população de forma geral. Isto é, torna-se essencial criar estratégias preventivas que visem menos impactos nos sintomas relacionados à ansiedade e estresse (ROMANZINI; BOTTON; VIVIAN, 2023).

Após as inferências realizada, o presente estudo possibilitou conhecer os possíveis fatores ligados a pandemia que possivelmente contribuiu para o afloramento dos quadros de ansiedade em adolescentes, ademais, possibilitou um maior debate em relação ao tema e observar acerca de demais trabalhos que discorrem sobre a atuação bem como intervenção em crianças e adolescentes com transtorno de ansiedade no período pós-pandemia. Assim, através das produções científicas colhidas se espera que o trabalho forneça subsídios e elementos para a promoção e manutenção da saúde mental crianças e adolescentes em fase escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das inferências realizadas neste trabalho, percebeu-se a necessidade de entendimento de como a COVID-19 provocou impactos imensuráveis na saúde mental dos estudantes, especialmente os

SUMÁRIO

relacionados aos efeitos comportamentais que são agentes causadores de depressão e ansiedade. Ademais, ver-se a necessidade se explicar como as experiências vivenciadas durante a pandemia, ou seja, durante o cenário de crise mundial no qual acabou prejudicando a rotina de grande parte de crianças e adolescentes, fazendo com os desdobramentos em correlação a questão psicológica das mesmas, e ao transtorno de ansiedade aumentasse de forma significativa.

Cabe também destacar que as estratégias utilizadas durante a pandemia da COVID-19 foram fundamentais para lidar com a propagação do vírus, sendo essenciais para a redução do número de mortos. Por outro lado, essa condição acabou afetando de forma direta a rotina das pessoas em escala mundial, ao qual não se restringiu apenas aos danos à saúde física, o bem-estar do público de adultos, mas também causando danos à saúde física e mental de crianças e adolescentes de forma negativa, onde os aspectos como o humor e seus comportamentos emocionais tivessem modificações durante o isolamento social.

Entende-se também que a mudança repentina acabou modificando o cotidiano de boa parte de crianças e adolescentes que a partir do isolamento tiveram que passar mais tempo em casa. Neste sentido, fica evidente que a ausência de adaptação aquele novo cenário de vida associado com as problemáticas causadas pela pandemia pode ter favorecido para o crescimento dos sintomas de ansiedade.

Compreende-se que o tema em si por ser ainda muito novo, expressa uma necessidade de produções científicas a longo prazo, ou seja, é fundamental acompanhar os efeitos na saúde mental de crianças e adolescentes, especialmente após o período de COVID-19. Além disso, torna-se relevante trazer comprovações científicas dos efeitos no desenvolvimento dos adolescentes em fase escolar, pois a partir dessas inferências pode-se realizar a promoção e intervenção necessária para este público.

SUMÁRIO

Diante desse cenário, cabe aqui mencionar que o presente estudo encontrou algumas limitações para construção deste trabalho, especialmente em encontrar produções científicas que trouxessem dados recentes sobre efeitos na saúde mental, levando em conta que a rotina escolar já foi retomada, mesmo assim, estudo possibilita que o leitor conheça as possíveis condições que à pandemia que tenham influenciado para aumentar os quadros clínicos de ansiedade em crianças e adolescentes no âmbito escolar.

No que diz respeito ao trabalho desenvolvido, o mesmo teve como principal finalidade, relatar de maneira sucinta e objetiva alguns dos problemas deste período pandêmico que foi a incidência dos casos de ansiedade e depressão na comunidade estudantil jovem, bem como seus desdobramentos nos mais variados momentos da crise pandêmica. Neste sentido, é fundamental salientar que existem ainda alguns limites de verificação, como a mensuração dos impactos causados pela pandemia, o que nos leva apenas a apresentar uma parte deste cenário que é muito mais complexo. Apesar disso, tal pesquisa visa viabilizar uma análise relevante sobre a trajetória dos efeitos da pandemia, que seja de fácil compreensão aos leitores.

Em síntese, espera-se que as discussões neste trabalho realizadas, possam servir como uma forma de subsidiar também profissionais de saúde, em especial do campo da psicologia, psiquiatria sobre as informações quanto às consequências da pandemia de COVID-19, para que dessa forma ocorra uma prestação de serviço mais contextualizada e, por consequência, mais objetivo e compreensivo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Roberto Santoro *et al.* Pandemia de COVID-19: guia prático para promoção da saúde mental de crianças e adolescentes. **Residência Pediátrica**, v. 10, n. 2, p. 1-4, 2020.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION *et al.* **DSM-5**: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Artmed Editora, 2014.

BARROS, Bernardo Amorim; BARROS, Antonio Jose. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura marcada por transformações. **Revista de Psicologia**, v. 26, n. 12, Porto Alegre, 2020.

BIANCHINI, Luísa Viana *et al.* Impacto na saúde mental de crianças e adolescentes pós pandemia. **Seven Editora**, 2023.

BASSO, Luana Vanessa; DA SILVA LIMA, Urielly Tainá; LISE, Andrea Maria Rigo. O IMPACTO NA SAÚDE MENTAL EM CRIANÇAS DE 8-12 ANOS DE UMA ESCOLA PARTICULAR DE CASCAVEL NA VIGÊNCIA DA PANDEMIA DE COVID-19. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 8, p. 1465-1475, 2023.

BARROS, Isael Pereira. Transtorno da conduta e comportamento anti-social. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 18, n. 2, São Paulo, 2018.

COSTA, Leonardo Abreu; SALGADO, Andre Sousa. Ciclo vital da família: A comunicação entre pais e filhos na fase adolescente. *In*: **III Congresso Internacional de Ciência. Tecnologia e Desenvolvimento. Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social**. 2018.

CARDOSO, Maria Angelica Mangino. **Saúde Mental e pandemia da COVID-19**: focalizando a perspectiva de adolescentes estudantes de uma escola pública. 2023.

COSTA, Renato Silva *et al.* Depressão: Transtorno ao sintoma. **Psicologia. PT o portal dos psicólogos**, Belém, 2022.

DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS, Rio de Janeiro, **Psico (Rio de Janeiro)**, 2014.

DE OLIVEIRA, Erik Cunha; DOS SANTOS, Vera Maria. Adoecimento mental docente em tempos de pandemia. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 4, p. 39193-39199, 2021.

SUMÁRIO

DOS SANTOS, Jaciele de Souza *et al.* SAÚDE MENTAL DOS ADOLESCENTES NA PANDEMIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA. **Revista Contemporânea**, v. 3, n. 10, p. 17994-18014, 2023.

DA SILVA, Simone Martins; ROSA, Adriane Ribeiro. O impacto da COVID-19 na saúde mental dos estudantes e o papel das instituições de ensino como fator de promoção e proteção. **Revista Práxis**, v. 2, p. 189-206, 2021.

DUTRA, Joyce Luzia Chaves; CARVALHO, Natália Cristina Correa; SARAIVA, Thamires Aparecida Rodrigues. Os efeitos da pandemia de COVID-19 na saúde mental das crianças. **Pedagogia em Ação**, v. 13, n. 1, p. 293-301, 2020.

DA MATA, Ingrid Ribeiro Soares *et al.* As implicações da pandemia da COVID-19 na saúde mental e no comportamento das crianças. **Resid Pediatr**, Rio de Janeiro, v. 0, n. 377, p. 1-14, 2020.

DE ALENCAR AGUIAR, Ana Caroline Inácio *et al.* Educação e Saúde: Aspectos da Saúde Mental do Adolescente em Contexto Escolar em Tempos de Pandemia. **Saúde Coletiva (Barueri)**, v. 11, n. COVID, p. 7007-7012, 2021.

DE SIQUEIRA URRUTH, Gicela; JAEGER, Fernanda Pires. Prevenção e saúde mental dos adolescentes: fatores de risco frente às dificuldades vivenciadas na Pandemia da COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 10, p. e385111032857-e385111032857, 2022.

DE ALMEIDA COSTA, Ester Maria *et al.* Impacto da COVID-19 na vida de crianças e adolescentes: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 15, n. 2, p. e9747-e9747, 2022.

FARIAS, Eduardo Bastos. Adolescentes: o que eles pensam da família? **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 16, n. 2, São Paulo, 2018.

FONSECA, Rochele Paz *et al.* Impactos desenvolvimentais de saúde mental e aprendizagem em crianças, adolescentes, pais e professores pós-fechamento das escolas: uma revisão sistemática. **Debates em Psiquiatria**, v. 12, p. 1-87, 2022.

GOMES, Aline Dias *et al.* Emoções manifestas por adolescentes escolares na pandemia COVID-19. **Research, Society and development**, v. 10, n. 3, p. e47110313179-e47110313179, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2016.

JARDIM, Alaide França. Depressão. **Arquivos do MUDI**, v. 28, n. 6, Salvador, 2020.

SUMÁRIO

JESUS, Camila Santana de; SANTOS, Helena de Souza; SANTOS, Daihany de Oliveira.

Pandemia da COVID-19, isolamento social e saúde mental das crianças: uma revisão bibliográfica. 2023.

LOPES, Manuel Viscosa; LOPES, Adriano. Estrutura e suporte familiar como fatores de risco na depressão de adolescentes. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 25, n. 8, Porto Alegre, 2019.

MAIA, Berta Rodrigues; DIAS, Paulo César. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. **Estudos de psicologia (Campinas)**, v. 37, p. e200067, 2020.

MILIAUSKAS, Claudia Reis; FAUS, Daniela Porto. Saúde mental de adolescentes em tempos de COVID-19: desafios e possibilidades de enfrentamento. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, 2020.

MORAIS, Bruno Costa *et al.* Uma revisão de literatura sobre a definição de projeto de vida na adolescência. **Interação em Psicologia**, v. 21, n. 3, São Paulo, 2017.

MENDONÇA, Camila Sousa. Depressão na adolescência: uma problemática dos vínculos. **Psicologia em Estudo**, v. 23, n. 4, São Paulo, 2020.

MARQUES, Joice Mendonça Silva. Transtornos depressivos e transtornos de ansiedade: a questão da superposição de sintomas. **Psico (Porto Alegre)**, v. 11, n. 2, Porto Alegre, 2014.

MALLOY-DINIZ, Leandro Fernandes *et al.* Saúde mental na pandemia de COVID-19: considerações práticas multidisciplinares sobre cognição, emoção e comportamento. **Debates em psiquiatria**, 2020.

MOTTA, Tamires Carvalho *et al.* A SAÚDE DE ADOLESCENTES NA VOLTA ÀS ATIVIDADES ESCOLARES PRESENCIAIS APÓS DOIS ANOS DE PANDEMIA DO COVID-19—ESTUDO TRANSVERSAL DE BASE ESCOLAR EM PELOTAS/RS. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 27, n. 2, p. 684-700, 2023.

MELO, Heloisa *et al.* Indicativos de Ansiedade, Estresse e Depressão em Professores e Estudantes no Contexto da Pandemia. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, v. 11, n. 1, p. 95-104, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Percepção de pesquisadores médicos sobre metodologias qualitativas. Revista **Cadernos de Saúde Pública**, v. 25, n. 8, 2016.

SUMÁRIO

NEUMANN, Ana Luisa *et al.* Impacto da Pandemia por COVID-19 sobre a saúde mental de crianças e adolescentes: uma revisão integrativa. **Pandemias: impactos na sociedade**. Belo Horizonte (MG): Synapse, p. 56-66, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10**: Classificação Estatística Internacional de Doenças com disquete Vol. 1. Edusp, 1994.

OLIVEIRA, Christielem de Matos; REIS JUNIOR, Miqueias Tadeu Fonseca; GOMES, Ana Maísa Costa. **Os impactos da pandemia no âmbito escolar, familiar, social e na saúde mental**. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Dados sobre o perfil de adolescentes na pandemia na pandemia**, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Adolescência no cenário atual**, 2014.

OSÁRIO, Francisco Antonio. Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 18, n. 2, São Paulo, 2016.

PEREIRA, Hortência Pessoa; SANTOS, Fábio Viana; MANENTI, Mariana Aguiar. Saúde mental de docentes em tempos de pandemia: os impactos das atividades remotas. **Boletim de conjuntura (BOCA)**, v. 3, n. 9, p. 26-32, 2020.

PEREIRA, Mara Dantas *et al.* Saúde mental da professora e os efeitos da pandemia em sua docência na Educação Básica: um olhar a partir da perspectiva de gênero. **Educação**, p. e104/1-31, 2023.

PEREIRA, Adriana Soares *et al.* **Metodologia da pesquisa científica**. 2018.

ROMANZINI, Andréia Vedana; BOTTON, Letícia Thomasi Jahnke; VIVIAN, Aline Groff. Repercussões da pandemia da COVID-19 em crianças do Ensino Fundamental. **Saúde em Debate**, v. 46, p. 148-163, 2023.

RODRIGUES, Carol Feitosa. Depressão na atualidade. **Cadernos de Psicanálise| CPRJ**, v. 38, n. 8, Rio de Janeiro, 2022.

SOARES, Tailon Silveira.; SOARES, Celso Costa. **Depressão**: causas e tratamento. Artmed Editora, Rio de Janeiro, 2021.

SILVA, Antonio Phillipi Maciel *et al.* Ansiedade em tempos de Coronavírus: uma análise no contexto escolar. Anxiety in times of Coronavirus: an analysis in the school context. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 6, p. 60855-60873, 2021.

SANTOS, Maria Eugenia; MATTOS, Cecilia. Transtornos ansiosos e transtornos depressivos: aspectos diagnósticos. **Revista da SPAGESP**, v. 20, n. 3, São Paulo, 2019.

TORRES, Iliana Pinto *et al.* Saúde Mental De Crianças E Adolescentes Diante Da Pandemia Da COVID-19. **SEMPESq-Semana de Pesquisa da Unit-Alagoas**, n. 9, 2021.

VAZQUEZ, Daniel Arias *et al.* Vida sem escola e saúde mental dos estudantes de escolas públicas na pandemia de COVID-19. **Saúde em Debate**, v. 46, p. 304-317, 2022.

RODRIGUES, Juliana Maria Santos. **Sintomas de ansiedade e depressão em adolescentes no contexto da pandemia do COVID-19**. 2022. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.58909>.

XAVIER, Sofia Falsetti *et al.* Comportamentos e sentimentos de adolescentes durante a pandemia da COVID-19: uma revisão integrativa. **Revista Fronteiras em Psicologia**, v. 5, 2023.

SUMÁRIO

3

*Francisco Eric Vale de Sousa
Cinthyra Rayrelly Pereira de Sousa
Edilson da Silva Oliveira
Francisco das Chagas Alves da Silva Rufino Júnior*

**ANSIEDADE NO CONTEXTO
ESCOLAR NO PERÍODO
DA COVID-19:
UMA INVESTIGAÇÃO BIBLIOGRÁFICA**

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-398-1.3

INTRODUÇÃO

Ao observar as queixas escolares, percebe-se que a ansiedade é cada vez mais problema atual entre os educandos, dificultando assim o processo de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento desses indivíduos para o exercício da vida em sociedade em sua plenitude. Com a pandemia do COVID-19 e o isolamento social, muitas crianças e jovens acabaram sendo acometidos por problemas psicológicos, como a ansiedade.

Desse modo, o psicólogo que deseja atuar na escola precisa buscar entender as causas e ser capaz de identificar os sintomas desse transtorno, conseguindo assim traçar o melhor plano de intervenção para se aproximar do educando e conseguir ajudá-lo a enfrentar a ansiedade tanto do ponto de vista psíquico quanto do somático, uma vez que o transtorno consegue afetar o indivíduo na dimensão mental e corporal.

O trabalho tem por foco, analisar e refletir sobre a ansiedade no contexto escolar, protagonizando o psicólogo como profissional apto para realizar um acompanhamento visando combater o transtorno e evitar que outros alunos possam ser acometidos por ele, promovendo assim um ensino de maior qualidade e com significado para os educandos. A educação é o meio de socialização do homem e se ela enfrentar dificuldades para ser alcançada, a sociedade como um todo sofre com as consequências.

Assim, esse tema é relevante, pois, ao abordar a ansiedade na escola, o psicólogo educacional aprende como desenvolver sua prática nesse espaço e quais ferramentas utilizar para trabalhar com os alunos, respeitando as especificidades e particularidades de cada faixa etária e a realidade social dos indivíduos, buscando ampliar e contribuir com a prática pedagógica da instituição de ensino e com a aprendizagem dos educandos.

SUMÁRIO

Para tanto, o objetivo geral do estudo foi evidenciar as produções científicas acerca do desenvolvimento e/ou evidências da ansiedade a partir do assolamento da COVID-19 no ambiente escolar brasileiro.

O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica do tipo qualitativa exploratória, com foco nos descritores "saúde mental", "COVID-19", "estudantes", "pandemia" e "lockdown". Foi fundamental seguir uma metodologia rigorosa, começando com a definição dos descritores e termos de busca. Essas palavras-chave foram cuidadosamente selecionadas para abranger o escopo da pesquisa.

Em seguida, foram utilizadas as bases de dados apropriadas para a pesquisa. Para uma revisão abrangente, fizemos uso o google acadêmico como base de dados, esse banco de dados contém uma ampla gama de periódicos acadêmicos e literatura científica relacionada ao tema.

Foi desenvolvida uma estratégia de busca adequada, este foi crucial para encontrar os artigos relevantes. A estratégia de busca incluiu operadores booleanos, sinônimos e termos relacionados aos descritores selecionados. Foi formulada da seguinte maneira: "saúde mental" AND "COVID-19" AND "estudantes" AND "pandemia" AND "lockdown." É importante sempre explorar a pesquisa avançada das bases de dados para refinar a busca.

Foram estabelecidos critérios claros para a inclusão e exclusão dos artigos, sendo selecionados aqueles com idioma português, publicado nos últimos 3 anos envolvendo o contexto da COVID-19, e para os demais assuntos envolvendo estudantes e saúde mental o critério foi de 5 anos. A busca resultou na seleção de 20 artigos seguindo os critérios predefinidos. Na sessão dos Resultados os artigos foram apresentados em quadros descrevendo autores, ano, título, objetivo e a revista onde se encontra, assim como gráficos com suas respectivas porcentagens e descrições.

SUMÁRIO

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

ANSIEDADE COMO UMA PATOLOGIA

A ansiedade é uma emoção normal e adaptativa que todos nós experimentamos em determinadas situações. Ela pode nos ajudar a ficar alerta, motivados e preparados para lidar com desafios. No entanto, quando a ansiedade se torna excessiva, persistente e interfere nas atividades diárias, ela pode se transformar em uma patologia (Batista; Silva, 2022).

A ansiedade patológica é um transtorno mental que afeta milhões de pessoas em todo o mundo. Diferentes tipos de transtornos de ansiedade existem, como o Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), o Transtorno do Pânico, a fobia social, a fobia específica e o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), entre outros.

Os Transtorno de Ansiedade podem ser debilitantes, causando sofrimento significativo e impactando negativamente a vida pessoal, social, acadêmica e profissional do indivíduo. Os sintomas podem variar, mas geralmente incluem preocupação excessiva, medo irracional, irritabilidade, dificuldade de concentração, insônia, tensão muscular, inquietação, sensação de perigo iminente e evitação de situações que desencadeiam a ansiedade (Borges; Nakamura; Andaki, 2022).

Os Transtorno e Ansiedade têm uma base multifatorial, o que significa que várias influências podem contribuir para o seu desenvolvimento. Esses fatores podem incluir:

A Predisposição genética: existe uma componente genética nos transtornos de ansiedade, o que significa que pessoas com histórico familiar de ansiedade podem ter maior probabilidade de desenvolver a condição.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Os fatores biológicos estes são: desequilíbrios químicos no cérebro, como alterações nos neurotransmissores (substâncias químicas cerebrais) envolvidos na regulação do humor e da ansiedade, podem contribuir para o surgimento dos transtornos de ansiedade (Freitas; Jesus; Oliveira, 2022).

As experiências traumáticas envolveram, traumas passados, como abuso, negligência, eventos traumáticos ou experiências negativas significativas, podem aumentar o risco de desenvolver transtornos de ansiedade. Essas experiências podem levar a respostas de estresse crônico e disfunções no processamento emocional.

Os fatores ambientais: estresse crônico, pressões sociais, eventos estressantes da vida, ambiente familiar disfuncional, problemas financeiros ou demandas acadêmicas excessivas, podem contribuir para o desenvolvimento da ansiedade patológica.

O aprendizado e condicionamento: ambiente com base nas experiências passadas. Se uma pessoa experimentou eventos estressantes ou desencadeadores de ansiedade em determinadas situações, isso pode levar a uma resposta de ansiedade condicionada a esses estímulos específicos (Da Silva; Bernardes, 2020).

É importante ressaltar que a combinação desses fatores pode variar de uma pessoa a outra. Algumas podem ser mais influenciadas por fatores genéticos, enquanto outras podem ser mais afetadas por eventos traumáticos ou estressantes em suas vidas. O entendimento desses fatores contribui para uma abordagem mais abrangente no tratamento da ansiedade patológica, considerando a individualidade de cada pessoa e abordando todas as áreas relevantes para seu bem-estar (Borges; Nakamura; Andaki, 2022).

As abordagens são eficazes para o tratamento da ansiedade patológica. A Terapia cognitiva-comportamental (TCC) é amplamente utilizada e demonstrou ser eficaz no ensino de estratégias para identificar e modificar pensamentos negativos, enfrentar medos

e lidar com situações de ansiedade. Além disso, a medicação, como os antidepressivos e os ansiolíticos, pode ser prescrita em casos mais graves (Batista; Silva, 2022).

É fundamental reconhecer a ansiedade como uma patologia e buscar ajuda profissional adequada. A educação e a conscientização sobre os transtornos de ansiedade são essenciais para combater o estigma associado a essas condições e garantir que as pessoas afetadas recebam o apoio necessário (Silva; Rosa, 2021).

Isto é, a ansiedade como patologia envolve transtornos de ansiedade que vão além da resposta normal ao estresse. Esses transtornos podem ser debilitantes, mas tratamentos eficazes estão disponíveis. É importante buscar ajuda profissional e adotar uma abordagem holística para lidar com a ansiedade, considerando os aspectos físicos, emocionais e ambientais.

ANSIEDADE NO PÚBLICO ESCOLAR

A ansiedade é uma preocupação comum que afeta muitos estudantes em diferentes níveis. A pressão acadêmica, as expectativas dos pais, a competição entre os colegas, a carga de trabalho e os prazos podem contribuir para o desenvolvimento da ansiedade.

A ansiedade pode se manifestar de várias maneiras em estudantes, incluindo sintomas físicos como dores de cabeça, problemas digestivos, insônia, falta de apetite ou excesso de apetite, e sintomas emocionais como irritabilidade, dificuldade de concentração, medo de fracassar, preocupação excessiva e baixa autoestima (Rodrigues, 2020).

Aqui estão algumas estratégias que podem ajudar alunos a lidar com a ansiedade:

SUMÁRIO

Estabelecer uma rotina saudável: Ter uma rotina diária bem estruturada pode ajudar a reduzir a ansiedade. Estabeleça horários regulares para estudar, dormir, comer e fazer atividades físicas (Borges; Nakamura; Andaki, 2022).

Definir metas realistas: Defina metas alcançáveis e divida-as em etapas menores. Isso tornará as tarefas mais gerenciáveis e reduzirá a pressão de ter que lidar com tudo de uma vez (Linhares; Enumo, 2020).

Praticar técnicas de relaxamento: Aprender técnicas de relaxamento, como respiração profunda, meditação ou ioga, pode ajudar a acalmar a mente e reduzir a ansiedade (Silva; Rosa, 2021).

Buscar apoio social: Compartilhar suas preocupações com amigos, familiares ou professores pode aliviar o estresse. Além disso, participar de grupos de estudo ou atividades extracurriculares pode ajudar a criar uma rede de apoio (Da Silva; Bernardes, 2020).

Obter hábitos saudáveis como: alimentação equilibrada, exercícios físicos regulares e uma boa noite de sono são fundamentais para o bem-estar mental e podem ajudar a reduzir a ansiedade. Aprender a organizar suas tarefas e estabelecer prioridades. Isso pode ajudar a evitar a procrastinação e reduzir o sentimento de sobrecarga.

Buscar ajuda profissional: se a ansiedade persistir e interferir significativamente na vida acadêmica e pessoal, é importante buscar a ajuda de um profissional de saúde mental, como um psicólogo ou psiquiatra. Eles podem fornecer estratégias personalizadas e orientação adequada (Freitas; Jesus; Oliveira, 2022).

Os Profissionais como psicólogos e psiquiatras são especializados no diagnóstico e tratamento de transtornos de ansiedade, e estão capacitados para oferecer suporte adequado. Buscar a ajuda de um profissional de saúde mental pode ser uma etapa importante para lidar com a ansiedade patológica. Esses profissionais

SUMÁRIO

podem oferecer uma avaliação precisa da situação, identificar o tipo específico de transtorno de ansiedade e propor um plano de tratamento adequado.

A terapia psicoterapêutica, como a Terapia Cognitiva-comportamental (TCC), é frequentemente recomendada para tratar Transtornos de Ansiedade em estudantes. No caso qual, TCC pode ajudar a identificar e modificar padrões de pensamento negativos, desenvolver habilidades de enfrentamento eficazes, reduzir a evitação de situações de ansiedade e promover estratégias de relaxamento (Gomes *et al.*, 2022).

Em alguns casos, o profissional de saúde mental pode também recomendar o uso de medicação, como antidepressivos ou ansiolíticos, para auxiliar no controle dos sintomas de ansiedade. No entanto, a decisão de utilizar medicamentos e a prescrição devem ser feitas pelo profissional de saúde mental, levando em consideração as necessidades e circunstâncias individuais.

Buscar apoio profissional não apenas ajuda a lidar com os sintomas de ansiedade, mas também fornece um espaço seguro para discutir preocupações, aprender estratégias de enfrentamento saudáveis e obter orientação personalizada. É importante lembrar que não há vergonha em procurar ajuda e que buscar apoio profissional pode fazer uma diferença significativa na vida de um aluno que enfrenta ansiedade.

COVID-19 E A ANSIEDADE

A pandemia de COVID-19 teve um impacto significativo na saúde mental dos estudantes. O estudo de Da Silva e Rosa (2021) destaca a influência dessa crise na vida dos estudantes, enfatizando que a ansiedade é um dos principais problemas enfrentados.

SUMÁRIO

Os autores argumentam que a incerteza em relação à pandemia, a transição para o ensino à distância e a falta de contato social contribuíram para o aumento da ansiedade entre os estudantes.

A ansiedade também foi amplamente discutida no contexto escolar. O estudo de Silva *et al.* (2021) aborda a ansiedade dos estudantes em tempos de COVID-19, observando que a incerteza sobre o retorno às aulas presenciais, a adaptação ao ensino remoto e a preocupação com o desempenho acadêmico são fatores que contribuíram para o aumento da ansiedade entre os estudantes.

Além disso, Vasconcelos *et al.* (2021) observaram a interferência da ansiedade no processo de aprendizagem dos estudantes durante o ensino remoto. A ansiedade pode prejudicar a concentração, o foco e a capacidade de lidar com o estresse, o que afeta diretamente o desempenho acadêmico.

A ansiedade também foi observada entre estudantes do Ensino Médio, como demonstrado por Dutra e Amaral (2021), os autores destacam que os estudantes do ensino médio integrado enfrentam desafios adicionais, como a necessidade de adaptação ao ensino remoto e o medo de perder oportunidades futuras devido à pandemia, o que contribui para a ansiedade.

No contexto de retorno às aulas presenciais, Sunde (2022) destaca o medo e a ansiedade entre alunos e professores. A incerteza em relação à segurança da volta à escola e a possibilidade de contágio por COVID-19 geraram preocupações adicionais, aumentando a ansiedade no ambiente escolar.

A ansiedade também foi observada entre crianças do Ensino Fundamental, como indicado por Romanzini *et al.* (2023), as mudanças na rotina escolar, a transição para o ensino à distância e a incerteza em relação à pandemia afetaram a saúde mental das crianças, resultando em ansiedade.

SUMÁRIO

É importante notar que a ansiedade não afetou apenas os estudantes, mas também professores, famílias e crianças, como discutido no estudo de Assis e Conceição (2023), a pandemia alterou a dinâmica da educação e exigiu adaptações de todos os envolvidos, contribuindo para níveis elevados de ansiedade.

A ansiedade também foi abordada em estudos que discutiram alternativas de intervenção. De Oliveira e Fernandes (2023) propuseram a ludoterapia como uma alternativa para auxiliar crianças no combate à ansiedade no retorno às aulas presenciais pós-pandemia. Essa abordagem destaca a importância de lidar com as questões emocionais dos estudantes de forma eficaz.

Para Vasconcelos e Martins (2022) a e Terapia Cognitiva-Comportamental como uma intervenção eficaz no tratamento da ansiedade em estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Essa abordagem terapêutica se concentra em identificar e modificar padrões de pensamento negativos que contribuem para a ansiedade, proporcionando estratégias para lidar com o estresse.

Além disso, De Oliveira e Fernandes (2023) sugerem a ludoterapia como uma alternativa para auxiliar crianças no combate à ansiedade no retorno às aulas presenciais pós-pandemia. Está utilizando atividades lúdicas e brincadeiras como ferramentas terapêuticas para ajudar as crianças a expressar emoções e lidar com preocupações de maneira saudável.

A atenção à saúde mental dos estudantes é fundamental. Vazquez *et al.* (2022) destacam a importância de considerar a saúde mental dos estudantes das escolas públicas na pandemia de COVID-19. Essa abordagem considera não apenas a ansiedade, mas também outros fatores que impactam a saúde emocional dos estudantes.

Outro aspecto relevante é a importância da comunicação e apoio dos educadores. Os professores desempenham um papel

SUMÁRIO

crucial na identificação e no apoio aos estudantes que estão sofrendo de ansiedade. Assis e Conceição (2023) destacam a perspectiva dos professores, famílias e crianças, evidenciando a necessidade de uma comunicação eficaz e de estratégias de apoio colaborativas.

Conforme Fonseca *et al.* (2022) destaca os impactos no desenvolvimento da saúde mental e na aprendizagem de crianças, adolescentes, pais e professores após o fechamento das escolas. Essa pesquisa enfatiza a necessidade de adotar abordagens multidisciplinares para lidar com os desafios emocionais que surgiram.

Com base em Motta *et al.* (2023) a saúde de adolescentes no retorno às atividades escolares presenciais após dois anos de pandemia de COVID-19, na qual indicam que muitos adolescentes enfrentaram problemas emocionais relacionados à ansiedade e ao medo de voltar à escola. Essas descobertas destacam a importância de avaliar de forma abrangente a saúde mental dos estudantes e de oferecer apoio quando necessário.

Um ponto relevante a ser considerado é a adaptação das estratégias pedagógicas. As instituições de ensino e os educadores precisam estar preparados para implementar práticas que promovam o bem-estar emocional dos estudantes. Isso pode envolver a criação de ambientes de aprendizado que sejam acolhedores, flexíveis e sensíveis às necessidades emocionais dos estudantes.

Além disso, é fundamental promover a conscientização sobre a saúde mental entre todos os membros da comunidade escolar, incluindo estudantes, professores e pais. Isso pode ser feito por meio de programas de educação e aconselhamento que ensinem estratégias de enfrentamento, promoção do autocuidado e identificação precoce de problemas de saúde mental.

As políticas públicas e os investimentos na área da educação e da saúde mental desempenham um papel crítico na abordagem dos desafios da ansiedade no contexto educacional durante

SUMÁRIO

a pandemia de COVID-19. O governo e as autoridades educacionais devem priorizar recursos e programas que visem apoiar a saúde mental dos estudantes e fornecer serviços de aconselhamento e tratamento quando necessário.

Ao longo da pandemia de COVID-19, a saúde mental dos estudantes tem sido uma preocupação crescente, refletida em vários estudos acadêmicos. Os impactos da ansiedade no contexto educacional são complexos e variados. De acordo com Da Silva e Rosa (2021), Silva *et al.* (2021) e Dutra e Amaral (2021), os estudantes enfrentam uma série de fatores desencadeantes de ansiedade, incluindo incerteza em relação à saúde, adaptação ao ensino remoto e preocupações com o desempenho acadêmico.

Nesse cenário, a transição para o ensino à distância foi um ponto crítico, como observado por Silva *et al.* (2021) e Vasconcelos *et al.* (2021), ou seja, mudança repentina na forma como o ensino é entregue impactou a rotina dos estudantes, desafiando sua capacidade de adaptação. Isso gerou um ambiente propício ao aumento da ansiedade, já que muitos estudantes se viram em situações de aprendizado não convencionais.

Nas concepções de Motta *et al.* (2023) que enfatizaram o medo dos estudantes em relação ao retorno às atividades escolares presenciais. Após um longo período de distanciamento social, a ideia de retornar à escola pode ser assustadora, contribuindo para a ansiedade. Essa ansiedade em relação ao retorno presencial foi percebida em diferentes níveis de ensino, incluindo crianças do ensino fundamental (Romanzini *et al.*, 2023).

No entanto, as preocupações não se limitam apenas aos estudantes. Os educadores também enfrentam desafios em lidar com alunos ansiosos, como discutido por (Assis, Conceição, 2023). A preocupação com a saúde mental dos alunos também é compartilhada pelas famílias e pela comunidade escolar, tornando o apoio coletivo uma necessidade.

SUMÁRIO

Para lidar com essa situação, é fundamental que as instituições de ensino, os educadores e os profissionais de saúde mental colaborem na implementação de estratégias eficazes de apoio. Intervenções terapêuticas, como a terapia cognitivo-comportamental (Vasconcelos, Martins, 2022), e abordagens lúdicas, como a ludoterapia (De Oliveira, Fernandes, 2023), podem ser ferramentas úteis para ajudar os estudantes a gerenciar sua ansiedade.

Além disso, a promoção da conscientização sobre saúde mental, tanto entre estudantes quanto entre educadores e pais, é uma estratégia crucial. A educação sobre estratégias de enfrentamento, autocuidado e identificação precoce de problemas de saúde mental é fundamental para criar um ambiente escolar mais saudável.

Por fim, é importante mencionar a importância da pesquisa contínua e da disseminação de informações sobre a saúde mental dos estudantes no contexto da pandemia de COVID-19. Estudos como o de Dos Santos *et al.* (2023) enfatizam a necessidade de revisar as abordagens para lidar com os desafios da educação em tempos de crise de saúde pública, com foco na saúde mental dos estudantes.

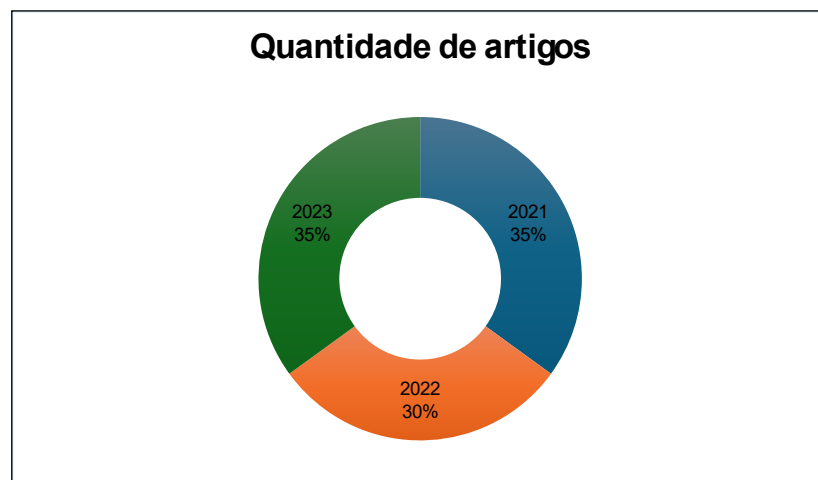
No entanto, os estudos mencionados enfatizam a importância de abordagens multidisciplinares e colaborativas, que incluam intervenções terapêuticas, educação sobre saúde mental e apoio ativo de educadores e famílias. À medida que a sociedade enfrenta os desafios impostos pela pandemia, é essencial manter o foco na saúde emocional dos estudantes, promovendo um ambiente escolar mais saudável e resiliente.

Diante desse contexto desafiador, a pesquisa e a prática em saúde mental no ambiente educacional se tornam elementos fundamentais para oferecer suporte aos estudantes. O entendimento das necessidades emocionais dos alunos e a implementação de estratégias eficazes de apoio não apenas ajudarão a mitigar os impactos da ansiedade, mas também contribuirão para a construção de uma base sólida para o bem-estar emocional dos estudantes no futuro.

RESULTADOS

Na busca realizada na *web* foi possível encontrar 07 artigos no ano de 2021, 06 estudos publicados no ano de 2022 e 07 acervos publicados no ano de 2023, como pode ser observado no gráfico 1 abaixo:

Gráfico 1 – Quantitativo de artigos publicados entre os anos de 2021 a 2023



Fonte: Próprio autor, 2023.

No gráfico 1 apresenta de forma clara que nos anos de 2021 e 2023 foram os anos que mais houve publicações científicas. Esse número de produções e publicações seja pelo fato de que em 2020, com a confirmação do vírus no Brasil um ano após a pandemia foi possível perceber as suas consequências, já que o vírus era desconhecido para a medicina, assim pode ser que em 2021 iniciaram as percepções das grandes consequências psíquicas que oriundas dessa catástrofe mundial. Já em 2023, ano na qual marca os pós COVID é muito mais notório perceber as doenças e todas as consequências da COVID para a sociedade.

Já o quadro 01 possui uma descrição bem mais detalhada das produções científicas que foram selecionadas para fazer parte desse estudo, na qual tentou-se trazer as características mais relevantes, como pode ser observado abaixo:

Quadro 1 – Descrição das produções científicas entre os anos de 2021 a 2023

TÍTULO	AUTOR(ES)	OBJETIVO	PERIÓDICO
O impacto da COVID-19 na saúde mental dos estudantes e o papel das instituições de ensino como fator de promoção e proteção	Simone Martins da Silva; Adriane Ribeiro Rosa	Discutir os efeitos da pandemia e das medidas de contingenciamento sobre a saúde mental dos estudantes e o papel das instituições de ensino como fator de promoção e proteção de saúde e bem-estar.	Revista Práxis, a. 18, n. 2, mai./ago. 2021
Ansiedade em tempos de Coronavírus: uma análise no contexto escolar.	Antonio Phillipi Maciel Silva; Yanna Leidy Ketley Fernandes Cruz; Lucimar Fernandes de Brito; Kayla Rocha Braga	Analisar os níveis de ansiedade de estudantes do ensino médio, na rede pública do estado do Maranhão, correlacionando-os a fatores decorrentes do isolamento social ocorrido durante os meses iniciais da pandemia.	Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 7, n. 6, p. 60855-60873 jun. 2021
Sentimentos dos estudantes utilizando ensino remoto durante pandemia COVID-19: interferência no processo de aprendizagem	Celia Maria Ribeiro de Vasconcelos; Ana Maria Gomes de Oliveira; Carolinne Luiza Cavalcanti da Hora; Gabriellen da Silva Santos; José Igor Pereira Batista; Maria Fernanda Tavares Lins Oliveira; Ana Karine Laranjeiras de Sá	Expor as adversidades, problemas e sentimentos que os alunos passaram a enfrentar após o Instituto precisar aderir ao formato de aulas remotas para dar continuidade ao ensino durante o atual contexto que estamos vivenciando.	R. Saúde Públ. Paraná. 2021 nov.; 4(3):145-153
Ansiedade em estudantes do ensino médio integrado no contexto da pandemia de COVID-19	Weysla Paula de Souza Lopes Dutra; Cledir de Araújo Amara	Discutir a ansiedade entre adolescentes no âmbito educacional e no contexto da pandemia de COVID-19.	Revista Conexão na Amazônia, v. 2, n. Edição especial VI Conc&t, 2021
Relações no ambiente escolar pós-pandemia: enfrentamentos na volta às aulas presenciais	Patrícia Rodrigues de Almeida; Charlene Bitencourt Soster; Luz Hildegard Susana Jung; Paulo Fossatti	Tem a intenção de trazer algumas reflexões sobre como irão se dar a relação no ambiente escolar, nas escolas de ensino fundamental, no período pós-pandemia.	Rev. Actual. Investig. Educ v. 21 n. 3, 2021
Sentimentos dos estudantes utilizando ensino remoto durante pandemia COVID-19: Interferência no processo de aprendizagem	Celia Maria Ribeiro de Vasconcelos; Ana Maria Gomes de Oliveira; Carolinne Luiza Cavalcanti da Hora; Gabriellen da Silva Santos; José Igor Pereira Batista; Maria Fernanda Tavares Lins Oliveira; Ana Karine Laranjeiras de Sá	O relato visa expor as adversidades, problemas e sentimentos que os alunos passaram a enfrentar após o Instituto precisar aderir ao formato de aulas remotas para dar continuidade ao ensino durante o atual contexto que estamos vivenciando.	R. Saúde Públ. v. 4, n. 3, 2021.
Sentimentos dos estudantes utilizando ensino remoto durante pandemia COVID-19: interferência no processo de aprendizagem.	Celia Maria Ribeiro de Vasconcelos; Ana Maria Gomes de Oliveira; Carolinne Luiza Cavalcanti da Hora; Gabriellen da Silva Santos; José Igor Pereira Batista; Maria Fernanda Tavares Lins Oliveira; Ana Karine Laranjeiras de Sá.	Expor as adversidades, problemas e sentimentos que os alunos passaram a enfrentar após o Instituto precisar aderir ao formato de aulas remotas para dar continuidade ao ensino durante o atual contexto que estamos vivenciando.	R. Saúde Públ. Paraná. 2021 nov.; 4(3):145-153.

SUMÁRIO

TÍTULO	AUTOR(RES)	OBJETIVO	PERIÓDICO
O enfrentamento da COVID-19 no retorno às aulas presenciais na rede escolar pública: Medo e ansiedade entre alunos e professores	Rosário Martinho Sunde	Analisar as estratégias de enfrentamento da COVID-19, no retorno às aulas presenciais, na rede escolar pública.	Revista REVERSE, v. 9, fluxo contínuo, 2022;PICS/COVID, p. 208-222
A ansiedade e as implicações no contexto escolar trazidas pela pandemia da COVID-19	Delzuita Patrícia Sousa Miranda; Marcos Felipe Freitas do Nascimento; Ana Claudia Coelho Pereira; Rayana Michelle Sousa Lima; Regiane Oliveira Rodrigues; Lindoracy Santos Almeida Amorim	Discutir acerca da ansiedade e seus impactos no contexto educacional, uma vez que a pandemia da COVID-19 pegou a todos de surpresa, rompendo de maneira abrupta a vida de todos os indivíduos, onde foi preciso um momento de isolamento social devido a gravidade da doença que afetou todas as áreas, em especial o ambiente escolar. Onde foi preciso se adequar ao contexto remoto, longe do contato social.	Anais VIII Congresso Nacional de Educação – CONEDU, Campina Grande: Realize Editora, 2022
Vida sem escola e saúde mental dos estudantes de escolas públicas na pandemia de COVID-19	Daniel Arias Vazquez, Sheila C. Caetano, Rogerio Schlegel, Elaine Lourenço, Ana Nemi, Andréa Slemian, Zila M. Sanchez	Analisa os efeitos da pandemia de COVID-19 sobre a saúde mental dos estudantes durante parte do período de suspensão das aulas presenciais.	Saúde debate Rio de Janeiro, v. 46, n. 133, p. 304-317, abr-jun 2022
Repercussões da pandemia da COVID-19 em crianças do Ensino Fundamental	Andréia Vedana Romanzini; Letícia Thomasi Jahnke Botton; Aline Groff Vivian	Conhecer as questões emocionais e comportamentais vivenciadas pelas crianças durante o período da pandemia da COVID-19, conforme a percepção dos pais. Buscou-se identificar as necessidades emocionais e psicológicas das crianças em idade escolar, matriculadas no Ensino Fundamental I, com idades entre seis e dez anos, de duas escolas privadas de um município do Vale do Café/RS.	Saúde debate Rio de Janeiro, v. 46, n. Especial 5, p. 148-163, dez 2022
Impactos desenvolvimentais de saúde mental e aprendizagem em crianças, adolescentes, pais e professores pós-fechamento das escolas: uma revisão sistemática	Rochele Paz Fonseca; Victoria Augusto Guinle; Valentina Fiorioli; Nicole Prigol Dalfovo; Mariana Guedes Pedrini Uebel; Larissa Valency Enéas	Promover uma caracterização dos impactos do fechamento das escolas na aprendizagem, nos desenvolvimentos cognitivo e socioemocional e na saúde mental de crianças, pais e professores, por meio de uma revisão sistemática.	Debates em Psiquiatria [Internet], v. 12, 2022
Ansiedade na pandemia COVID-19: Influências na aprendizagem da EJA - Educação de Jovens e Adultos e terapia cognitivo comportamental na intervenção	Edivaldo Gomes Vasconcelos; Maria das Graças Teles Martins	Discutir como a ansiedade, nesse período pandêmico, tem interferido na aprendizagem de alunos da EJA e destacar as contribuições da Terapia Cognitivo Comportamental na intervenção.	Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 8, n. 7, 2022

SUMÁRIO

TÍTULO	AUTOR(ES)	OBJETIVO	PERIÓDICO
A Presença da Escola ao longo da Pandemia: Uma Revisão	Rosemary Conceição dos Santos; Luis Antonio Monteiro Campos; Francisco dos Santos Cardoso; Juliana Almeida da Silva	Busca apresentar de que forma as escolas foram contextualizadas e discutidas ao longo da pandemia da COVID-19 na América Latina. Para tanto, pontua como a questão da pandemia afetou o ambiente escolar, bem como, a discussão sobre a conveniência de sua reabertura, passando pelo descortinar do quadro de desigualdade social nas escolas, agravado pela necessidade do confinamento, e pela discussão da disseminação do vírus da COVID-19 entre as crianças.	Cadernos de Psicologia, v. 3, n. 2, 2023
Ludoterapia como uma alternativa de auxílio às crianças no combate à ansiedade no retorno às aulas presenciais pós-pandemia	Wanda Mendes de Oliveira; Fausto Rocha Fernandes	Pretende compreender a contribuição da Ludoterapia como estratégia de atendimento nos casos de ansiedade em crianças, no retorno às aulas presenciais no período pós-pandemia COVID-19.	Cadernos da Fucamp, v. 22, n. 55, 2023
Pandemia da COVID-19 e educação escolar: uma perspectiva de professores, famílias e crianças	Larissa Ribeiro Assis; Ana Flávia Soares Conceição	Analisar quais foram as repercussões da pandemia da COVID-19 na educação escolar após o retorno às aulas presenciais, considerando as perspectivas de professores, famílias e crianças inseridas neste contexto.	Revista JRG de Estudos Acadêmicos, Ano 6, v. 6, n. 12, 2023
Ansiedade em crianças e adolescentes e a COVID-19: um estudo documental em reportagens nas mídias digitais	Leticia de Carvalho; Rodrigo Diaz de Vivar y Soler; Patricia Raasch; Andreza Cipriani	Esta pesquisa tem como pergunta: quais são os discursos da mídia online acerca das relações entre ansiedade das crianças e adolescentes no isolamento social e o contexto escolar em tempos de pandemia de COVID-19.	Criar Educação, v. 12, n. 2, 2023
A saúde de adolescentes na volta às atividades escolares presenciais após dois anos de pandemia do COVID-19 – estudo transversal de base escolar em Pelotas/RS	Tamires Carvalho Motta; Julie Hellen de Barros da Cruz; Inácio Crochemore Mohnsam da Silva; Daniela Lopes dos Santos; Gabriel Gustavo Bergmann	O objetivo do estudo foi comparar a percepção sobre a massa corporal, comportamentos relacionados à saúde, e a saúde mental de escolares adolescentes durante o período de retorno às atividades escolares presenciais com o período anterior à pandemia de COVID-19	Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, v. 27, n. 2, 2023
As manifestações da ansiedade em estudantes do ensino médio integrado do IFPE campus Afogados da Ingazeira	Denise Duarte Silva Brito; Cristiane Ayala de Oliveira	Analisar as manifestações dos níveis de ansiedade em estudantes do último ano do ensino médio integrado do Instituto Federal de Educação de Pernambuco do Campus Afogados da Ingazeira.	Revista Interdisciplinar, v. 8, n. 2, 2023
Ansiedade diante a volta as aulas presenciais em adolescentes de 12 a 14 anos das escolas públicas brasileiras pós-pandemia de COVID-19	Carla Karolaine Pereira; Dantas Leandra Aurélia Baquião; Luciana de Queiroz Ferreira	Realizar uma revisão bibliográfica, a respeito do impacto do período de isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19, a partir de 2020, em adolescentes brasileiros de 12 a 14 anos de idades. Especificamente relacionado à prevalência dos transtornos de ansiedade neste e após o período de isolamento, diante do retorno das aulas presenciais, levando em conta a demanda sobre os adolescentes no sentido de ter que se adequar a uma nova realidade, fora de seu ambiente.	Revista Saúde em Foco – Edição no 15 – Ano: 2023

Fonte: Próprio autor, 2023.

SUMÁRIO

É relevante ainda tecer que as produções descritas acima foram publicadas em periódicos distintos, assim como os pesquisadores de diversas instituições, o que torna esses dados muito mais relevantes já que demonstram que houve vários periódicos e autores preocupados em deixar registrado de forma científica as tantas consequências psíquicas oriundas da COVID-19.

Com base nos resultados obtidos a partir da pesquisa realizada, é possível concluir que os anos de 2021 e 2023 se destacaram como períodos com um maior número de publicações científicas relacionadas à pandemia de COVID-19. Esse aumento pode ser atribuído à crescente compreensão das consequências psicológicas da pandemia ao longo do tempo.

No ano de 2021, logo após o início da pandemia no Brasil, houve uma maior conscientização sobre os efeitos da COVID-19 na saúde mental, o que se reflete nas publicações científicas. Os estudos, como o artigo “O impacto da COVID-19 na saúde mental dos estudantes e o papel das instituições de ensino como fator de promoção e proteção”, buscaram discutir e compreender o impacto da pandemia nas pessoas, particularmente nos estudantes, e o papel das instituições de ensino na promoção do bem-estar.

Por sua vez, em 2023, pós-pandemia, observa-se um aumento significativo na produção científica, refletindo uma compreensão mais aprofundada das consequências a longo prazo da COVID-19 na sociedade. O artigo “Sentimentos dos estudantes utilizando ensino remoto durante a pandemia COVID-19” ilustra a preocupação com os desafios enfrentados pelos alunos durante o período de ensino remoto e as implicações no processo de aprendizagem.

Esses resultados indicam a importância de se continuar a pesquisa e a discussão sobre o impacto da pandemia na saúde mental e no bem-estar da população, bem como a necessidade de aprimorar estratégias para lidar com essas questões. Portanto,

SUMÁRIO

é essencial que a comunidade acadêmica e os profissionais de saúde continuem a colaborar na busca de soluções e políticas que promovam o bem-estar das pessoas afetadas pela pandemia da COVID-19.

A análise das produções científicas abordando o impacto da pandemia de COVID-19 na educação, saúde mental e bem-estar de alunos, professores e famílias oferece uma visão abrangente das complexas implicações desse evento global. Ao examinar esses estudos, é possível concluir que a pandemia teve um impacto significativo na comunidade educacional, resultando em desafios emocionais e cognitivos.

A pesquisa demonstra que a ansiedade foi uma preocupação central entre alunos, especialmente aqueles envolvidos na Educação de Jovens e Adultos (EJA). O artigo "Ansiedade na pandemia COVID-19: Influências no aprendizado da EJA" destaca a importância da Terapia Cognitivo Comportamental na gestão desse impacto.

Além disso, os estudos revelam que o retorno às aulas presenciais após o período de isolamento social também gerou medo e ansiedade entre alunos e professores, conforme evidenciado pelo artigo "O enfrentamento da COVID-19 no retorno às aulas presenciais na rede escolar pública". Essa preocupação com a segurança e o ajuste às mudanças nas práticas educacionais é um tema relevante.

Outros estudos, como "Vida sem escola e saúde mental dos estudantes de escolas públicas na pandemia de COVID-19" e "Repercussões da pandemia da COVID-19 em crianças do Ensino Fundamental", destacam as implicações emocionais vivenciadas por crianças durante a pandemia, bem como a importância de considerar a perspectiva dos pais.

A revisão sistemática "Impactos desenvolvimentais de saúde mental e aprendizagem em crianças, adolescentes, pais e professores pós-fechamento das escolas" sublinha a necessidade de abordar questões de desenvolvimento cognitivo e socioemocional, bem como a saúde mental de todas as partes envolvidas na educação.

SUMÁRIO

Finalmente, a pesquisa examina a discussão sobre a reabertura das escolas e a desigualdade social, ressaltando a importância de compreender as perspectivas de professores, famílias e crianças no contexto da educação escolar pós-pandemia, conforme abordado no artigo "Pandemia da COVID-19 e educação escolar: uma perspectiva de professores, famílias e crianças".

Os estudos analisados nesta pesquisa proporcionam uma visão abrangente e detalhada das complexas relações entre a ansiedade em crianças e adolescentes e o contexto escolar durante a pandemia de COVID-19. Cada um deles contribui para o entendimento das consequências psicológicas desse período desafiador, oferecendo insights valiosos sobre a saúde mental desses grupos etários.

Os resultados desses estudos documentam a ansiedade enfrentada por crianças e adolescentes, especialmente durante o isolamento social e o retorno às atividades escolares presenciais após a pandemia. Eles exploram a percepção sobre a massa corporal, comportamentos relacionados à saúde e a saúde mental desses alunos, fornecendo uma imagem completa das mudanças ocorridas no período pós-COVID-19.

Além disso, as pesquisas realizadas abordam as manifestações dos níveis de ansiedade em estudantes do ensino médio, destacando a importância de compreender como a ansiedade afeta esses alunos em particular, bem como o impacto em sua educação.

É relevante observar que essas produções são fruto de pesquisadores de diversas instituições e foram publicadas em periódicos distintos, o que demonstra um amplo interesse acadêmico em documentar cientificamente as múltiplas consequências psíquicas da COVID-19. Isso enfatiza a importância da pesquisa e da discussão contínua sobre o impacto da pandemia na saúde mental e no bem-estar das crianças e adolescentes, fornecendo uma base sólida para o desenvolvimento de estratégias de apoio e intervenções eficazes.

SUMÁRIO

Portanto, esses estudos desempenham um papel fundamental na compreensão das complexas questões relacionadas à ansiedade em crianças e adolescentes em tempos de pandemia, destacando a necessidade contínua de pesquisas e ações direcionadas para abordar e mitigar os desafios psicológicos enfrentados por esses grupos vulneráveis.

À luz dos estudos analisados e da diversidade de abordagens e perspectivas apresentadas, é evidente que a pandemia de COVID-19 teve um impacto substancial na saúde mental de crianças e adolescentes, particularmente no contexto escolar. A ansiedade emergiu como uma preocupação predominante, refletindo as transformações abruptas nas rotinas e relações sociais desses jovens durante a pandemia. Os pesquisadores e profissionais da área da saúde mental, educacional e social têm um papel fundamental a desempenhar na identificação, compreensão e mitigação dessas implicações psicológicas.

Os estudos também ressaltam a importância de estratégias de intervenção e apoio, tanto no ambiente escolar quanto no âmbito clínico, para auxiliar crianças e adolescentes a enfrentar os desafios da ansiedade pós-pandêmica. Além disso, a pesquisa reforça a necessidade de um diálogo contínuo entre educadores, pais, profissionais de saúde e pesquisadores, a fim de desenvolver e implementar abordagens eficazes que promovam o bem-estar emocional e psicológico dessas gerações afetadas pela COVID-19.

É fundamental que a sociedade como um todo compreenda a magnitude desses impactos e trabalhe em conjunto para criar ambientes de apoio, estratégias de prevenção e intervenções direcionadas. A pandemia de COVID-19 trouxe desafios sem precedentes, mas também oportunidades para repensar a forma como abordamos a saúde mental de crianças e adolescentes. Esses estudos científicos e a atenção dedicada a essa questão oferecem uma base sólida para orientar políticas, práticas e ações que promovam a resiliência e o bem-estar dessas gerações em tempos de incerteza.

Em conclusão, a pandemia de COVID-19 desencadeou um complexo cenário de ansiedade no contexto educacional, afetando estudantes de todos os níveis de ensino. A incerteza, as mudanças abruptas na forma de aprendizado e o medo do retorno às aulas presenciais contribuíram para uma preocupação generalizada com a saúde mental dos estudantes.

CONCLUSÃO

A ansiedade é vista diante inúmeros indivíduos como uma patologia significativa, influenciada por vários fatores e preocupante, e a pandemia de COVID-19 apenas aumentou as preocupações em torno desta questão. As crises contínuas persistiram, resultando numa série de eventos provocados pelo isolamento social forçado, que separou os alunos dos seus familiares, colegas de classe e professores reverenciados. Com o tempo, e após a mesma ser conhecida como um problema de saúde pública, várias estratégias foram concebidas para aliviar eficazmente os níveis elevados de ansiedade nas escolas.

Dessa forma, é importante enfatizar a necessidade de a sociedade compreender plenamente o significado destes efeitos e colaborar para estabelecer ambientes acolhedores, medidas preventivas e intervenções focadas. Isto implica envolver-se em discussões abrangentes e estratégicas, bem como oferecer abraços calorosos de aceitação e empatia uns pelos outros.

Nesse contexto, estratégias eficazes de intervenção e apoio desempenham um papel crucial na abordagem da ansiedade pós-pandemia entre crianças e adolescentes, tanto no ambiente escolar como clínico. Além disso, promover o diálogo aberto entre educadores, pais, profissionais de saúde e investigadores torna-se

SUMÁRIO

fundamental no desenvolvimento e implementação de abordagens que promovam eficazmente o bem-estar emocional e psicológico das gerações afetadas pela COVID-19.

Em buscas dessas informações, os acervos localizados são essenciais na caminhada por respostas a perguntas que permeiam a sociedade. Os mesmos, estabelecem uma base sólida para o desenvolvimento de políticas, práticas e iniciativas que priorizem o bem-estar e a resiliência destas gerações durante períodos de incerteza. A pandemia de COVID-19 criou um cenário complexo de ansiedade na esfera educacional, afetando estudantes de todos os níveis de ensino. A existência de incerteza, mudanças abruptas nas abordagens de aprendizagem e preocupações em torno da retoma das aulas presenciais, provocaram coletivamente um mal-estar generalizado em relação à saúde mental dos alunos.

Para promover a inovação e oferecer uma gama de opções para diferentes cenários, são imperativas mais pesquisas sobre este assunto. Além disso, pesquisas como as inseridas nesse estudo, assim como esse executado, serve de base para que os leitores compreendam a gravidade do assunto, estimulando o pensamento lógico e dotando-os do conhecimento necessário para lidar com eficácia com cada situação presenciada.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Taís Batizaco. LOPES, Alda Penha Andrello. Principais causas do estresse e da ansiedade na sociedade contemporânea e suas consequências na vida do indivíduo.

Contradição - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas e Sociais. v. 3 n. 1 (2022).

BATISTA, Djulia Brena Pereira; SILVA, Larissa Maria Batista. **A Importância da Terapia Cognitivo Comportamental no manejo do transtorno de ansiedade generalizada** (2022). Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/30610>.

Acesso em: 17 jun. 2023.

SUMÁRIO

BEZERRA, M.A.A. **Saúde mental escolar em tempos de pandemia**. Iguatu, CE: Quipá Editora, 2022. 49 p.

BORGES, J. A.; NAKAMURA, P. M.; ANDAKI, A. C. R. Alta prevalência de ansiedade e sintomatologia depressiva em adolescentes na pandemia da COVID-19. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, [S. l.], v. 27, p. 1-8, 2022.

DA SILVA, Bruna Karolina; BERNARDES, Luiz Antonio. Ansiedade e Terapia Cognitivo Comportamental: uma análise a partir de dois periódicos nacionais. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 5, 2020.

DANTAS, C.K.P. *et al.* ANSIEDADE DIANTE Á VOLTAS AS AULAS PRESENCIAIS EM ADOLESCENTES DE 12 A 14 ANOS DAS ESCOLAS PÚBLICAS BRASILEIRAS PÓS-PANDEMIA DE COVID-19. **Revista Saúde em Foco**, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2023.

FABRI, J.M.G. **Saúde mental dos estudantes durante a pandemia**. Disponível em: <file:///C:/Users/WORK/Downloads/Sa%C3%BAdede%20Mental%20dos%20Estudantes%20na%20Pandemia.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2023.

FREITAS, F. G.; JESUS, G. T. de.; OLIVEIRA, L. R. M. C. de. Os efeitos da prática da meditação para redução e controle da ansiedade. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 17, p. e26611739117, 2022.

GOMES, T.R.C. *et al.* Impactos da pandemia de COVID-19 na rotina de alunos universitários: uma revisão integrativa sobre saúde mental. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 9, p. 1-16, jan. 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/WORK/Downloads/32148-Article-362739-1-10-20220715.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2023.

GOMES, C. A.; MORAES, N. R. de.; AZEVEDO, A. D. M. de.; QUIQUETO, A. M. B.; MARTINS, V. C.; CAMPOS, A. de C. Psychological impacts and the learning process of Elementary School Students I during the COVID-19 Pandemic. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. e36511225841, 2022.

GUIMARÃES, S., GALLI, L., & NUNES, J.. Efeitos da meditação no tratamento do estresse e da ansiedade. **Psicologia, Saúde & Doenças**, 22(2). (2021).

JORGE, E. E. *et al.* Níveis de ansiedade em docentes perante a pandemia de orthocoronavirinae (COVID-19). Livro: **Saúde Mental no Século XXI: indivíduo e coletivo pandêmico**. p. 1-23, 2022.

SUMÁRIO

LINHARES, M. B. M., ENUMO, S. R. F. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. **Estudos de Psicologia**. Campinas. (2020).

MAIA, B. R. *et al.* Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. **Estud. psicol.** v. 37, n. 23, dez. 2020. Disponível em: file:///C:/Users/WORK/Downloads/download%20-%20Copia.pdf. Acesso: 16 dez. 2023.

MIRANDA, D. P. S. *et al.* A ansiedade e as implicações no contexto escolar trazidas pela pandemia da COVID-19. **VIII Congresso Nacional de Educação**, p. 1-10, 2022.

PEREIRA, A. K. *et al.* **ENCONTRO MARCADO**: Uma discussão acerca da adolescência e os reflexos do isolamento social. Monografia (Psicologia) - Centro Universitário de Belo Horizonte como requisito. Belo Horizonte, 2021. 29 p.

PEREIRA, M. M. *et al.* Saúde mental dos estudantes universitários brasileiros durante a pandemia de COVID-19. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 23, n. 3, p. 1-20, jan. 2021.

RONMANZINI, A. V. *et al.* Repercussions of the COVID-19 pandemic on Elementary School children. **SAÚDE DEBATE**, 46, n. Especial 5, p. 148-163, Dez 2022.

RODRIGUES, J. V. S., & Lins, A. C. A. A. Possíveis impactos causados pela pandemia da COVID-19 na saúde mental de crianças e o papel dos pais neste cenário. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8. (2020).

SILVA, S. M. da; ROSA, A. R. O impacto da COVID-19 na saúde mental dos estudantes e o papel das instituições de ensino como fator de promoção e proteção. **Revista Práxis**, [S. l.], v. 2, p. 189-206, 2021.

SILVA, A. F. M. *et al.* Anxiety in times of Coronavirus: an analysis in the school contexto. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 6, p. 60855-60873 jun. 2021.

SUNDE, R. M. *et al.* COVID-19 Coping In Return To Presential Classes In The Public-School Network: Fear And Anxiety Between Students And Teachers. **Revista REVISE**, v. 9, fluxo contínuo, p. 208-222, jan. 2022.

VARQUEZ, D. A. *et al.* Schoolless life and mental health of public-school students in the COVID-19 pandemic. **SAÚDE DEBATE**, v. 46, n. 133, p. 304-317, jun 2022.

4

*Francisco Eric Vale de Sousa
Wanderson Fernando Moraes de Aguiar*

PANDEMIA DO COVID-19 E AS FERRAMENTAS DE APRENDIZAGEM: UM OLHAR NEUROPSICOPEDAGÓGICO

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-398-1.4

INTRODUÇÃO

Tendo em vista a situação atual do Brasil e de outras partes do mundo, onde uma grande crise de saúde pública (COVID-19) é iminente e afeta muitas outras áreas importantes da vida social, a educação é uma questão que precisa ser debatida.

Com base nessa problemática, questiona-se de que forma os impactos causados pela pandemia têm afetado o ensino/aprendizagem? Assim o objetivo geral deste estudo foi evidenciar o impacto educacional da quarentena domiciliar como medida de contenção devido à pandemia de COVID-19, e ainda como objetivos específicos compreender de que forma a pandemia alastrou-se no Brasil; e apontar a contribuição da neuropsicopedagogia nas relações de aprendizagem na pandemia; apresentar formas encontradas de como continuar o ensino de forma remota.

Certamente, esta pesquisa, tem significância não só na educação, mas também em muitas outras áreas onde a aprendizagem é implementada para compreender o contexto em que os alunos passaram nesse período pandêmico educacional e social, a partir de uma perspectiva neuropsicopedagógica.

A neuropsicopedagogia dá importante contribuição ao processo de ensino e aprendizagem neste contexto histórico da pandemia do coronavírus. Respostas à Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner (2015), que preenche as necessidades atuais, proporcionando uma visão mais completa e prática do processo. Considerando a situação e as características específicas, uma variedade de métodos de ensino deve ser adotada para o desenvolvimento de cada aluno.

E com base em estudos teóricos relacionados à situação pandêmica no Brasil, o presente trabalho justifica-se pela grande proporção que a pandemia provocada pelo vírus SARS-COV-2

SUMÁRIO

SUMÁRIO

impactou a sociedade, em especial a educação. A impossibilidade de realizar os encontros presenciais nas escolas, devido às medidas de isolamento social, as aulas remotas surgem como alternativa para reduzir os impactos negativos no processo de aprendizagem. A utilização de equipamentos como computadores conectados à internet e as diversas ferramentas disponíveis, como textos, vídeos e imagens, tudo hiperconectado em único lugar, é uma ótima opção para prender a atenção dos alunos. Os neuropsicopedagogos atuando em diferentes espaços e tempo, este profissional, em conjunto com demais profissionais, busca ressignificar sua prática e contribuir para a superação das dificuldades, considerando as possibilidades, as barreiras que dificulta a aprendizagem e propondo estratégias e modos de ressignificação do trabalho educacional com a utilização de ferramentas em que se adequam para o ensino.

Assim, optou-se pela abordagem qualitativa (Gil, 1999) do tipo bibliográfica, que também para Gil (1999, pp. 44-5) esta é “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente por livros e artigos científicos”. Além disso, utilizou-se das contribuições de teóricos como: Alves (2020); Bossa (2007); Malouf (2005); Migliori (2013); Pereira (2008); Visca (1987).

REVISÃO DE LITERATURA

PANDEMIA DE COVID-19: ORIGEM E IMPACTOS

Em dezembro de 2019, o número de casos notificados de pneumonia grave em Wuhan, China, continuou a aumentar. No dia 31 de dezembro, descobriu-se que os casos registrados estavam relacionados ao novo coronavírus. Os coronavírus são uma família de vírus que causam infecções respiratórias.

SUMÁRIO

E esse novo vírus foi denominado popularmente como COVID-19 e tendo como nome científico SARS-CoV-2. É importante ressaltar que a abreviatura COVID significa “doença do coronavírus”, enquanto 19 se refere a 2019, ano em que o governo chinês anunciou publicamente a notícia. Esta doença é considerada uma zoonose, que é uma infecção transmitida naturalmente entre vertebrados e humanos, na qual os animais doentes contêm e eliminam os fatores etiológicos. Assim, cogita-se que por haver semelhanças na sequência genética do vírus, sugere-se que a origem mais provável seja dos morcegos ou mesmo do pangolim, mamífero da espécie *Manis javanica*, sejam a origem mais provável.

A doença começa a espalhar-se e em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou o incidente originado na China como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), o que constituiria o nível de alerta mais alto da organização de acordo com o Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde começou a classificar o coronavírus (COVID-19) como uma pandemia, com mais de 118 mil casos numerosos de mortes notificadas em todo o mundo.

Diante do aumento dos números, a OMS manteve as orientações emitidas desde que passou a classificar a doença como pandemia global, incluindo a avaliação dos recursos necessários para identificar, isolar e controlar os casos e prevenir a transmissão; o uso de máscaras e a necessidade de isolamento, desde então, passou a ser uma situação social de acordo com as condições de cada país.

Para prevenir a propagação da doença, diversas estratégias foram inicialmente utilizadas, sendo a mais importante delas o isolamento e a quarentena, que foi considerada e proposta pela Lei 13.979\2020 do Brasil, na qual descrevem que:

SUMÁRIO

I - Isolamento: separação de pessoas doentes ou contaminadas, ou de bagagens, meios de transporte, mercadorias ou encomendas postais afetadas, de outros, de maneira a evitar a contaminação ou a propagação do Corona vírus;

II - Quarentena: restrição de atividades ou separação de pessoas suspeitas de contaminação das pessoas que não estejam doentes, ou de bagagens, contêineres, animais, meios de transporte ou mercadorias suspeitos de contaminação, de maneira a evitar a possível contaminação ou a propagação do coronavírus.

A implementação da quarentena, o isolamento (separar as pessoas doentes das pessoas que não estão doentes) e o distanciamento social (minimizar as interações entre as pessoas) são as formas mais eficazes de suprimir a doença, mas a incerteza sobre o seu fim e a falta de uma vacina comprovadamente eficaz são inevitáveis. E diante do contexto vivenciado nesses últimos anos, é marcado pelas graves consequências não só para a saúde, mas também para muitas outras áreas envolvidas e afetadas. Entretanto, o confinamento é uma medida comprovadamente eficaz contra a propagação do vírus e ajuda a reduzir novos casos (LIN; PENG; TSAI, 2010 *In* HOLANDA, 2020) (OMS).

Uma série de acontecimentos e mudanças no cotidiano no período pandêmico, causaram grande estresse e tensão psicológica, uma vez que as alterações biológicas causadas pela doença podem modificar a estrutura e o comportamento dos indivíduos e se espalhar para os familiares, principalmente aqueles de contato direto, bem como para a sociedade como um todo, cujo a rotina e a vida mudaram de repente. As crises vividas por todos os segmentos da sociedade interagem de formas complexas, causando grande medo na população e provocando estresse e tensão.

Além disso, o período mencionado, paralelamente, reúne uma restrição à capacidade das pessoas de trabalhar, de procurar o apoio dos entes queridos e de participar nas suas comunidades.

SUMÁRIO

Pessoas de toda a humanidade ao longo do tempo transformaram reuniões com família e amigos, relacionamentos interpessoais e celebrações em momentos de lazer e, por sua vez, de felicidade. Para conseguir isso, trabalham e estudam para encontrar o momento mais feliz do dia ou da semana, no entanto, onde a vida com as responsabilidades da sociedade deveria proporcionar esses momentos, o cenário histórico em um contexto cruel na qual se encontrava, tirou a alegria da população.

Levando isso em consideração, é importante ressaltar que apesar da pandemia do COVID-19, acontecimentos semelhantes aos do passado, como por exemplo a Gripe Espanhola¹, algumas comparações são injustificadas, visto que muitos avanços relacionados à ciência foram feitos. A comunicação, o exercício e a tecnologia podem agora deixar a população um pouco mais “armada” no combate a esta doença.

A situação pandêmica da COVID-19, tem muitas características semelhantes às da gripe espanhola de 1918. Ambos causaram uma resposta no campo da comunicação e tecnologia na educação. Porém, este é um período da história completamente diferente que faz uma diferença que pode ser percebida a partir das ferramentas utilizadas em cada pandemia, como forma de dar continuidade ao processo educativo. A tecnologia nos permite armazenar informações de surtos anteriores e recuperá-las quando necessário será no futuro.

Uma pandemia contemporânea como a de 2019 mostrou como é necessário desenvolver políticas de equidade social na educação que incluam todos os alunos. Com esse cenário, a educação em época de pandemias tem que entender a tecnologia como um novo espaço de comunicação.

1

A gripe espanhola foi uma pandemia causada pelo vírus influenza que surgiu em 1918. Espalhou-se rapidamente pelo mundo, causando cerca de 50 milhões de mortes.

SUMÁRIO

Além disto, os estudos sobre as consequências da pandemia nas mais diversas áreas ainda não são o suficiente para esclarecer e/ou tornar visível as tantas dúvidas que surgiram ao longo da pandemia, mas os estudos já publicados destacam o impacto negativo em que a crise sanitária da COVID-19 causou, como o desequilíbrio econômico mundial, tornando a situação preocupante e tornando outros setores da sociedade mais vulneráveis.

Relacionado com o acima exposto, a educação global também enfrentou uma grande imprevisibilidade devido às medidas tomadas para conter a pandemia do novo coronavírus. Para evitar a propagação do vírus, governos de todo o mundo fecharam temporariamente instituições educativas em todos os níveis de ensino e suspenderam atividades presenciais (UNESCO, 2020).

Mas, diferente do que aconteceu a 100 anos entre as duas pandemias levou a vários avanços tecnológicos, como a popularidade dos computadores e telemóveis que marcaram desde o início do século XX. Mesmo em 2020, durante esta pandemia, as escolas foram forçadas a adaptar o já existente, mas pouco utilizado sistema de aprendizagem do estilo ERE (Ensino Remoto Emergencial), que passou a ser utilizado globalmente, que foi as tecnologias e a internet.

Muitas ferramentas no período da COVID-19 foram utilizadas largamente como as transmissões ao vivo, que também merece destaque durante o surto. Essa ferramenta possibilitou que as pessoas pudessem interagir diretamente durante a chamada, tanto em palestras quanto em conversas através da interação. Assim como outros meios que possibilitaram o envio de mensagens e documentos: "(...) e, então, um conjunto de outras ferramentas, que boa parte dos cidadãos, incluindo os professores, nem sabiam que existiam, apareceram em nossas vidas: Google Meet, Zoom, Jitsi, Teams." (DOTTA, 2021, p. 159).

SUMÁRIO

Toda essa nova estrutura pedagógica deixou a tona que muitos discentes possuíam dificuldades de aprendizagem e que o uso de algumas ferramentas deixava-os em situações desfavoráveis. Essa realidade fez com que a sociedade escolar reconhecesse o quão outros profissionais da educação poderiam colaborar para tentar sanar e/ou apontar pontualmente o que estava interferindo nesse processo de ensino aprendizagem, deixando assim que os psicopedagogos assim como os neuropsicopedagogos como agentes diretos nesse processo sejam instruindo a equipe pedagógica seja no acompanhamento individualizado e/ou em grupo com discentes que apresentavam necessidades. Assim, abaixo será possível evidenciar tais contribuições, principalmente do neuropsicopedagogos.

METODOLOGIA

Em termos de abordagem, esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, onde não é necessária a utilização de métodos ou procedimentos estatísticos para publicar as informações necessárias. Para Gil (1999), esse tipo de abordagem permite aprofundar as questões de pesquisa.

E é de natureza exploratória, tendo como princípio desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e tentar formular problemas ou hipóteses para pesquisas futuras (GIL, 1999). De acordo com os procedimentos, corresponde a uma revisão bibliográfica. Segundo Vergara (2000), esse tipo de pesquisa é baseado em livros e artigos. O estudo foi realizado com um estudo bibliográfico sobre como a pandemia afetou o ambiente educacional.

Em relação à pesquisa bibliográfica sabe-se que ela “[...] inclui toda a bibliografia já publicada relacionada ao tema de pesquisa, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros,

SUMÁRIO

estudos, monografias, teses, cartografia de materiais, etc. até mesmo meios de comunicação orais [...]” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 183). O objetivo da pesquisa bibliográfica: “[...] é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, ditos ou descritos sobre este assunto, incluindo conferências seguidas de discussões que de alguma forma sejam transcritas e destinadas à publicação, seja registrado” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 183).

Segundo Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é construída por meio do mapeamento de referências teóricas já publicadas na literatura eletrônica. Isso inclui livros, artigos científicos e páginas da web. Para o autor, todo trabalho científico começa com uma revisão bibliográfica. Assim, o pesquisador poderá descobrir o que já foi estudado sobre o tema. Porém, existem pesquisas que utilizam apenas pesquisas bibliográficas para obter informações sobre o problema para o qual se busca resposta.

Em relação à revisão bibliográfica, inicialmente foi feito um levantamento dos trabalhos mais importantes já realizados, que estavam relacionados ao tema dos efeitos educacionais causados pela pandemia e as contribuições das ferramentas de ensino e da neuropsicopedagogia, assuntos de que tratam este trabalho, como o Google Acadêmico além de sites governamentais como o do Ministério da Saúde.

As seguintes palavras-chave foram utilizadas como mecanismos de busca: Neuropsicopedagogia, Pandemia do COVID-19. Recursos tecnológicos. Processo de ensino-aprendizagem. As obras importantes para o desenvolvimento do trabalho foram selecionadas por meio de leitura, análise de seus resumos e introduções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A neuropsicopedagogia é um campo de conhecimento interdisciplinar que aborda questões de aprendizagem e questões relacionadas, a fim de desenvolver a aprendizagem com mais segurança nas perspectivas pessoal, social e educacional. Portanto, desempenha um papel no apoio ao desenvolvimento e à aprendizagem humana, e sua contribuição é ainda mais necessária no período em que a pandemia do COVID-19, em que a rotina das escolas e da sociedade em geral tiveram que se readaptar repentinamente.

Sabe-se que a pandemia global mencionada, causou interrompimento em escolas em todo o Brasil, resultando em graves complicações de saúde, e então houve a necessidade de reduzir aglomerações para propagação do vírus não aumentar. Não há dúvida de que algumas escolas necessitam urgentemente de tecnologia educacional. Esta lacuna é especialmente evidente em 2020 e 2021 (durante a pandemia da COVID-19), quando as escolas foram forçadas a utilizar formas de ensino à distância, como aulas online, videoaulas, Google Classroom, Google Forms e Office Docs.

Considerando estes fatos, as ferramentas de educação digital têm se mostrado uma realidade aceita por profissionais e estudantes da educação. Quase todos os profissionais da educação e estudantes sabem utilizar os recursos tecnológico, já que num mundo cada vez mais informatizado, estas tecnologias também fazem parte do processo de aprendizagem para melhorar o conhecimento dos alunos e desenvolvê-los ainda mais como cidadãos críticos e prontos para enfrentar o mundo global em que vivemos.

Quando se trata da aprendizagem dos alunos, a tecnologia já está incorporada em suas vidas. As escolas devem aplicar esses conhecimentos e desenvolver trabalhos de orientação. Ensinar em termos de uso intencional e possíveis interações que podem ajudar

SUMÁRIO

nas estratégias de aprendizagem. As tecnologias são uma ferramenta fundamental no mundo profissional e social, pelo que a sua utilização no âmbito da educação profissional é importante para a formação dos alunos. Mas o culminar de tais propostas pedagógicas só se concretizará quando o significado atribuído ao termo tecnologia for redefinido. Ao compreender a tecnologia como capacidade de criar e introduzir inovação na mediação do conhecimento, poderemos dar uma maior contribuição à formação dos estudantes do ensino profissional em diálogo com a sociedade tecnológica do mundo do trabalho e da sociedade.

REFERÊNCIAS

- BARROS, L.; PEREIRA, A.; Goes, A. (2008). **Educar com sucesso** – Manual para técnicos e pais. Lisboa: Texto Editora. (2ª Edição).
- BEAUCLAIR, J. **Neuropsicopedagogia**: inserções no presente, utopias e desejos futuros. Rio de Janeiro: Essence All, 2014.
- BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. RS, Artmed, 2007. BRASIL.
- BUGAY, E. L., ULBRICHT, V. R. **Hipermídia**. Florianópolis. Visual Books, 2000.
- DOTTA, Silvia, *et al.* **Oportunidades e Desafios no Cenário de (Pós-)Pandemia para Transformar a Educação Mediada por Tecnologias**. Universidade Federal do ABC, Santo André - SP, Brasil. Universidade Presbiteriana Mackenzie e Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo - SP, Brasil. 2021.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GARDNER, H.; CHEN, J. C.; MORAN, S. **Inteligências Múltiplas ao Redor do Mundo**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

SUMÁRIO

GÓMEZ, A. M. S.; TERÁN, N. E. **Dificuldades de Aprendizagem:** Detecção e estratégias de ajuda. [S.l.]: Cultural, 2009.

MALUF, A. C. M. **A Importância das atividades lúdicas na Educação Infantil.** 2005. Disponível em: <<http://www.profala.com/arteducesp178.htm>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MIGLIORI, Regina. **Neurociência e educação.** 1. ed. São Paulo: Brasil Sustentável Editora, 2013. 160 p.

MOURA, A. Geração Móvel: um ambiente de aprendizagem suportado por tecnologias móveis para a "Geração Polegar". **Actas da VI Conferência Internacional de TIC na Educação: Challenges 2009.** Braga, Portugal. Pages 49-77. Disponível em . Acesso em 22 março 2014.

PEREIRA, Lucia Helena Pena. **Bioexpressão:** a caminho de uma educação lúdica para a formação de educadores. Rio de Janeiro: Mauad X: Bapera, 2005.

SKINNER, B. F. (1972). Has Gertrude Stein a secret? Em SKINNER, B. F.. **Cumulative record: A selection of paper** (pp. 359-369). New York: Appleton-Century-Crofts. (Publicação original: 1934).

SOFFNER, Renato Kraide. **As tecnologias da inteligência e a educação como desenvolvimento humano.** Campinas: UNICAMP (Tese de Doutorado), 2005.

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19.** Paris: Unesco, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acesso em: 4 jun. 2020.

VERGARA, S. Constant. **Gestão de pessoas.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica.** Epistemologia Convergente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

5

Cristhiane Sampaio Aragão Fontenele

O ENSINO REMOTO DA DISCIPLINA DE MATEMÁTICA E A PANDEMIA DO COVID-19:

**RELATO DE EXPERIÊNCIA NO 6º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-398-1.5

INTRODUÇÃO

O ano de 2020 iniciou com a expansão de um vírus, com um alto grau de letalidade, mas, estava muito distante da realidade da pequena cidade de Pedreiras, no interior do Maranhão. Porém, não demorou para o vírus do SARS-CoV-2 se espalhar pelos seis continentes, que compõem o globo terrestre. Com a velocidade que este vírus se espalhava pelo planeta, levou a Organização Mundial de Saúde (OMS), no dia 30 de janeiro de 2020, revelar que a doença da COVID-19 era caso emergencial de caráter internacional, e, no mês de março de 2020, o mundo contemporâneo conheceu a segunda pandemia.

No Brasil, em fevereiro de 2020 foi confirmado os primeiros casos de infecção pelo vírus SARS-CoV-2, tudo ocorreu antes de o Ministério da Saúde regulamentar os critérios de isolamento social e quarentena, com meios de enfrentamento contra o vírus.

Diante de tal cenário de isolamento social, determinado com maior ou menor rigor nos mais diferentes países, noticiou-se a paralisação das aulas presenciais, logo nos primeiros 30 dias de contágio mundial e massivo do vírus, deixando milhões de crianças e adolescentes fora da escola. Com o transcorrer dos meses a situação só piorou e as escolas permaneceram fechadas por todo o mundo. Em Pedreiras- Ma, a situação não foi diferenciada, em dezesseis de março as aulas foram suspensas por tempo indeterminado.

Após análise e discussões para o retorno das aulas a secretaria de educação do município de Pedreiras, em junho de 2020, regulamentou o ensino a distância, decisão é baseada na Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020, que flexibiliza o calendário escolar e no inciso I, do art. 24 da Lei 9394/96, que permite o cumprimento de 20% da carga horária de forma não presencial.



SUMÁRIO

SUMÁRIO

Iniciou-se as aulas remotamente, contudo, os questionamentos foram surgindo: Esta modalidade está sendo acessível para todos os alunos, principalmente os oriundos dos bairros periféricos? Como os professores poderiam auxiliar os alunos durante o período das aulas a distância? Se os alunos não têm acesso ao uso das tecnologias e internet, como poderiam interagir com os professores? As dificuldades só aumentavam.

Desde os primórdios da educação, já se buscava métodos que rompessem a barreira do tradicionalismo. Com o transcorrer dos anos as maneiras de difusão do ensino ganhou proporções diferenciadas, tais como a modalidade a distância. Esta ajuda para instrumentar a prática dos educadores, foi e é essencial dentro do atual cenário pandêmico vivenciado mundialmente. A partir deste contexto, os professores, foram desafiados a romperem com seus paradigmas e se reinventarem nesta nova maneira de transmissão de conhecimento, assim, a COVID-19, tornou mais evidente a dificuldade que muitos professores, alunos, sistemas de ensino e pais possuem em lidar com as novas tecnologias, computadores e equipamentos ou com a ausência destes, bem como a dificuldade de acesso à internet. Contudo essa nova postura frente a prática pedagógica, possibilitou uma postura inovadora e alinhada a uma metodologia ativa, com a utilização de vários recursos tecnológicos inovadores para fazer o ensino chegar ao aluno.

Segundo Saviani (1989, p. 23) esta postura inovadora é aquela que se opõe ao tradicional e que nem toda a mudança expressa uma inovação, pois para haver inovação faz-se necessária a ocorrência de reformulação “na própria finalidade da educação, colocando-a a serviço das forças emergentes da sociedade”. Assim, as inovações educacionais impostas pela pandemia, exigiu mudanças que já eram latentes nos discursos educacionais para o uso das tecnologias educacionais para realização de atividades escolares não presenciais, bem como a questão da formação e instrumentalização dos professores para atender a essa nova demanda.

Consequentemente, o objetivo deste trabalho é descrever as experiências didáticas pedagógicas da disciplina de matemática ministradas remotamente durante a Pandemia de COVID-19.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

EDUCAÇÃO BÁSICA E O ENSINO REMOTO

O contexto educacional sempre teve suas múltiplas facetas, porém, a pandemia da COVID-19 ocasionou transformações recorrentes para a adequação do ensino. Por mais que as instituições de educação já tivessem um conhecimento sobre o uso das metodologias ativas, para esta nova maneira de ensinar, era essencial treinamento e preparação dos educadores, pois “a educação on-line preza por um conjunto de ações de ensino-aprendizagem ou atos de currículo mediados por interfaces digitais que potencializam práticas comunicacionais interativas e hipertextos” (SANTOS, 2009, p. 5663).

No entanto, a comunidade escolar, famílias e alunos, tiveram que aprender a este novo paradigma educacional, com a inserção das tecnologias digitais para minimizar a defasagem imposta pela pandemia. Assim o uso da ferramenta celular, para auxiliar durante o processo de ensino-aprendizagem, trouxe também muitas distrações (JUNQUEIRA, 2020). “Sendo necessária uma nova postura e ressignificação do seu uso, tornando-o uma das principais ferramentas de estudo e meio de comunicação” (Masseron, 2020, p. 131-132).

No Brasil, e, mais especificamente em Pedreiras, a educação remota foi e ainda é, um desafio dada as circunstâncias de “a maior parte dos professores também não possui a *expertise* necessária para o ensino remoto e as Secretarias de Educação (estaduais e

municipais) não dispõem de plataforma e metodologia estabelecidas pela urgência na troca do modelo de ensino” (PINHO, FERNANDES, OLIVEIRA, 2020, p. 99).

E, ainda, de acordo com os autores Pinho, Fernandes, Oliveira, (2020, p. 100 *apud* HONORATO; MARCELINO, 2020) a insegurança para atuar no ambiente online, o tempo de planejamento do professor aliado ao tempo de preparação de um material digital é muito maior e, portanto, tem causado uma sobrecarga do trabalho docente. Esta é a realidade enfrentada no dia a dia educacional.

Portanto, a realidade imposta abruptamente para a escola, permitiu a ressignificação dos educadores frente a este novo contexto, consentindo no avanço que deveria ocorrer em sentido mais lento. Nesse sentido, é cabível pontuar que a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda (FREIRE, 2000, p. 67), então é ressurgente que os profissionais da educação compreendam a relevância de se reinventar e fazer a adequação necessária para que a educação possa continuar sendo o agente de transformação social.

Assim, a pandemia impetrou alterações não só pedagógicas, mas em todo o sistema educativo, e demandou a autoaprendizagem, através das aulas síncronas e assíncronas, por tanto, o uso do ciberespaço constitui novas possibilidades de socialização e aprendizagem, na qual as instituições educacionais tiveram que adequar métodos, conceitos e percepções educativas com novos moldes para que o ensino não parasse e assim prejudicasse o processo de aprendizagem.

Nesta ótica, o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC's, tornou-se a maneira predominante de fazer o conhecimento chegasse aos alunos. A partir das TDIC's o ensino remoto alcançou os discentes de modo dinâmico, atrativo e interativo.

SUMÁRIO

A MATEMÁTICA E AS AULAS *ON-LINES*

Com a utilização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC's, as aulas granjearam modelagem nova, assim, permitiu aos educadores prefigurar situações em que o aluno pudesse gerir sua aprendizagem, pois, a partir do processo de mediação do educador através das redes sociais e das plataformas digitais.

Como os docentes tiveram que se adequar rapidamente, estes foram impelidos a pesquisarem novas plataformas, aplicativos para alinharem a prática aos conteúdos e utilizar estas ferramentas ao longo da nova organização pedagógica.

Mesmo com a dedicação dos professores, ficou mais evidente “a precariedade da educação, tendo, os alunos, a enfrentar uma situação sem estruturas para sua aprendizagem e sem amparo para que possa auxiliá-los nisso” (AVELINO e MENDES 2020, p. 57).

Diante do exposto, é lacônico procurar opções para superar as defasagens. “As ferramentas metodológicas precisam ser exploradas; as formações devem estar inseridas no contexto diário do professor. Para romper os prognósticos referentes ao ensino aprendizagem, é preciso focar o uso da metodologia ativa” (SPALDING *et al.*, 2020, p. 7). Essa brusca ruptura ocasionada pela pandemia deve servir como válvula propulsora para os docentes se reinventarem dentro do cenário educacional e principalmente os educadores da ciência matemática. E, o uso das metodologias ativas durante as aulas *on-lines*, alicerça as práticas pedagógica adequadas a atual realidade enfrentada por professores e alunos.

O município de Pedreiras aderiu o uso dos aplicativos da plataforma do Google, pois, proporcionam aos alunos e aos professores ferramentas de fácil manejo, possibilitando a interação alunos-professores. Assim, o CLASSROOM, para as interações assíncronas e o MEET, é o espaço para as interações síncronas. Campos *et al.* (2018, p. 2) pontua que:

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Dentre os recursos e ferramentas que têm sido integrados ao processo de ensino e aprendizagem tanto de alunos quanto na formação de professores destacam-se as ferramentas da Plataforma Google, através das quais é possível, construir conhecimentos de forma colaborativa, comunicar-se e interagir em tempo real, produzir e compartilhar conteúdos, estimulando a autoria.

Essa possibilidade de interação permite a autoaprendizagem e também não perder o vínculo professor-aluno.

É notório afirmar que a matemática sempre foi considerada por vários alunos como uma disciplina de difícil compreensão. “Com as aulas remotas, a dificuldade dos alunos em compreender a disciplina tende a aumentar, já que não há uma interação com o professor comparado às aulas em sala de aula” (ARAÚJO; SILVA; SILVA, 2020).

Em meio à realidade vivenciada com as aulas à distância, a didática do professor e as metodologias de ensino fazem grande diferença. Portanto, o educador deve inovar para que suas aulas não fiquem “chatas/monótonas”, na visão dos alunos.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

CONTEXTO ESCOLAR NA PANDEMIA DO COVID-19

O ano de 2020 iniciou assim como os demais, com suas dificuldades e perspectivas de superação. Portanto, o ano letivo iniciou no dia 27 de janeiro do corrente ano, como a “Jornada Pedagógica”. Ao término da semana pedagógica, todos nós (professores), estávamos com tudo organizado para nosso primeiro encontro com os alunos. Os planejamentos organizados, estruturados a fim de atender as necessidades dos discentes para o primeiro mês de aula.

SUMÁRIO

O sonho de trabalhar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de fato nas entrelinhas da realidade da minha sala de aula estava se concretizando. Muitas ideias, planos, projetos, tudo seria perfeito em meu pensamento, para a execução do planejamento anual.

As aulas iniciaram, conheci meus alunos. As apresentações foram realizadas. Começamos nossa caminhada com a disciplina de matemática. Tudo estava acontecendo como planejado. Os estudantes conseguindo alcançar as habilidades propostas nos planos de ensino.

Ao final do primeiro mês de aula - fevereiro -, no Brasil já se registrava o primeiro caso do SARS-CoV-2, vírus que ocasiona a doença COVID-19. Mas parecia ser algo distante da realidade da cidade de Pedreiras, Maranhão. Iniciou o mês de março e tudo continuava normalmente em nossa realidade. Todavia, temos em Pedreiras o fenômeno natural, em que todos os anos alteram a realidade educacional, em um determinado período do ano, que são as cheias do Rio Mearim.

A população e o poder público já estavam em alerta para as possíveis situações que as cheias iriam ocasionar. No dia 16 de março de 2020, as escolas municipais foram ocupadas por conta das cheias do Rio Mearim, assim interrompendo o ano letivo. Porém, como é costumeiro, as aulas são repostas, conforme planos de ação estruturado pela secretaria de educação, a fim de cumprir os 200 dias letivos e suas respectivas 800 horas, que foram prejudicadas durante o período da estação chuvosa, e assim, os direitos quanto a educação serem mantidos.

No dia 20 de março de 2020, temos a notícia do primeiro caso confirmado no Estado do Maranhão. A partir de então, o processo de distanciamento social, uso de máscaras e álcool gel passou a fazer parte da vivência em sociedade.

SUMÁRIO

E, agora? Essa situação vai passar logo. Mas, não passou. E as aulas continuaram suspensas. E os dias iam passando, e nada desta situação ser resolvida, para que pudéssemos retornar às atividades laborais e educacionais conforme planejadas.

E a pergunta que cada um de nós (professores) nos fazíamos era: E, agora como ficará a educação?

Eu, Cristhiane, mantive o diálogo no grupo dos alunos e pais, que as escolas em que trabalhava já possuía. Tentando de alguma forma manter aquela relação de proximidade que tínhamos no dia-a-dia em sala de aula.

Então, como iria funcionar a construção do conhecimento em nossos alunos?

Portanto em junho de 2020, depois das várias análises realizadas pela secretaria de educação do município, foi construído um plano de ação para a retomadas das aulas, porém, esse processo aconteceria de modo remoto, o que se tornou um imenso desafio para a maioria dos educadores, que compõem a rede pública municipal de Pedreiras-MA, pois, os questionamentos continuavam: Como seriam essas aulas? Como os alunos iriam acessar os conteúdos? Todos teriam condições de acesso as plataformas que seriam utilizadas? E, os professores iriam receber treinamento?

As perguntas persistiram. As aulas foram retomadas. Mas, as repostas, nunca chegaram. Os desafios foram lançados e, os docentes tiveram que aprender a reaprender, para aprender a lidar com a nova maneira de construção de conhecimento.

As circunstâncias para que o conhecimento chegasse até o aluno foram drasticamente comprometidas, pois, a maioria não possuía acesso à tecnologia. Foi planejado o uso das ferramentas do GOOGLE, entretanto, os alunos em sua maioria, não tinham acesso a internet e nem recursos tecnológicos básicos, como um smartphone

SUMÁRIO

ou computador, para que pudesse ter acesso aos conteúdos na plataforma do GOOGLE CLASSROOM. Devido a esta situação crucial, foi-se pensado num roteiro quinzenal para que os alunos pudessem ir até a unidade de ensino, fazer a retirada, e, acompanhar as páginas do livro.

Dentro da disciplina de matemática, que demanda um conhecimento prévio de alguns conteúdos e da explanação do professor, os alunos não conseguiram obterem resultados satisfatórios.

Se reinventar enquanto professora demandou um grau de dificuldade, mas, com o passar dos dias foram sendo minimizadas, contudo, foi percebido que os alunos não estavam devolvendo aprendizagens satisfatórias. Esta situação me deixou ainda mais preocupada, pois, tantos esforços realizados e os resultados não condiziam com as práticas metodológicas. Contudo, os problemas não eram que os alunos não aprendiam, mas sim, porque a parceria família escola não funcionou no ano pandêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reinvenção dos docentes não foi o suficiente para que o processo educativo durante o ano de 2020 pudesse ser concretizado, pois, dentro da disciplina de matemática - vista como um bicho de sete cabeças - o processo foi drasticamente modificado. As adequações dos planos e planejamentos das aulas para que os discentes pudessem de alguma maneira aprender os conteúdos. As avaliações também sofreram alterações essenciais, a fim de auxiliar na formação dos estudantes.

Assim a prática pedagógica era diariamente alterada com o intuito de auxiliar a minimizar a defasagem imposta pelo cenário mundial, por causa da doença da COVID-19.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, F. W. G. SILVA, E. M. de A. G. SILVA, R. de A. G. Uma análise da educação matemática durante a pandemia de COVID-19. **VII Congresso Nacional de Educação**, 2020. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA13_ID90_01092020003741.pdf. Acesso em: 28 mai. 2021.
- AVELINO, W. F.; MENDES, J. G. A realidade da educação brasileira a partir da COVID-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 56-62, apr. 2020. ISSN 2675-1488. Disponível em: . Acesso em: 13 maio 2021.
- BRASIL. **Ministério da Educação**. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 mar. 2020. p. 39. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 27 abr. 2021.
- CAMPOS, Luiz Henrique *et al.* Utilização de Ferramentas Google para auxiliar na produtividade do ensino/aprendizagem entre discentes e docentes. **XXIII Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, 2018. Disponível em: <[https://home.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais-2018/XXIII%20SEMINARIO%20INTERINSTITUCIONAL/Ciencias%20Exatas,%20Agrarias%20e%20Engenharias/Mostra%20de%20Iniciacao%20Cientifica%20-%20TRABALHO%20COMPLETO/UTILIZA%C3%87%C3%83O%20DE%20FERRAMENTAS%20GOOGLE%20PARA%20AUXILIAR%20NA%20PRODUTIVIDADE%20DO%20ENSINOAPRENDIZAGEM%20ENTRE%20DISCENTES%20E%20DOCENTES%20\(7440\).pdf](https://home.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais-2018/XXIII%20SEMINARIO%20INTERINSTITUCIONAL/Ciencias%20Exatas,%20Agrarias%20e%20Engenharias/Mostra%20de%20Iniciacao%20Cientifica%20-%20TRABALHO%20COMPLETO/UTILIZA%C3%87%C3%83O%20DE%20FERRAMENTAS%20GOOGLE%20PARA%20AUXILIAR%20NA%20PRODUTIVIDADE%20DO%20ENSINOAPRENDIZAGEM%20ENTRE%20DISCENTES%20E%20DOCENTES%20(7440).pdf)>. Acesso: 28 mai. 2021.
- FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- HONORATO, Hércules Guimarães; MARCELINO, Aracy Cristina Kenupp Bastos. A arte de ensinar e a pandemia do COVID-19: a visão dos professores. **Revista Diálogos em Educação**, v. 1, n. 1, 2020, p. 208 -220. Disponível em: <<http://www.faculdadeanics.uns.edu.br/ojs/index.php/1revistadialogosemeducacao1/article/view/39>>. Acesso em: 04 mai. 2021.
- JUNQUEIRA, Eduardo. **Não se pode confundir educação** [...]. O Povo, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/jornal/opiniao/2020/03/27/eduardo-junqueira-atividade-escolar-remota-nao-e-ead.html>. Acesso em: 27 abr. 2021.
- MASSERON, Camila Queiroz. A educação básica em época de pandemia. **Revista Carioca de Ciência, Tecnologia e Educação (online)**, Rio de Janeiro: v. 5, n. especial, 2020.

PINHO, M. J. S. FERNANDES, K. M. OLIVEIRA, R. R. Educação, tecnologias e COVID-19: o que nos dizem os estudantes. **Revista OLHARES**, v. 8, n. 3. Guarulhos, dezembro de 2020. ISSN 2317-785.

SANTOS, Edméa. Educação online para além da EAD: um fenómeno da cibercultura. *In*: **CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA**. Anais [...]. Braga, Portugal: Universidade do Minho, 2009, p. 5658-5671.

SPALDING, M. *et al*. Higher education challenges and possibilities: a Brazilian experience in times of COVID-19. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 8, p. e534985970, 2020. Disponível em: . Acesso em: 23 mai. 2021.

SAVIANI, D. A filosofia da educação e o problema da inovação em educação. *In*: GARCIA, W. E. (org). **Inovação educacional no Brasil**: problemas e perspectivas. São Paulo: Cortez, p. 15-29, 1989.

SUMÁRIO

6

Edma Ribeiro Luz

MEANDROS DE UMA PERSPECTIVA DOCENTE NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA PANDEMIA COVID-19:

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ENSINO
FUNDAMENTAL SÉRIES FINAIS DO
COLÉGIO FREI GERMANO DE CEDRATE -
TRIZIDELA DO VALE - MARANHÃO

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-398-1.6

INTRODUÇÃO

De novos hábitos de estudos, esse Relato de Experiência tem como intuito tracejar os contextos de ensino da Língua Inglesa no período da Pandemia. O ano de 2019 foi demarcado com o surgimento de um vírus que afeta principalmente as vias respiratórias, o COVID-19. Por volta de janeiro propagou de forma rápida pelos países asiáticos e europeus, no Brasil precisamente mês de fevereiro fora marcado pela propagação em massa do SARS-CoV-2, o novo coronavírus, assim denominado como COVID-19. No mês de março foi caracterizado como Pandemia, cujo atinge um rompimento de fronteiras para sua disseminação e mortes provocadas, por se tratar de um vírus “novo” para o homem os estudos estão sendo feitos a proporção dos fatos que a doença está provocando. Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2020) o cenário mundial se propaga de forma inquestionável e assustador, ao ponto de interferir os hábitos da sociedade seja de higienização como também comportamentais, onde Governadores decretaram suspensão de alguns serviços, um deles o setor Educacional.

Todo esse processo exigiu uma concepção de que a Educação precisaria se transformar para continuar fornecendo conhecimento. O MEC – Ministério da Educação proporcionou a Portaria MEC Nº 343/2020 cujo intuito era adequar o calendário escolar para o contexto remoto, mas sabe – se que essa jornada de transformação não remete apenas a documentos, mas sim a uma reestrutura do pensamento do docente, discente e comunidade em geral. Criação.

Mediante isso, o ato de aprender um idioma que não seja materno, torna – se difícil presencial quiçá no Ensino Remoto, assim aconteceu com a Língua Inglesa foi e continua sendo uma batalha árdua para tramitar o conhecimento desta língua da melhor forma possível e que seja acessível aos alunos sendo um desafio para o docente também. Isto é, as práticas didático pedagógicas precisaram sofrer reflexões e adaptações.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este estudo traz uma abordagem fundamentada acerca das concepções sobre o COVID-19, seguida do Espectro Evolutivo e Proeminência da Língua Inglesa além de traçar metodologias e relatar o Contexto do Ensino de Língua Inglesa e o Ensino Remoto.

CONCEPÇÕES SOBRE COVID-19

A COVID-19 é um novo coronavírus que “foi identificado como a causa de um conjunto de casos de pneumonia em Wuhan, uma cidade na província de Hubei, na China. Ele se espalhou rapidamente [...]” (McINTOSH, 2020, p. 1) afirma ainda que em fevereiro Organização Mundial de Saúde – OMS, que a COVID-19 é designada como uma síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2), onde há uma gama de consequências atingindo milhares de pessoas e um número elevado de óbitos.

Segundo a OMS (2020) a rota de transmissão se propagou de forma rápida entre os continentes, onde fora preciso ter uma atenção redobrada quanto aos cuidados de higienização das mãos (água, sabão e álcool 70%) e distanciamento social, assim como também uso de máscaras com proteção tripla. O decorrer do aumento das taxas de contágio fora sendo descoberto mais sobre a doença tanto tratamento como formas de prevenção.

A COVID-19 tem sintomas similares as síndromes gripais comuns, portanto as manifestações clínicas e laboratoriais, que devido a tais situações a OMS caracterizou como Pandemia, sendo fatais para grupos de riscos como idosos, imunodeprimidos, hipertensos, cardiopatas, afetando todas as faixas etárias, cujo há casos

de assintomáticos, porém transmitem, sintomas leves, moderados e graves. Assim como expressa o estudo elaborado por Lai e Liu *et al.* (2020) que no aspecto clínico afirma que existem três fontes portadores do vírus como assintomáticos, indivíduos com doenças respiratórias e pacientes com apresentação de pneumonia em suas mais diversas situações.

No aspecto laboratorial apresenta como diagnóstico com base no Ministério da Saúde a realização do exame de RT-PCR no terceiro ao nono dia de surgimento dos sintomas.

Portanto, por ser considerada extremamente agressiva a saúde humana, a pandemia tem caráter mundial trazendo consequências severas, e que mostra o quanto os cuidados de prevenção como higienização adequada, distanciamento social e uso de máscara.

BREVE CONTEXTO DO ESPECTRO EVOLUTIVO E PROEMINÊNCIA DA LÍNGUA INGLESA

A Língua Inglesa relata fatos relevantes para um progresso em geral, esse processo histórico traz consigo transformações primordiais, teve perdas e ganhos de verbetes em toda sua jornada, estas aconteceram devido aos fatores sociais, econômicos, culturais e estruturais. É uma trajetória complexa perpassadas por muitos povos desde seus primórdios, há relatos de que nas ilhas britânicas há presença humana desde da era do gelo e que foram mantendo culturas e assim se disseminando, evoluindo consequentemente a Língua Inglesa.

SUMÁRIO

Com o passar dos tempos a Língua Inglesa evoluiu de forma relevante sendo dividida em três períodos, *Old English*, *Middle English* e *Modern English*. Sendo que em todo o processo de transição houve relevantes mudanças sintáticas, fonéticas e morfológicas. *Old English* reflete numa junção de dialetos que ao longo da jornada foram surgindo no território da Bretanha, compreendendo d.a 1100 a D. Enquanto o *Middle English* aconteceu por volta de 1066, quando teve uma batalha que fora um marco para a Língua Inglesa e a sociedade falante, pois começou a ter uma organização social e de comunicação. Enfim, a *Modern English* tem uma transição do século XV para XVI, a sonoridade sofreu mudanças significativas “que praticamente todos os sons vocálicos da língua sofrem alteração e algumas consoantes deixam de ser pronunciadas” (CAVALCANTI, 2008, p. 13).

Conforme Travaglia (2011) afirma que a linguagem é essencial para que a sociedade se relacione uns com outros, independentemente da cultura, e que no decorrer da evolução ela vem se transformando assim como relata na Língua Inglesa que com a difusão com o Inglês falado na Europa Ocidental, fez com que existissem uma gama de dialetos deste idioma, cujo cada região traz traços marcantes de seu povo.

Aprender Inglês se tornou um fator fundamental para um crescimento profissional, sendo um desafio de ensinar e aprender. Os países que têm como primeiro idioma oficial o Inglês são: Estados Unidos, Canadá, Irlanda, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul e países como Caribe e Jamaica. Um outro setor que foi responsável por acrescentar no interesse pela Língua Inglesa foi o turismo, desde oriundos este idioma vem crescendo de forma relevante, nas escolas, o gosto por músicas, jogos, uma comunicação mais universal. Foi no período da Segunda Guerra Mundial que o Inglês tomou posse mais significativa no seio social e no mundo dos negócios (LIMA, 2008).

Um outro fator a destacar da relação Inglês e o Brasil é a utilização de algumas palavras no vocabulário brasileiro como *Shopping*,

Selfie, Love, Feedback, Smartphone, Notebook/laptop, gamer, game, videogame, dentre outras. Portanto, o ensino formal da Língua Inglesa no Brasil vem a tornar mais findado por volta de junho de 1809 num decreto assinado pelo Príncipe Regente de Portugal. Porém sua popularidade veio apenas 1920 com a chegada do cinema internacional no país e concretizado seu ensino em 1961 com regimento da Lei de Diretrizes e Bases, a LDB.

METODOLOGIA

O ato de pesquisar sobre esta temática é que traz aspectos de catalogar, sistematizar e difundir conhecimento acerca da linguagem e tecnologia e o quão impactante é o estudo da Língua Inglesa tanto para o pessoal como também o profissional, com base em observações feitas durante o ano de 2020 nas turmas de 8º e 9º ano das aulas de Inglês de caráter remoto emergencial por conta da COVID-19, do Colégio Frei Germano de Cedrate, com base de 1.190 alunos, sendo por volta de 250 alunos apenas nos 8º e 9º anos, com ensino apenas do Ensino Fundamental I e II, localizada na Praça Frei Raimundo Vale, 22, esta escola municipal é localizada na cidade de Trizidela do Vale, Maranhão, com uma estimativa de 22.112 habitantes, pela Lei Nº 6.164, de 10 de novembro de 1994, o município de Trizidela do Vale, com sede no Povoado Trizidela, a ser desmembrado do município de Pedreiras, subordinado à Comarca de Pedreiras (IBGE, 2020).

Foi feita uma análise qualitativa em forma de quadros sobre as mensagens enviadas via *Whatsapp* que traz em seus argumentos uma proeminência condizente as relações e a subjetivação do *feedback* adquirido. Vale ressaltar que todos os nomes foram identificados por apenas Aluno 01, 02 e assim sucessivamente.

Na pesquisa de Paiva (2013, p. 932) afirma que “estudos descritos na Língua Inglesa usaram alguma forma de metodologia qualitativa. [...]. Obtendo aumento significativo de pesquisa-ação”. A relatividade adquirida nos posicionamentos dos discentes são fundamentais para uma reflexão crítica e pedagógica para o corpo docente buscar fontes pertinentes de disseminar conhecimento (SANTOS, 2014). Daí extra-se a relevância de que o estudo qualitativo é mais eficaz no processo de análise.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O CONTEXTO DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E O ENSINO REMOTO NA PANDEMIA NO COLÉGIO FREI GERMANO DE CEDRATE

O ano de 2020 foi demarcado por início de uma Pandemia da COVID-19, e com apoio da Organização Mundial de saúde – OMS, os cuidados de prevenção a serem aplicados alterou os hábitos da sociedade um dos setores que precisou se readaptar foram as escolas, onde passou de presencial para educação on-line ou ensino remoto (GACS; GOERTLER; SPASOVA; 2020).

Palacio (2020) afirma que a pandemia se tornou imprevisível, tornando a comunidade escolar se readaptar ao novo normal, desafios diários seja para o docente e discente, mas também busca de formas de manter o aluno em estudo na modalidade remota. Os recursos tecnológicos e pedagógicos passaram a serem mais analisados de forma flexível implementar novas estratégias para levar o conhecimento da melhor forma e alçar o número máximo de alunos e suas diferentes contextualizações socioeconômicas. Com isso,

muitas instituições passaram a adotar o ensino remoto emergencial e exigir de professores e alunos o uso frequente “de plataformas online para realização de suas atividades” (MENDES; LIMA, 2020, p. 73).

Mediante o contexto esse Relato de Experiência busca uma análise da concepção dos docentes com base na resposta dos discentes do 8º e 9º ano, totalizando por volta de 250 alunos de uma escola municipal de Trizidela do Vale, Maranhão, o Colégio Frei Germano de Cedrate, onde foram selecionadas 40 (20 do 8º ano e 20 do 9º) mensagens enviadas no ano de 2020, para a professora de Inglês via *Whatsapp*. Vale destacar que o 8º (A, B, C, D) e 9º ano (A, B, C) eram divididos.

No quadro abaixo são as mensagens enviadas pelos alunos do 8º ano:

Quadro 1 – Feedback dos alunos do 8º ano enviado a docente de Língua Inglesa via *WhatsApp*

ALUNO	8º ANO	MENSAGEM WHATSAPP
01	A	Eu estou com dificuldades de usar a plataforma Google sala de aula
02	A	Eu tô com medo de não aprender pq não sou boa em inglês
03	A	Eu tô aprendendo, tia. Tô ate assistindo mais coisas em inglês para reforçar
04	A	Obrigada.... suas aulas estou aprendendo bastante mesmo que distante
05	A	Ta difícil meu cel n e tao bom mas to tentando
06	A	Eu quero muito aprender inglês
07	A	Eu amooooo inglês
08	A	Mesmo distante to conseguindo aprender da forma que a senhora faz
09	B	Ta difícil, maaasss vouu conseguir
10	B	Eita....sera se consigo aprender? Porque se presencial é difícil
11	B	Ingles é muito difícil



ALUNO	8º ANO	MENSAGEM WHATSAPP
12	B	Inglês é complexo
13	C	Eita negocio difícil como que faço para enviar a atividade????
14	C	E agora????sera se consigo?
15	C	To sem notebook
16	D	Meu cel pifou não tem como comprar outro
17	D	Vou conseguir
18	D	Net n deixa eu assistir as aulas direito
19	D	É muito difícil minha internet é lenta
20	D	Eu vou consegui, nem que eu estude dobrado

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

SUMÁRIO

Desde 2012 ministrando a disciplina de Língua Inglesa na Educação Básica, especificamente Fundamental Séries Finais e Ensino Médio pude perceber o quão é um idioma lindo e ao mesmo tempo complexo para os alunos. Dúvidas são frequentes quanto a pronúncia e escrita. Se no Ensino Presencial há tais obstáculos, no Ensino Remoto se tornou um desafio muito maior, pois não envolve somente o ato de aprender, mas se aquele discente tem o aparato tecnológico adequado.

No quadro 01, cujo retrata a realidade dos alunos do 8º ano, salienta – se que existe vários questionamentos como uso das plataformas *on – line*, acesso a uma Internet adequada, computadores e celulares que suportam os afazeres, além do medo e insegurança de acreditar que não consegue presencial quiçá remoto. Dentre as mensagens o número de alunos que obtiveram uma coragem de enfrentar mesmo que difícil reflete nos desafios que tanto professor como aluno enfrentaram e ainda permeia nestes desafios.

SUMÁRIO

Quando há introdução de mecanismos tecnológicos como forma principal de tramitação do conhecimento, onde a jornada do professor se tornou triplicada, horas além do que se trabalhava no presencial, números pessoais se tornaram meios de sanar dúvidas, a tecnologia passou a ser a ferramenta para tentar sanar ou amenizar essas inseguranças dos discentes.

Por meio das mensagens dos alunos foi percebido que sair da zona de conforto aliada a falta de verbas para investir em celulares e computadores melhores, ou seja, fatores econômicos. Vem trazer consequências maiores do que o esperado. Foi percebido que alguns alunos estiveram uma resistência acerca desse processo de inovação por diferentes motivos (MOTTERAM, 2013).

O ensino de Língua Inglesa está em constante transformação, mas sempre com o intuito de fornecer uma “continuidade pedagógica e o direito social à educação” (FERNÁNDEZ, 2020, p. 1). Cabe aos professores buscarem formas de fazer da tecnologia uma aliada para o aprendizado (MAGGIO, 2016).

No quadro 02 esboça os argumentos feitos pelos alunos do 9º ano:

Quadro 2 – Feedback dos alunos do 9º ano enviado a docente de Língua Inglesa via *WhatsApp*

ALUNO	9º ANO	MENSAGEM WHATSAPP
01	A	O complicado é porque tem um computador para eu e meus irmãos e estudamos nos mesmos horários.
02	A	Eu estou com dificuldades, mas com o uso de aplicativos tá ficando melhor de entender
03	A	Não gosto de Inglês, mas eu estou aprendendo mesmo assim
04	A	Prof eu n to conseguindo enviar a atividade na plataforma
05	A	Profe traduz a pagina da atividade n to entendendo nada

SUMÁRIO

ALUNO	9º ANO	MENSAGEM WHATSAPP
06	A	Inglês e difícil demais prof
07	A	Aqui a Internet tá só caindo
08	A	Internet aqui tá ruim
09	B	Meu cel e só travando e memória cheia
10	B	Meu computador quebrou e minha mãe não tem como comprar outro
11	B	Net ruim
12	B	Tá doendo minha cabeça de estudar pelo computador
13	B	Net caindo demais
14	B	É um desafio
15	B	Difícil de adaptar mas tô entendendo
16	B	Adorei a aula ao vivo, mas saudade do presencial
17	C	Entender tá difícil pq não gosto de inglês
18	C	Eu não sei mexer muito em coisas tecnológicas
19	C	Ameeeei estudar inglês com música e filmes
20	C	Eu tô amando essa metodologia que a senhora tá tendo

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Alguns apontamentos são os mesmos dos alunos do 8º ano, como um aparelho eletrônico para várias pessoas e não tem como conciliar, dificuldades no uso da plataforma, falha na conexão da Internet, celulares com pouca memória, porém alguns alunos destacaram o uso das metodologias e outros o não ter aptidão em manusear as tecnologias.

Faz-se à uma ressalva de que a escola estava utilizando aulas síncronas e assíncronas, o envio de materiais estava acontecendo via *Google Classroom*, para aqueles alunos com acesso e aos que não iam buscar e deixar as atividades na escola no horário que era solicitado.

SUMÁRIO

Foi citado por um aluno a questão das metodologias utilizadas uso de músicas, filmes, jogos educativos, aplicativos de idiomas, tudo isso como forma de tornar os desafios mais dinâmicos para facilitar o aprendizado. O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC são usufruídas nas mais diversas áreas sociais e a escola passou a utilizá-la de forma mais expansiva (AUDINO; SILVA NASCIMENTO, 2010). Especialmente no ensino de línguas, em que professores necessitam ser cada vez mais “proficientes em aprendizagem de línguas mediada pelo computador” (SOUZA, 2020, p. 2), pois assim torna as aulas mais interativas e participativas para os alunos.

Uma das ferramentas utilizadas como forma de complementar o ensino de Inglês foi o aplicativo Duolingo que segundo Bézy e Settles (2015), é um instrumento de qualidade pois traz uma certificação de alto nível de correlação e concordância com outros exames internacionalmente reconhecidos, como o IELTS e o TOEFL, são desafios diários que já é um incentivo para o aluno.

Quanto aos aspectos sociais Kim *et al.* (2020) faz uma ressalva que o cenário digital educacional no período de pandemia favorece os grupos socioeconômicos mais ricos ou classe média, porém os menos favorecidos ficam sem acesso adequado prejudicando os estudos, isto é, gerou uma desigualdade social preocupante. Pois “a modalidade *on-line* pressupõe recursos que a modalidade presencial não considerava como problema. No que diz respeito à aprendizagem assistida para o ensino de línguas, aplica-se a mesma questão” (REDJEKI; MUHAJIR, 2020, p. 12; WAGNER, 2020, p. 89).

Por fim, algumas ferramentas educacionais é o *Google for Education*, como o caso da plataforma *Google Classroom* para o acesso das turmas e dos professores como um ambiente virtual de aprendizagem. Aos professores, foram apresentadas plataformas como *Google slides* (google.com/slides), *Jamboard* (jamboard.google.com), *Nearpod* (nearpod.com) e *Edpuzzle* (edpuzzle.com)

para as aulas remotas. Quando estas são trabalhadas de formas congruentes traz resultados satisfatórios consequentemente um maior aprendizado.

CONCLUSÃO

Conclui-se que apesar dos obstáculos e complexidade da Língua Inglesa é essencial para o progresso pessoal e profissional. E que os aplicativos educacionais podem auxiliar no aprendizado, assim como também músicas, filmes, jogos, dentre outros. Daí tem-se a preponderância da Língua Inglesa no vocabulário diário.

Por fim, aliado ao uso tecnológico veio a reflexão acerca das práticas de políticas educacionais os menos favorecidos vieram a ser prejudicados, não obtendo Internet e nem aparelho adequado para acompanhamento das aulas, e isso geram consequências agravantes para a educação. Porém gradativamente, é notório que obstáculos vêm sendo vencidos, principalmente por rompimentos de pensamentos da sociedade.

REFERÊNCIAS

AUDINO, D. F.; SILVA NASCIMENTO, R. Objetos de Aprendizagem-diálogos entre conceitos e uma nova proposição aplicada à educação. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 5, n. 10, p. 128-148, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1620>. Acesso em: maio, 2021.

BÉZY, M.; SETTLES, B. The Duolingo English Test and East Africa: Preliminary linking results with IELTS & CEFR. **Reading**, v. 5, n. 1.0, p. 4-85, 2016. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/duolingo-papers/reports/DRR-15-01.pdf>. Acesso em: maio, 2021.

SUMÁRIO

CAVALCANTI, Ilane Ferreira. **A língua inglesa e os falsos cognatos**. Secretaria de Educação a Distância – SEDIS. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN: 2008.

FERNÁNDEZ, Gimena. Orientaciones para la enseñanza de las Ciencias Sociales en contexto de pandemia. El desafío de articular continuidad pedagógica y aprendizaje significativo. **Newsletter N° 44: Dossier especial**: Enseñanza virtual en la escuela secundaria: cómo propiciar experiencias de aprendizaje significativo en tiempos de COVID-19, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/36WdMNx>. Acesso em: abril. 2021.

GACS, Adam; GOERTLER, Senta; SPASOVA, Shannon. Planned online language education versus crisis-prompted online language teaching: Lessons for the future. **Foreign Language Annals**. v. 53, p. 380–392, 2020. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/flan.12460>. Acesso em: maio, 2021.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Trizidela do Vale – MA**. 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/trizidela-do-vale>. Acesso: março, 2020.

KIM M-H, *et al.* Current status of epidemiology, diagnosis, therapeutics, and vaccines for novel coronavirus disease 2019 (COVID-19). **J Microbiol Biotechnol**. 30(3): 313–24, 2020.

LAI C. C.; LIU Y. H.; WANG Y. C., *et al.* Asymptomatic carrier state, acute respiratory disease, and pneumonia due to severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 (SARS-CoV-2): facts and myths. **J Microbiol Immunol Infect**. 2020.

LIMA, Gislaine P. **Breve trajetória da Língua Inglesa e do livro didático no Brasil**. Universidade Estadual de Londrina: 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/resumos-anais/GislainePLima.pdf>. Acesso: março/2021.

MAGGIO, M. 2016. **Las tecnologías de la información y la comunicación en las prácticas de la enseñanza**. Tesis doctoral, Facultad de Filosofía y Letras, UBA. Disponível em: http://repositorio.filo.uba.ar/bitstream/handle/filodigital/6051/uba_ffyl_t_2016_5554.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: mar. 2020.

McINTOSH, Kenneth. **Doença de coronavírus 2019 (COVID-19)**. 2020. Disponível em: <http://www2.ebserh.gov.br/documents/4.pdf>. Acesso: abril/2021.

MENDES, E. de S. S.; LIMA, S. de C. Pedagogia dos multiletramentos para a aprendizagem de inglês: avaliação de uma proposta de ensino na escola pública **Revista Linguagem em Foco**, v. 12, n. 2, 2020, p. 72–89. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/4026>. Acesso em: março, 2021.

SUMÁRIO

MOTTERAM, G. **Innovations in learning technologies for English language teaching**. Londres, 197 p, 2013.

OMS, Organização Mundial da Saúde. **Palavras do diretor-geral no briefing da mídias obre 2019-nCoV em 11 de fevereiro de 2020**. <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-remarks-at-the-media-briefing-on-2019-ncov-on-11-February-2020>. Acesso em: fevereiro de 2021.

PAIVA, V. L. M. A pesquisa em linguagem e tecnologia na Universidade Federal de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 10, n. 22, p. 921-941, 2013. Disponível em: <http://ojs.rbpq.capes.gov.br/index.php/rbpq/article/view/457>. Acesso em: 02 maio. 2021.

PALACIO, Juan Ignacio. La enseñanza de las lenguas en tiempos de pandemia. **Newsletter Nº 44: Dossier especial: Enseñanza virtual en la escuela secundaria: cómo propiciar experiencias de aprendizaje significativo en tiempos de COVID-19**, 2020. Disponível em: <https://www.soc.unicen.edu.ar/index.php/categoriaeditorial/278-newsletter/n-44/4074-newsletter-n-44-dossier-especial-la-ensenanzade-las-lenguas-en-tiempos-de-pandemia>. Acesso em: maio. 2021.

REDJEKI, Indah Sri; MUHAJIR, R. DUOLINGO For Grammar Learning. **PROSIDING LPPM UIKA BOGOR**, 2020.

SANTOS, M. G. **Processamento online de textos eletrônicos hiperlinkados e não-hiperlinkados em língua estrangeira**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10504/1/2014_dis_egsantos.pdf. Acesso em: maio, 2021.

SOUSA, Ana Paula Ribeiro de *et al.* A educação e as novas tecnologias de informação e comunicação no contexto da pandemia do novo coronavírus: o professor "r" e o esvaziamento do ato de ensinar. **Revista Pedagogia Cotidiano Ressignificado**, v. 1, n. 04, p. 53-72, 2020. Disponível em: https://rpcr.com.br/index.php/revista_rpcr/article/view/3. Acesso em: 02 maio. 2021.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática ensino plural**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

WAGNER, Elvis. Duolingo English Test, Revised Version July 2019. **Language Assessment Quarterly**, v. 17, n. 3, p. 300-315, 2020.

7

*Gilson da Conceição Silva
Wellida Cristina Silva Nascimento*

**SAÚDE MENTAL
DE PROFESSORES
NO PERÍODO PANDÊMICO
DA COVID-19:**

UMA INVESTIGAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-398-1.7

INTRODUÇÃO

Os impactos causados pela pandemia e pós-pandemia a saúde mental dos professores no período da COVID-19, não se consegue ainda mensurá-lo tendo em vista o número elevado de realidades afetadas, de outra forma observa-se que são os mais variados possíveis os quadros de sofrimentos psicológicos, emocionais e cognitivos vivenciados pelos docentes no período pandêmico no qual observa-se inúmeras alterações de medo, estresse, luto, insegurança, ansiedade, depressão, sobre carga, tédio, e outros. Afetando de forma mais intensa e elevada o bem-estar, físico, emocional, social, econômico, espiritual e cultural.

Com isso o objetivo geral deste trabalho foi evidenciar as produções científicas acerca da saúde mental de professores no período de pandemia da COVID-19 e como específicos temos: Pesquisar as diversas condições de sofrimentos psicológicos, emocionais e cognitivos do professor durante a o período de isolamento social, a mudança de rotina e a infecção pelo COVID-19; Discriminar as principais sequelas do COVID-19, que afetaram a saúde mental do professor durante e pós o período pandêmico; Identificar diferentes ações preventivas que favoreça o cuidado à saúde mental do professor em processo de reabilitação pós COVID19.

Este presente estudo parte de uma revisão bibliográfica da literatura tendo como respaldo metodológico a abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa não dispõe de um único conceito visto que se tem uma ampla abordagem investigativa nos possibilitando analisar fenômenos subjetivos sem uma definição única definição sendo que tem diferentes autores que divergem em seus pontos de vista sobre a mesma investigação.

A partir disso surgiu a necessidade de trabalhar uma problemática que se debruçasse sobre a reabilitação da saúde mental em

SUMÁRIO

SUMÁRIO

professores afetados pela COVID-19, tendo em vista as diferentes realidades de sofrimentos, por conta do isolamento social, quebra de rotina, mudanças na forma de ensino, medo, luto, ansiedade, sobre carga de trabalho, depressão e até mesmo os riscos de suicídio.

Por conseguinte, a relevância desta pesquisa se dá de forma notória por ser um instrumento de estudo para o público acadêmico de psicologia e pedagogia conhecer de forma mais clara sobre este fenômeno da COVID-19, de impacto mundial, que de maneira específica afetou a vida milhões de brasileiros dentro de uma perspectiva da ciência psicológica. A psicologia científica cumpre o seu papel à medida que estuda a realidade dos fenômenos psicossociais para produzir conhecimento que favoreçam intervenções em prol da qualidade de vida do indivíduo como um todo.

Com isso salienta-se a importância desta pesquisa para área da psicologia, podendo contribuir com uma análise psicológica científica de forma objetiva, prática e subjetiva. Expondo de forma clara e compreensiva a realidade da saúde mental do professor no contexto de pandemia do COVID-19. Buscando Demonstrar de forma elucidativa e argumentativa as questões pandêmicas pesquisadas que afetaram direto e indiretamente o padrão de saúde mental do professor durante e pós pandemia do COVID-19, por meio de uma compreensão psicossocial da realidade subjetiva e singular do indivíduo em processo de cuidado e reabilitação frente a análise e aplicação das abordagens psicológicas, assim como os trabalhos de prevenções e intervenções em saúde mental que atenta as necessidades do professor no exercício de suas funções.

Além do mais, estas pesquisas mostram que os impactos da COVID-19 à saúde mental, geraram não só alterações comportamentais, mas também mudanças e desafios estruturais que viabilizaram formas estratégicas de ações e intervenções que minimizassem impactos e atenuassem sequelas negativas como forma de intervenção e promoção da saúde mental durante e após o período pandêmico.

SUMÁRIO

Este trabalho parte da concepção de que de fato, os professores sofreram alterações, emocionais, psíquicas e cognitivas de forma significativa, com mais ênfase aos que já tinham quadros mórbidos ou diagnósticos pré-existente de transtornos. E a principal motivação desse trabalho foi verificar a realidade da saúde mental do professor em suas funções docentes ao sofrer um período importante de mudanças e transformações, sendo a classe docente desafiada a enfrentar diversas realidades que podem ter comprometido a saúde mental, por buscar reformular práticas pedagógicas presenciais para aulas online ou gravadas, passando a maior parte do tempo em frente telas de computadores, celulares e artefatos tecnológicos, transformando casa em escola, conciliaram tarefas domésticas com o trabalho escolar.

Contudo, propõe-se nesse trabalho que um das formas de fazer frente a esses desafios é desenvolver ações estratégicas de intervenções psicológicas integradas que possibilite a estes profissionais a reduzir o seu quadro de sofrimento, tanto de forma clínica, quanto específica no ambiente escolar, tendo como suporte, o atendimento, a capacitação, a orientação e acompanhamento psicoterápico, com o fim de promover e mediar possibilidades em saúde mental de forma mais consciente a respeito do cuidado e o auto cuidado com a saúde mental.

AS REALIDADES DOCENTES DURANTE O PERÍODO DA PANDEMIA DA COVID-19

O mundo passou por uma das maiores pandemias da história, a pandemia da COVID-19, que teve seu início no ano de 2019, na Cidade de Wuhan, na capital da província da China Central, espalhando-se por todo o mundo.

SUMÁRIO

Este fato tornou-se um problema de saúde pública, algumas até de calamidades, tamanha foi a proporção que por conta da falta de estrutura da saúde básica, falta de investimento em políticas públicas, vulnerabilidade social, econômica e familiar, potencializou o agravamento do cenário, afetando a vida de milhões de pessoas.

Com isso as pesquisas apontam que foram várias as estratégias e ações em políticas públicas que viabilizaram medidas e parcerias governamentais, institucionais de ordem pública ou privada que promovessem o cuidado com a saúde nas mais variadas dimensões. Com o intuito de conter a transmissão do vírus foi percebido estratégias que podem ser citadas como destaque na medida de segurança, o isolamento social, o distanciamento social, o uso de máscaras, a higienização das mãos, a aplicação das vacinas e outros.

Mediante esta realidade, SANTOS *et al.* 2022, relatam que o apoio social ao professor seja da família, dos órgãos ou da política são imprescindíveis, para que os professores superem ou preservem a saúde mental em situações de sofrimento em relação aos quadros que exijam enfrentamento de adoecimentos, deve ter como apoio os recursos sociais como forma de obter sentido de vida durante a pandemia.

Por outro lado, Lima (2020, p. 5), em suas publicações advertem à população que, em situações de distanciamento e isolamento, algumas formas de mal-estar são comuns, como, a sensação de impotência, tédio, solidão, irritabilidade, tristeza e medos diversos (de adoecer, morrer, perder os meios de subsistência, transmitir o vírus), podendo levar a alterações de apetite, insônia, conflitos familiares, excessos no consumo de álcool ou drogas ilícitas."

Dessa forma salienta-se que a medida protetiva do distanciamento social, prevenisse da contaminação do vírus da COVID-19, mas, porém, conforme a duração e a intensidade do fenômeno pandêmico conforme mostrado na pesquisa acima torna-se evidente

SUMÁRIO

nas reações e nos comportamentos observados. Estas medidas de precauções possibilitaram modificações no traquejo pedagógico, que obrigatoriamente exigiu novas adaptações mediante a realidade corrente. A esse respeito Caldas (2021) afirma que o convívio social proporcionado pelo trabalho docente nessa circunstância é perdido, e as relações humanas tornam-se mais distanciadas, mais coisificadas, prejudicadas”.

Dando continuidade o autor supracitado relata uma pesquisa feita por (Augusto; Santos, 2020) no qual em diz que, as horas trabalhadas e a quantidade de tarefas executadas no mesmo espaço de tempo foram aumentadas, gerando uma situação de desgaste mental do professor, e que a intensificação do trabalho pode se relacionar a diversas formas de sofrimentos e adoecimentos (CALDAS, 2021, p. 25)

De outra forma, Freitas (2021, p. 2) demonstra que a vulnerabilidade do ambiente pode ser fator descendente de adoecimento, ressaltando que antes mesmo da pandemia da COVID-19, as atividades docentes associadas às condições precárias de trabalho pode ser fatores importantes no desencadeamento de doenças, além de provocar o afastamento do docente devido à perda de capacidade física e psíquica para desenvolver suas atividades.

Assim as várias atividades que antes faziam parte da rotina da população, principalmente as relacionadas ao contexto socioafetivo das às relações humanas, foram interrompidas, forçando os profissionais de modo específico os professores a fazer mudanças e novas adaptações na sua prática docente.

De outro modo, SANTOS (2021) em sua pesquisa reforça a ideia de que, “[...] o distanciamento físico, a transferência e adaptação do trabalho em casa, bem como a intromissão das tecnologias nas residências, têm causado uma sensação de perda da vida privada e familiar dos professores”.

SUMÁRIO

Mudanças estas que podem ir desde as atividades pedagógicas, as mudanças ambientais, uso repentino e excessivo das tecnológicas, aulas moveis, uso excessivo de telas e outros. Segundo o autor essas mudanças exigem novas adaptações que geram insegurança por conta da falta de conhecimento tecnológico necessário e da forma como se comportar perante as câmeras sem expor a vida privada da família.

Nesta mesma linha Caldas (2021, p. 26), diz que à medida que a pandemia da COVID-19 assola o mundo, urge a “adaptação do professor” para atender às necessidades educacionais, e novas atitudes são solicitadas aos profissionais da educação. Essas novas atitudes podem ser entendidas como esforços realizados para atender as necessidades, exigências e mudanças, tanto no que tange socioeducacionais, quanto psicoativo.

Dessa forma o educador enquanto profissional teve que fazer ajustes, adaptações, tanto nas questões pessoais, profissionais, familiares, econômicas e sociais, tendo que fazer em curto prazo formações ou orientações para aprender a lidar com as necessidades do momento e as exigências da escola, da família e dos alunos. Além de dividir o seu tempo de aula com os afazeres domésticos, interrupções das aulas, dificuldades em fazer uso das tecnologias, a falta de interesse dos alunos, o cansaço mental por conta das horas excessivas diante das telas, tv, tablet, celulares, notebook, computador de mesa, uso de aplicativos e outros, além de não contar com um ambiente adaptado e favorável a práxis docente.

Devido a este cenário de mudanças, ficam evidente os inúmeros desafios enfrentados pelos professores no exercício de sua profissão como mediador do conhecimento. Segundo as pesquisas realizada por Santos (2021, p. 2), as Instituições de Ensino Superior no Brasil e no mundo suspenderam as aulas presenciais e adotaram na grande maioria delas estratégias de ensino e aprendizagem por meios virtuais, com o objetivo de tentar reduzir o índice de evasão dos estudantes, e prosseguir com as atividades acadêmicas, bem como com seus calendários letivos.

SUMÁRIO

Apesar disso, o autor acima demonstra uma perspectiva positiva sobre essa realidade, tendo em vista que a educação no Brasil estava necessitando de um novo processo de mudanças com novas práticas no fazer docente, buscando dessa forma mostrar o objetivo da educação brasileira. Subentende que, a dinâmica e a criatividade do professor foram fundamentais não só para a prática de ensino, mas também como interlocutor importante entre a escola, o aluno e a família, evitando evasões e defasagens estruturadas no processo de aprendizagem.

De outra forma, o mesmo autor toma como respaldo analítico outras fontes de pesquisa que servem como embasamento para justificar os impactos e reações dessas mudanças no comportamento do professor, seja da rede pública, seja da rede privada. As pesquisas tiveram como foco as mudanças que comprometeram o estado de saúde mental do professor, tendo como fator desencadeante a prática pedagógica, o ambiente virtual, o uso das tecnologias, as exigências escolares, o processo de ensino e aprendizagem, as tarefas domésticas, o sentido da perda da privacidade, o quadro de adoecimento por conta da infecção do vírus e a morte de familiares.

Correlacionado a estas informações SANTOS *et al.* (2022 p. 7), apresentam dados de uma pesquisa qualitativa que comprovam que durante a pandemia os professores tiveram desgastes fora do comum. Segundo o autor alguns não conseguiram aguentar mesmo e afirmam em seus relatos que “agora foi muito mais desgastante para a gente, esse ensino remoto”. Além de relatarem que sofreram grandes cobranças para entregar planejamentos, elaborar provas, fazer avaliações simuladas, pais reclamando que os professores não estavam dando aulas.

Estas informações de Santos tornam evidente um panorama muito mais complexo no qual potencializa um quadro de vulnerabilidades que afetam direta e indiretamente, despertando nos professores insegurança, instabilidades, sentimento de incompetência e outros.

Percebe-se que estes fatores contribuem para um agravante de possíveis patologias de transtornos de ansiedades, depressão, pânico, síndrome de burnout, esquizofrenia, surtos psicóticos e outros.

SEQUELAS DO COVID-19, QUE AFETARAM A SAÚDE MENTAL

Mediante esta complexidade e a uma variedade de alterações socioemocionais e comportamentais causados pelo período pandêmico conforme já relacionados que afetaram a mental nos mais diversos quadros. É importante retomar o conceito de saúde mental apresentado por Chagas (2022, p. 7), que ao citar Gaino (2020), diz que “Saúde mental, é o completo bem-estar físico, o equilíbrio entre físico, mental e social, o que não consiste apenas em a ausência de enfermidades”.

Logo este conceito apresenta condições multifatoriais referente à saúde mental, além de alertar para possíveis áreas de tratamento com ênfase nos fatores físicos, mentais e sociais. Este ponto de vista do autor acima é importante para algumas condições de vulnerabilidade seja trabalhada de forma sistêmica para que o indivíduo consiga manter a saúde mental dentro de um equilíbrio.

No entanto observa-se que as sequelas provocadas pela COVID-19 no organismo humano prejudicam tanto o aspecto físico, emocional, cognitivo e comportamental, quanto os aspectos sócios ambientais. Essas sequelas são percebidas não só através de sintomas, mas também de comportamentos em diferentes gruas e intensidades nos mais diversos quadros de sofrimentos, levando em consideração a relação do indivíduo de forma intrapessoal, interpessoal, grupal, coletivo e ambiental. Gonçalves (2021), ao citar uma pesquisa realizada por Menezes (2021), discrimina algumas sequelas como,

SUMÁRIO

“sensação de medo, frustração, tédio, isolamento, angústia, solidão, intolerância, ansiedade, estresse e sintomas depressivo.”

Além destes dados o autor acima elenca outras pesquisas sobre o assunto, em que se obtém informações de outras fontes de pesquisas que confirmam aspectos similares e complementares. Como por exemplo ao citar pesquisas de outros autores como Nabuco, Oliveira e Afonso (2020), em que ambos, demonstram-se concorde nos seguintes dados referente as vivências sentidas no período de isolamento, como: ansiedade, raiva, angústia, desesperança, medo de se infectar e de morrer, medo de perder pessoas queridas, insônia, sensação de desamparo e impotência, culpa pelo adoecimento de alguém e até mesmo a vivência de um luto complicado. Esse quadro são fatores agravantes para um índice elevado de incidência que pode não só afetar a saúde mental, como gerar adoecimentos e alterar outros quadros mórbidos.

Porém de forma similar e complementar, Chagas (2022), expõe dados da Organização Mundial da Saúde - OMS, apontado pela Organização Pan Americana de Saúde (OPA), no qual mostram que no primeiro ano da pandemia da COVID-19, a ansiedade e depressão aumentou em 25% de forma global. Com esses dados deduz-se que a probabilidade de se ter números de sequelas ainda maiores, pois as sequelas podem estarem ligadas, a fatores psicológicos e ambientais diversos.

Com relação a este aos dados citados a cima, o autor diz que isto implica já de início, o quanto já se demonstrava preocupante esse crescimento, pois é como olhar por uma janela o que de fato foi uma tragédia humanitária em escala mundial, no qual deixou sequelas e danos irreparáveis e um estado de calamidade pública, países, estados e municípios, hospitais lotados e improvisados, falta de vacinas e medicamentos, mortes repentinas, o elevado índices de infectados e outros, aumentando a inda mais o estado de ansiedade e depressão.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

De acordo com estas informações já citadas, outros autores abordam outros fatores relacionado, como por exemplo destaca Rocha (2020), a “solidão do luto e do poder aquisitivo”, como algumas das principais razões de desequilíbrios mentais.

Percebe-se que os desequilíbrios não são apenas um quadro de conflitos, mas sequelas e reações que alteram os comportamentos gerando sinais patológicos, uma vez que os gatilhos podem ativar outras reações, tanto neurológicas, quanto emocionais, cognitivas e mórbidas. No tocante a essa realidade estão o agravamento dos transtornos e de outras condições mórbidas pré-existentes, que em razão disso podem desencadear problemas e sofrimentos de maior amplitude.

De encontro a esses fatores apresentado acima, a pesquisa qualitativa realizada por, Bezerra *et al.* (2022), cintando os dados de (Wang, C. *et al.*, 2020), relata que, a população chinesa, logo nas duas primeiras semanas do surto da COVID-19, 53,8% dos entrevistados classificaram o impacto psicológico como moderado ou grave. Outros 28,8% relataram sintomas de ansiedade de moderados a graves e 8,1% relataram níveis de estresse de moderado a grave.

No que toca o aspecto da ansiedade, Freitas (2021), em sua investigação apresenta de forma explicativa o conceito de ansiedade com o intuito de esclarecer sequelas advindo dessas alterações dizendo que “[...] ansiedade é um estado que exprime a experiência subjetiva do indivíduo, compreendendo um conjunto de sinais e sintomas que envolvem o campo físico, emocional, mental e existencial”.

Partindo desta perspectiva, entende-se que a ansiedade pode estar relacionada a múltiplos fatores, tantos subjetivos, quanto sociais e ambientais. Que afetam todo o organismo causando inibições ou reações comportamentais de diversas formas, levando em consideração o sistema psíquico, fisiológico, neurológico, cognitivo e motor do indivíduo.

SUMÁRIO

Similar ao supracitado Melo (2022, p. 99), confirma essa alteração no nível de ansiedade em uma pesquisa qualitativa, realizada com professores, no qual mostra que entre os professores, 38,80% dos respondentes se enquadram em um improvável quadro de ansiedade, 36,7% em um possível e outros 24,5% em um provável quadro. Com relação à depressão, 18,40% foram caracterizados como um provável quadro depressivo, 38,70% em um possível e outros 42,90% em um improvável quadro.

Com base nesta pesquisa realizada no início do período pandêmico, demonstrou informações de amostras significativas de parte de uma população afetada pela COVID-19 com alterações emocionais e comportamentais vivenciada. Tornando claro as características patológicas de possíveis quadros acentuado para a ansiedade tanto nos níveis naturais e quanto patológico conforme os sintomas característicos descritos no CID-10 (Código Internacional de doença) no qual apresenta a ansiedade como um quadro que comporta as seguintes características, “dificuldade de concentração, irritabilidade, problemas para adormecer ou para permanecer dormindo e um sono que raramente é revigorante e satisfatório, inquietação, falta de ar, taquicardia, expressão curta, tensão, dor de cabeça, náusea, tremores e outros como, sensação de aperto no peito, sudorese, pensamentos negativos, preocupação excessiva, medo incontrollável, insegurança”.

Com base nestas características descrito pelo manual, observa-se que mediante as diversas pesquisas realizadas pelos autores supracitados que essas características são semelhantes ao que as pesquisas apontam, tanto nos comportamentos, quanto reações emocionais, não só em os professores como também em alunos, cujas as características podem ser observadas embora não se tenham um diagnóstico.

Por outro lado, NABUCO *et al.* (2020, p. 3) aponta as causas que tornam vulnerável para o desenvolvimento da ansiedade e da depressão, afirmando que “a exposição direta a infecção”, pode levar

SUMÁRIO

a pessoa vivenciar, ansiedade, raiva, desesperança, medo de se infectar e de morrer, medo de perder pessoas queridas, insônia, sensação de desamparo e até mesmo, culpa pelo adoecimento de alguém.

Estas observações foram realizadas com bases nos relatos de professores referente a algumas respostas dada às pesquisas qualitativas realizada sobre o assunto. Tendo a depressão como destaque, no qual os fatores agravantes se tornaram ainda mais comum e recorrente, tendo em vista que as características são multifatoriais, conforme aponta Stopa *et al.* (2015), no qual afirma que em decorrência, destes aspectos multifatoriais e dos antecedentes/diagnósticos, a probabilidade de ocorrências dos sentimentos negativos se tornarem ainda maiores e mais complexo é recorrente.

Com isso, Gonçalves (2021, p. 73) em suas investigações trata a depressão como um “problema de saúde pública” e que seu principal sintoma estar relacionado ao comprometimento das atividades diárias. O comprometimento em desenvolver atividades de diária de rotina, se dá exatamente pelo fato de o quadro depressivo comprometer funções psicológicas, emocionais e comportamentais impedindo a pessoa realizar desde as tarefas mais simples até às mais complexas e são diversos os fatores que dificultam.

Mais ainda, outros fatores podem serem levados em consideração como indicadores de aumento neste quadro depressivo, estão os fatores externos, que vão desde a exposição às situações de riscos, como as condições de vulnerabilidades, conflitos, violências, exigências, cobranças, perda repentina de parentes mortos por conta do vírus, luto mal elaborado, adoecimento, risco de perder o emprego, sobre carga de trabalho, mudança de rotina, tempo prolongado da pandemia e outros fatores associados a que são submetidos nas situações pandêmicas, desastres e ou catástrofes.

SUMÁRIO

Por outro lado, o conceito de depressão de acordo com o DSM5 (Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais), é caracterizado como *um transtorno de humor grave, recorrente, pela duração de mínimo de duas semanas, com danos pessoais, profissionais e sociais, com sinais psicopatológicos que requerem cuidados especiais*. Partindo deste conceito é possível compreender que nem sempre é possível de serem percebidas, visto que a ajuda pode estar na procura de profissionais da área da saúde mental, que compreenda os sinais patológicos emitido pela pessoa acometida por este transtorno de humor.

Já de acordo com isso, a Organização Mundial de Saúde (OMS), diz que é, a partir dos sintomas e de suas recorrências que se torna possível ver alterações dos sinais como indicadores de possíveis quadros psicopatológicos de doenças. E o Manual apresenta a depressão como um transtorno de humor grave e recorrente com danos pessoais, sociais e profissionais.

Ligado a esses apontamentos, Freitas (2021), descreve as variedades de sintomas ou características que embasam o comportamento, os sentimentos e as vivências do indivíduo como por exemplo, “[...]humor deprimido ou irritável e interesse ou prazer diminuído em quase todas as atividades, perda ou ganho significativo de peso, insônia ou hipersonia, agitação ou retardo psicomotor, fadiga, sentimento de inutilidade, culpa excessiva, capacidade diminuída de pensar ou concentrar-se, ideação suicida, tentativa ou plano suicida.

Estes sintomas se tornam ainda mais recorrentes quando pessoas vivenciam emoções negativas fortes por conta do contato com ambientes estressores, conflitantes, traumáticas e outros. Por outro lado, Chagas (2022, p. 7, 12), traz a compreensão de que o impacto da pandemia causou sequelas de variáveis, que pode ser fatores desencadeantes de alterações depressivas como “desestabilidade emocional”, afirmando que, pessoas que antes eram consideradas emocionalmente estáveis passaram a sentir com frequência no seu cotidiano sintomas de depressão e de ansiedade.

SUMÁRIO

Ainda em continuidade o autor citado acima, ressalta ainda “o agravamento da síndrome do pânico, quadros mais severos e suicídio”, no qual o autor chama de “degradação psíquica”. É importante ressaltar que sequelas emocionais e psíquicas são tão graves quanto outras condições médicas de ordem físicas, pois a gravidade da mesma, impossibilita o indivíduo, limitando-o ou impedindo-o em diversos aspectos de exercer funções e atividades com autonomia, empenho e desempenho, tanto no âmbito pessoal, quanto no profissional.

De acordo com Melo (2022, p. 100), ao expor dados de uma pesquisa qualitativa realizado com professores universitários por Freitas *et al.* (2021), ressaltou que, “demandas excessivas de trabalho e a qualidade de vida ruim”, contribuiu para o agravamento da depressão, ansiedade e estresse, no período da COVID-19, tanto a nível de Brasil, quanto no mundo.

Levando em consideração, esta situação de desastre e vulnerabilidades pandêmica da COVID -19, as pessoas foram expostas a desenvolver potenciais gatilhos, capazes de afetar não só diretamente o indivíduo, mas também o ambiente em que se encontra, levando em consideração toda dimensão sistêmica e orgânica dos aspectos condicionais, acelerando quadros mórbidos já diagnosticados de ansiedade, depressão, transtornos, causando danos irreparáveis com sequelas emocionais, psicológicas comportamentais, cognitivas e motora, podendo muitas vezes levar à morte, ao suicídio ou outros prejuízos.

Acrescentado aos dados a cima destaca-se outras síndromes como por exemplo, a Síndrome de Burnout, já presente no contexto docente, e que se agravou ainda nesse tempo de pandemia da COVID-19, podendo ainda ser mais agravada se levar em consideração estas condições de riscos psicossociais e psicossomáticos dos transtornos e das síndromes que se fazem presente, com destaque para outros quadros de sofrimentos comum aos docentes e ao meio

SUMÁRIO

trabalhista como é o caso da Síndrome de Burnout, classificado pela CID-11, como “distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico, resultante de situações extremas, que demandam muita competitividade ou responsabilidade”.

Além do mais é preciso conhecer as características desta síndrome, tendo como base e apoio o Manual de classificação da Doença (CID-11) no qual discrimina as principais características que possibilitam conhecer e diagnosticar possíveis quadros desta síndrome como por exemplo, “sentimentos de exaustão, perda do foco ou distanciamento mental do próprio trabalho, sentimento de negativismo, com sintomas de dor de cabeça, problema no estômago, dificuldade para dormir, falta de ar, entre outros”.

Somando-se a isso, Vasconcelos *et al.* (2020 p. 4), ao analisar a ocorrência de traumas nas situações de desastres os autores acima apontam para a ocorrência ou o agravamento de traumas profundos que ocorrem perante as situações de desastres humanitários, desastres naturais, conflitos de guerra e outros, poderão comprometer a qualidade de saúde mental de forma generalizadas em decorrência dos fatos ou fenômenos já citado a cima. E ao citar Cosic K., *et al.* (2020), Vasconcelos *et al.* (2020. p. 5), afirmam que, “as consequências da pandemia revelam um grande problema para saúde mental mundial”.

Por outro lado, Bezerra *et al.* (2022, p. 7) ao citar uma pesquisa de Brooks *et al.*, 2020, diz que “o estresse gera um comportamento de reclusão e raiva” afetando a condição simbólica do indivíduo por conta da duração e da intensidade do desastre, essa grande proporção em escala mundial marcou de forma traumática irreversível em todo mundo.

AÇÕES PREVENTIVAS DE REABILITAÇÃO E CUIDADO À SAÚDE MENTAL PARA A CLASSE DOCENTE PÓS COVID-19

Com o propósito de atenuar possíveis impactos, realizar intervenções este período necessitou de ações preventiva diversas, apontadas pelas bases e contribuições teóricas de caráter de urgência correlacionado ao processo de intervenção e cuidado com a saúde mental, ainda que insuficientes e incertos em suas atuações práticas referente ao cuidado e autocuidado. Já como caráter emergencial, Noal *et al.* (2020) enfatizam o próprio distanciamento social como proposta de estratégia de combate a disseminação do vírus, redução de riscos e danos.

A princípio as urgências mais visíveis era de caráter clínico. Conforme ressaltam os autores acima, as estratégias de ações em saúde eram voltadas para os fatores de riscos clínicos com o foco na internação de paciente em situações graves, com necessidade de internação e uso de leitos. A utilização da atenção primária de saúde se dava para os casos mais graves ou de risco de morte.

Em contraponto, Noal *et al.* (2020, p. 4), chamam a atenção para o cuidado com a saúde mental, como forma de intervenção e a atenção psicossocial, referente ao cuidado e autocuidado psíquico, propondo como eixo principal de seus trabalhos a capacitação de profissionais. Segundo estes a capacitação profissional ajuda a dar respostas concreta a situações de emergência sanitária.

Devido a isso, os autores supracitados, apresentam em suas investigações um total de 20 cartilhas de orientações e recomendações, voltadas a temas públicos mais diretamente afetados pela pandemia que brotou de um trabalho coletivo e multidisciplinar com o apoio do Instituto Fiocruz e outros. As cartilhas incluíam as

SUMÁRIO

SUMÁRIO

seguintes temáticas: recomendações gerais, recomendações aos psicólogos para atendimento online, quarentena na COVID-19, violência doméstica na COVID-19, população privada de liberdade, crianças na COVID-19, povos indígenas na COVID-19, orientações aos trabalhadores da saúde e psicofármacos (NOAL, *et al.* 2020, p. 5).

Por outro lado, Coelho *et al.* (2021 p. 3), utilizou rodas de conversas para coletar dados dos docentes referentes a saúde mental, observou nos relatos que durante a pandemia, o quadro de sofrimento havia sido alterado, com base nos relatos de sentimento de raiva, angústia, exaustão com sintomas de estresse, ansiedade e depressão. Esses atendimentos possibilitaram compreender a partir da vivência do profissional suas principais queixas sobre realidades e desafios encontrados e sentidos.

Já Evangelista e Cardoso (2020, p. 2, 4), ao analisar esse contexto traumático, apresentaram em sua investigação acadêmica, uma proposta de intervenção como estratégia de ação que possibilite o cuidado de saúde mental por meios virtuais no qual acharam possível e viável, que é o serviço de acolhimento psicológico online. Os mesmos citam que, “a ruptura gera sofrimentos, e sendo ela mesma o próprio sofrimento”, no qual se agravaram ainda mais por conta dessa mudança brusca não planejada.

Sendo uma das ações online o atendimento psicoeducativo, por meio de escutas psicológica e atendimento psicológico por via online. Com essa proposta do aconselhamento por via online ou remota possibilitou o acesso rápido aos cuidados de saúde aos profissionais da docência. Essa forma de serviço remoto ou online é uma alternativa de intervenção importante visto que no atual momento da pandemia era inviável o contato físico. Esta era uma forma e um meio importante para a prática psicológica ou para os profissionais de psicologia prestarem serviços de saúde mental aos docentes e demais profissionais em condições de sofrimentos. Com destaque para a forma de “aconselhamento fenomenológico existencial de Cal Rogers”,

uma abordagem centrada na pessoa em condições de sofrimentos (EVANGELISTA e CARDOSO, 2020).

Na visão de outros autores como COELHO *et al.* (2021), os dados acadêmicos de estratégias de intervenções são importantes para o processo de formação e capacitação de profissionais, grupos e equipes através da participação em projeto de extensões docentes no qual tinha o objetivo de realizar rodas de conversas nas escolas, e divulgação de materiais psicoeducativos, referente a saúde mental. Assim como também a realização de grupos com professores por meio de encontros temáticos com base nas demandas principais apontados pelos docentes. Os mesmos, tinham como intenção promover ações que oportunizassem aos docentes um espaço de acolhimento e escuta sobre as dificuldades associadas ao contexto de trabalho na pandemia e as repercussões na saúde mental.

Nesta mesma linha, Trindade *et al.* (2022 p. 8), afirmam ser importante investir na formação e capacitação de professores, tendo como base principal o conhecimento e a criticidade para combater e superar estigmas relacionados a saúde mental de pessoas ou alunos afetados pelos fatores de desigualdades sociais que os tornam ainda mais vulneráveis às situações de sofrimentos de ordem psíquicas e outros. Os mesmos defendem uma intervenção contextualizada a especificidade de acordo com a realidade de cada região, levando em consideração as condições, socioambientais e culturais. Além disso os mesmos autores defendem a elaboração de políticas sociais voltadas para o contexto escolar, com o objetivo na qualidade de vida de toda a comunidade educativa.

Conforme a similaridade das dos dados dos autores, fica claro que o conhecimento em saúde mental para os professores é essencial para identificar fatores de riscos e proteção. Consideram importante a capacitação técnica destes profissionais visto serem atores indispensáveis, cuja, em suas relações com os discentes podem atuarem como promotores de saúde mental no ambiente

SUMÁRIO

SUMÁRIO

escolar, utilizando-se de temáticas como habilidades para a vida. Para os autores supracitado quanto mais os profissionais se apropriam de conhecimentos, mais se sentem seguros em desenvolver nas vivências e relações diárias com seus alunos, uma relação que eles chamam de habilidade de confiança. Trindade, *et al.* (2022) diz que, "o professor pode tornar-se um medidor que possibilite uma aproximação para o acesso aos serviços e tratamentos oferecidos."

Por sua vez, Oliveira *et al.* (2021, p. 3) destacam a utilização do Plano Brasileiro de Preparação Para o Enfrentamento de Pandemia elencando ações informativas e de educação em saúde, por meio das fontes de comunicação disponível e confiável emitido pelos órgãos nacionais competentes para tais informações, como os informes das cartilhas e dos vídeos disponíveis no Plano Brasileiro, descartando qualquer informação que seja Fake News, para que os problemas não se agravasse ainda mais, visto que esta falsas informações mais desinforma do que realmente forma. Para o entendimento dos autores essas informações podem servir como medidas que podem ser utilizadas no controle de uma pandemia.

Além do mais Oliveira (2021), apresentou como um projeto de intervenção que serviu como destaque, como o Projeto de Extensão Mental, que propôs para condição de bem-estar no período pandêmico, algumas dicas como:

- a. Fazer bem ao próximo participando de campanhas que pudessem salvar vidas, como por exemplo a doação de sangue;
- b. Aproveitar o tempo livre utilizando as redes sociais para ter contato ou comunicação com amigos, familiares, vizinhos, conhecidos e outros;
- c. Compartilhar conhecimento com outras pessoas;
- d. Manter o cuidado consigo mesmo para cuidar dos outros;
- e. Evitar notícias falsas;

SUMÁRIO

- f. Se colocar à disposição dos vizinhos ou dos mais vulneráveis;
- g. Sê apoio à economia solidária, ajudando os trabalhadores autônomos e comércios locais;
- h. Responsabilidade social (Oliveira, *et al.* 2021, p. 15).

Por outro lado, vale apenas ressaltar outras formas de ações e práticas realizada por Menezes (2021, p. 23), no qual apresentou a prática de lazer e atividade físicas como possíveis propostas de intervenções capazes de atenuar sofrimentos e promover a saúde para população de forma específica a saúde mental, com destaque para, a prática de poesias, cinemas, músicas, arte, teatro, exercícios ou atividades físicas em casa ou lugares fechados e ou abertos, assim como também o uso de internet, rede sociais e outros.

Conforme resalta o autor acima, o intuito dessa estratégia era otimizar o tempo, mantendo o foco em ocupações que gerasse prazer e possibilitasse condições de vida emocional e psíquica mais saudáveis e positivas. Em reforço a essa proposta, Santos *et al.* (2022, p. 4), diz que "é imprescindível a existência de um sistema de apoio coerente para os professores e de um processo de designo instrucional sistemático e profissional com uma infraestrutura técnica adequada."

O mesmo ao citar outros autores como (Birolim *et al.*, 2019) ressaltam e é importante utilizar redes de apoio que favoreçam o cuidado e a atenção a saúde mental, utilizando recursos psicossociais e sociais que atuem de forma integrada na promoção de saúde mental, fazendo desses recursos, ferramentas de proteção e suporte para o atendimento dos profissionais da educação. Esta rede de apoio torna se possível na ideia do autor como meio indispensável de amparo e suporte às pessoas que buscam atendimento tanto na área da atenção primária de saúde, quanto nas assistências psicossociais. E ainda na ideia do autor em questão, quando o mesmo coloca a rede de apoio e solidariedade como fator determinante

para o cuidado em saúde psicossocial, ressalta também a como eixo de alcance a intersetorialidade tão presente nas ações educativas em saúde presenciais.

Em paralelo ao proposto acima, Oliveira (2021, p. 16) aponta o processo de integração entre os órgãos públicos e privados como meio de estender o atendimento em saúde mental, como por exemplo a integração com as escolas, igreja, ONGs, associações de moradores e tantos outros movimentos. Com esse formato de intervenção em saúde, segundo este autor permite realizar atendimentos de forma mais ampliada e equânime por diferentes meios de atendimento com ênfase maior na utilização dos meios virtuais.

Por isso torna-se importante investir em políticas públicas em saúde que viabilize recursos para a efetivação da saúde em todas as suas instancias sociais, em que o cuidado com bem-estar integral do ser humano seja promovido e assegurado de forma sistêmica, equânime e global para todo território brasileiro. Outros estudos apontam que o Brasil tem um número significativo de pessoas e profissionais em condições de sofrimentos psíquicos. Com base nisso, Trindade *et al.* (2022, p. 2) expõe que no Brasil, registra-se um aumento crescente de casos de tentativas de suicídio, automutilação e ideação suicida, entre jovens de 15 a 29 anos (Ministério da Saúde, 2019).

Estas variabilidades acadêmicas de ações importantes, ainda é insuficiente para que se alcance de maneira mais eficaz e coerente todos os tecidos sociais afetados pela pandemia da COVID-19, que de forma ampla, igualitária e equânime favoreça todas as camadas sociais, no tocante a assistência de saúde e cuidados de atendimentos psicossociais e de forma prioritária à população em condições de vulnerabilidade profissional dos docentes. Buscando melhoria de forma interdisciplinar que favoreça, socialização, interação e aprendizagem de forma acessível e inclusiva no que toca a saúde mental.

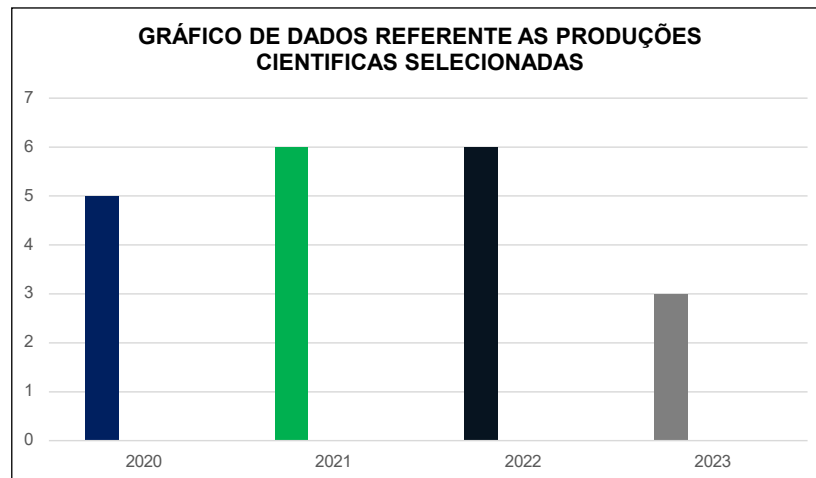
SUMÁRIO

METODOLOGIA

O presente trabalho parte de uma revisão bibliográfica da literatura tendo como respaldo metodológico a abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa não dispõe de um único conceito visto que se tem uma ampla abordagem investigativa nos possibilitando analisar fenômenos subjetivos sem uma definição única definição sendo que tem diferentes autores que divergem em seus pontos de vista sobre a mesma investigação. Conforme (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 16), ao analisar a pesquisa qualitativa dentro contexto social chega à seguinte conclusão, que “a pesquisa qualitativa pode ser entendida como umas práxis que visa a compreensão, a interpretação e a explicação de um conjunto delimitado de acontecimentos que é a resultante de múltiplas interações, dialeticamente consensuais e conflitivas, dos indivíduos, ou seja, os fenômenos sociais”

Segundo Gil (2002), para que uma pesquisa seja denominada bibliográfica é necessário que seja desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Levando em consideração o que o autor apresenta é importante ressaltar que esta sejam bases de composição de um trabalho, muitas vezes nos deparamos diante de algumas realidades que nem sempre condiz com a especificação acima como por exemplo: falta de materiais científicos produzidos de relevância sobre o tema abordado, matérias que não tem embasamentos científicos validados ou falta de instrumentos de pesquisas atualizadas sobre o assunto em questão.

RESULTADOS E DISCUSSÕES



Fonte: Próprio autor.

SUMÁRIO

Conforme os dados do gráfico, percebe-se que a quantidade de produções científicas a respeito do assunto de um ano para o outro ainda é pouca frente a complexidade do problema. No entanto é percebido uma das pesquisas de forma mais acentuada no ano de 2021 e 2022. Essa quantidade conforme aponto o gráfico é de 25% por ano. No 2020 a 2023 as produções acadêmicas escolhidas ao todo, foram de 20 artigos que serviram como base para esta discussão.

Aqui serão expostas as literaturas (artigos, periódicos dentre outros) que foram publicados entre os anos de 2020 a 2023 de forma a corroborar com a temática em questão, tendo como propósito subsidiar argumentações no que tocam a problemática do agravamento da saúde mental do professor causado pela pandemia durante e pós período da COVID-19 no contexto escolar. Neste primeiro quadro abaixo, mostram 5 produções científicas publicadas no ano de 2020, conforme pode ser observado a seguir no quadro 01 – literaturas publicadas no ano de 2020.

SUMÁRIO

TÍTULO	OBJETIVO (DO ESTUDO)	AUTOR(ES)	PERÍODICO
Distanciamento e isolamento sociais pela COVID-19 no Brasil: impactos na saúde mental	Informar e recomendar sobre saúde mental no contexto da pandemia	Rossano Cabral Lima	Revista de saúde Coletiva, v. 30, n. 2, 2020
O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental: qual o papel da atenção primária a saúde?	Reunir evidências científicas e melhores práticas de Saúde Mental e Atenção Psicossocial (SMAPS) na COVID-19	Débora da Silva Noal, Carlos Machado de Freitas, Maria Fabiana Damásio Passos, Fernanda Serpeloni, Bernardo Dolabella Melo, Michele Rocha de Araújo El Kadri, Daphne Rodrigues Pereira, Michele Souza e Souza, Nicolly Papacidero Magrin, Juliana Fernandes Kabad, Sara da Silva Meneses, Carolyne Cesar Lima, Maria de Jesus Rezende	Rev. Bras Fam Comunidade v. 15 n. 42, 2020
Impactos de uma pandemia na saúde mental: analisando o efeito causado pelo COVID-19	Investigar as implicações na saúde mental em decorrência de surtos e de pandemias, com enfoque na COVID-19	Sílvia Eutrópio Vasconcelos, Paula Eduarda Barcelos Dias, Heluma Kiister Bitencourt, João Pedro Satuf Silva de Carvalho, Erika de Almeida Santos Quadros, Mariana Melo Franco Viviani, Ana Laura Horta Nunes, Carlos Eduardo Resende Sampaio	Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 12, n. 12, 2020.
O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental: qual é o papel da Atenção Primária à Saúde?	Apresentar uma proposta para a atuação das equipes de Atenção Primária no enfrentamento ao adoecimento mental relacionado à pandemia	Guilherme Nabuco ¹ , Maria Helena Pereira Pires de Oliveira ¹ , Marcelo Pellizzaro Dias Afonso	Rev. Bras Fam Comunidade v. 15 n. 42, 2020
Aconselhamento psicológico fenomenológico-existencial online como possibilidade de atenção psicológica durante a pandemia de COVID-19	Buscar um entendimento deste momento, sob a perspectiva fenomenológico-existencial	Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista, Claudia Lins Cardoso	Perspectivas em Psicologia, Uberlândia, v. 24, n. 2, p. 129-153, 2020

Fonte: Próprio autor, 2023.

Depois dos levantamentos em plataformas digitais, foi identificado 6 produções que vão de acordo com a temática investigada conforme pode ser exposto abaixo no quadro 02 – literaturas publicadas no ano de 2021.

TÍTULO	OBJETIVO (DO ESTUDO)	AUTOR(ES)	PERIÓDICO
Impactos do distanciamento social na saúde mental dos brasileiros em decorrência da COVID-19	Analisar na literatura os impactos desse distanciamento na saúde mental dos brasileiros	Iasmin Barboza dos Santos Gonçalves	Saúde mental no século XXI: indivíduo e coletivo pandêmico, 1ª Ed, v. 2, 2021
Prevalência e fatores associados aos sintomas de depressão, ansiedade e estresse em professores universitários durante a pandemia da COVID-19	Estimar a prevalência e os fatores associados aos sintomas da depressão, ansiedade e estresse em professores universitários da área da saúde no período da pandemia da COVID-19	Ronilson Ferreira Freitas, Daniel Santos Ramos, Tahiana Ferreira Freitas, Gleydson Rocha de Souza, Éryka Jovânia Pereira, Angelina do Carmo Lessa	Rev. Bras. Saúde Matern. Infant., Recife, 21 (Supl. 1): S245-S251, fev, 2021
COVID-19: ensino remoto emergencial e saúde mental de docentes universitários	Objetivos: refletir a respeito das experiências do ensino remoto emergencial pelo corpo docente universitário e dos impactos na saúde mental desses profissionais durante a pandemia da COVID-19	Geórgia Maria Ricardo Félix dos Santos, Maria Elaine da Silva, Bernardo do Rego Belmonte	Rev. Bras. Saúde Matern. Infant., Recife, 21 (Supl. 1): S245-S251, fev, 2021
Saúde mental docente e intervenções da psicologia durante a pandemia	Discutir a necessidade de intervenções que visem à prevenção e a promoção de saúde mental dos(as) professores(as), principalmente nesse contexto	Elenise Abreu Coelho, Ana Claudia da Silva Pinto, Thais Barcelos de Pellegrini, Naiana Dapieve Patias	PSI UNISC v. 5 (2), 2021
Saúde mental e a COVID-19: intervenções virtuais de educação em saúde para o enfrentamento da pandemia	Relatar as intervenções virtuais de educação em saúde do projeto de extensão "Saúde mental e a COVID-19: informações e estratégias" como subsídios para o enfrentamento da pandemia da COVID-19	Renata Marques de Oliveira, Maria Luiza Sady Prates, Elton Junior Sady Prates, Thallisson Carlos Campos Santos, Amanda Márcia dos Santos Reinaldo	Rev. Expressa Extensão, v. 26, n. 1, 2021

Fonte: Próprio autor, 2023.

Em continuidade serão apresentadas 6 literaturas publicadas no ano de 2022 que apresentam similaridade e complementam a discussão do tema proposto, conforme apresentado no quadro 03, conforme segue abaixo:

TÍTULO	OBJETIVO (DO ESTUDO)	AUTOR(ES)	PERÍODICO
Impacto psicossocial do isolamento durante pandemia de COVID-19 na população brasileira: análise transversal preliminar	Identificar preditores de estresse psicossocial com dados recolhidos por questionário on-line nas redes sociais em abril de 2020	Carina Bandeira Bezerra, Maria Vieira de Lima Saintrain, Débora Rosana Alves Braga Flaviano da Silva Santos, Ana Ofélia Portela Lima Edla Helena Salles de Brito, Camila de Brito Pontes	Saúde Soc. São Paulo, v. 29, n. 4, 2020
Os impactos da pandemia na saúde mental da população	Análise da saúde mental da população submetida ao isolamento, quarentena e ao desemprego	Tatiane Ramos Chagas	Anima Educação, 2022
Pandemia da COVID-19, Saúde mental, Apoio social e Sentido de vida em professores	Investigar a percepção dos educadores sobre as implicações da pandemia na saúde mental atrelado ao trabalho, o sentido de vida e apoio social	Karine David Andrade Santos, Calila Mireia Pereira Caldas, Joilson Pereira da Silva	Santos, K. D. A., Caldas, C. M. P., & SILVA, J. P. DA. (2022). PANDEMIA DE COVID-19, SAÚDE MENTAL, APOIO SOCIAL E SENTIDO DE VIDA EM PROFESSORES. In Preprints SciELO. https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.3575
Intervenções psicossociais em saúde mental para professores: uma revisão narrativa	Analisar as características das intervenções conduzidas em diferentes países para aumentar o conhecimento e sensibilizar a comunidade	Magliane Soares Trindade, Adriane Xavier Arteche, Kátia Bones Rocha	Research, Society and Development, v. 11, n. 14, 2022
Indicativos de Ansiedade, Estresse e Depressão em Professores e Estudantes no Contexto da Pandemia	Identificar indicadores de ansiedade, estresse e depressão em estudantes e professores que foram infectados com a COVID-19	Heloisa Melo, Bianca Verona Mattana, Juliana Muller Rios, Thaís Cristina Gutstein Nazar	Pluralidades em Saúde Mental 2022, v. 11, n. 1, revistapsicofae-v11n1-253

Fonte: Próprio autor, 2023.

Com o intuito de tornar robusto e complementar mais este trabalho, foi realizado buscas em revistas eletrônicas com a finalidade de selecionar artigos publicados no ano de 2023 que corroboram com o processo de revisão proposto e investigado. Foi, portanto, selecionado 3 artigos no qual pode ser observado no quadro abaixo:

TÍTULO	OBJETIVO (DO ESTUDO)	AUTOR(ES)	PERIÓDICO
Reflexões sobre a saúde mental do professor: possibilidades para promover a saúde do trabalhador	Compreender os fatores que influenciam a saúde mental dos professores de cursos técnicos da saúde	Antonini, Fabiano Oliveira; Heidemann, Ivonete; Teresinha Schülter Buss; Durand, Michelle Kuntz; Souza, Jeane Barros de; Manfrini, Gisele Cristina; Rocha, Carolina Gabriele Gomes da.	Enferm Foco, v. 14, n. 54, 2023
Atuação multiprofissional na Atenção Básica em tempos de pandemia: relato de experiência	Descrever a atuação de uma equipe multiprofissional de residentes de Saúde Mental do Hospital Universitário Professor Edgard Santos, vinculado à Universidade Federal da Bahia, em uma Unidade de Saúde da Família durante a pandemia do COVID-19	Silva, Camila Pinheiro; Silva, Charilma Santos; Gama, Stephany Macêdo; Santos, Maria dos Remédios Matos; Silva, Vinícius Fernandes Frois da; Santos, Klebison Soares dos; Silva, Rosana	Revista Saúde em Redes, v. 9, n. 1, 2023
A pandemia da COVID-19 e o trabalho docente: percepções de professores de uma universidade pública no estado de São Paulo, Brasil	Compreender a percepção de professores universitários sobre os efeitos da pandemia da COVID-19 para a rotina de trabalho e para a saúde dos docentes de uma universidade pública no estado de São Paulo	Matias, Aline Bicalho; Falcão, Márcia Thereza Couto; Grossemann, Suely; Germani, Ana Claudia	Ciência e Saúde Coletiva, v. 28, n. 12, 2023

Fonte: Próprio autor, 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final deste trabalho, pode-se perceber que apesar de todos os esforços envidados, não foram apresentadas respostas concretas acerca desta problemática, isto porque, estamos percorrendo aqui quanto uma temática de natureza subjetiva e, portanto, mutável que são as emoções.

Assim como, as repercussões do período pandêmico em nossas vidas que, trata-se também de uma situação atípica, por isso, necessidade de tempo de maturação e incentivo ao desenvolvimento de mais pesquisas sobre o tema.

Diante do exposto, cabe-nos lembrar os motivos que nos motivou a necessidade pela investigação e compreensão, dos possíveis impactos e consequências causados pela pandemia da COVID-19, na saúde mental e emocional de docentes, especificamente de docentes da educação básica.

Procuramos identificar quais adaptações foram necessárias; elencar as potencialidades e desafios do ensino remoto emergencial, e ainda identificar desdobramentos e mudanças causadas na construção do currículo. Das inferências que propusemos identificar em nossos objetivos da pesquisa, indicam que existem impactos na saúde mental causados pela pandemia da COVID-19 que somatizam a outros fatores já existentes antes do período.

Nossos resultados apontam que há uma pequena, contudo, crescente quantidade de trabalhos sobre o tema e salientamos que é célere a necessidade que mais pesquisadores se debruçam sobre a temática, a fim de fomentar medidas não mais preventivas, e sim mitigadoras do que pode ser reconhecido como: mal-estar docente. Diante do exposto, pontuamos alguns elementos importantes para estudiosos e leitores da área da educação, especificamente da saúde mental e emocional docente. Primeiro da importância de uma reflexão contínua das práxis pedagógicas.

Sobre as novas relações de ensino, com a possibilidade da promoção de um processo de ensino aprendizagem mais criativo, reflexivo e dialógico. De forma que as práxis pedagógicas criativas alcancem o indivíduo de forma global e traga reflexão inclusiva sobre a necessidade do amparo psicológico e emocional, em decorrência de fatores, sentimentos, percepções pré-existentes ao advento da pandemia e potencializados com o início da mesma.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Segundo elemento, diz respeito quanto a realidade posta, com algumas fragilidades do sistema educativo, que foram expostas durante o período pandêmico, como aponta nosso estudo. Salientamos a necessidade de adotar medidas estratégicas que envolvam também a promoção da saúde mental e melhor qualidade de vida dos docentes, por parte dos gestores e do sistema educativo.

Assim, os anseios e preocupações provenientes de sanar possíveis dúvidas e questionamentos dos alunos serão correspondidos com uma maior prontidão e sentimentos de incapacidade ou frustração serão sanados entre os docentes. Isso poderá ajudar a criar ambiente saudável como promoção a saúde mental, além de propor relações inclusiva e aprendizagem colaborativa e ativa.

Com isso, percebemos a necessidade de reflexão acerca dos novos modos de educar na pandemia, em especial na presença das insuficientes estratégias político-pedagógicas que veem na transposição da escola aos aparatos digitais, muitas das quais ocorrem sem adaptações e contextualizações, o caminho para educar na pandemia (KOHAN, 2020a; MONTEIRO, 2020).

A promoção da saúde mental e do bem-estar docente, assim como, estudos mais aprofundados, precisam receber um olhar atento no intuito de acompanhar tais impactos na saúde mental e emocional dos professores, a médio e longo prazo, com a finalidade de serem delimitadas estratégias pedagógicas por parte dos que almejam promover uma educação de qualidade para a sociedade de modo geral.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Catarina Bandeira, “e Col.”. Impacto psicossocial do isolamento durante pandemia de COVID-19 na população brasileira: análise transversal preliminar. **Saúde Soc.** São Paulo, v. 29, n. 4, 2020.

CALDAS, Calila Mireia Pereira. Pandemia da COVID-19 e saúde mental do professor: um estudo a luz do sentimento da vida e apoio social. Universidade Federal de Sergipe – UFS, 2021.

CHAGAS, Tatiane Ramos. Os impactos da saúde mental da população. **Anima Educação**, 2022.

COELHO, Alenise Abreu, *et al.* Saúde mental docente e intervenções da psicologia durante a pandemia. **PSI UNISC** v. 5 (2), 2021.

DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 16 - Edvaldo Carvalho Alves e Mirian Albuquerque Aquino - **A PESQUISA QUALITATIVA: origens, desenvolvimento e utilização nas dissertações** do PPGCI/UFPB - 2008 a 2012, p. 80.

EVANGELISTA, Paulo Rodrigues Alves, *et al.* Aconselhamento psicológico fenomenológico existencial online como possibilidade de atenção psicológica durante a pandemia. **Rev. Perspectiva em Psicologia, Uberlândia**, v. 24, n. 2, 2020.

FREITAS, Ronilson Ferreira *et al.* Prevalência e fatores associados aos sintomas de depressão, ansiedade e estresse em professores universitários durante a pandemia da COVID-19. **J. Bras Psiquiatria**, v. 70, n. 4, 2021.

Gil, Antônio Carlos, 1946- Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002 - **Como Elaborar Projetos de Pesquisa** – 4ª Edição/pg. 44.

LIMA E MIOTO, 2007, **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**.

LIMA, Rossano Cabral. Distanciamento e isolamento sociais pela COVID-19 no Brasil: impactos na saúde mental. **Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, n. 2, 2020.

MELO, Heloisa e Col. Indicativo de Estresse e Depressão em Professores e Estudantes no contexto da pandemia. **Revista PsicoFAE, Pluralidades em saúde mental**, v. 11, n. 1 – 253, 2022.

MENEZES, Suzy Kamylla de Oliveira. Lazer e saúde mental em tempos de COVID-19. **LICERE**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, 2021.

SUMÁRIO

MINAYO 1994, pg. 23- Telma Cristiane Sasso de Lima e Regina Célia Tamasso Miotto - **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico:** a pesquisa bibliográfica, pg. 38.

NABUCO, Guilherme, *et al.* 2020. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental: Qual o papel da atenção primária a saúde? **Rev. Bras Fam Comunidade** v. 15 n. 42, 2020.

NOAL, Debora da Silva e col. Capacitação nacional emergencial em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19: um relato de experiência. **Saúde Debate Rio de Janeiro** v. 44 n. 4, 2020.

OLIVEIRA, Renata Marques *et al.* Saúde mental e a COVID-19: intervenções virtuais de educação em saúde para o enfrentamento da pandemia. **Rev. Expressa Extensão**, v. 26, n. 1, 2021.

RIBEIRO, Ítalo Arão Pereira e Col. Isolamento social em tempos de pandemia por COVID-19: impactos na saúde mental da população. **REVISTA ENFERMAGEM ATUAL**, v. 92, n. 30, 2020.

SANTOS, Geórgia Maria Ricardo Félix. COVID-19: ensino remoto emergencial e saúde mental de docentes universitários. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 21, n. 1, 2021.

SANTOS, Karine David Andrade, *et al.* 2022. Pandemia da COVID -19, saúde mental, apoio social e sentido de vida em professores. **SciELO Preprints**, v. 35, n. 75, 2022.

SERRA, Adriana Patrícia, *et al.* Cuidando de si e do outro: respondendo aos desafios da pandemia no contexto acadêmico. **Rev. Nugfen: Phenom. Interd / Belém**, v. 13, n. 2, 2021.

TRINDADE, Clarissa Nascimento, "e Col.". Saúde Mental do professor em tempos de pandemia. **Revista da Jornada 15ª Mostra de Projetos Comunitários, Extensão e Integradores**, v. 15 n. 15, 2021.

TRINDADE, Magliane Soares, *et al.* Intervenções psicossociais em saúde mental para professores: uma revisão narrativa. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 14, 2022.

VASCONCELOS, Silva Eutrótio, e col. Impactos de uma pandemia na saúde mental: analisando o efeito causado pela COVID-19. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 12, 2020.

*Thayronne Rennon Lima Gomes
Francisca Dacy da Silva Carvalho
Luiz Carlos Rodrigues da Silva
Lays Karyne da Silva Santos Mendes
Antônio Cleilton da Costa Sousa*

A DOCÊNCIA E SEUS DESAFIOS:

**O USO DAS TDICS NA EDUCAÇÃO
ESPECIAL/INCLUSIVA NO CONTEXTO
DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL
EM TEMPO DE PANDEMIA DA COVID-19**

INTRODUÇÃO

A pandemia da Sars-Cov-2 (COVID-19) transformou o ano de 2020 em um laboratório de medidas sanitárias e distanciamento social para conter a disseminação do vírus, modificando as maneiras com que nos relacionamos e comunicamos com outras pessoas. Neste momento de adaptação, os espaços educacionais foram os que mais sofreram transformações e ressignificações para garantir o processo de ensino-aprendizagem: o ensino remoto emergencial.

Com o reconhecimento do ensino remoto emergencial como a saída possível para a manutenção das atividades pedagógicas, rapidamente os/as professores/as precisaram adaptar-se e capacitar-se para este novo olhar sobre o ensino. Nesse contexto, o acompanhamento das atividades realizadas pelos/as professores/as que atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE) também passaram a ser mediadas pelas Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação (TDICs).

Considerando a situação hodierna de ensino, estabelecemos um paradoxo, pois os processos de ensino-aprendizagem solicitam essa interação dos/as professores/as e alunos/as com as tecnologias. Assim, Junqueira e Cecílio (2020, p. 02) afirmam que:

A realidade das tecnologias da informação se manifesta na escola e na sala de aula e tem implicações para as práticas pedagógicas. Por isso, há pertinência em se analisar o uso das tecnologias digitais na educação como forma de se apreenderem as relações dialéticas entre sociedade e sistema educacional. Nesse caso, o uso da tecnologia na educação não pode se reduzir à aplicação de técnicas via máquinas, embora isso possa acontecer, caso não haja uma reflexão sobre a finalidade do uso de recursos tecnológicos nas atividades educacionais.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Desse modo, percebemos que os usos das tecnologias precisam estar alinhados aos objetivos pedagógicos de aprendizagem. O tema da pesquisa recai sobre formação de professores/as para os usos das TDICs, evidenciando os/as professores/as de educação especial. Nesse sentido, construímos como questão problema: Como está sendo o ensino remoto para a educação especial no contexto da pandemia da COVID-19? Quais as principais dificuldades e facilidades dos professores no processo? Quais os aspectos positivos e negativos quando evidenciamos a formação para o uso das tecnologias?

Considerando as questões levantadas, este artigo tem como objetivo principal analisar a formação de professores/as para o uso das TDICs no que se refere à implementação do ensino remoto emergencial no âmbito da educação especial/Inclusiva, durante a Pandemia da COVID-19 na rede estadual de ensino do Estado do Maranhão no ano letivo de 2020.

METODOLOGIA

A pesquisa em trilha se caracteriza como um estudo qualitativo (Miles; Huberman; Saldaña, 2014) realizado entre os meses de agosto e novembro de 2020 com professores/as que atuam no Atendimento Educacional Especializado na Rede Pública Estadual de ensino do Estado do Maranhão e desenvolvem atividades no processo de ensino remoto.

Os dados foram construídos a partir da utilização de questionário online (*Google Forms*) compartilhado via rede social e contatos do pesquisador entre os dias 01 e 30 de outubro com tempo de recebimento de respostas até 31 de outubro de 2020. Foram totalizadas 60 (sessenta) respostas.

Em conformidade com a resolução CNS n. 510/16, todos/as participantes concordaram com a participação no estudo e aceitaram o termo de consentimento livre e esclarecido que inicia o questionário *on line* compartilhado, constituindo assim o aspecto ético da pesquisa.

Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo de acordo com Bardin (2011, p. 47) por ser

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O ensino remoto da rede estadual do Estado do Maranhão iniciou em 26 de março de 2020 após as orientações estabelecidas na Resolução CEE/MA nº 94 de 26/03/2020 e na Portaria nº 506 de 30/03/2020 em um esforço considerável para garantir o acompanhamento e o ensino dos estudantes da escola pública após a parada emergencial das aulas presenciais em 17 de março com duração de 15 dias pelo decreto nº 35662 de 16/03/2020 e com base nas diretrizes para as aulas remotas da Secretaria de Estado de Educação (Maranhão, 2020d).

Na modalidade ensino remoto, o ensino presencial físico (mesmos cursos, currículo, metodologias e práticas pedagógicas) é transposto para os meios digitais, em rede. O processo é centrado no conteúdo, que é ministrado pelo mesmo professor da aula presencial física. Embora haja um distanciamento geográfico, privilegia-se o compartilhamento de um mesmo tempo, ou seja, a aula ocorre

num tempo síncrono, seguindo princípios do ensino presencial. A comunicação é predominantemente bidirecional, do tipo um para muitos, no qual o professor protagoniza videoaula ou realiza uma aula expositiva por meio de sistemas de webconferência. [Assim], o Ensino Remoto de Emergência é, na realidade, um modelo de ensino temporário devido às circunstâncias desta crise. Envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas idênticas às práticas dos ambientes físicos, sendo que o objetivo principal nestas circunstâncias não é recriar um ecossistema educacional online robusto, mas sim fornecer acesso temporário e de maneira rápida durante o período de emergência ou crise (Moreira; Schlemmer, 2020, p. 09).

Nesta perícope, a proposta do ensino remoto na rede estadual se encaixa em partes nesse processo, pois há especificidades sobre a disponibilização dos conteúdos e acompanhamentos, bem como a disponibilização de material impresso, utilização das rádios e canais de TV públicos, por exemplo a TV Assembleia.

O acompanhamento dos/as alunos/as com necessidades específicas de aprendizagem assistidos pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE) também sofreu modificação para que os processos de aprendizagens ocorressem levando em consideração as normas de segurança sanitária. Para entender as formas de concretização das ações dos/as professores/as de AEE investigamos sobre a formação de professores para o uso das TDICs no que se refere à implementação do ensino remoto emergencial no âmbito da educação especial/Inclusiva, durante a Pandemia de COVID-19 na rede estadual de ensino do Estado do Maranhão no ano letivo de 2020.

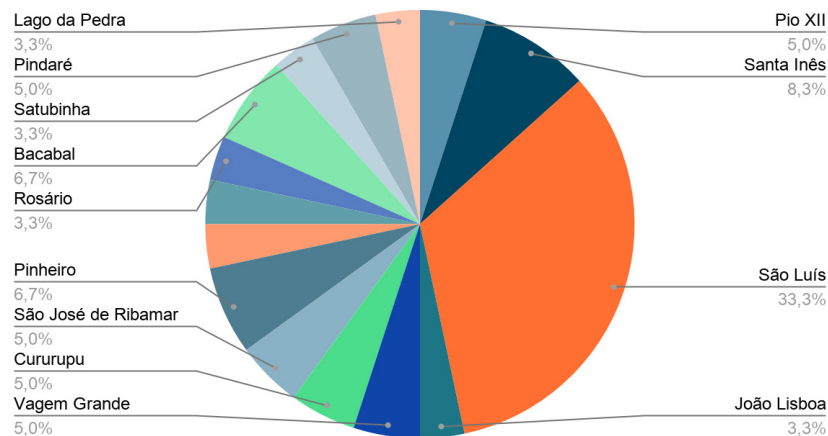
Focando neste grupo de profissionais, esta pesquisa contou com a participação de 60 professores/as via questionário online (*Google Forms*), sendo destes, 75% mulheres e 25% homens, todos/as executando atividades remotas no acompanhamento.

SUMÁRIO

Distribuídos conforme o Gráfico 1 nos Municípios de Lotação para exercerem os acompanhamentos em AEE.

Gráfico 1 - Lotação de professores/as nos Municípios (n=60)

Município de Lotação



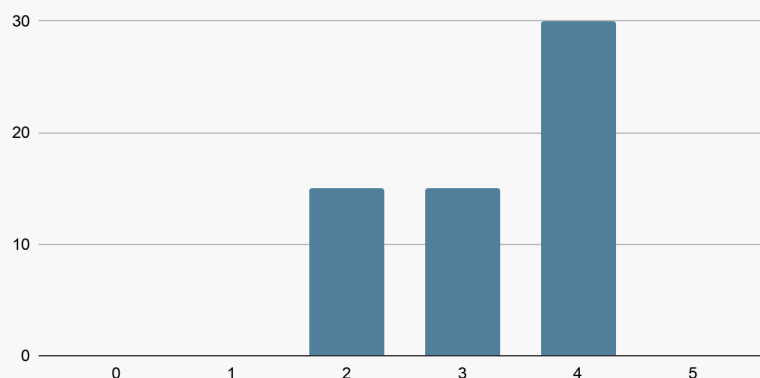
Fonte: Elaboração dos autores.

A disponibilização dos/as professores/as participantes se concentrou no Município de São Luís com 33,3% de respondentes. O questionário ficou disponível por 30 dias, o que possibilitou a participação dos/as professores/as por um período razoável.

Quando indagados sobre como avaliavam seu desempenho com as TDICs, em uma escala de zero a dez, onde zero corresponderia a não saber utilizar e dez, utilizava com muita facilidade. Metade dos professores (50%) afirmou que na escala estava no *score* 4 (próximo a utilização com facilidade), os demais se declararam na escala no *score* 3 (25%) e 2 (25%) (Ver gráfico 2).

Gráfico 2 - Avaliação do desempenho com as TDICS (n=60)

Como você avalia seu desempenho com as tecnologias digitais de informação e comunicação?



Fonte: elaboração dos autores.

SUMÁRIO

Levando em consideração que o uso das tecnologias assistivas para as ações em acompanhamento do AEE já era presente, a avaliação dos/as professores/as quanto ao seu desempenho está próxima ao uso com facilidade era esperado. Porém, o fato dos/as professores/as ainda não se sentirem seguros com uma usabilidade facilitada também é algo que nos chama a atenção.

Muito se discute sobre os usos das TDICs no ensino (Costa, 2017; Valente, 2014; Moran, 2000), especialmente quando evidenciamos a formação dos/as professores/as. A autocobrança quanto à aquisição das habilidades digitais e informacionais estão presentes, o que corrobora com a percepção dos/as participantes em não se sentirem preparados/seguros e que está relacionada com concepção de “domínio do saber” marcada no processo de ensino tradicional.

Questionados sobre as facilidades que envolvem o uso das TDICs no ensino remoto os/as professores/as argumentaram que suas vantagens estão na possibilidade de tornar os acompanhamentos mais

dinâmicos, porém é preciso pensar como ocorre a entrega do material e da produção ao/a aluno/a e vice-versa. Vejamos algumas respostas:

"Aproximam o processo relacional apesar do distanciamento físico" (Professor 5).

"Facilita o envio de atividades prontas (vídeos, conteúdos)" (Professor 20).

"Apenas no manuseio das ferramentas. Em relação ao objetivo do contato que é levar conhecimento ao aluno ainda fica muito a desejar" (Professora 60).

Nos recortes apresentados acima, percebemos que há facilidade com a utilização das TDICs como aspecto emergencial que vivemos, alguns professores/as colocaram como facilidade o *home office* e a possibilidade de usar diferentes mídias, por exemplo.

Quando nos referimos as dificuldades apresentadas na utilização das TDICs no ensino remoto, a compreensão sobre o acesso à internet, domínio das tecnologias e a participação dos/as alunos/as foram as informações que mais se destacaram. Veja alguns trechos:

"Trabalho com alunos da Educação Especial. Adaptar o uso destas ferramentas às suas necessidades e, também, às minhas necessidades enquanto professora, sem ter um conhecimento amplo sobre o funcionamento das mesmas e todas as suas possibilidades é uma grande dificuldade" (Professor 30).

"O despreparo para uso das tecnologias, a internet precária, pouco domínio de recursos de mídia" (professor 10).

"Devolutiva dos alunos, alegam dificuldades de conexão e em alguns casos falam que não possuem aparelhos com capacidade para armazenamento de dados" (Professora 15).

SUMÁRIO

SUMÁRIO

O engajamento dos/as estudantes é um outro ponto importante no processo do ensino remoto, pois a contrapartida estabelecida entre alunos/as, professores/as e responsáveis é imprescindível para o acompanhamento do processo mediado de aprendizagem. Alguns estudos (Oliveira; Souza, 2020; França Filho; Antunes; Couto, 2020; Barreto; Rocha, 2020) tem colocado em pauta as possibilidades de acesso à internet tanto de professores/as quanto de alunos/as no processo de inclusão para o ensino remoto, à medida que acrescentamos às necessidades específicas de aprendizagem o acompanhamento da família e a disponibilidade de estrutura (celular, internet, computador, recursos materiais) como elemento que está diretamente relacionado com a efetivação do processo de ensino aprendizagem.

De acordo com o IBGE (2018), o acesso à internet no Brasil está presente em 79,1 % dos lares, dos quais 99,2% acessam via celular. O que nos faz problematizar o processo de exclusão e isolamento dos/as estudantes que não conseguem acessar as plataformas escolhidas para o compartilhamento do conhecimento e da interação com a escola, desse modo o *WhatsApp* se enquadra como mais usada de acordo com 80% dos/as professores, seguido pelo *Google Classroom* (20%).

Outra dificuldade que foi pontuada pelos/as professores/as envolve o aspecto organizacional, a noção de tempo de trabalho estendido e ampliação das demandas em relação às tarefas de acompanhamento, além das interrupções no fornecimento da internet. Como podemos ver nos recortes abaixo:

"Organização de horário. Acabo trabalhando mais do que a carga horária no ensino presencial. Há dificuldade também quando ocorre a queda de Internet que inviabiliza o trabalho docente" (Professora 26).

SUMÁRIO

"Eu tenho como uma grande dificuldade não ter mais o tempo de descanso, todo tempo são informações sendo solicitadas pelo WhatsApp, seja os pais ou a gestão da escola, é como se não houvesse limite" (Professora 36).

Bridi *et al.* (2020) comentam que as rotinas de trabalho, a relação com as tarefas domésticas e os espaços de tempo de trabalho/descanso no contexto da pandemia são situações que precisam ser consideradas em relação a saúde mental e a distribuição das tarefas levando em consideração a divisão sexual do trabalho, por isso apontam a sobrecarga de mulheres que estão de *home office* com os serviços domésticos.

Quando questionados se tiveram formações/capacitações para utilizarem as TDICs, 50% dos/as professores/as afirmaram que tiveram formações e/ou capacitações. Sobre os aspectos positivos e negativos das formações os/as professores/as pontuaram que positivamente foi o conhecimento de novas ferramentas e suas possibilidades de uso, mas negativamente pontuam a formação rápida e superficial, não aprofundando as ferramentas e aplicativos apresentados.

Em relação aos/as professores/as que não vivenciaram as formações (50% dos participantes), perguntamos como construíram as habilidades para o ensino remoto a resposta preponderante foi utilizar as ferramentas/aplicativos de uso frequente e que já estavam habituados/as (70%), seguida da ajuda de terceiro na proposta de tirar dúvidas de uso (20%) e finalizando com a busca de cursos gratuitos disponíveis na internet (10%).

Levando em consideração as respostas dos/as professores/as, percebemos o movimento para a adaptação para o ensino remoto emergencial com a disponibilização de ferramentas e aplicativos de forma acelerada ou com a utilização de ferramentas que já faziam parte do cotidiano dos/as alunos/as e professores/as para garantir o início imediato das atividades pedagógicas.

SUMÁRIO

Durante os meses de isolamento/distanciamento físico, nomeados como quarentena, cresceu o número de buscas e ofertas de cursos EaD gratuitos, especialmente sobre os usos das metodologias ativas e TDICs (O Globo, 2020). O vislumbre da demanda de mercado possibilitou que empresas educacionais construíssem plataformas de ensino aumentando o acesso de pessoas ao processo de capacitação para as novas necessidades do trabalho, o que ocorreu com alguns professores/as para constituírem as habilidades tecnológicas necessárias para o ensino, mesmo que minimamente.

Alguns professores/as comentaram ainda não se sentirem habilitados com as tecnologias e por isso fazem uso das formações gratuitas disponíveis e de tutoriais que são disponibilizados no *You Tube*, como podemos perceber abaixo:

"Ainda não considero ter as habilidades necessárias. Vou pesquisando, lendo, explorando..." (professor 22).

"Eu vejo muitos cursos gratuitos, vídeos no you Tube e leio textos. É assim que venho aprendendo" (professora 41).

Quando perguntados/as sobre quais ações que realizam para fazer com que o ensino remoto aconteça, a utilização das redes sociais (*Instagram*, *WhatsApp* e *YouTube*) e das ferramentas do *Google for Education* foram as mais evidenciadas. Isso talvez se justifique devido ao alinhamento da secretaria de educação com a empresa *Google* para o fornecimento das ferramentas para o trabalho docente da rede estadual de ensino.

A visita aos domicílios também apareceu em algumas respostas dos/as professores/as como uma maneira de tornar o processo mais assertivo, principalmente no momento das entregas das atividades impressas. A comunicação constante entre professores/as e familiares também foi relatada, como podemos ver no trecho a seguir:

SUMÁRIO

"Diariamente estou em contato com meus alunos e com familiares para os incentivar a dar o suporte necessário a eles mesmo também não estando a família preparada para isto. Gravo vídeos com orientações sobre como realizar as atividades e quando me devolvem encaminho as correções a eles" (Professora 36).

Quando perguntados sobre como descrevem este momento remoto em seu processo de ensino, as falas foram polarizadas em aspectos positivos e negativos. Pois, o aspecto de inovação e de aprendizado é um elemento importante para eles/as, especialmente relacionados ao processo de saída da zona de conforto e do reinventar-se. No entanto, os olhares sobre a maneira que foi construído o percurso remoto, o fato dos/as alunos/as e professores/as não estarem preparados/as e o cansaço na execução das atividades devido a forma como a comunicação ocorre foram afirmações que alguns/mas professores/as expressam na sua avaliação.

A preocupação dos/as professores/as com o processo do ensino remoto e com as maneiras que as atividades estão sendo desenvolvidas estão no centro do debate que envolve o acesso ao conhecimento e ao ensino durante a pandemia, pois nem todos/as os/as alunos/as apresentam acesso adequado a internet e as famílias não estão preparadas para assumirem a mediação do processo seguindo as orientações dos/as professores/as.

A pouca ou quase nenhuma participação da família e a desmotivação dos/as estudantes são pontuações recorrentes nas ponderações dos/as professores/as que avaliam o processo como desgastante, mesmo existindo o trabalho coletivo com os/as professores/as da sala regular. Como podemos visualizar nos trechos abaixo:

"[O acompanhamento] está sendo desenvolvido em parceria com os professores da sala regular e da educação especial. As adaptações estão sendo realizadas para que os alunos participem de todas as aulas na modalidade remota, mas precisa empenho dos alunos" (Professor 29).

“Tem sido bem desgastante tudo isso, porque a gente não tem o retorno das famílias, parece que eles já desistiram. Mas estamos firmes na tentativa de mantê-los participando” (Professora 46).

Os apontamentos apresentados pelos/as professores/as de AEE da rede pública estadual de ensino nos possibilita pensar sobre as etapas que precisam ser modificadas para permitir que tanto os/as professores/as quanto os/as alunos/as reconheçam a participação efetiva e de qualidade no processo de ensino-aprendizagem (Oliveira; Sousa, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano letivo de 2020 tornou o uso das TDICs uma constante para que o conteúdo e acompanhamento das atividades ocorram sem tantos prejuízos ao contexto de aprendizado e de distanciamento físico. Pensar as TDICs como ação imediata e emergencial para o ensino mobilizou professores/as e gestores/as educacionais a construir novas possibilidades para garantir o acesso à educação de muitos/as estudantes.

A adaptação solicitada aos/às educadores/as em pouquíssimo tempo tornou os primeiros meses um processo de busca e aprimoramento das habilidades digitais e informacionais. As formações/capacitações ocorreram inicialmente pela proatividade dos/as docentes, mas em seguida foram constituídas formações remotas em rede sobre como construir os espaços virtuais de aprendizagem e a utilização de diversas ferramentas e plataformas, que de acordo com os/as participantes eram superficiais.

O acompanhamento das atividades pelos/as professores/as de educação especial tem sido realizado utilizando as ferramentas aprendidas, no entanto o engajamento de alunos/as e familiares tem

SUMÁRIO

sido um ponto levantado e debatido pelos/as docentes, pois a participação está reduzida e evidencia o distanciamento dos/as alunos em relação à nova proposta de condução do ensino: ensino remoto.

As experiências constituídas pelos/as professores/as durante esse processo de ensino remoto precisam ser sistematizadas e analisadas para que se possa ter um olhar amplo sobre as ações e novas possibilidades de intervenção. A pesquisa demonstrou que houve aspectos positivos e negativos no formato de ensino adotado emergencialmente e que foi fundamental problematizar as intenções refletindo como estas ocorrem nos espaços escolares públicos no Maranhão, para que as devidas modificações na condução de ensino durante a pandemia tivessem acontecido.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, A. C. F.; ROCHA, D. N. COVID-19 e Educação: Resistências, Desafios e (Im) Possibilidades. **Revista ENCANTAR – Educação, Cultura e Sociedade**. Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 1-11, 2020. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8480>. Acesso em: 15 out 2020.

BRIDI, M. A.; *et al.* **Relatório técnico-científico da pesquisa**: o trabalho remoto/home-office no contexto da pandemia COVID-19. Curitiba: UFPR, GETS, REMIR, 2020. Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/remir/images/Artigos_2020/RELATRIO_PARTE_II_TTRABALHO_REMOTO_COMPLETO_-_CANVA_1_compressed_1_compressed.pdf> Acesso em 16 out 2020.

COSTA, L. P. da. O Uso das tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) na Prática Pedagógica do Professor de Matemática do Ensino Médio. / Letícia Perez da Costa. – Curitiba, 2017. 127f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, 2017. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/49344/R%20-%20D%20-%20LETICIA%20PEREZ%20DA%20COSTA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 25 out 2020.

SUMÁRIO

IBGE. **Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2018**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101705_informativo.pdf> Acesso em 16 out 2020.

JUNQUEIRA, L. H. N.; CECÍLIO, S. **Formação de professores e as TICs**. Disponível no ambiente de aprendizagem AVA Uemanet, 2020.

MARANHÃO. (Estado). **Decreto nº 35662, de 16 de março de 2020**. São Luís, MA. Disponível em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=390834#:~:text=1%C2%BA%20Ficam%20suspensas%2C%20por%2015,Regi%C3%A3o%20Tocantina%20do%20Maranh%C3%A3o%20%2D%20UEMASUL.>>> Acesso em: 20 out 2020c.

MARANHÃO. Conselho Estadual de Educação. **Resolução nº 94 de 26 de março de 2020**. Disponível em: http://conselhodeeducacao.ma.gov.br/files/2019/10/RESOLU%C3%87%C3%830-CEE-MA-94_2020.pdf> Acesso em 15 out 2020a.

MARANHÃO. Secretaria de educação. **Orientações para o período de suspensão das atividades educacionais tendo em vista o plano de contingência e as medidas adotadas pelo governo do estado do maranhão para reduzir os riscos de contágio e a disseminação do COVID-19 (novo coronavírus) no âmbito dos estabelecimentos de ensino da rede estadual de educação do Maranhão**. Disponível em: <<https://www.educacao.ma.gov.br/files/2020/03/DIRETRIZES-AULAS-REMTAS-REDE-INTEGRAL.pdf.pdf>> Acesso em 15 out 2020d.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação. **Portaria SEDUC nº 506 de 30 de março de 2020**. Disponível em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=392146>> Acesso em 15 out 2020b.

MILES, M. B.; HUBERMAN, A. M.; SALDAÑA, J. **Qualitative Data Analysis: A Methods Sourcebook**. 3. ed. Thousand Oaks: Sage, 2014.

MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Papirus Editora, 2000

MOREIRA, José Antônio; SCHLEMMER, Eliane. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. **Revista UFG**, v. 20, 2020, p. 6-35. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438/34772>. Acesso em 14 out 2020.

O GLOBO. **Ensino a distância cresce em detrimento de cursos presenciais noturnos no Brasil.** 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/ensino-distancia-cresce-em-detrimento-de-cursos-presenciais-noturnos-no-brasil-24438651+&cd=9&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> Acesso em 05 out 2020.

OLIVEIRA, H. V.; SOUZA, F. S. Do conteúdo programático ao sistema de avaliação: Reflexões educacionais em tempos de pandemia (COVID-19). **Boletim de Conjuntura**, Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 15-24, 2020. Disponível em: <https://revista.ufrb.br/boca/article/view/OliveiraSouza/2867>. Acesso em: 15 out 2020.

VALENTE, José Armando. A Comunicação e a Educação baseada no uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. **Revista Unifeso**, n. 1, Campinas, SP. 2014. Disponível em: <<http://www.revista.unifeso.edu.br/index.php/revistaunifesohumanasesociais/article/view/17/24>> Acesso em 20 out 2020.

SUMÁRIO

Márcia Regina Pereira Bilio

Ronny Batista de Sousa

Viviane Soares Silva

Talita Maciel Teixeira

Francisco das Chagas Araújo Coelho

**ATUAÇÃO PROFISSIONAL
DO ASSISTENTE SOCIAL JUNTO
ÀS FAMÍLIAS DE PACIENTES
INTERNADOS POR COVID-19
EM UM HOSPITAL NO INTERIOR
DO MARANHÃO**

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19 no Brasil trouxe consigo profundas mudanças na forma como as pessoas vivem e organizam o trabalho, além de fazer emergir uma grave crise sanitária e de saúde pública. Em meio a este cenário, o Serviço social tem atuado de forma decisiva no enfrentamento dos problemas que afligem a população.

Em seus pressupostos éticos e técnicos-operativos o Serviço Social tem como princípio a justiça social, e a emergência em saúde pública e o agravamento das diferenças sociais trazidas pela pandemia exige que os profissionais desta área atuem de forma a garantir que as pessoas mais vulneráveis sejam protegidas, tenham garantidos seus direitos básicos e o acesso às condições e serviços de saúde necessários.

Nos estabelecimentos de saúde, a dinâmica de trabalho voltou-se para o atendimento da população, como a oferta de serviços de diagnóstico e tratamento. O contingente de profissionais foi alterado, com o afastamento daqueles que compunham o grupo de risco e a contratação de novos colaboradores, incluindo Assistentes Sociais.

Segundo as autoras Pereira e Cronemberger (2020) no âmbito hospitalar a atuação profissional do Assistente Social materializa-se pelo atendimento social aos usuários, suas famílias ou cuidadores durante o processo de internação para cuidados médicos. Esses profissionais são responsáveis por realizar a mediação entre o serviço de saúde e os enfermos, identificando as expressões da questão social e intervindo na busca por soluções a partir dos pressupostos que fundamentam sua profissão.

Diante desses apontamentos, e considerando o aumento da demanda de trabalho do Serviço Social, sobretudo em hospital com atendimento exclusivo para pacientes com COVID-19, levantou-se o seguinte questionamento: como ocorre o trabalho do Assistente Social junto às famílias desses pacientes?

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Para tentar responder a esse problema de pesquisa, o presente trabalho teve como objetivo geral: analisar, através de pesquisa de campo, as práticas de intervenção profissional do Assistente Social junto às famílias no período pandêmico do COVID-19 num Hospital de Campanha do município de Pedreiras-MA. Tendo ainda como objetivos específicos: a) descrever o contexto histórico da Saúde Pública do Brasil; b) apresentar a história do Serviço Social no Brasil; c) discutir sobre os impactos sociais da pandemia da COVID-19.

O presente estudo caracteriza-se quanto aos objetivos como pesquisa exploratória, em relação aos procedimentos como pesquisa de campo, tendo como enfoque a abordagem qualitativa. Segundo Gardano (2017) a pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com a problemática analisada. Portanto, envolve o levantamento bibliográfico prévio sobre o assunto e entrevistas com pessoas que tiveram vivência prática com o problema.

A pesquisa de campo tem por finalidade coletar, analisar e interpretar os fatos que ocorrem na realidade por meio da coleta de dados *in loco*. Na abordagem qualitativa o objetivo central da pesquisa é descrever os fenômenos observados de acordo com as subjetividades entre os sujeitos analisados e os fatos investigados (GARDANO, 2017).

A pesquisa foi realizada no Hospital Regional Dr. Kleber Carvalho Branco, hospital geral de gestão estadual localizado no município de Pedreiras -MA, junto aos profissionais Assistentes Sociais lotados na unidade hospitalar. O referido hospital presta serviços médicos de média e alta complexidade a comunidade Pedreirense e de outros municípios localizados no Maranhão. Participaram deste estudo três assistentes sociais, lotadas no local da pesquisa.

Foram incluídos apenas os profissionais assistentes sociais do local do estudo, que exerceram atividades profissionais juntos a família de pacientes internados por COVID-19. Também foi

SUMÁRIO

considerado como critério de inclusão, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (**Apêndice A**). Foram excluídos do estudo membros da equipe multiprofissionais tais como: nutricionistas, psicólogos médicos e enfermeiros e aqueles que recusaram participar da coleta de dados e/ou não assinaram o TCLE.

Os dados foram coletados a partir de uma entrevista semiestruturada, realizada a partir de um questionário (**Apêndice B**) contendo perguntas abertas e fechadas, elaborado em conformidade com os objetivos norteadores da pesquisa. Para análise e discussão dos dados levantados, as informações obtidas através da aplicação do questionário foram organizadas em sessões e analisadas confrontando-se a realidade e as situações encontradas com as proposições dos materiais bibliográficos colecionados durante a revisão da literatura.

A pesquisa foi realizada segundo os princípios e normas regulamentadoras de pesquisas humanas e sociais envolvendo seres humanos, estabelecidos na Resolução nº 510/2016 (BRASIL, 2016). As assistentes sociais entrevistadas foram esclarecidas sobre os propósitos e etapas da pesquisa mediante TCLE, tendo aceitado participar desde que garantindo o sigilo da sua identidade. Para tanto, receberam a denominação de entrevistada 01, entrevistada 02 e entrevistada 03.

Pesquisar sobre essa temática justifica-se através da sua importância, à medida que pode colaborar para elucidar os principais desafios vivenciados por esses profissionais durante a pandemia e contribuir para o aprofundamento teórico sobre a discussão da atuação do Assistente Social frente às demandas contemporâneas expressas pela questão social.

HISTÓRIA DA SAÚDE PÚBLICA DO BRASIL

PROCESSO HISTÓRICO DA SAÚDE PÚBLICA DO BRASIL

A História da Saúde Pública no Brasil sempre foi marcada por sucessivas reorganizações administrativas e diferentes normas e diretrizes organizacionais que foram surgindo ao longo do tempo. Por isso, discutir sobre a história da saúde pública no Brasil é indispensável para se compreender como atualmente as políticas públicas de saúde são estruturadas.

Alguns autores como Santos, Gabriel e Campos Mello (2011) costumam definir como marco inicial da história da saúde pública no Brasil a chegada dos portugueses. Desde a instalação da colônia até a década de 1930, as primeiras ações eram desenvolvidas sem significativa organização institucional. A partir desse período iniciou-se uma série de transformações que marcaram a criação e extinção de diversos órgãos de prevenção e controle de doenças, culminando, em 1991, com a criação da Fundação Nacional de Saúde.

Ao tratar sobre esse tema, o autor Oliveira (2012) disserta que o modelo de atenção à saúde no Brasil resultou, desde o seu início, de trocas e apropriações de experiências entre europeus, índios e africanos, particularmente no que tange à prática médica.

Com o processo de expansão marítima da Europa, iniciado nos séculos XV e XVI, ocorreu um significativo aumento na circulação de pessoas, ocasionando um novo trânsito de doenças entre territórios distintos. A chegada dos portugueses trouxe junto a peste bubônica, a cólera e a varíola, que eram frequentes entre os colonizadores europeus, e, posteriormente, com a chegada dos africanos, a filariose e a febre amarela (POLIGNANO, 2011).

SUMÁRIO

A diversidade étnico-racial, presente no Brasil desde a sua colonização, possibilitava um leque de opções de tratamentos para essas moléstias, pois os índios, os colonizadores e posteriormente os negros, eram detentores de conhecimentos próprios para lidar com as enfermidades. Essas culturas, a partir de suas experiências, ofereciam procedimentos terapêuticos peculiares para as moléstias que ocasionalmente os acometiam (POLIGNANO, 2011).

Desse modo, segundo Oliveira (2012) rezas, feitiços, plantas e ervas nativas, eram utilizados rotineiramente por pajés, na população indígena, e por curandeiros, na população negra, únicas formas de acesso à saúde para a maioria da população. Porém, esses tratamentos eram restritos somente àqueles que poderiam custear, revelando um cenário de descaso para com a saúde da população. As pessoas adoeciam e morriam em suas casas, em instituições filantrópicas ou simplesmente ao léu, como os animais (RODRIGUES, 2017).

Com a expansão da colonização, os empreendimentos comerciais passaram a ser ameaçados pelas doenças transmissíveis endêmicas e epidêmicas, sendo raros os médicos que atuavam junto à população. Em meados do século XVII houve uma epidemia de sarampo, abalando a economia colonial. Depois desse fato, as epidemias passaram a receber a atenção dos governantes, principalmente em razão dos prejuízos causados à política econômica, pois os navios estrangeiros passaram a evitar os portos brasileiros com medo do contágio (BENTO; SANTOS, 2015).

A partir disso as primeiras ações de saúde pública no Brasil colônia foram se estruturando através da proteção e saneamento das cidades, principalmente as que tinham porto. Além disso, passou-se a estabelecer controle e observação das doenças e doentes, promovendo uma prática mais eficaz no controle das enfermidades. Para a autora Oliveira (2012) essas ações denotam apenas a preocupação com a saúde da cidade e dos produtos que eram comercializados,

SUMÁRIO

pois a assistência ao trabalhador se resumia na prática de isolá-lo em quarentena, para evitar a propagação das doenças.

Em 1808, a chegada da família Real ao Brasil ocorreu no mesmo período que o mundo científico evoluía, inclusive na área médica. A medicina vivenciava importantes avanços no estudo da anatomia e na descoberta do microscópio, que precedeu a revolução pasteuriana. Nesse contexto, os primeiros passos da medicina tropical foram dados, com a criação da Faculdade de Medicina em Salvador e no Rio de Janeiro, cidades portuárias que recebiam o maior número de navios (BENCHIMOL, 2018).

Diante da Proclamação da República em 1889, ocorreu a chamada normalização médica, que regulamentou o ensino e a prática médica, em conformidade com o modelo europeu. Esse fato resultou no maior controle sobre as práticas populares para o tratamento de doenças, com a substituição gradual dos religiosos das direções dos hospitais gerais, e na construção de hospitais públicos para atender doenças consideradas maléficas à população, como as desordens mentais, a tuberculose e a hanseníase (TELAROLLI JUNIOR, 2016).

Com o avançar dos anos, as iniciativas de saneamento e urbanização foram seguidas de ações específicas na saúde, sobretudo no combate a algumas doenças epidêmicas, tendo Oswaldo Cruz à frente dos trabalhos. Nessa época nasceu um “código sanitário” que previa a desinfecção dos ambientes públicos, médicos e domicílios, o fechamento de edificações e repartições consideradas nocivas à saúde pública, a notificação permanente dos casos de febre amarela, varíola e peste bubônica, e a atuação da polícia sanitária (OLIVEIRA, 2012).

Os serviços de saúde passaram a se organizar conforme o modelo campanhista, com inspiração bélica, para combater as epidemias. Para desinfetar, percorriam as ruas e visitavam casas, promovendo a queima de roupas e colchões. A polícia sanitária exigia

reformas, interditaram prédios e removiam doentes. Constava ainda nessa estratégia sanitária, a campanha de vacinação obrigatória (COSTA SILVA *et al.*, 2010).

Com o processo de redemocratização da saúde pública no Brasil, a partir da década de setenta, os serviços médicos passaram a assumir um sentido mais abrangente, resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade e acesso a serviços de saúde (OLIVEIRA, 2012), como será discutido na seção sobre a reforma sanitária a seguir apresentada.

A partir da leitura dos dados apresentados até aqui, é possível perceber que as atuais políticas públicas de saúde no Brasil são fruto de uma longa jornada histórica, em que a população em geral sempre enfrentou sérias dificuldades no atendimento. O SUS, como será discutido nas próximas seções, é uma tentativa de resposta aos entraves do nosso país.

SUMÁRIO

REFORMA SANITÁRIA BRASILEIRA

A definição do termo “Reforma Sanitária” não é única, sendo utilizado para designar as mais variadas experiências de reformulação normativa e institucional no âmbito da assistência à saúde dos cidadãos. Em diversos países pelo mundo, a reforma sanitária foi o resultado de um conjunto de alterações estruturais realizadas na área da saúde, quando a falta de condições de saneamento e a baixa qualidade na prestação dos serviços, entre tantos outros, eram enfrentados pela população (COHN, 2018).

No Brasil, a premissa do movimento pela reforma sanitária enxergava a saúde não como uma questão a ser resolvida pelos serviços médicos, mas como uma questão social e política a ser abordada no espaço público. Assim, a necessidade de reformular os sistemas

de serviços de saúde impulsionou a abertura de discussões, dando início ao que se chamou de reforma sanitária (OLIVEIRA, 2012).

A análise da Reforma Sanitária Brasileira, enquanto fenômeno sócio-histórico, possibilita distintas abordagens teórico-metodológicas de acordo com a definição que se estabelece para esse fenômeno. Assim, o autor Paim (2017) define tal reforma como política pública de saúde inserida nas prerrogativas da proteção social, caracterizada pelo rearranjo setorial ou reforma social que expressa relações entre saúde e a estrutura da sociedade.

Segundo Osmo e Schraiber (2015), a Reforma Sanitária revolucionou o modo de produzir saúde no País, ao propor um novo formato de acesso à saúde, bem como, uma nova forma de avaliar a situação de saúde de cada indivíduo. A evolução político-social, econômica e as políticas de saúde estão inter-relacionadas, sendo inconcebível isolá-las e imprescindível contextualizá-las no período.

A partir do fim da década de 1960 e toda a década seguinte ocorreram diversas discussões teóricas referentes à relação sociedade-saúde. Teóricos do campo das ciências humanas tiveram influência direta nesses debates, estimulando a ampliação do conceito do processo saúde-doença como resultante de fatores biológicos, entretanto, intimamente ligado às questões sociais (OSMO; SCHRAIBER, 2018).

Entre os anos 1967 e 1977 o Brasil passava por uma luta contra a ditadura militar. Nesse período, o país teve sua história marcada pelo autoritarismo, a violência e a repressão em detrimento a liberdade individual e o acesso aos serviços e bens públicos. Em resposta a esse sistema instalado iniciaram-se manifestações e reivindicações por uma reforma que trouxesse uma maior democratização para a vida social e coletiva, de forma que também implicasse na reestruturação do Estado, com impacto nas necessidades básicas do ser humano, como o acesso aos serviços de saúde (GASPARI, 2014).

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Nesse contexto, o movimento da Reforma Sanitária emergiu na década de 1970. A expressão foi usada para se referir ao conjunto de ideias relacionadas às mudanças e transformações necessárias na área da saúde. Essas mudanças não abarcavam apenas o sistema, mas todo o setor saúde, em busca da melhoria das condições de vida da população (FLEURY, 2018).

Diversos grupos e categorias profissionais, incluindo médicos, cientistas e intelectuais, preocupados com a organização da saúde pública passaram então a desenvolver teses e integrar discussões políticas sobre a organização dos serviços de saúde no país e qualidade de vida da população. Este processo teve como marco institucional a 8ª Conferência Nacional de Saúde, realizada em 1986 (LACAZ *et al.*, 2020).

Durante todo o processo de remodelamento da organização da saúde, várias correntes se juntaram em prol de novas propostas de organização dos serviços. O movimento estudantil teve um papel fundamental na propagação de novas ideias e fez com que diversos jovens estudantes comesçassem a incorporar novas formas de definir e estruturar o setor de saúde pública no Brasil (COHN, 2018).

As Semanas de Estudos sobre Saúde Comunitária, realizadas pela primeira vez em 1974, e os Encontros Científicos dos Estudantes de Medicina, em especial os realizados entre 1976 e 1978, foram importantes nesse sentido, por serem espaços praticamente ignorados pela repressão militar, que não identificava o caráter político de suas discussões.

Destacam-se ainda nesse processo de reforma sanitária os médicos residentes, que na época trabalhavam de forma informal, sem direitos trabalhistas assegurados e com uma carga horária excessiva; as primeiras greves realizadas depois de 1968; e os sindicatos médicos, que também estavam em fase de reformulação.

SUMÁRIO

A criação do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (Cebes), em 1976, também é importante um marco na luta pela reforma sanitária. A entidade surgiu com o propósito de lutar pela democracia, de ser espaço de divulgação do movimento sanitário, e reunir pessoas que já pensavam dessa forma e realizavam projetos inovadores (COHN, 2018).

Ao desenrolar da história, nos anos 80 o Brasil ficou marcado pela grave problemática que assolou sua economia por consequências de uma grande crise a nível mundial. Somada a essa crise, a população atravessa dificuldades referentes a questões políticas em consequência do Regime Militar que vigorava naquela época, caracterizado sobretudo pelo aumento das desigualdades sociais e piora das condições de saúde da população (SOUSA, 2014).

A partir desse contexto, diversos profissionais e militantes da saúde se propuseram a pensar em um sistema de saúde que mudasse o cenário da época. Então, fruto de muitas lutas o projeto da Reforma Sanitária efetivou-se na 8ª Conferência Nacional de Saúde, ocorrida em 1986. A partir desse evento discutiu-se a criação de um sistema de saúde de amplo acesso e totalmente gratuito, o que de fato culminaria no surgimento do SUS (GASPARI, 2014).

Com o fim da ditadura militar, o movimento de reforma avançou com a estruturação e implementação das suas propostas. Assim, os propositores da reforma sanitária organizaram de forma articulada um documento chamado Saúde e Democracia, que foi enviado ao Legislativo, caracterizando-se como um grande marco para a saúde pública no Brasil (OSMO; SCHRAIBER, 2015). As propostas da Reforma Sanitária resultaram, finalmente, na universalidade do direito à saúde, oficializado com a Constituição Federal de 1988 e a criação do Sistema Único de Saúde (SUS). Essa nova abordagem se torna conhecimento relevante, reconhecido academicamente, difundido e propagado.

Como vislumbrado na discussão que compõe essa seção, à luta pela participação social e o direito à democracia e a saúde coletiva emergiu do movimento sanitarista. A partir dessa expressão de luta por um sistema de saúde gratuito e de qualidade houve diversas conquistas para toda a população brasileira, principalmente a partir da Constituição Federal de 1988, com a criação do SUS, como discutido a seguir.

SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

Como demonstrado na seção anterior, a partir da década de 1970 surgiu o movimento sanitário, que defendia a reforma do sistema de saúde. Segundo Viacava *et al.* (2018) a reforma sanitária promoveu a mudança da abordagem do processo saúde-doença, que passou a considerar não apenas os aspectos biológicos como determinante do adoecimento, considerando também aspectos socioeconômicos e políticos na distribuição desigual das doenças.

A partir dessa visão o Estado passou a ter um papel importante na promoção de saúde, na regulação do sistema e na oferta de serviços. Porém, para sua efetivação, era necessário um processo de democratização do acesso à saúde e a reestruturação do sistema.

Em 1988, foi então promulgado a atual Constituição Federal (CF), e o acesso à saúde, através de um Sistema Único, passou a ser um direito social. Posteriormente, a Lei nº 8.080/90, por sua vez, passou a instituir o Sistema Único de Saúde (SUS), tendo como principais princípios e diretrizes: universalidade de acesso em todos os níveis de assistência à saúde; igualdade na assistência, sem preconceitos e privilégio de qualquer gênero; integralidade da assistência; participação da comunidade; e descentralização político-administrativa.

Ainda no ano de 1990, a Lei nº 8.142, entre outras providências, definiu a participação da comunidade na gestão do SUS,

SUMÁRIO

prevendo as Conferências e os Conselhos de Saúde, o que ratificou a defesa de participação social proposta pela Reforma Sanitária. A participação social é assegurada em foros institucionais. Os Conselhos de Saúde, que incluem o Conselho Nacional de Saúde, o Conselho Estadual de Saúde e o Conselho Municipal de Saúde, são compostos de forma paritária por representantes do governo, dos profissionais de saúde, dos prestadores de serviços (50%) e dos usuários (50%) (COELHO, 2012).

Um aspecto importante definido na CF, é que mesmo o SUS ofertando ações e os serviços públicos de saúde organizados de forma integrada, regionalizada e hierarquizada, também considera que a assistência à saúde seja livre à iniciativa privada. Além disso, definiu-se que quando as disponibilidades de recursos próprios não fossem suficientes para garantir a cobertura assistencial à população de uma determinada área, o SUS poderia recorrer, por contratos e convênios, aos serviços prestados pela iniciativa privada (BERTOTTI; PIVETTA, 2018).

O SUS é um sistema descentralizado e opera sob responsabilidade das três esferas de governo, que compartilham também o financiamento de sua operação. O SUS tem direção única em cada esfera de governo, ou seja, embora conceitualmente uno, porque informado pelos mesmos princípios e diretrizes na União, nos estados, no Distrito Federal e nos municípios – deve ser operado, em cada uma dessas esferas de governo, segundo os interesses e peculiaridades de cada uma das entidades estatais (SANTOS; CAMPOS, 2015).

A definição de responsabilidades de cada nível de governo em relação ao SUS está estabelecida na legislação infraconstitucional e sua efetivação vem sendo construída, desde sua criação em 1988, de forma gradual. Segundo Marques, Piola e Carrilo Roa (2016) observa-se que a esfera municipal é a principal responsável pela provisão das ações e serviços de saúde, especialmente pela atenção básica à saúde.

SUMÁRIO

A esfera estadual, por sua vez, tem sido responsável pela organização de redes regionais resolutivas, em seu âmbito, pela cooperação técnica e financeira aos municípios e também atua, em caráter complementar, na provisão de serviços, principalmente no tocante a serviços de média e alta complexidade (MARQUES; PIOLA; CARRILO ROA, 2016).

A esfera federal, por intermédio do Ministério da Saúde (MS), coordena, em âmbito nacional o SUS e tem sob seu encargo, além da formulação da política nacional de saúde e da cooperação técnica aos níveis subnacionais em sua implementação, a regulação do sistema público e das atividades em espaços privados em saúde (MARQUES; PIOLA; CARRILO ROA, 2016).

Ainda, segundo Miranda, Mendes e Silva a esfera federativa é responsável o registro e controle da qualidade de medicamentos e da qualidade sanitária dos produtos, procedimentos e substâncias de interesse para a saúde; a vigilância sanitária aeroportuária; a formulação e condução da política nacional de produção de insumos e equipamentos e da política nacional de sangue e hemoderivados.

A Emenda Constitucional nº 95/2016, que restringe os gastos públicos pelos próximos 20 anos é um dos principais desafios que o SUS enfrentará ao longo da sua futura trajetória. Segundo Mariano (2019) o SUS enfrentará o desafio de garantir e ampliar a atenção à saúde num contexto de limitação e restrição de recursos. Para a autora isso representa uma grande dificuldade para o cotidiano dos serviços de saúde.

Sobre os aspectos que marcam a evolução do SUS ao longo dos anos, Viacava *et al.* (2018) aponta que a oferta de estabelecimentos de saúde aumentou e se diversificou de maneira considerável entre o início da década de 1980 e os anos atuais, com destaque para os postos de saúde públicos e as clínicas e unidades de serviço e apoio diagnóstico privadas.

SUMÁRIO

Os autores Carvalho *et al.* (2016) apontam também que houve um aumento relevante e sustentável do número de profissionais de saúde no país. Também é notável a multiplicação dos diversos profissionais no âmbito da Atenção Básica, que se expandiu consideravelmente nos últimos anos, sendo que a grande maioria dos médicos e enfermeiros ainda mantém vínculos com o SUS.

Em relação ao acesso aos serviços de saúde, Viacava *et al.* (2019) aponta que houve ampliação significativa do acesso desde a criação do SUS, possivelmente relacionada ao aumento da oferta de serviços e recursos humanos em saúde, bem como uma diversificação das carreiras profissionais. Porém, o autor aponta que a análise do acesso, oferta e uso de serviços de saúde necessita ser complementada com avaliações sobre a qualidade do cuidado ofertado.

A partir das informações apresentadas anteriormente, e considerando as proposições da cartilha SUS: a saúde do Brasil (BRASIL, 2011) pode-se dizer que o SUS não é apenas um equipamento social que garante a assistência médico-hospitalar. É também responsável por desenvolver, nas cidades, no interior, nas fronteiras, portos e aeroportos, outras ações importantes como a prevenção, a vacinação e o controle das doenças.

O SUS é ainda responsável pela vigilância permanente das condições sanitárias e saneamento dos ambientes, pela segurança do trabalho, pela higiene dos estabelecimentos e serviços. É ele que regula o registro de medicamentos, insumos e equipamentos, controla a qualidade dos alimentos e sua manipulação, além de normalizar serviços e definir padrões para garantir maior proteção à saúde (BRASIL, 2011).

Ao longo da discussão sobre o SUS, nota-se que desde a sua criação até os dias atuais, o sistema passou por importantes mudanças na atenção à saúde da população. A ampliação da oferta de serviços e profissionais vinculados ao SUS e das possibilidades de acesso às mudanças nos padrões de utilização estão entre os principais elementos que variaram ao longo das décadas.

PANDEMIA POR COVID-19 NO BRASIL E O SERVIÇO SOCIAL: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em dezembro de 2019 uma nova enfermidade foi identificada na província de Wuhan, na China. Os primeiros casos foram observados especificamente num grupo de pacientes que apresentavam uma forma não identificada de pneumonia viral (GORBALENYA; BAKER; BARIC, 2020).

Em janeiro de 2020, as autoridades chinesas anunciaram se tratar de uma infecção causada por um novo tipo de coronavírus, levando a Organização Mundial da Saúde (OMS) a declarar o surto da doença como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020). Cabe destacar que essa foi a sexta vez na história que uma Emergência de Saúde Pública de importância internacional foi declarada.

Após a análise do líquido broncoalveolar dos pacientes enfermos com a pneumonia viral, o isolado das amostras biológicas revelou que o agente etiológico se tratava de um novo vírus que pertence ao Gênero Beta coronavírus, que foi denominado de denominado de SARS-CoV-2. A doença provocada pelo vírus foi denominada de *Coronavírus Disease 2019* (COVID-19) (GORBALENYA; BAKER; BARIC, 2020; WAN, 2020).

Em 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou como estado de pandemia o surto da doença, que se espalhou por todos os continentes do mundo. De acordo com a OMS, o termo pandemia não se limita apenas à letalidade de uma doença, mas refere-se principalmente à sua distribuição geográfica (WHO, 2020).

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Uma pandemia pode ser compreendida a partir de uma visão epidemiológica, indicando que muitos surtos estão acontecendo ao mesmo tempo e espalhados em diferentes áreas geográficas. Porém, é importante ressaltar que esses surtos não acontecem de forma igual, podendo apresentar intensidades, qualidades e formas de agravo distintas, estabelecendo relações com as condições socioeconômicas, ambientais, culturais e coletivas do local onde ocorrem (MATTA *et al.* 2021).

Para as ciências humanas e sociais, a progressão, o comportamento, e as respostas dadas à COVID-19 no cenário de pandemia representam um motivo de grande preocupação, pois além dos impactos aos sistemas de saúde, implicam em prejuízos no processo de produção e reprodução das relações sociais, repercutindo nas múltiplas e complexas determinantes da questão social (MASCARO, 2020).

Na visão do autor Mascaro (2020) a pandemia da COVID-19 não pode ser limitada apenas às explicações biológicas de transmissão e disseminação do novo coronavírus. No contexto social, uma pandemia também pode ser contextualizada diante do processo sócio-histórico da época em que ocorreu. O cenário vivenciado desde 2020, segundo o autor, é um agravante da crise capitalista em sua totalidade e contradições.

O Conselho Federal de Serviço Social a pandemia compreende uma crise de ordem sanitária que se acresce à crise do capital, que acelerou e expôs as desigualdades estruturais ao redor do mundo, assim como as dificuldades de atendimento às necessidades da população com o recorrente desmonte e desfinanciamento das políticas sociais pelo projeto neoliberal (CFESS, 2020).

No curso da pandemia o Brasil foi considerado o epicentro da COVID-19. O governo brasileiro da época demonstrou intenso desprezo pela vida da população, e os efeitos das ações e omissões

SUMÁRIO

para o enfrentamento da pandemia no país tomaram uma gravidade quase incontrolável, afetando diretamente os segmentos mais vulnerabilizados.

Sobre esses apontamentos, os autores Bueno, Souto e Matta (2021) dissertam que a pandemia da COVID-19 trouxe à tona desigualdades sociais que já existiam, mas que eram esquecidas e muitas vezes não vistas. Como se sabe as populações vulnerabilizadas são, comprovadamente, afetadas de forma negativa em situações de calamidade. Segundo os autores, as diferenças no enfrentamento da pandemia entre esse grupo se expressam na maior exposição ao vírus, na falta de acesso ao diagnóstico e tratamento, na ausência de acesso à moradia adequada, tecnologias, saneamento e alimentação apropriados.

Corroborando com essas inferências Cavalcante (2021) afirma que no Brasil a pandemia da COVID-19 encontrou uma crise sanitária já existente há vários anos e que se agravou com as medidas negacionistas adotadas pelo governo Bolsonaro (2019 - 2022). Dessa forma, o “colapso da saúde” passou a ser uma realidade presente em todo território nacional, com implicações diretas para o Serviço Social que passou a fazer parte da linha de frente de combate à doença.

Segundo a autora Marques (2022), a forma como o governo tratou a pandemia demonstrou como o Brasil não superou a herança colonial, escravocrata e do patriarcalismo, acentuando a desigualdade estrutural no contexto da COVID-19. Os impactos e os agravamentos da pandemia ocorrem de formas distintas e as vulnerabilidades dos indivíduos e coletividades também são diferentes, considerando-se as dimensões étnico-raciais, de gênero e de classe social.

De acordo com Toledo (2020) a atuação do Estado deveria ter ocorrido de forma urgente para frear os avanços da COVID-19.

Nas palavras do autor, durante uma pandemia o governo e suas autarquias, como parcela garantidora dos direitos dos cidadãos, deveriam garantir condições de moradia, alimentação, educação, trabalho e acesso aos serviços de saúde para todos.

Porém, a conjuntura vivenciada pela população resumiu-se em precarização das condições de moradia, aumento do desemprego, a falta de saneamento básico, expansão da violência, crescimento do número de pessoas em situação de insegurança alimentar e a devastação da doença causada pelo coronavírus. Os dados de óbitos em decorrência da COVID-19 crescem todos os dias em decorrência das mortes diárias de pessoas. E isso reflete mais que uma dimensão quantitativa, pois tais números expressam fenômenos concretos, objetivos e subjetivos da questão social, atingindo os indivíduos e a coletividade, definindo a ausência e a inadequação da atuação do Estado frente a situações críticas.

A partir da aplicação do questionário e com base nas análises realizadas, os resultados foram organizados em três sessões, que são apresentadas a seguir: a) caracterização do perfil sociodemográfico e econômico das entrevistadas; b) aspectos ocupacionais; c) demandas de trabalho durante a pandemia.

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E ECONÔMICO DAS ENTREVISTAS

Em relação as características sociodemográficas e econômicas das entrevistadas, constatou-se que todas as participantes do estudo eram do sexo feminino, pardas, de religião católica e residentes em zona urbana, com idade entre 34 e 42 anos. Demais características investigadas são apresentadas no **Quadro 1**.

SUMÁRIO

Quadro 1 - Caracterização sociodemográfica e econômica das entrevistadas

Características sociodemográficas e econômicas	Entrevistada 01	Entrevistada 02	Entrevistada 03
Idade	42	41	34
Sexo	Feminino		
Cor ou raça	Parda		
Estado civil	Solteira	Separada	Casada
Religião	Católica		
Região de moradia	Zona urbana		
Com quem reside	Pais	Filhos	Marido e filhas
Nº moradores da residência	02	03	04
Presença de moradores <18 anos	Não	Sim	
Renda familiar	R\$ 3.636	R\$ 2.260	R\$ 6.500

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

O último levantamento do Conselho Federal de Serviço Social (CFESS, 2022) que investigou o perfil de Assistentes Sociais no Brasil identificou que no Brasil até o ano de 2019 haviam 44.212 profissionais Assistentes Sociais em atividade. Desses, a maioria, 41.083 (92,92%) se identificam com o gênero feminino, coadunando-se com os resultados deste estudo, no qual todas as entrevistadas apontaram ser do sexo feminino.

Dentre as Unidades da Federação, o Maranhão alcançou um número de 95,06% (n=1.386) de profissionais do sexo feminino, ficando à frente de Estados como Rio Grande do Sul (94,69%), Espírito Santo (94,61%) e Amazonas (94,49%) (CFESS, 2022).

SUMÁRIO

Ao analisar o processo de trabalho do Serviço Social em um hospital distrital do Ceará, a autora Ribeiro (2014) também encontrou predominância de Assistentes Sociais do sexo feminino na sua amostra, como neste estudo, e faixa etária variando entre 30 e 50 anos.

Em relação a essa constatação, têm-se observado tendência histórica da profissão de predominância de profissionais do sexo feminino. No levantamento anterior realizado pelo CFESS no ano de 2004 o percentual de profissionais do sexo feminino foi de 97% (CFESS, 2005). Sobre esse aspecto, no contexto da pandemia da COVID-19, os autores Bueno, Souto e Matta (2021), destacam a significativa presença feminina na força de trabalho em saúde para o enfrentamento da doença.

Sobre a pertença étnico-racial, o levantamento do CFESS (2022) identificou que 37,58% (n=16.615) dos Assistentes Sociais no Brasil se identificam com cor/raça parda, com predominância de 46,98% (n=20.771) de brancos. Esses dados são similares proporcionalmente em relação ao levantamento do último Censo Demográfico brasileiro realizado, que apontou uma população autodeclarada parda no país de 43,42% e 47,51% de brancos (IBGE, 2011).

O próprio CFESS aponta em seu levantamento que esse dado é interessante, porque no Brasil, o acesso ao ensino superior é ainda restrito para população geral, com maior prevalência de pessoas da cor branca com mais oportunidades de acesso ao ensino superior (CFESS, 2022).

Quanto ao vínculo religioso, o levantamento do CFESS revela predomínio no Brasil de 49,65% (n=21.592) Assistentes Sociais da religião católica. Em relação ao estado civil, 45,09% (n=19.935) dos profissionais indicaram ser casados, 37,885 (n= 16.746) solteiros e 1,41% (n=623) separados, que é uma condição em que o casamento foi rompido, porém não de forma definitiva como ocorre no divórcio. Neste estudo todas as entrevistadas apontaram pertencer a religião católica. Em relação ao estado civil, as participantes responderam de maneira diversa.

ASPECTOS OCUPACIONAIS

Em relação aos aspectos ocupacionais, a entrevistadas responderam ter entre 09 e 13 anos de formadas, todas são pós-graduadas, com especializações variadas, possuem tempo de trabalho na área variando entre 06 e 09 anos, exercem suas atividades laborais nos turnos diurnos e noturnos, demonstraram satisfação com a remuneração entre regular e muito bom, sendo que apenas uma não possui outro vínculo empregatício.

Quadro 2 - Aspectos ocupacionais e laborais das entrevistadas.

Aspectos ocupacionais	Entrevistada 01	Entrevistada 02	Entrevistada 03
Tempo de formação	13 anos	09 anos	10 anos
Curso de pós-graduação	Saúde da Família	Elaboração de Projetos Sociais	Saúde Pública
Tempo de exercício profissional	08 anos	09 anos	09 anos
Turno de trabalho	Diurno/Noturno		
Quantidade de vínculos empregatícios	02	01	01
Satisfação com o salário	Muito bom	Regular	Regular

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Como constatado, a maioria das entrevistadas possuem jornada de trabalho dupla, e isso sem considerar as atividades domésticas e os cuidados com a família. Segundo Silva *et al.* (2020) essa característica é comum entre a profissão do assistente social, principalmente por esta ser formada em sua maioria por mulheres. De acordo com os autores, apesar das lutas fundamentais e históricas do movimento feminista, as mulheres ainda se encontram na posição de responsável e cuidadora da família, tendo que aumentar sua jornada de trabalho.

Portanto, provavelmente há uma sobrecarga entre as profissionais com mais de um vínculo empregatício, a partir do momento que além de suas atividades como assistentes sociais, também administram seus lares, atendendo filhos e demais familiares, podendo causar-lhes prejuízos físicos, emocionais e econômicos.

DEMANDAS DE TRABALHO DURANTE A PANDEMIA

Em relação às perguntas da Sessão 02 do questionário, que tratam sobre as demandas durante a pandemia, quando questionadas no quesito nº 18 sobre quais foram os principais desafios no exercício da profissão durante a pandemia, as entrevistadas responderam que:

Entrevistada 01: “Está diante de um vírus mortal, com o colapso das redes públicas e privadas das redes de saúde pelo grande número de casos foi um grande desafio. Além disso, estar junto à equipe no momento de informar os óbitos foi outra grande dificuldade”.

Entrevistada 02: “O desafio maior foi a proibição dos familiares terem contato físico com os pacientes, quando eles passavam por momentos de angústia e medo, apesar de todos os trabalhadores da equipe multiprofissional estarem unidos”.

Entrevistada 03: “Isolamento, pessoas deixando seus familiares sem saber se iriam rever-se novamente”.

A incerteza diante da patogenicidade de um vírus pouco conhecido e seus desdobramentos sobre os sistemas de saúde, o isolamento social e o grande número de óbitos são aflições bem claras nas respostas das entrevistadas, como pode ser vislumbrado acima.

SUMÁRIO

Sobre os desafios da profissão no contexto analisado neste estudo, percebe-se através dessas respostas que a atuação no ambiente hospitalar durante a pandemia foi uma grande intempérie. Segundo Kruger (2010), o espaço hospitalar é um lugar prioritário para a atuação do assistente social no processo de saúde, sobretudo por configurar-se como a porta de entrada do sistema de saúde e refletir-se como uma das expressões contemporâneas da questão social.

As autoras Vale e Nascimento (2021) destacam ainda que o exercício profissional do Assistente Social sofreu importantes alterações diante da emergência causada pela COVID-19, fazendo com que, todos os dias, a categoria vivencie novas demandas. Nesse cenário é indispensável apoiar-se sobre os instrumentos norteadores das ações propostas pela categoria no âmbito da saúde.

No quesito nº 19 quando perguntada sobre sentir diferença em relação à demanda do serviço durante a pandemia e o momento atual, as participantes da pesquisa responderam que:

Entrevistada 01: "Sim, diminuiu a necessidade de transmitir informações aos familiares através de boletins médicos em prol de tranquilizar a família do paciente".

Entrevistada 02: "Sim, restrições com relação a visitas aos leitos e acompanhantes".

Entrevistada 03: "Sim. Hoje as principais demandas são ao contrário. Antes não podia haver visitas ou acompanhantes. E hoje as maiores exceções são esses casos".

Percebe-se através das respostas que nos momentos críticos da pandemia, com um número elevado de internações e intercorrências, a demanda de trabalho do Serviço Social apresentava-se aumentada, principalmente em relação a comunicação com as famílias.

SUMÁRIO

Ao analisar o processo de trabalho do Assistente Social e a pandemia do coronavírus na UTI de um Hospital Universitário, as autoras Vale e Nascimento (2011) apontam que o exercício profissional sofreu algumas alterações diante da grande demanda causada pela COVID-19, assim como relatado neste trabalho. Em relação às concepções sobre como a população tem percebido a atuação do Serviço Social na unidade onde trabalham durante a pandemia, investigado no quesito nº 20, as entrevistadas responderam:

Entrevistada 01: "Como o profissional que exerce atividades específicas, como o acolhimento das famílias e a visibilização de ações juntos aos órgãos da assistência social".

Entrevistada 02: "Acredito que de uma maneira positiva, pois o Serviço Social é porta de entrada na busca por garantir as condições de acesso aos direitos sociais e a humanização do atendimento"

Entrevistada 03: "O que pude perceber durante o período durante a pandemia é que o Serviço Social era o elo entre a unidade hospitalar e a família, já que não havia visitas. Todos aguardavam ansiosos pela ligação do setor".

Ao serem questionadas no quesito nº 21 como era possível o atendimento humanizado em um hospital diante de um cenário de pandemia, foram obtidas as seguintes respostas:

Entrevistada 01: "Diante do caos, o profissional deve ter como habilidade ouvir, aconselhar e respeitar as opiniões e emoções em cada caso/família atendido na unidade".

Entrevistada 02: "É possível ter um atendimento humanizado desde que haja empatia dos profissionais com os usuários. Para um bom acolhimento diante das adversidades é preciso humanização".

Entrevistada 02: "Através de profissionais que sempre se colocaram no lugar desses familiares".

SUMÁRIO

Nota-se nas respostas das entrevistadas que a escuta ativa, o acolhimento e a empatia são preocupações recorrentes em seus atendimentos, demonstrando interesse com a garantia dos direitos dos usuários. Segundo Iamamoto (2009), o Serviço Social contribui, por meio de suas ações, para que os interesses e as necessidades sociais dos sujeitos sejam reconhecidos e atendidos, ampliando seus direitos como cidadãos. Nessa concepção, a humanização é fundamental no projeto ético-político da profissão, que vislumbra nos direitos sociais seu alicerce.

Corroborando com essas concepções a autora Oliveira (2019), ao dissertar sobre o papel do Assistente Social na humanização do atendimento no ambiente hospitalar aponta que o atendimento humanizado é uma ferramenta essencial e indispensável para o exercício das atividades profissionais, à medida que aproxima o Serviço Social e as determinações sociais que afetam a qualidade de vida e saúde dos usuários.

Assim, numa visão humanizada, o Assistente Social é percebido como um elo na escuta e no diálogo entre os pacientes, famílias e profissionais de saúde, contribuindo para o reconhecimento dos direitos e da cidadania dos sujeitos, e ampliando a visão do indivíduo nas suas dimensões biológicas, físicas e espirituais, definindo melhor as determinantes sociais no processo saúde-doença.

No quesito nº 22, quando foi questionado como as profissionais sentem-se no atual momento, em relação aos aspectos profissionais e vida pessoal, as entrevistadas responderam:

Entrevistada 01: "Em consequência da pandemia, gerou-se um impacto nas relações sociais e profissionais, o isolamento, o contato pessoal e familiar e até com os colegas de trabalho"

Entrevistada 02: "Sentimentos por muitas vezes de impotência, por não poder suprir as necessidades dos usuários"

SUMÁRIO

Entrevistada 02: "Cansada fisicamente e mentalmente. Pelo lado profissional a correria pessoal e a gestação, que me provocava muito enjoou".

Nota-se nas respostas das entrevistadas que o debate sobre a pandemia não envolve apenas a discussão sobre assistência a pacientes com COVID-19, mas também as percepções e vivências dos trabalhadores frente à pandemia. Sentimentos relatados nas respostas como isolamento da família, impotência diante dos casos e cansaço com o trabalho, refletem como o ambiente hospitalar, com o aumento abrupto de casos da doença, impactou diretamente não apenas os aspectos profissionais, como também a vida pessoal dos assistentes sociais.

Sobre esse aspecto os autores De Boni *et al.* (2020), apontam que os trabalhadores dos serviços essenciais, nos quais se incluem os profissionais de saúde, aumentaram consideravelmente as chances de desenvolver transtorno de ansiedade e depressão, devido diferentes fatores, incluindo sentimento de impotência, medo e despreparo para a assistência aos pacientes e familiares.

No quesito de nº 23 foi questionado às entrevistadas sobre quais eram as principais demandas para o Serviço Social durante a pandemia, obtendo-se como resposta os seguintes apontamentos:

Entrevistada 01: "Acolhimento aos familiares e amigos. Rotina de ligações para boletins médicos. Solicitação dos serviços funerários. Constantes pedidos de materiais higiênicos e medicamentos, visitas aos leitos com maior frequência".

Entrevistada 02: "A principal demanda era passar as informações aos familiares, bem como o quadro clínico dos pacientes. Assim também como o acolhimento e providências em caso de óbito".

Entrevistada 03: "Acolhimento dos familiares".

SUMÁRIO

Neste contexto, evidencia-se na fala das entrevistas muitos limites e desafios profissionais para o Serviço Social, principalmente em relação ao seu processo de trabalho e cumprimento do seu projeto ético-operativo, tendo que ao mesmo tempo responder às expectativas da instituição onde trabalha e prestar assistência adequada ao usuário.

Conforme Paixão e Côrrea (2021) a falta de políticas públicas que garantam acesso ao direito à população usuária dos serviços públicos de saúde, fazem com este ambiente torna-se desafiador para o assistente social, uma vez que desempenha a função de mediador entre a instituição e usuários assim, voltada para questão do reconhecimento profissional por parte do usuário. Dessa forma, a proposição das autoras pode explicar porque todas as entrevistas no quesito de nº 24 responderam que o Serviço social não possuía total autonomia para a execução de suas funções, uma vez que deve sujeitar-se às limitações da unidade hospitalar.

Na tentativa de entender a instrumentalização do trabalho do assistente social na unidade hospitalar investigada, foi perguntando às entrevistadas no quesito de nº 25 quais eram as atribuições e competências do Serviço Social durante a pandemia da COVID-19, obtendo-se as seguintes respostas:

Entrevistada 01: "Umas das principais atribuições foi estar-mos diante de um fator primordial como a tecnologia como único método de comunicação, afim de nos mantermos mais próximos dos nossos objetivos de assistência ao paciente e seus familiares"

Entrevistada 02: "Entre nossas atribuições destaco as admissões, acolhimento e orientações, acompanhamento ao boletim médico, visita aos leitos, acompanhamento junto com a equipe multiprofissional, acolhimento durante o atendimento, elaboração de relatório sociais e as altas médicas"

SUMÁRIO

Entrevistada 03: "Todas as atribuições possíveis, incluindo competências de outros setores, como entrega de kit de higiene pessoal, repassar boletim, entre outros".

A partir das respostas obtidas é possível notar que as entrevistadas percebem o exercício profissional como uma prática de caráter técnico, participativa e específica, no que diz respeito à garantia do direito dos usuários assistidos e seus familiares durante a assistência hospitalar. É possível perceber também através das respostas, que as entrevistadas organizam o seu processo de trabalho de modo a garantir a qualidade da assistência prestada aos usuários.

Conforme apontado pelas autoras Paixão e Corrêa (2021) é próprio da natureza do Serviço Social, em âmbito hospitalar, desenvolver atividades técnico-operativas que mobilizem a clientela atendida no SUS por meio de ações participativas que possibilitem o melhor atendimento, incluindo a garantia de direitos básicos, como o acesso às informações sobre o quadro clínico do paciente a seus familiares.

Entre as atividades desempenhadas pelo Serviço Social em um hospital público municipal da zona metropolitana da ilha de São Luís, no Maranhão, durante a pandemia, as autoras Paixão e Corrêa (2021) elencaram como atribuições do assistente social as seguintes tarefas: visita diária aos leitos, atendimento social, marcação de exames e consultas de internos, agendamento de cirurgias, solicitação de transferências para leitos de suporte avançado em sistema de regulação de leitos, organização de documentação pertinente para transferência entre unidade hospitalar, organização de eventos em datas comemorativas e elaboração de diversos relatórios incluindo informações sobre atendimentos e demandas do Serviço Social na unidade hospitalar.

Para Guerra (2010) toda essa instrumentalização operacional não é apenas um grupo de atividades e tarefas, mas também um meio de avaliação da competência do assistente social para

SUMÁRIO

atender às necessidades do indivíduo. Esta avaliação não apenas abrange as respostas imediatas, mas também a solução da problematização de forma completa e abrangente, tão necessária em tempos de pandemia.

Nesse sentido, ao contrário de outras profissões, a atuação do assistente social no ambiente hospitalar possui características únicas. Baseada em competências e funções específicas, esta profissão complementa o atendimento médico oferecendo suporte social aos usuários, conforme mencionado pelas entrevistadas.

Para ajudar a entender como se dava o trabalho de forma prática do Serviço Social junto com as famílias, as entrevistadas foram questionadas no quesito de nº 26 como a rotina de trabalho era organizada, obtendo-se como resposta:

Entrevistada 01: "Diretamente para o acolhimento, busca por direitos dos pacientes, a escuta que gera a construção e fortalecimento dos vínculos".

Entrevistada 02: "Realizando acolhimento e orientações a fim de garantir seus direitos de atendimento buscando sempre humanização e respeito para com eles".

Entrevistada 03: "Acolhimento. Passávamos informações necessárias que eram da nossa competência. Mesmo nos colocando no lugar da família, só fazíamos nossas atribuições com familiares".

O trabalho realizado por assistentes sociais em diferentes contextos institucionais, incluindo hospitais de atendimento a pacientes com COVID-19, se apoia numa base comum que é acionada a partir do acervo teórico-metodológico e ético-político que dá suporte à formação e ao exercício profissional.

É a partir da formulação das atividades relatadas nas respostas das entrevistadas e fazendo um paradoxo entre as proposições de Silva (2021) que se pode afirmar, em parte, a especificidade

da profissão, que demanda, também, um corpo de conhecimentos teóricos, métodos de investigação e intervenção e um sistema de valores e concepções ideológicos.

Sendo assim, o Serviço Social, no contexto de um hospital de atendimento a usuários com diagnóstico de COVID-19, constitui-se como uma prática e um processo de atuação que se alimenta de um arcabouço teórico, mas volta à prática para transformá-la, um contínuo ir e vir iniciado na prática dos sujeitos face aos desafios de sua realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou a observação e reflexão sobre as atribuições e competências da atuação do Assistente Social no âmbito hospitalar, em especial na assistência de familiares de pacientes internados em decorrência de complicações por COVID-19 em um hospital público.

A partir dos apontamentos levantados durante a realização da pesquisa bibliográfica e ao analisar os resultados da pesquisa de campo, observou-se que a atuação do Assistente Social no âmbito hospitalar é fundamental, pois, a presença deste profissional, favorece a humanização do atendimento, tanto em relação a garantia de direitos ao usuário, quanto na sensibilização da equipe multiprofissional envolvida no atendimento.

Em relação as participantes do estudo, todas identificaram-se como do sexo feminino, reafirmando a tendência histórica da profissão de predominância de profissionais mulheres. Ao que diz respeito aos aspectos ocupacionais, a entrevistadas têm entre 09 e 13 anos de formadas, todas com pós-graduadas e tempo de trabalho na área entre 06 e 09 anos.

SUMÁRIO

Constatou-se a partir das entrevistas, que sentimentos de insegurança, o isolamento social e o grande número de óbitos são aflições presentes durante o exercício profissional na pandemia. Observou-se ainda que a escuta ativa, o acolhimento e a empatia são preocupações recorrentes na prática profissional, e que o cumprimento do projeto ético-operativo é constante. Sentimentos relatados nas respostas como isolamento da família, impotência diante dos casos e cansaço com o trabalho refletem como era o ambiente de trabalho nos momentos críticos da pandemia.

Diante de todos esses achados, pode-se afirmar, que o Serviço Social durante o período da pandemia tem assumido o compromisso ético-operativo de prestar um serviço de qualidade aos usuários atendidos, no sentido de zelar por seus direitos e pela preservação da vida, mesmo diante de um cenário de limitações impostas pela COVID-19.

REFERÊNCIAS

- BENCHIMOL, J. L. Revolução pasteuriana na saúde pública e na pesquisa biomédica brasileiras (1880 a 1920). In: **História da saúde no Brasil**. 2018. p. 225-283.
- BENTO, V. M. C.; SANTOS, N. P. Boticas jesuítas: apontamentos sobre a produção de medicamentos e a utilização de recursos naturais no Brasil colonial. **História Revista**, v. 20, n. 3, p. 4-22, 2015.
- BERTOTTI, B. M.; PIVETTA, S. L. A integração da iniciativa privada ao sistema público de saúde brasileiro: limites e possibilidades. **Revista Eurolatinoamericana de Derecho Administrativo**, v. 5, n. 2, 2018.
- BRASIL. Conselho Nacional de Assistência Social. Resolução nº 17 de 20 de junho de 2011. **Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do Sistema Único de Assistência Social - NOB-RH/SUAS**. Brasília: 2011.
- BRASIL. **Emenda Constitucional nº 95**, de 15 de dezembro de 2016. Brasília: Diário Oficial da União, 2016.

SUMÁRIO

BRASIL. Ministério da Saúde. **SUS: a saúde do Brasil**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2011.

BUENO, F. T. C., SOUTO, E. P., and MATTA, G. C. Notas sobre a trajetória da COVID-19 no Brasil. In: MATTA, G. C. *et al.* **Os impactos sociais da COVID-19 no Brasil**: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2021.

CARDANO, M. Manual de pesquisa qualitativa. **A contribuição da teoria da argumentação**. Tradução: Elisabeth da Rosa Conill. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

CARVALHO, M.N. *et al.* Expansão e diversificação da força de trabalho de nível superior nas Unidades Básicas de Saúde no Brasil, 2008 – 2013. **Saúde Debate** 2016; 40(109):154-162.

CAVALCANTE, F. B. S. Serviço Social no combate à COVID-19: respostas profissionais durante a pandemia em Fortaleza – CE. X Jornada Internacional de Políticas Públicas. **Anais...** Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

CFESS. **Teletrabalho e teleperícia**: orientações para assistentes sociais. Brasília, DF: CFESS, 2020.

COELHO, J. S. Construindo a participação social no SUS: um constante repensar em busca de equidade e transformação. **Saúde e Sociedade**, v. 21, p. 138-151, 2012.

COHN, A. "Caminhos da reforma sanitária", revisitado. **Estudos Avançados**, v. 32, p. 225-241, 2018.

COSTA E SILVA, C. M. *et al.* Educação em saúde: uma reflexão histórica de suas práticas. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, vol. 15, n. 5, p. 2539-2550, 2010.

DE BONI, R. B. *et al.* Depressão, ansiedade e estilo de vida entre trabalhadores essenciais: uma pesquisa na web do Brasil e da Espanha durante a pandemia do COVID-19. **Journal of Medical Internet Research**, v. 22, n. 10, 2020.

FLEURY, S. **Teoria da Reforma Sanitária: diálogos críticos [e-book]**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2018.

GASPARI, E. **A ditadura encurralada**. 2 ed. São Paulo: Companhia de Letras, 2014. 525p.

GORBALENYA, A. E.; BAKER S. C.; BARIC, R. S. The species severe acute respiratory syndromerelated coronavirus: classifying 2019-nCoV and naming it SARS-CoV-2. **Nat Microbiol**, n. 5, p. 536-544, 2020.

SUMÁRIO

GUERRA, Y. Instrumentalidade do processo de trabalho e serviço social. *In: Serviço Social & Sociedade*. 2. ed. São Paulo: Cortez. 2010.

IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social em tempos de capital fetiche**. 02 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

KRUGER, B. **Serviço social e saúde**: espaços de atuação a partir do SUS. UFPE: Recife, 2010.

LACAZ, F. A. C. *et al.* Movimento da Reforma Sanitária e Movimento Sindical da Saúde do Trabalhador: um desencontro indesejado. **Saúde em Debate**, v. 43, p. 120-132, 2020.

MARIANO, C. M. Emenda constitucional 95/2016 e o teto dos gastos públicos: Brasil de volta ao estado de exceção econômico e ao capitalismo do desastre. **Revista de investigações constitucionais**, v. 4, p. 259-281, 2019.

MARQUES, R. M.; PIOLA, S. F.; CARRILLO ROA, A. Sistema de Saúde no Brasil: organização e financiamento. *In: Sistema de saúde no Brasil*: organização e financiamento. 2016. p. 260-260.

MASCARO, A. L. **Crise e pandemia**. Boitempo Editorial, 2020.

MATTA, G. C. *et al.* **Os impactos sociais da COVID-19 no Brasil**: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021.

MIRANDA, G. M. D.; MENDES, A. C. G.; SILVA, A. L. A. O desafio da organização do Sistema Único de Saúde universal e resolutivo no pacto federativo brasileiro. **Saúde e Sociedade**, v. 26, p. 329-335, 2017.

OLIVEIRA, A. L. História da saúde no Brasil: dos primórdios ao surgimento do SUS. **Revista Encontros Teológicos**, v. 27, n. 1, 2012.

OLIVEIRA, A. P. O papel do Assistente Social na humanização hospitalar. 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. **Anais...** Brasília, 2019.

OSMO, A.; SCHRAIBER, L. B. O campo da Saúde Coletiva no Brasil: definições e debates em sua constituição. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 205-218, 2015.

SUMÁRIO

PAIM, J. S. Reforma Sanitária Brasileira (RSB): expressão ou reprodução da revolução passiva? **Planejamento e políticas públicas**, n. 49, 2017.

PAIXÃO, C. M.; CORREA, G. C. S. **A atuação do assistente social em âmbito hospitalar: uma abordagem a partir do Hospital e Maternidade Municipal de São José de Ribamar (MA).** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Ensino Superior Franciscano (IESF), Paço do Lumiar, 2021.

POLIGNANO, M. V. História das políticas de saúde no Brasil: uma pequena revisão. **Cadernos do Internato Rural-Faculdade de Medicina/UFMG**, v. 35, p. 01-35, 2011.

RIBEIRO, R. A. **O processo de trabalho do Serviço Social e a discussão das suas atribuições a partir da realidade das Assistentes Sociais do Hospital Distrital Gonzaga Mota de Messejana (HDGMM).** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Faculdade Cearense, Fortaleza, 2014.

RODRIGUES, C. F. M. *et al.* Desafios da saúde pública no Brasil: relação entre zoonoses e saneamento. **Scire Salutis**, v. 7, n. 1, p. 27-37, 2017.

SANTOS, I. F.; GABRIEL, M.; CAMPOS MELLO, T. R.. Sistema único de saúde: marcos históricos e legais dessa política pública de saúde no Brasil. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 5, p. 381-391, 2020.

SANTOS, L.; CAMPOS, G. W. S. SUS Brasil: a região de saúde como caminho. **Saúde e Sociedade**, v. 24, p. 438-446, 2015.

SILVA, B. S. *et al.* O Serviço Social no âmbito hospitalar em tempos de pandemia da COVID-19. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 9, n. 12, 2020.

SILVA, W. M. F. Serviço Social e COVID-19: reflexões críticas. **Revista Serviço Social Em Perspectiva**, v. 5, n. 1, 87-103, 2021.

SOUSA, M. A Reforma Sanitária Brasileira e o Sistema Único de Saúde. **Tempus, actas de saúde coletiva, Brasília**, v. 8, n. 1, p. 11-16, mar, 2014.

TELAROLLI JUNIOR, R. Imigração e epidemias no estado de São Paulo. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 3, p. 265-283, 2016.

TOLÉDO, H. O Estado está nu! Uma reflexão sobre o revelador contexto pandêmico. *In: Reflexões dialogadas sobre práticas profissionais em contextos de pandemia e de lutas por direitos humanos [recurso eletrônico]*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020.

VIACAVA, F. *et al.* Desigualdades regionais e sociais em saúde segundo inquéritos domiciliares (Brasil, 1998-2013). **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 2745-2760, 2019.

VIACAVA, F. *et al.* SUS: oferta, acesso e utilização de serviços de saúde nos últimos 30 anos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 6, 2018.

WAN, Y. *et al.* Receptor Recognition by the Novel Coronavirus from Wuhan: an Analysis Based on Decade-Long Structural Studies of SARS Coronavirus. **J Virol**, v. 94, n. 7, p. 1-9; 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Statement on the meeting of the International Health Regulations (2005) Emergency Committee regarding the outbreak of novel coronavirus (2019-nCoV)** [online]. Geneva: World Health Organization; 2020. Disponível em: [https://www.who.int/news-room/detail/23-01-2020-statement-on-the-meeting-of-the-international-health-regulations-\(2005\)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-\(2019-ncov\)](https://www.who.int/news-room/detail/23-01-2020-statement-on-the-meeting-of-the-international-health-regulations-(2005)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-(2019-ncov)). Acesso em: 22 jan 2022.



SUMÁRIO

10

*Isis Miridan Lopes de Sousa
Claudielli Francy da Costa Dias*

REDES SOCIAIS, PANDEMIA E SAÚDE MENTAL:

**O USO DAS REDES SOCIAIS DURANTE
A PANDEMIA PELOS ADOLESCENTES**

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-398-1.10

INTRODUÇÃO

No final de 2019, o mundo foi apresentado a um novo vírus, nomeado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como SARS-CoV-2 ou Coronavírus, que trouxe urgência quanto à implementação de medidas para conter o seu avanço, tendo em vista seu alto nível de contaminação e a gravidade dos sintomas que provocava. Em 11 de março de 2020, a COVID-19, nome dado à doença provocada pelo novo coronavírus, foi considerada uma pandemia, uma vez que houve notificação de casos em diversos países do mundo (Organização Mundial da Saúde, 2023a).

No Brasil, o primeiro caso de COVID-19 foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020. Nesse contexto, medidas sanitárias começaram a ser adotadas para impedir o avanço do vírus, como o uso de máscaras, álcool-gel, medidas de distanciamento e adoção de *lockdown*¹ em regiões nas quais a contaminação se dava de maneira acelerada e com taxa de comprometimento dos serviços considerada crítica. Devido às medidas emergenciais, diversos setores da sociedade foram mobilizados, a fim de atenderem as necessidades da população durante a crise sanitária (Ministério da Saúde, 2023a).

Nesse processo, a sociedade como um todo foi afetada, necessitando readaptar-se à nova realidade imposta pela pandemia. A medida de quarentena exigiu que as pessoas ficassem em casa para evitar a proliferação do vírus, como consequência, as interações sociais, que antes eram rotineiras e ocorriam de forma presencial, passaram a ser predominantemente virtuais. Nesse contexto, as redes sociais ganharam ênfase, representando alguns dos principais meios de comunicação nesse período.

1

Bloqueio total ou confinamento total.

SUMÁRIO

Os adolescentes, cuja fase da vida é marcada pela interação com os pares, a qual é essencial para a formação da identidade e sensação de pertencimento durante essa etapa (Bock, 2018) foram bastante afetados. O isolamento social provocou, nos jovens, sentimentos de cansaço, desânimo, tristeza e depressão. Nesse sentido, buscaram formas de lidar com as emoções adversas, utilizando, entre outros recursos, as redes sociais (Gomes *et al.*, 2021).

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender as influências positivas e negativas do uso de redes sociais pelos adolescentes durante a pandemia da COVID-19 e as implicações para a saúde mental desse público. Desse modo, a pesquisa mostra-se relevante ao buscar contribuir com as produções científicas que tematizam questões sobre a adolescência e fenômenos relacionados a ela, como este que é proposto no presente trabalho, as quais ainda são escassas no campo da Psicologia.

Este trabalho tomou como base o seguinte questionamento: de que modo as redes sociais influenciaram a saúde mental dos adolescentes durante a pandemia? Quais os aspectos positivos e negativos que esse uso trouxe para dentro do contexto pandêmico? Teve como objetivo geral: analisar como o uso das redes sociais durante a pandemia afetou a saúde mental dos adolescentes e quais foram os desafios e perspectivas desse uso durante esse contexto.

E como objetivos específicos: compreender como a chegada da pandemia da COVID-19 impôs a necessidade de readaptação da realidade social, incluindo a dos adolescentes; discutir como a tecnologia contribuiu para que houvesse as interações sociais durante a pandemia; discorrer sobre as influências positivas e negativas do uso das redes sociais para a saúde mental dos adolescentes durante a pandemia da COVID-19; e identificar a produção científica entre os anos de 2020 a 2023, relacionado ao tema do uso das redes sociais pelos adolescentes na pandemia.

SUMÁRIO

Para isso, utilizou-se, como metodologia, as pesquisas bibliográfica, de natureza qualitativa e bibliométrica, por meio das quais foi possível fazer o levantamento das produções já feitas e publicadas a respeito do tema em plataformas de cunho científico e gratuito. Foram utilizados, como embasamento para essa pesquisa, capítulos de livros, sites da internet, artigos e outros materiais que tenham sido publicados no intervalo entre 2020 e 2023. Após a seleção, foi feita a leitura e análise daqueles que mais se adequaram à proposta do estudo.

Este trabalho divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo, será tratado sobre a chegada da COVID-19 no Brasil e os efeitos provocados pela disseminação do vírus na sociedade. No segundo, será abordado sobre as características da adolescência e os impactos que a pandemia provocou no cotidiano e na vida dos jovens. E no terceiro capítulo, serão discutidos os desafios e as perspectivas das redes sociais durante a pandemia e os seus impactos na saúde mental dos adolescentes. Por último, em resultados, será apresentada a correlação entre a literatura e o levantamento bibliográfico a respeito da temática.

A CHEGADA DA PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL E OS IMPACTOS DA DISSEMINAÇÃO DO VÍRUS NA SOCIEDADE

Na passagem da década de 2010 para a de 2020, não se imaginava que a sociedade se depararia com uma crise sanitária com efeitos em escala global, que exigiria ações imediatas e efetivas de autoridades públicas. Nem mesmo imaginava-se que as consequências de uma infecção viral poderiam ser tão devastadoras e que

SUMÁRIO

ocasionariam um expressivo número de contaminações, perdas humanas e consequências que perdurariam por muito tempo após o seu auge.

Para compreender os impactos da pandemia para o corpo social e para o grupo que é foco desta pesquisa – os adolescentes –, é necessário remontar a um breve histórico da doença, perpassando por sua origem, nomeação como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a chegada do vírus da COVID-19 (SARS-CoV-2) no Brasil, assim como os impactos de sua disseminação na sociedade. Ademais, faz-se também necessário compreender os efeitos da pandemia para a vida dos indivíduos, levando em consideração a necessidade de isolamento social como forma de prevenir a contaminação, a interrupção da rotina diária e consequente readaptação desta.

Nesse contexto, é relevante apresentar os principais marcos da evolução da pandemia da COVID-19 no mundo e no Brasil. Em 31 de dezembro de 2019, a OMS foi notificada sobre casos de pneumonia viral, de origem desconhecida, que ocorreram em Wuhan, localizada na República Popular da China e, em 09 de janeiro de 2020, informou-se que o surto era causado por um novo tipo de coronavírus. A OMS determinou, em 30 de janeiro daquele ano, que o surto provocado pelo novo coronavírus constituía uma Emergência de Saúde Pública, de nível internacional, o mais alto escalão de alertas dado pela Organização (World Health Organization, 2023a).

Em 11 de fevereiro, ela declarou que a doença provocada pelo novo coronavírus se chamaria COVID-19 (World Health Organization, 2023a). Um mês depois, em 11 de março de 2020, o surto de COVID-19 foi considerado, pela OMS, uma pandemia, em razão dos casos ocorrerem em vários países do mundo (Organização Pan Americana da Saúde, 2023a). Devido à rápida proliferação do vírus, medidas urgentes começaram a ser sugeridas pela OMS para contenção e controle do número de casos. Assim, ficou a cargo dos líderes dos países tomarem as ações necessárias para minimizar os efeitos da COVID-19 em seus territórios.

SUMÁRIO

No Brasil, o primeiro caso de COVID-19 foi notificado em 26 de fevereiro de 2020 (Ministério da Saúde, 2020a). Inicialmente, o Ministério da Saúde buscou seguir as recomendações da OMS, que destacavam que as medidas de distanciamento social e a quarentena eram imprescindíveis para evitar a proliferação do vírus, uma vez que se tratava de uma doença viral e pouco ainda se sabia sobre sua natureza (Fiocruz, 2021). No entanto, houve resistência entre representantes do Estado Brasileiro quanto à aceitação da gravidade da doença e dos prejuízos que esta poderia ocasionar, o que resultou em atrasos quanto a tomada de decisões efetivas, considerando o caráter urgente da situação.

As dúvidas e incertezas a respeito do coronavírus atingiram todo o mundo. Ainda estava-se conhecendo sobre as características do novo vírus, não havia vacina ou tratamento específico para a COVID-19, apenas para seus sintomas, e as formas de prevenção mais seguras eram a adesão a máscaras, o distanciamento social e a higienização das mãos, de objetos e ambientes. Nesse sentido, a disseminação de notícias falsas (*fake news*) e discursos de invalidação da ciência ganharam espaço, sendo rapidamente veiculadas pelas mídias sociais, pelos meios de comunicação e até mesmo por autoridades políticas, o que agravou o sentimento de insegurança, que já estava instalado, na população.

Tais discursos se fortaleceram devido a posicionamentos equivocados feitos por representantes do país, que se colocaram contrários às medidas de prevenção, em especial, ao distanciamento social, com o argumento de que a economia deveria manter-se em pleno funcionamento durante a crise sanitária e que não eram necessárias restrições, apesar da importância atribuída a tal medida de contenção compartilhada por outras lideranças mundiais. A ciência, por diversas vezes, foi desacreditada, seja pela defesa de métodos de tratamento cuja eficácia não era comprovada cientificamente, seja pela mistificação dos efeitos da vacina e negação de seu potencial protetivo, que contribuíram para a sua adesão tardia.

SUMÁRIO

Sob essa perspectiva, Ornell *et al.* (2020) destacam algumas das consequências que a pandemia da COVID-19 trouxe para o setor social, tais como o fechamento de instituições de ensino – escolas, universidades públicas e privadas –, redução do funcionamento de serviços não essenciais, trabalho em *home office*², isolamento social, alterações na rotina diária das pessoas e mudanças na forma de interação entre as pessoas, que passaram a ocorrer principalmente por meio das redes sociais. Tais efeitos provocaram insegurança, solidão, ansiedade, estresse, entre outros sentimentos, nas pessoas.

O medo e a insegurança diante da ameaça de um vírus considerado mortal e as mudanças advindas das tentativas de proteção contra ele provocaram o aumento dos níveis de ansiedade nos indivíduos, mesmo naqueles tidos como saudáveis, e agravaram condições de sofrimento psíquico ou de transtornos mentais em quem já possuía quadros de desregulações na saúde mental (Shigemura *et al.*, 2020). Uma pesquisa sobre o impacto psicológico da quarentena (Brooks *et al.*, 2020) apresenta uma relação entre reações emocionais, como medo, confusão, irritabilidade, tédio, frustração, estresse, depressão e sintomas de estresse pós-traumático ao período de quarentena.

Por fim, é relevante mencionar aspectos como a exposição a fontes de contaminação, pessoas da família infectadas, perda de entes queridos, dificuldades e crises financeiras, distanciamento e isolamento social, violência física, psicológica e outros tipos de abuso, transtornos mentais preexistentes, ruptura da rotina já conhecida, contato com notícias sobre os avanços da pandemia, número de contaminados e pessoas falecidas, que fazem parte da vivência individual e que não podem ser desconsiderados como fatores estressores durante a pandemia, estes que se relacionam diretamente com a saúde mental humana.

SUMÁRIO

Diante desses impactos e do contexto de isolamento que predominou no auge da contaminação pelo vírus, fez-se necessário o uso de estratégias e ferramentas que auxiliassem a sociedade a se adaptar ao novo cenário que lhe foi apresentado. Nesse sentido, uma ferramenta foi essencial nesse processo, facilitando a readaptação social: a tecnologia. Na Contemporaneidade, os equipamentos eletrônicos e a internet são utilizados de modo integrado e fazem parte da realidade dos indivíduos em diferentes âmbitos da vida – relações sociais, trabalho, lazer, finanças, educação, saúde, entre outras (Lins, 2013).

Consoante a isso, Dertouzos (1997) enfatiza que a tecnologia tem moldado o funcionamento da sociedade, ao passo que influencia o modo como as pessoas acordam pela manhã, como se alimentam, trabalham, se relacionam, administram a vida financeira, educam os filhos, realizam vendas, consomem produtos. Desse modo, além de estarem inseridas no cotidiano, elas também se integraram a ele, a tal ponto que parecem indissociáveis. Na pandemia, esse caráter quase indissociável foi muito mais notável, uma vez que as tecnologias da informação e da comunicação foram essenciais no processo de readaptação social durante esse período.

As tecnologias modernas tornaram possível que a vida cotidiana e as interações sociais pudessem continuar, apesar das condições adversas impostas pela pandemia (Schlemmer, 2021). Nessa perspectiva, o *delivery*³, as aulas *online*⁴ (remotas, via *internet*), o *home office* e o *takeaway*⁵ foram alternativas que ganharam mais visibilidade no momento pandêmico, tendo como suporte aplicativos, plataformas digitais e a *internet* (Guizzo; Marcello; Müller, 2020). Destacam-se, ainda, os serviços digitais, como as transações bancárias, atendimentos médicos e psicológicos à distância, notáveis também durante o período pós-pandêmico.

3 Entrega a domicílio.

4 Que se pode acessar via internet.

5 Local onde a comida é vendida para ser consumida fora do estabelecimento onde é produzida.

SUMÁRIO

Lee (2020) explica que as tecnologias digitais se tornaram de fundamental importância para a comunicação e manutenção da economia durante o momento pandêmico. No entanto, suas contribuições não se restringiram apenas ao âmbito econômico; foram fundamentais, também, para dar continuidade às atividades escolares, acadêmicas – visto que houve suspensão das aulas presenciais –, culturais, de práticas religiosas, de lazer (devido à proibição de eventos e de atividades que promoviam aglomeração) e interações sociais, por conta do isolamento e distanciamento social. Assim, as ferramentas digitais possibilitaram que atividades cotidianas fossem adaptadas para atender aos critérios de isolamento social, passando a ser realizadas em casa.

No que se refere a educação, Schlemmer (2021) apresenta as seguintes pontuações a respeito da contribuição das tecnologias digitais para a área educacional durante a pandemia:

Foram elas, com suas diferentes plataformas, que oportunizaram a continuidade dos processos de ensino e de aprendizagem, evitando que milhares de estudantes ficassem sem acesso à educação formal. Durante o período de pandemia, esses estudantes e professores se deslocaram no espaço digital, explorando, experienciando diferentes plataformas e novos habitats do ensinar e do aprender, fato esse que pode potencializar inovações na educação (Schlemmer, 2021, p. 8).

Nesse sentido, plataformas como o *Google Classroom*⁶, o *Google Meet*⁷, o *YouTube* (plataforma de compartilhamento de vídeos) e o *WhatsApp* (aplicativo de mensagens que possibilita o contato instantâneo entre pessoas) foram comumente utilizadas por profissionais e estudantes no período de aulas remotas, por meio das quais os alunos tinham acesso aos conteúdos programáticos

6 Também conhecido como Google Sala de Aula, é uma plataforma educacional gratuita que permite aos professores interagir com os alunos e compartilhar materiais educacionais facilmente.

7 Serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pela empresa Google.

SUMÁRIO

e atividades escolares. As aulas ocorriam, principalmente, de forma síncrona – em tempo real –, mas também de modo assíncrono – que podiam ser mantidas gravadas ou armazenadas para serem vistas posteriormente. O espaço digital, como pontua a autora supracitada, trouxe muitos desafios, e, com eles, aprendizados e possibilidades sobre outras formas de aprender e ensinar, ampliando as perspectivas a respeito do processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, a educação pode vigorar em meio a um cenário de mudanças imediatas e imprevistas, adaptando-se conforme as transformações ocorriam e de acordo com as necessidades.

No que se refere ao âmbito laboral, Elesbão *et al.* (2023), em uma pesquisa que buscou analisar as alterações e rupturas no cotidiano das pessoas na pandemia, destacam que boa parte dos respondentes às perguntas afirmou que as demandas relacionadas ao trabalho foram maiores durante a COVID-19. Sob esse viés, as demandas do *home office* acabaram adentrando o espaço da casa e dos rituais que já eram característicos dela – momentos em família, de autocuidado, descanso, lazer, folga, alimentação. Isso levou a uma maior dificuldade em estabelecer limites de tempo de trabalho, uma vez que o ambiente laboral era também o mesmo espaço doméstico e familiar, o que representou um desafio, no sentido de equilibrar as demandas que ambos traziam.

Araújo e Lua (2021) acrescentam que, além das exigências quanto aos cuidados na proteção contra a COVID-19, houve outras decorrentes do processo de adaptação a esse novo contexto, como a habilidade no manejo de aparelhos eletrônicos e ferramentas digitais – capacidade essa que muitos indivíduos começaram a desenvolver pela necessidade que a pandemia trouxe. Somado a isso, havia a preocupação quanto ao desemprego, redução de salário e crise financeira pela qual o país passava em decorrência da emergência sanitária, que se constituíram também como fatores de estresse para os trabalhadores, refletindo em sua produtividade e bem-estar físico, mental e emocional.

SUMÁRIO

Por último, é cabível enfatizar o papel das mídias sociais para o lazer durante a pandemia. Diante de um contexto de limitações na vida diária, plataformas e redes sociais como *WhatsApp*, *Instagram*, *YouTube*, *Netflix*, *X*⁸, *Spotify*⁹, *TikTok*¹⁰ tornaram viável o contato com o entretenimento para pessoas em situação de quarentena e distanciamento social. Nesse período, o uso de mídias sociais tornou-se maior quando comparada aos anos que antecederam o início da pandemia, em que os níveis de utilização já eram consideráveis. Tal aumento na utilização pode ser explicada pelas restrições no acesso a fontes de lazer e pelo tempo demasiado que se passava em confinamento (Ribeiro, 2021).

O *WhatsApp* e o *Instagram*, por meio das ferramentas de envio de mensagens e realização de chamadas de voz e de vídeo, permitiam o contato à distância, em tempo real, com familiares, amigos e conhecidos quando a orientação de órgãos da saúde era de manter o distanciamento físico e de ficar em casa. Os *streamings*¹¹, como *Netflix* e *Spotify*, possibilitavam o acesso a músicas, filmes, séries, documentários, os quais são fontes notáveis de entretenimento e foram, naquele período, opções viáveis de lazer. Ainda, no *YouTube* e no *Instagram*, artistas promoviam *lives* com o intuito de promover seu trabalho e manter-se próximos dos fãs, já que não era possível realizar shows presenciais. O *X*, o próprio *Instagram* e o *TikTok*, bem como outras redes sociais, eram utilizados para compartilhar relatos e vídeos das vivências, da rotina e dos desafios que a COVID-19 impôs, constituindo-se, desse modo, como uma boa rede de apoio, essencial para o enfrentamento de um momento tão delicado quanto o período pandêmico.

8 Anteriormente conhecido como *Twitter*, é uma rede social que permite aos usuários enviar e receber mensagens curtas, chamadas de "posts", com até 280 caracteres.

9 Aplicativo gratuito para ouvir músicas e podcasts.

10 Plataforma de compartilhamento de vídeos curtos.

11 Acesso a conteúdo pelas plataformas digitais.

Diante do exposto, é possível notar que as tecnologias digitais tiveram uma importante atuação durante a pandemia do SARS-CoV-2, operando como facilitadoras da adaptação ao novo contexto de vida que estava sendo apresentado. Nesse processo, a sociedade como um todo foi afetada e apoiou-se nas ferramentas tecnológicas para dar continuidade às atividades rotineiras, apesar da catástrofe causada pelo vírus. Entre os diversos grupos afetados, estão os adolescentes, cuja fase vital é marcada por intensas transformações físicas, cognitivas, emocionais, que serão melhor explicadas no próximo capítulo.

O ADOLESCER E A COVID-19: ASPECTOS DA ADOLESCÊNCIA E EFEITOS DA PANDEMIA SOBRE A VIDA DOS JOVENS

SUMÁRIO

A adolescência é concebida como uma das fases do desenvolvimento humano, a qual faz o intermédio entre os períodos da infância e da vida adulta. Segundo a Organização Mundial da Saúde – OMS (World Health Organization – WHO, 2022a) –, a adolescência compreende as idades de 10 a 19 anos, sendo uma etapa marcada por mudanças físicas, cognitivas e psicossociais significativas.

O Ministério da Saúde (Brasil, 2007a) concorda com essa concepção e complementa que a juventude (noção também aceita pela OMS) abrange os adolescentes, cuja faixa etária é de 15 a 19 anos, e os adultos jovens, os quais estão entre os 20 e 24 anos. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente considera que o início da adolescência se dá aos 12 anos, estendendo-se até os 18, quando o indivíduo atinge a chamada maioridade civil, determinada pela lei brasileira (Brasil, 1990). O Estatuto da Juventude, aprovado em 2013, reforça a ideia defendida pelo Ministério da Saúde, englobando as idades de 15 a 29 anos.

SUMÁRIO

Bock, Furtado e Teixeira (2018) afirmam que a adolescência, assim como as demais etapas vitais, é objeto de estudo da Psicologia. Esta busca ir além de definições fixas ao trazer reflexão sobre a natureza universal atribuída a essa fase e questionar se não existiriam diferentes modos de experienciá-la, levando em consideração a subjetividade dos indivíduos e as múltiplas condições (históricas, sociais, culturais) que podem estar envolvidas nesse processo. Moraes e Weinmann (2020) corroboram com essa perspectiva ao afirmarem que a adolescência possui conceitos variáveis, uma vez que recebe influência direta do tempo histórico e da cultura aos quais se relaciona. Portanto, a forma de se perceber a adolescência está em constante transformação.

Nesse sentido, Schoen-Ferreira e Aznar-Farias (2010) destacam as mudanças na concepção do que é adolescência ao longo da história. Em seu trabalho, é abordado o modo como antigas sociedades, tais como a grega, a romana, a medieval e a do século XX tratavam as pessoas mais jovens. Mostram, portanto, as evoluções desse conceito no decorrer do tempo e a íntima relação que possui com as transformações sociais e culturais, que moldam a sociedade e influenciam o modo de pensar desta, inclusive, a percepção sobre o que é adolescência.

No que se refere às diferentes percepções sobre a adolescência, Berni e Roso (2014) apresentam contrapontos aos conceitos desenvolvidos pelos primeiros teóricos a trazerem formulações sobre essa etapa da vida. Em sua leitura, elas destacam que as primeiras definições parecem não valorizar a complexidade das transformações ocorridas durante a adolescência, que antes era resumida a uma fase, caracterizada pelo estresse e pela dor que o adolescente enfrentaria ao se desfazer da imagem de criança e assumir uma postura mais madura. Contudo, elas reconhecem a grande contribuição desses autores para a construção da área da Psicologia do Desenvolvimento e para a evolução do conceito de adolescência.

SUMÁRIO

As mesmas autoras também fazem pontuações a respeito dos conceitos apresentados pelas autoridades e organizações supracitadas. É questionado, mais uma vez, o caráter universal da adolescência, levantado ao definir faixas etárias que demarcam o início e o término desse período. Para elas, é compreensível que se estabeleça uma faixa de idade, uma vez que isso pode auxiliar na implementação de políticas públicas voltadas aos jovens. No entanto, defendem a existência de diferentes compreensões sobre essa etapa da vida, que, para elas, não é movida a uma regra geral, mas sim particular, recebendo influência de fatores internos, como a singularidade de cada pessoa, e externos – sociais, econômicos, históricos e culturais (Berni; Roso, 2014).

O início da adolescência é marcado pela puberdade, na qual ocorrem transformações físicas, cognitivas, psicológicas e psicossociais no indivíduo (Bock; Furtado; Teixeira, 2018). A esse respeito, é possível apresentar uma distinção entre os termos puberdade e adolescência. A primeira está ligada às mudanças fisiológicas e anatómicas do sujeito; em contrapartida, a última se refere às transformações psicossociais, como na percepção que o jovem tem sobre si, os outros e o mundo (Schoen-Ferreira; Aznar-Farias, 2010). O início e o decorrer de ambos os processos podem variar dependendo da pessoa, da cultura, do contexto social a que pertence, entre outros fatores, sendo, portanto, vivenciados de maneiras diferentes.

Papalia e Feldman (2013) definem a adolescência como a etapa compreendida entre os 11 e 19 ou 20 anos, marcada por transformações nos níveis físico, cognitivo e psicossocial. É interessante perceber que, nessa definição, as idades que marcam o começo e o término desse período não são precisas. Essa imprecisão também é demonstrada por meio das perspectivas dos autores, das organizações e autoridades citados até aqui. Dessa forma, é possível definir apenas uma idade estimada para o início desse processo, que é complexo de tal forma que é insuficiente limitá-lo a um simples conceito.

SUMÁRIO

Assim, a adolescência tem sido encarada como um constructo social, marcada por mudanças e amadurecimento, necessários para preparar o indivíduo para as próximas fases da vida, que também têm suas características próprias (Papalia; Feldman, 2013).

No que se refere ao desenvolvimento físico, há destaque para as mudanças advindas da puberdade. A puberdade é o momento em que as características sexuais primárias e secundárias se desenvolvem e se acentuam em meninos e meninas. Os chamados caracteres sexuais primários estão ligados ao crescimento e amadurecimento dos órgãos envolvidos na reprodução humana. Abrangem, nas meninas, a vagina, o clitóris, as tubas uterinas, o útero e os ovários; e nos meninos, o pênis, os testículos, o saco escrotal, as vesículas seminais e a próstata. Por outro lado, os caracteres sexuais secundários são aspectos que não envolvem os órgãos sexuais, ou seja, são características refletidas no físico do sujeito, que derivam principalmente de mudanças hormonais ocorridas durante essa etapa da vida. A exemplo, tem-se o desenvolvimento dos seios nas meninas, alterações na voz (mais nítidas nos meninos) e crescimento de pelos em ambos os sexos (Papalia; Feldman, 2013).

Essa etapa é marcada também pelo período de estirão, no qual há o crescimento físico das garotas, por volta dos 9 e meio aos 14 anos e meio, e dos garotos, que costuma ser mais tardio, por volta dos 10 anos e meio aos 16 anos e meio. Ocorre também as chamadas espermarca – primeira ejaculação dos meninos – e menarca – primeira menstruação das meninas. A menstruação, inclusive, continua acontecendo mensalmente, sendo caracterizada pela descamação das paredes internas do útero, que ocorre quando não há fecundação do óvulo para gerar uma nova vida. As mudanças físicas desse período, logo, refletem no psicológico dos jovens. É comum que nessa época haja a preocupação com a aparência, que pode refletir na autoestima. O cérebro do adolescente também passa por transformações, sendo que, durante essa etapa, ainda não está completamente formado. Dessa forma, ocorre um amadurecimento

SUMÁRIO

gradual, mas de dimensão significativa, de áreas cerebrais responsáveis pelas emoções, pela percepção, pelo autocontrole, julgamento, entre outros (Papalia; Feldman, 2013).

Em relação ao desenvolvimento cognitivo, Piaget descreve quatro períodos do desenvolvimento humano – sensório-motor (0 a 2 anos), pré-operatório (2 a 7 anos), das operações concretas (7 a 11 ou 12 anos) e das operações formais (11 ou 12 anos em diante). Entre eles, o período que está relacionado à adolescência é o período das operações formais. Nele – como o próprio nome já sugere –, o ser humano começa a desenvolver um pensamento formal, isto é, mais metódico, organizado e aprimorado em comparação ao da etapa anterior, em que o pensamento era concreto. Assim, o formal diferencia-se do abstrato ao não se ligar unicamente aos elementos da realidade, funcionando, portanto, de forma independente (Bock; Furtado; Teixeira, 2018).

Durante esse período, as capacidades de julgamento, planejamento de ações e tomada de decisão passam por melhorias gradativas. Os jovens começam a compreender referências abstratas, como os conceitos de liberdade, desejos, sonhos, etc. (Papalia; Feldman, 2013). São capazes de desenvolver hipóteses e deduções sobre fenômenos que observam, de refletir a respeito do mundo que os cercam e sobre si mesmos e de formular suas próprias conclusões. Utilizam da reflexão para criticar condutas, regras e estruturas da sociedade, porém, aos poucos, percebem que esse instrumento ainda está relacionado a realidade, servindo para produzir meios de facilitar a experiência. Dessa maneira, eles substituem a perspectiva revolucionária por outra, baseada na busca por soluções palpáveis, alinhadas ao contexto vigente (Bock; Furtado; Teixeira, 2018).

Ademais, Bock, Furtado e Teixeira (2018) destacam, como aspecto característico dessa etapa, a introspecção, na qual o jovem se mostra resistente a aceitar opiniões de pessoas mais velhas, se afasta do seu círculo familiar – e, por vezes, se isola –, levando a supor que esses comportamentos fazem parte de um ato de rebeldia.

SUMÁRIO

Entretanto, o foco de sua reflexão permanece sendo a sociedade, como ressaltam as autoras. Também há a tentativa de aproximar-se de seus semelhantes, que compartilham gostos, pensamentos e comportamentos parecidos, como forma de se sentirem pertencentes a um grupo social.

Durante a pandemia do coronavírus, crianças e jovens viveram efeitos semelhantes aos de adultos, no entanto, por serem grupos naturalmente mais vulneráveis, considerando que passam por importantes marcos do desenvolvimento humano, os quais necessitam da interação social para serem estimulados, os impactos neles acabaram sendo mais intensos. Os adolescentes, em especial, foram mais afetados negativamente pela suspensão das aulas presenciais e fechamento das escolas (Oliveira *et al.*, 2020).

Sob essa perspectiva, é importante compreender de que modo a rotina dos adolescentes foi impactada pelo período pandêmico. Uma pesquisa sobre as mudanças no estilo de vida de jovens brasileiros durante a COVID-19 aponta que os hábitos dos adolescentes passaram por transformações significativas. Entre elas, destacam-se o aumento no consumo de hortaliças, devido ao maior convívio com os pais e familiares no período de confinamento; a maior ingestão de alimentos calóricos, ricos em gorduras e açúcares, que contrasta com o dado mencionado anteriormente sobre consumo de alimentos saudáveis; e o sedentarismo, intensificado pelo fechamento das escolas e necessidade de permanecer em casa na quarentena (Malta *et al.*, 2021). Esses hábitos influenciam a saúde física e, por consequência, afetam a saúde mental, segundo os conceitos da OMS (2023a), que relaciona os dois aspectos em sua definição sobre o conceito de saúde.

Ribeiro *et al.* (2023) apresentam relatos de adolescentes de uma escola pública, que expressam bem as mudanças e vulnerabilidades no cotidiano dos jovens na pandemia. Em suas falas, os adolescentes relatam que a necessidade de isolamento provocou uma

SUMÁRIO

reaproximação e maior convívio entre os membros familiares, que antes mostrava-se comprometida devido à jornada de trabalho fora de casa, a rotina acelerada dos pais e familiares, a escola e demais compromissos da vida diária de cada familiar. Por outro lado, também foram expressadas preocupações em relação ao desemprego dos provedores da família (mãe, pai, tios, entre outros), diminuição da oferta de trabalho e procura por serviços (em caso de autônomos), dificuldades financeiras, estes que levaram muitos jovens a buscarem meios de ajudar suas famílias financeiramente.

No que se refere à escola, os jovens relataram sentir falta do ambiente escolar, apresentar dificuldades no acesso e manejo de ferramentas tecnológicas e na adaptação ao formato de aulas *online*. Uma percepção comum entre eles, nessa pesquisa, foi que sentiram que houve prejuízos em sua aprendizagem; muitos afirmaram que não conseguiam aprender bem, tinham dificuldade na gestão do tempo, organização e realização das tarefas escolares, as quais se acumulavam, mesmo que as escolas disponibilizassem o material pela plataforma digital e também impresso e os educadores orientassem os alunos a como administrar o tempo de aula e as atividades. Ademais, sentiam falta dos amigos, dos colegas e das interações que a escola propiciava.

Ainda, foram narrados momentos de violência doméstica, autolesão, ideação e tentativa de suicídio, que tornam mais nítidas as vulnerabilidades às quais os jovens estiveram expostos durante a pandemia (Ribeiro *et al.*, 2023). O isolamento social acentuou os sentimentos de solidão, ansiedade, tristeza e desamparo, o que refletiu no aumento de comportamentos autolesivos e/ou suicidas naqueles que já passavam por comprometimentos na saúde mental, quadros de sofrimento psíquico e transtornos diagnosticados previamente. As situações de violência física, psicológica, abusos sexuais e assédios, em decorrência do confinamento, passaram a ocorrer com uma frequência maior, representando fatores agravantes para a saúde dos adolescentes, aos quais deve-se dar atenção e cuidado especial no período pós-pandêmico.

DESAFIOS E AS PERSPECTIVAS DAS REDES SOCIAIS DURANTE A PANDEMIA E OS SEUS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DOS ADOLESCENTES

Diante do contexto de isolamento social e fechamento das escolas, os adolescentes começaram a ficar mais tempo em casa e, devido à necessidade de uso das ferramentas tecnológicas como forma de readaptação da vida cotidiana, consequentemente, a utilização de tecnologias e mídias sociais por parte desse público aumentou ainda mais (Santos, 2020).

Os instrumentos tecnológicos, a internet e as redes sociais já possuem, comumente, uma posição privilegiada no cotidiano dos adolescentes, como destacam Oliveira e Almeida (2014), em seu trabalho sobre juventude e novas tecnologias da informação e comunicação. Nela, refletem acerca da influência de tais ferramentas sobre o modo como a sociabilidade ocorre, as quais agem como mediadoras nas relações sociais, que passam a acontecer também virtualmente. Ademais, na mesma pesquisa, os jovens, ao serem questionados pelas pesquisadoras sobre o significado que o espaço virtual tem para eles, afirmam que este é capaz de proporcionar lazer, entretenimento, auxílio nos estudos, interação social e oportunidade para expressarem ideias, sentimentos e percepções, trazendo a eles visibilidade.

Sob essa perspectiva, considerando a pandemia do coronavírus, observa-se que os aparatos tecnológicos continuaram sendo utilizados, com as funções supracitadas, pelos adolescentes. Além disso, destaca-se o papel das redes sociais como facilitadora de relações entre familiares, amigos, conhecidos, o que foi essencial para os adolescentes, que necessitam da socialização para o processo de

SUMÁRIO

SUMÁRIO

construção da identidade, fortalecimento de vínculos afetivos, identificação com seus semelhantes e sensação de pertencimento a um grupo social. Assim, as mídias sociais possibilitaram a continuidade das interações entre os jovens, estas que foram imprescindíveis para amenizar sentimentos de tristeza, solidão e tédio, bastante proeminentes no período de quarentena.

As redes sociais, também, constituíram-se como espaço viabilizador de lazer e entretenimento, como aponta um estudo realizado com 974 adolescentes sobre sentimentos e atitudes durante o isolamento (Sá; Rosa; Tardivo, 2020a). Nele, 44,7% dos jovens entrevistados afirmaram utilizar internet e redes sociais para fins recreativos, como ouvir música, assistir a filmes, séries e vídeos, e 39,9%, para falar com amigos. Destacam-se também formas de entretenimento já citadas, como *lives* e shows online via *Instagram* e *YouTube*, muito populares principalmente no auge da crise sanitária e do isolamento social. Desse modo, pode-se observar as mídias sociais como viabilizadoras de fatores protetivos para o sofrimento psíquico – atividades de lazer e manutenção de rede de apoio –, a considerar as condições adversas importas pela pandemia da COVID-19.

Entretanto, a intensificação do uso de mídias sociais também potencializou os riscos que o a utilização excessiva destas oferece à saúde mental. Em um mundo globalizado, no qual as tecnologias exercem papel fundamental no cotidiano, cujas atividades diárias estão cada vez mais dependentes das ferramentas tecnológicas, é difícil negar as contribuições que estas trazem à sociedade. Todavia, por estarem tão arraigadas à rotina diária, é importante atentar-se para o fato de que seu uso indiscriminado se torna mais propenso a ocorrer, e, como toda utilização desmedida, pode trazer prejuízos a seus usuários.

A respeito disso, Santos (2021) aponta algumas vulnerabilidades que estão associadas ao uso demasiado de mídias sociais pelos adolescentes, relacionando-o ao contexto pandêmico: "entre as vulnerabilidades que surgem do uso indiscriminado, figuram os

SUMÁRIO

transtornos de atenção, transtornos obsessivos, de ansiedade e problemas com a linguagem e a comunicação, o que afeta diretamente a aprendizagem” (p. 5). Nesse sentido, é possível notar que as redes sociais provocam efeitos e alterações sobre processos da cognição humana, como a atenção e a memória.

Na *timeline*¹² de uma rede social, por exemplo, notícias, imagens e vídeos passam a todo instante através dos olhos. Assim, a cada publicação que surge, as pessoas escolhem qual visualizar e fazem uma rápida análise de sua mensagem. Como o tempo entre a visualização, interpretação e decisão de ver outra postagem é curto – costuma durar poucos segundos –, o córtex pré-frontal, região do cérebro responsável pela tomada de decisões e pelo planejamento, fica muito ativa, o que gera uma sobrecarga nos processos cognitivos (Silva e Silva, 2017).

Nessa conjuntura, Silva e Silva (2017) explicam que a alta exposição a informações por meio das tecnologias faz com que a memória de trabalho, que é processada no córtex pré-frontal, fique sobrecarregada. Já a memória de longa duração – que perdura por um longo tempo e inclui lembranças que são acessadas ou de forma consciente, ou de maneira inconsciente (Bock; Furtado; Teixeira, 2018) – praticamente não é estimulada, pois as informações são vistas com tamanha rapidez que não torna possível elas serem absorvidas. E uma vez que não são incorporadas à memória de longo prazo, a aprendizagem, consequentemente, não acontece.

Outrossim, há um alerta acerca dos mecanismos de recompensa relacionados ao uso de ferramentas digitais. Esses mecanismos reforçam comportamentos, que passam a adquirir um caráter automático, e aliviam sentimentos e emoções conflitantes, como tristeza, raiva, tédio, que muitas vezes os jovens tentam evitar.

12

Significa “linha do tempo”. Trata-se da ordem das publicações feitas nas redes sociais online, ajudando o internauta a se orientar, exibindo as últimas atualizações feitas pelos seus amigos.

SUMÁRIO

Dessa forma, um recurso que tinha como objetivo gerar distração passa a ser um meio de o jovem tentar se afastar de sensações desagradáveis, com as quais ele ainda não consegue lidar (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019).

O uso excessivo de tecnologias digitais, incluindo as redes sociais, afetam também o âmbito familiar. Lopes *et al.* (2021) afirma que, na adolescência, é natural que os jovens procurem se aproximar de seus semelhantes, com a finalidade de construir vínculos e sentir-se pertencentes a um grupo. Após o advento das mídias digitais, essa interação tem ocorrido, em grande parte, no meio virtual, por intermédio das redes sociais, o que propicia um afastamento – ainda que não geográfico – dos adolescentes de seu círculo familiar. Dessa maneira, mesmo que estejam presentes fisicamente ao lado de outras pessoas, a atenção está voltada, muitas vezes, para as telas, e a interação com os indivíduos ao seu redor não ocorre de forma plena. Por conseguinte, isso pode ocasionar problemas no convívio social, nas relações familiares e no desenvolvimento das habilidades psicossociais.

Na crise sanitária da SARS-CoV-2, o isolamento fez aumentar o convívio entre família e adolescentes, na perspectiva desses últimos; em pesquisa, dados mostram que 42,7% dos jovens afirmaram que o isolamento social os aproximou de seus familiares e que o convívio estava sendo harmonioso, enquanto outra parcela expressiva (37,4%) afirmou que estavam passando por conflitos na vida familiar, que já existiam antes, seguida por 12,8%, que expressaram a existência de conflitos que pioram com a proximidade (Sá; Rosa; Tardivo, 2020a).

Em especial nas situações onde conflitos entre pais, responsáveis e adolescentes existem, as redes sociais podem reforçar o tipo de isolamento ao qual Lopes *et al.* (2021) se refere, em que familiares e jovens convivem juntos em um mesmo espaço, mas não mantêm diálogo e proximidade afetiva. Ainda, pode aumentar a possibilidade

SUMÁRIO

de que os adolescentes busquem conhecer e se aproximar de pessoas via internet, que também apresenta riscos, uma vez que, no ambiente virtual, há maior facilidade para manter o anonimato, o que torna os jovens mais propensos a riscos que esse espaço pode oferecer, quanto por representar um enfraquecimento da rede de apoio fora do ambiente digital. Faz-se necessário, portanto, ter atenção a esses aspectos, que se constituem como fatores de risco para a saúde mental dos adolescentes.

Diante do exposto, é notável que as redes sociais apresentaram perspectivas e desafios diante da pandemia da COVID-19, os quais tendem a ecoar no período pós-pandêmico. Fica evidente que o uso de mídias digitais, que já se realçava antes da pandemia, passou por um aumento durante ela. Nesse sentido, ressalta-se a relevância dos pesquisadores e dos profissionais em Psicologia na investigação e no desenvolvimento de pesquisas e estratégias, que ainda são escassos, a respeito da relação entre a utilização de mídias sociais – em especial, sobre seu uso indiscriminado – na pandemia pelos adolescentes, visando a maior qualidade de vida e bem-estar desse grupo no contexto pós-pandemia.

METODOLOGIA

O presente estudo teve como respaldo metodológico as pesquisas bibliográfica, de natureza qualitativa e bibliométrica. Segundo Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é caracterizada pelo levantamento de materiais bibliográficos já produzidos e publicados, com o objetivo de conhecer a temática por meio da literatura que já existe a respeito dela. Nesse sentido, há a exploração de materiais já existentes, que possibilita ao autor do estudo desenvolver ideias baseadas naquilo que já se pesquisou a respeito de um tema.

SUMÁRIO

Por outro lado, a natureza qualitativa trata-se de uma análise subjetiva em torno do objeto de pesquisa, ao contrário da quantitativa, cujo foco está na objetividade. A pesquisa qualitativa é comumente utilizada pelas ciências sociais, uma vez que busca entender e explicar fenômenos e aspectos que não podem ser mensurados, quantificados. Assim, há um foco maior na interpretação, no contexto em que o objeto de pesquisa está inserido e, também, uma aproximação entre pesquisador e objeto pesquisado (Fonseca, 2002). Já a pesquisa bibliométrica, como descrevem Lenine e Mörschbacher (2020), está relacionada ao “mapeamento da produção de conhecimento em uma disciplina” (p. 124). Assim, ela traça uma categorização das produções feitas na literatura a respeito de uma área de conhecimento.

Nessa pesquisa, foram inclusos livros, capítulos de livros, sites da internet e artigos publicados em periódicos, redigidos em português, espanhol e inglês, que tenham sido publicados em plataformas gratuitas no período de 2020 a 2023. Foram excluídos materiais como resumos publicados em anais, teses, dissertações, artigos em outros idiomas além dos supracitados e que não foram publicados dentro do intervalo estabelecido na pesquisa. Há uma ressalva apenas para materiais que são considerados de referência, os quais foram imprescindíveis para a produção deste trabalho. Estes foram os únicos que não se enquadram no período de publicação considerado aqui.

Os artigos foram coletados por meio de bases de dados como o Google Acadêmico, Scientific Eletronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia – PePSIC –, Biblioteca Virtual em Saúde, Cadernos de Saúde Pública. Assim, utilizou-se descritores como: pandemia e adolescentes, COVID-19 e adolescentes, redes sociais e pandemia, quarentena, psicologia e isolamento, pandemia e COVID-19, impacto, COVID-19 e adolescentes.

SUMÁRIO

Após os materiais terem sido pesquisados, foi feita a leitura e seleção destes para compor o estudo. No que se refere à análise e interpretação dos dados, Marconi e Lakatos (2003) definem que a primeira etapa desse processo é a reflexão crítica sobre a literatura selecionada, sobre a qual o autor emitirá um juízo de valor, ou seja, manifestará sua perspectiva subjetiva acerca do objeto estudado.

A segunda, terceira e quarta etapas listadas por elas são, em ordem: decomposição dos elementos essenciais e sua classificação, generalização e análise crítica. Por fim, a última fase é a de interpretação. Ela requer que o autor interprete os dados, comprovando ou refutando as ideias que foram apresentadas, de maneira crítica. Dessa forma, o fenômeno estudado pode ser tratado, analisado e interpretado adequadamente (Marconi; Lakatos, 2003).

RESULTADOS

Foi realizado um levantamento de materiais acerca do tema, tomando como base os objetivos específicos do trabalho e as palavras-chave: redes sociais, pandemia, COVID e adolescentes, nas plataformas de pesquisa científica, que abrangessem os anos de 2020 a 2023, relativos ao surgimento da pandemia da COVID-19. Notou-se que não há muitos materiais que relacionem o uso de redes sociais pelos adolescentes na pandemia, sendo menos ainda aqueles que se referem especificamente a essa temática.

O ano de 2020 destacou-se como o ano com mais publicações sobre temas que se relacionam com três dos objetivos específicos estabelecidos neste trabalho – compreender como a chegada da pandemia da COVID-19 afetou a rotina dos adolescentes, como a

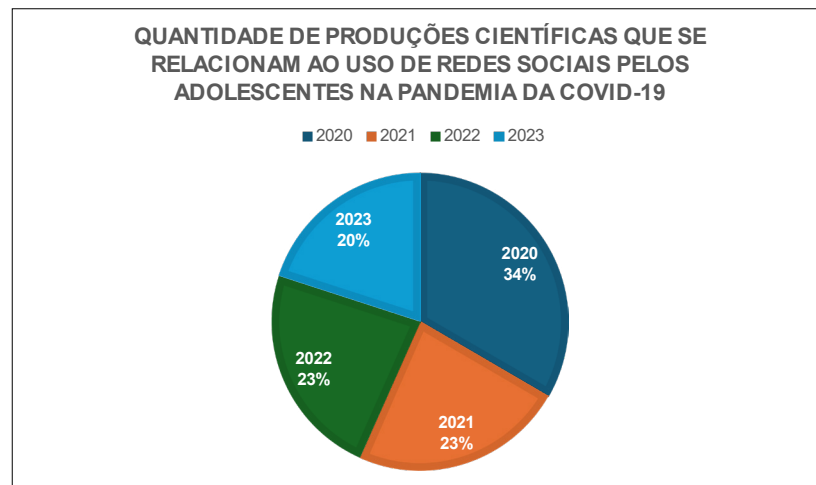
SUMÁRIO

tecnologia como contribuiu como facilitadora das interações sociais diante do isolamento social e as influências positivas e negativas do uso das redes sociais para a saúde mental dos adolescentes, antes e durante a pandemia da COVID-19 –, com dez (10) artigos encontrados. Em seguida, vieram os anos de 2021 e 2022, com sete (07) artigos cada. Por fim, o ano de 2023, com seis (06) artigos publicados a respeito do tema e objetivos específicos. No total, foram selecionados trinta (30) artigos, nos idiomas português, espanhol e inglês.

A quantidade publicada em cada ano pode estar relacionada à passagem de tempo desde o início da pandemia. Em 2020, a COVID-19 havia sido recém-descoberta e os fenômenos estavam sendo vivenciados naquele momento. Ao invés de estudos sobre um fenômeno específico, no levantamento de materiais de 2020, foram encontrados muitos relatos. Em 2021 e 2022, começou-se a estudar mais sobre fenômenos que foram observados durante o período de pandemia, o que pode estar relacionado ao maior número de produções nesses anos.

No ano de 2021, inclusive, foi encontrado o único material, dentro do levantamento, que se relaciona diretamente com a temática, intitulado “COVID-19 e saúde mental dos adolescentes: vulnerabilidades associadas ao uso de internet e mídias sociais”, todavia, foram encontrados mais artigos ligados aos objetivos específicos. Em 2023, houve uma queda no número de produções, entretanto, assim como no ano anterior – 2022 – também buscou-se compreender melhor os impactos da pandemia na saúde mental dos adolescentes, assim, os artigos se aproximaram mais da proposta desse trabalho. Segue, abaixo, a representação gráfica desse quantitativo:

Gráfico 1 - Quantidade de produções científicas que se relacionam ao tema e objetivos deste estudo sobre uso de redes sociais na pandemia pelos adolescentes



Fonte: autora própria (2023).

Os materiais que mais se relacionam à temática, que estão dentro do intervalo de tempo considerado para esse levantamento, foram:

Quadro 1 - Produções científicas de 2020 relacionadas ao tema

TÍTULO	OBJETIVO	AUTOR(ES)	PERIÓDICO
A utilização das redes sociais digitais no cuidado psicossocial infantojuvenil, diante da pandemia por COVID-19.	Analisar como as redes sociais digitais podem ser ferramentas essenciais para profissionais dentro dos serviços de saúde, mediante as alterações que ocorreram com a pandemia. As rotinas de prática assistencial para o público infantojuvenil na clínica psicossocial foram diretamente afetadas.	Lorena Andrade; Ana Gabriela Duarte Mauch; Jéssica Emanoeli Moreira da Costa; Kelly Mangabeira da Silva; Lucas Lima de Almeida; Sarah Lemos Araújo; Silvana Pereira Dantas; Evangelista de Souza; Tâmara Araújo Rocha Nunes; Vanessa Ribeiro de Souza.	Health Residencies Journal – HRI.
Impactos das redes sociais digitais na saúde mental de adolescentes e jovens.	Examinar os impactos das redes sociais digitais na saúde mental dos adolescentes e jovens.	Karla Souza; Mônica Cunha.	Anais do Workshop sobre as Implicações da Computação na Sociedade.
Redes sociais, suas implicações sobre a imagem corporal de estudantes adolescentes e o contexto da pandemia do coronavírus (COVID-19).	Discutir possíveis influências das redes sociais sobre a percepção da autoimagem corporal de adolescentes e jovens escolares no contexto pandêmico do COVID-19 com base na literatura sobre o tema.	Amanda Alberto de Brito; Tayná Brum Thimóteo; Fábio Brum.	Temas em Educação Física Escolar.

SUMÁRIO

TÍTULO	OBJETIVO	AUTOR(ES)	PERIÓDICO
O olhar das crianças/Adolescentes sobre a pandemia COVID-19 e a psicologia.	Compreender como as crianças/adolescentes veem a crise sanitária, conhecida como "quarentena", "pseudo-férias", "guerra", "interrupção escolar forçada", "inimigo oculto" e como a Psicologia pode intervir de forma positiva e simplificada.	Inês Alcobia; C. Claro; Maria Lapa Esteves.	Dehesa – Repositorio Institucional de la Universidad de Extremadura.
Saúde mental das crianças e adolescentes em tempos de pandemia: uma revisão narrativa.	Realizar uma revisão narrativa acerca dos impactos na saúde mental de crianças e adolescentes durante períodos de pandemia.	Liane Franco Barros Mangueira; Ricardo Andre Medeiros Negreiros; Margareth de Fátima Formiga Melo Diniz; José Kenio de Sousa.	Revista Eletrônica Acervo Saúde.
A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa.	Realizar uma análise sobre as consequências na saúde mental advindas do período de isolamento social durante a pandemia de COVID-19 e de prenuir estratégias de enfrentamento para minimizá-las.	Mara Dantas Pereira; Leonita Chagas de Oliveira; Cleberson Franklin Tavares Costa; Claudia Mara de Oliveira Bezerra; Míria Dantas Pereira; Cristiane Kelly Aquino dos Santos; Estélio Henrique Martin Dantas.	Research, Society and Development.
A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia.	O artigo trata a respeito de reinvenções e deslocamentos diante da quarentena, os quais se pautam pelo direito à vida ao mesmo tempo em que restringem o direito à liberdade.	Bianca Salazar Guizzo; Fabiana de Amorim Marcello; Fernanda Müller.	Educação e Pesquisa.
A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review.	Identificar o impacto ou os efeitos da pandemia da COVID-19 na saúde dos adolescentes.	Wanderlei Abadio de Oliveira; Jorge Luiz da Silva; André Luiz Monezi Andrade; Denise De Micheli; Diene Monique Carlos; Marta Angélica Iossi Silva.	Cadernos de Saúde Pública.
Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19).	Sistematizar conhecimentos sobre implicações na saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus	Beatriz Schmidt; Maria Aparecida Crepaldi; Simone Dill Azeredo Bolze; Lucas Neiva-Silva; Lauro Miranda Demenech.	Estudos de Psicologia (Campinas).
Mental health considerations for children & adolescents in COVID-19 pandemic.	destacar a vulnerabilidade das crianças, fornecendo uma visão geral dos sintomas comuns de sofrimento em diferentes faixas etárias e resumindo as intervenções e recursos disponíveis para promover a saúde mental e o bem-estar infantil durante a pandemia da COVID-19.	Nazish Imran; Muhammad Zeshan; Zainab Pervaiz.	Pakistan Journal of Medical Sciences.

Fonte: autora própria (2023).

Quadro 2 - Produções científicas de 2021 relacionadas ao tema

TÍTULO	OBJETIVO	AUTOR(ES)	PERIÓDICO
COVID-19 e saúde mental dos adolescente: vulnerabilidades associadas ao uso de internet e mídias sociais.	Discutir os impactos do uso de internet e mídias sociais sobre a saúde mental dos adolescentes, sobretudo durante a pandemia de COVID-19.	Catiele dos Santos.	HOLDS.
Percepciones de los adolescentes sobre el uso de las redes sociales y su influencia en la salud mental.	Identificar a percepção que os adolescentes têm sobre o uso das redes sociais e a influência na saúde mental.	Rodrigo Jacob Moreira de Freitas; Thaisa Natália Carvalho Oliveira; Juce Ally Lopes de Melo; Jennifer do Vale e Silva; Kisia Cristina de Oliveira e Melo; Samara Fontes Fernandes.	Enfermería Global.
O impacto da pandemia de COVID-19 na saúde mental e física de crianças e adolescentes: uma revisão narrativa.	Revisar e descrever os impactos da pandemia da doença por coronavírus 2019 (COVID-19) nas crianças e adolescentes em seu cotidiano, saúde mental e física, abordando especialmente a perspectiva do isolamento social.	Danielle Braz Amarílio da Cunha; Anna Beatriz Sanguinetti Regadas de Barros; Juliana Barrozo Fernandes Borges; Larissa Müller Marques; Marília Magalhães Wanderlei; Vítor Henrique Soares Campelo; Danielle Sampaio Lima da Cruz.	Revista Eletrônica Acervo Saúde.
A pandemia de COVID-19 e mudanças nos estilos de vida dos adolescentes brasileiros.	Analisar as mudanças nos estilos de vida dos adolescentes brasileiros durante a pandemia de COVID-19.	Deborah Carvalho Malta; Crizian Saar Gomes; Marilisa Berti de Azevedo Barros; Margareth Guimaraes Lima; Alanna Gomes da Silva; Laís Santos de Magalhães Cardoso; André Oliveira Werneck; Danilo Rodrigues Pereira da Silva; Arthur Pate de Souza Ferreira; Dália Elena Romero; Maria Imaculada de Fátima Freitas; Ísis Eloah Machado; Paulo Roberto Borges de Souza Júnior; Giseli Nogueira Damacena; Luiz Otávio Azevedo; Wanessa da Silva de Almeida; Célia Landmann Szwarcwald.	Revista Brasileira de Epidemiologia.
Habilidades sociais e uso de mídias sociais por adolescentes no ensino médio.	Caracterizar o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação e as Habilidades Sociais de 456 estudantes de escolas privadas do Sul do Brasil.	Ilana Andretta; Luana Thereza Nesi de Mello; Bianca Ledur; Myllena Diessy da Silva; Vanessa Trintin-Rodrigues.	Revista Interdisciplinar de Psicologia e Promoção da Saúde.
Problemas emocionais/comportamentais entre uma amostra de adolescentes brasileiros durante a pandemia de COVID-19.	Descrever a frequência de problemas emocionais e comportamentais entre uma amostra de adolescentes em isolamento social utilizando o relato dos pais; Avaliar diferenças nas pontuações de problemas emocionais e comportamentais reportados pelos pais considerando as variáveis sexo e grupo etário;	Lívia Branco Campos; Natália Sant'Anna da Silva; Rafael Angulo Condoretti Barros Novaes; Marina Monzani Rocha.	Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento.
O trabalho mudou-se para casa: trabalho remoto no contexto da pandemia de COVID-19.	Discutir os elementos vivenciados pelos(as) trabalhadores(as) com a ampla implementação de atividades laborais remotas, realizadas em casa, com auxílio das tecnologias de informação-comunicação, no contexto da pandemia de COVID-19.	Tânia Maria de Araújo; Iracema Lua.	Revista Brasileira de Saúde Ocupacional.

Fonte: autora própria (2023).

Quadro 3 - Produções científicas de 2022 relacionadas ao tema

TÍTULO	OBJETIVO	AUTOR(ES)	PERIÓDICO
Adicción a las redes sociales y la procrastinación académica en adolescentes peruanos en tiempos de coronavirus COVID-19.	Determinar a relação entre o vício em redes sociais e a procrastinação acadêmica em tempos de coronavírus (COVID-19) nos estudantes da educação básica regular (EBR) de uma instituição educativa (IE) pública do Perú.	Marisol Yana; Diana Adco; Rebeca Alanoca; Manuela Casa-Coila.	Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado.
Impactos do uso excessivo de redes sociais na adolescência: uma pesquisa bibliográfica.	Identificar os impactos do uso excessivo das redes sociais na saúde mental dos adolescentes, fazendo considerações sobre o desenvolvimento do transtorno de ansiedade entre jovens na faixa etária de 11 a 19 anos.	Ana Júlia Guimarães Lorenzon; Laura Carvalho Seixas; Nathália Scholossnacker Lange; Nicole Oliveira Alves; Fernanda Pires Jaeger; Janaína Pereira Pretto Carlesso.	Disciplinarum Scientia.
Factors associated with the relationship between screen time and increased anxiety in children and adolescents during the COVID-19 pandemic: an integrative review.	analisar os fatores envolvidos na relação entre o aumento do tempo de tela e a presença de ansiedade em crianças e adolescentes durante o período de pandemia da COVID-19.	Bianca Mendonça Andrade; Amanda Santos Meneses Barreto; Andrey Melo Campos; Brenda Louise Prado Carranza; Laura Marina Ceciliano Bomfim Souto Santana; Luciana Montalvão Gois Figueiredo de Almeida; Marisa Couto Ribeiro; Natália Palazoni Viegas Mendonça; Vitória Palazoni Viegas Mendonça; Ana Celia Goes Melo Soares.	Research, Society and Development.
Percepção de aspectos psicossociais de adolescentes brasileiros durante a pandemia da COVID-19.	Descrever impactos psicossociais da pandemia em um grupo de adolescentes brasileiros.	Lucas Pereira Bitencort; André Luiz Monezi; Wanderlei Abadio de Oliveira.	14º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde.
Emotional and behavioral problems in adolescents in the context of COVID-19: a mixed method study.	estimar a prevalência de problemas emocionais e comportamentais em adolescentes no contexto da pandemia de COVID-19 e explorar a percepção dos adolescentes sobre os problemas emocionais e comportamentais identificados.	Carolina Ferreira Peterle; Caroline Lima Fonseca; Bruna Hinnah Borges Martins de Freitas; Maria Aparecida Munhos Gaíva; Paula Manuela Jorge Diogo; Juliano Bortolini.	Revista Latino-Americana de Enfermagem.
A pandemia de COVID-19 e seus impactos na saúde mental dos adolescentes: revisão narrativa.	Identificar na literatura estudos a respeito do impacto da pandemia da COVID-19 na saúde mental dos adolescentes.	Marcos Vinícios Ramos Da Silva.	Scientia Generalis.
Repercussões emocionais da pandemia da COVID-19 em adolescentes: desafios à saúde pública.	Compreender as vivências cotidianas e as repercussões emocionais da pandemia da COVID-19 para os adolescentes.	Thaianne Cristine Gadagnoto; Lise Maria Carvalho Mendes; Juliana Cristina dos Santos Monteiro; Flávia Azevedo Gomes-Sponholz; Nayara Gonçalves Barbosa.	Revista da Escola de Enfermagem da USP.

Fonte: autora própria (2023).

Quadro 4 - Produções científicas de 2023 relacionadas ao tema

TÍTULO	OBJETIVO	AUTOR(ES)	PERIÓDICO
Comportamentos e sentimentos de adolescentes durante a pandemia da COVID-19.	Descrever e identificar na literatura científica os sentimentos e comportamentos de adolescentes durante a pandemia da COVID-19.	Sofia Falsetti Xavier; Lucas Pereira Bitencort; Julia Maria Terossi Carvalho; Adelita Cabrera Costa; Wanderlei Abadio de Oliveira.	Revista Fronteiras em Psicologia.
Repercussões da pandemia COVID-19 na saúde mental de crianças e adolescentes: uma revisão integrativa.	Descrever as repercussões da pandemia COVID-19 na saúde mental de crianças e adolescentes.	Mariana Silva Souza; Marcos Roberto Nascimento Sousa; Edmilson Alves da Silva Filho; Yslla Adriana Silva Sousa; Ana Maria Couto Sousa; Éilda Brandão da Silva; Isabela Gonçalves do Nascimento; Maria das Graças Silva Soares; Taynara Martelli Prado; Camilla Siqueira de Aguiar.	Journal of Education Science and Health.
Impacto psicológico de la COVID-19 en niños y adolescentes.	Explicar o impacto psicológico que a pandemia da COVID-19 ocasionou na população de crianças e jovens.	Cynthia Reyes Flores.	I Convención de Atención Primaria y Salud Comunitaria "Dr. José Raimundo Oquendo" Abreus 2023.
Percepción de cambios en los estilos de vida durante la pandemia COVID-19 en adolescentes de un colegio público de cañete, lima.	Determinando as mudanças no estilo de vida durante a pandemia em adolescentes do 5º ano da Instituição Educativa Pública Santa Rita de Cassia, Cañete.	Karolay Milagros Palomino Chumpitaz.	Revista Peruana de Medicina Integrativa.
Pandemia de COVID-19 no brasil: análise do cotidiano e desdobramentos de uma intervenção grupal.	Analisar as mudanças nos cotidianos de brasileiros em distanciamento físico e as possíveis contribuições da terapia ocupacional em teleatendimento grupal.	Katharyne Figueiredo Elesbão; Tatiana Dimov; Willian Silva Barros; Leidy Janeth Erazo-Chavez; Ellen Cristina Ricci.	Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional.
Vulnerabilidade no cotidiano de adolescentes na pandemia de COVID-19.	Conhecer a vulnerabilidade no cotidiano de adolescentes na pandemia de COVID-19.	Aline Cammarano Ribeiro; Fabiano Ritta Malagães Ianzer; Fernanda Duarte Siqueira; Eliane Tatsch Neves; Neila Santini de Souza; Camila Nunes Barreto; Graciela Dutra Senhem; Cíntia Vanuza Monteiro Bugs.	Revista da Escola de Enfermagem da USP.

Fonte: autora própria (2023).

O levantamento fornece dados inéditos e interessantes sobre a quantidade de materiais disponíveis sobre o tema. Torna-se evidente a escassez de produções científicas relacionadas ao uso de redes sociais por adolescentes durante a pandemia. Diante disso, optou-se

SUMÁRIO

por ampliar a busca, incluindo também aquelas relacionadas aos objetivos específicos da pesquisa. Esse critério resultou na identificação de trinta (30) novos artigos. No entanto, essa quantidade ainda é insuficiente, destacando a necessidade de realizar mais estudos para obter-se uma compreensão mais aprofundada de como o fenômeno do uso de mídias sociais por jovens se manifestou durante a pandemia e quais são os impactos dessa utilização na saúde mental.

Assim, esta pesquisa visa enriquecer o acervo de materiais sobre a temática, colaborando com as investigações sobre os efeitos das redes sociais no público adolescente durante a pandemia, especialmente os aspectos negativos que podem prejudicar a saúde psíquica. Dessa forma, o estudo também contribui para minimizar o declínio relacionado ao número de produções sobre o tema e pode servir como base para futuras pesquisas relacionadas a esse contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar como o uso das redes sociais, durante a pandemia da COVID-19, afetou a saúde mental dos adolescentes e quais foram os desafios e perspectivas dessa utilização considerando o contexto pandêmico. No decorrer do texto, foi mostrado que a crise sanitária impôs a necessidade de adoção de medidas de prevenção, como o isolamento social e o *lockdown*, que refletiram diretamente na rotina das pessoas, incluindo os adolescentes.

Para a realização desse trabalho, foram realizadas pesquisas do tipo bibliográfica e bibliométrica, de materiais relacionados ao tema e aos objetivos específicos propostos. Observou-se que há escassez de literaturas que relacionem a adolescência, as redes sociais e a saúde mental durante a pandemia da COVID-19. Na Psicologia, os fenômenos que envolvem a fase da adolescência não recebem muito enfoque de estudos científicos. Considerando a dimensão dos efeitos

SUMÁRIO

provocados pelo coronavírus, faz-se necessário que pesquisas sejam desenvolvidas sobre os impactos psicológicos, sociais e emocionais da pandemia para os adolescentes.

Ao longo da pesquisa bibliográfica, pode-se observar que as ferramentas digitais foram indispensáveis para a readaptação da rotina dos adolescentes após a suspensão das aulas devido à pandemia do coronavírus. Nesse cenário, as redes sociais possibilitaram a continuidade das relações sociais entre amigos, que é especialmente importante durante a fase da adolescência, de atividades de entretenimento e lazer, que atuaram como fatores protetivos para a saúde mental diante do contexto de estresse provocado pelo isolamento social. Por outro lado, o período de quarentena intensificou uso de mídias digitais, cuja utilização excessiva pode gerar aumento do ócio, dos sintomas de ansiedade, de tristeza e alterações na atenção, na memória e em outros processos cognitivos.

No tocante ao levantamento de materiais, foi observado que houve dificuldade em encontrar artigos referentes ao tema devido à escassez de produção. A maioria dos artigos encontrados durante a pesquisa estavam ligados aos objetivos específicos estabelecidos para esse trabalho, não se relacionavam especificamente à temática. No total, foram encontrados trinta (30) materiais nos idiomas português, espanhol e inglês. Entre eles, dez (10) foram publicados em 2020, sete (7) em 2021, sete (7) em 2022 e seis (6) em 2023.

Diante dos resultados, pode-se relacionar que a maior quantidade de materiais publicados em 2020 esteja ligada à necessidade imposta pela pandemia da COVID-19 de compreender as transformações provocadas por ela, tais como a readaptação das atividades do cotidiano e os impactos do momento pandêmico para os diversos aspectos da vida humana. Outros efeitos da crise sanitária passaram a ser explorados em estudos científicos nos anos seguintes, como demonstram os dados do levantamento. Todavia, não se deve desconsiderar os números relacionados às produções, as quais, ao invés de subirem, decaíram ao longo dos anos.

SUMÁRIO

Nota-se, portanto, a necessidade de se desenvolver mais estudos a respeito da temática, uma vez que, diante de um cenário de isolamento social, as redes sociais foram ferramentas essenciais, que possibilitaram a manutenção dos vínculos afetivos e interação social em um momento marcado por restrições sanitárias e transformações sociais profundas e repentinas. Desse modo, faz-se imprescindível a continuidade das pesquisas relacionadas aos impactos da pandemia na saúde mental dos adolescentes, bem como de outros fenômenos que envolvem esse público-alvo, a fim de alimentar a literatura existente sobre o tema, a qual ainda é deficitária.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lorena *et al.* A utilização das redes sociais digitais no cuidado psicossocial infantojuvenil, diante da pandemia por COVID-19. *In: Health Residencies Journal*, v. 1, n. 2, p. 44-61, 2020. Disponível em: <<https://escsresidencias.emnuvens.com.br/hrj/article/view/12>>. Acesso em: 26 nov. 2023.

ARAÚJO, Tânia Maria de; LUA, Iracema. O trabalho mudou-se para casa: trabalho remoto no contexto da pandemia de COVID-19. *In: Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, v. 46, n. 27, p. 1-11, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbso/a/LQnfjLrjgrSDKkTNyVfgnQy/?lang=pt>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

BERNI, Vanessa Limana; ROSO, Adriane. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. *In: Psicologia & Sociedade*, v. 26, n. 1, p. 126-136, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/vQrgynH9BHggw3M5kXnHjmm/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 28 out. 2023.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. 15 ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA**. Brasília, 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretária de Atenção à Saúde. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes**. Brasília, 2007a. 60p. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf>. Acesso em: 05 nov 2022.

SUMÁRIO

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS). **Boletim Epidemiológico Especial N° 16**. Brasília: MS, 2020a. Disponível em: <<https://saude.rs.gov.br/upload/arquivos/202005/19113957-2020-05-18-bee16.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). **Recomendações 2020**. Ministério da Saúde, 2023a. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/recomendacoes-2020?start=20>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

BROOKS, Samantha *et al.* The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *In: The Lancet*, v. 395, n. 10227, p. 912-920, 2020. Disponível em: <[https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)30460-8/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)30460-8/fulltext)>. Acesso em 15 nov. 2023.

DERTOUZOS, Michael Leonidas. **O que será: como o novo mundo da informação transformará nossas vidas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ELESBÃO, Katharyne Figueiredo *et al.* Pandemia de COVID-19 no Brasil: análise do cotidiano e desdobramentos de uma intervenção grupal. *In: Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 31, p. 1-20, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cadbto/a/mSlqSDsb4vCGX8x9PcrjSBd/>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

FIOCRUZ. **Os impactos sociais da COVID-19 no Brasil**: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2002.

GOMES, Aline Dias *et al.* Emoções manifestas por adolescentes escolares na pandemia COVID-19. *In: Research, Society and Development*, v. 10, n. 3, p. 1-6, 2021.

GUIZZO, Bianca Salazar; MARCELLO, Fabiana de Amorim; MÜLLER, Fernanda. A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. *In: Educação e Pesquisa*, v. 46, p. 1-18, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/ybM6TZ8MvPmdLN8HzqgFZKS/?lang=pt>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

LEE, Michael. Digital inclusion is more than just access. **World Benchmarking Alliance**, 2020a. Disponível em: <<https://www.worldbenchmarkingalliance.org/news/digital-inclusion-is-more-than-just-access/>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

LENINE, Enzo; MÖRSCHBÄCHER, Melina. Pesquisa bibliométrica e hierarquias do conhecimento em Ciência Política. *In: Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 31, p. 123-160, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/WzTqX8TDbPszCHhcSmm6ftS/?lang=pt>>. Acesso em: 27 nov. 2023.

SUMÁRIO

LINS, Bernardo Felipe Estellita. A evolução da Internet: uma perspectiva histórica. *In: Cadernos ASLEGIS*, n. 48, p. 11-45, 2013. Disponível em: <<https://www.aslegis.org.br/files/cadernos/2013/caderno-48/2-INTRODUCAO.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

LOPES, Andressa Pereira *et al.* O uso excessivo das tecnologias digitais e seus impactos nas relações psicossociais em diferentes fases do desenvolvimento humano. *In: Caderno de Graduação – Ciências Biológicas e da Saúde – UNIT – ALAGOAS*, v. 6, n. 3, p. 166, 2021. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/fitsbiosauade/article/view/8964>. Acesso em: 12 ago. 2023.

MACEDO, Severine C. Apresentação in SNJ, UNFPA. **Estatuto da juventude**. Brasília: SNJ/UNFPA, 2013a. Disponível em: <<http://www.unfpa.org.br/Arquivos/estatutodajuventude.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2023.

MALTA, Deborah Carvalho *et al.* A pandemia de COVID-19 e mudanças nos estilos de vida dos adolescentes brasileiros. *In: Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 24, p. 1-13, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbepid/a/4xc9dNPPnXXNMtSYpJX3kqh/?lang=pt&format=html>>. Acesso em: 26 nov. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MORAES, Bruna Rabello de; WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Notas sobre a história da adolescência: transformações e repetições. *In: Estilos da Clínica*, v. 25, n. 2, p. 280-296, 2020.

OLIVEIRA, Jaiane Araujo de; ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. Juventude e novas tecnologias da informação e comunicação: tecendo redes de significados. *In: Revista NUFEN*, v. 6, n. 2, p. 70-89, 2014.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio *et al.* Adolescents' health in times of COVID-19: a scoping review. *In: Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, n. 8, p. 1-14, 2020. Disponível em: <<https://cadernos.ensp.fiocruz.br/ojs/index.php/csp/article/view/7300>>. Acesso em: 26 nov. 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Histórico da pandemia de COVID-19**. Organização Pan-Americana da Saúde, 2023a. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/COVID19/historico-da-pandemia-COVID-19>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORNELL, Felipe *et al.* Pandemia de medo e COVID-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. *In: Debates em Psiquiatria*, v. 10, n. 2, p. 12-16, 2020. Disponível em: <<https://revistardp.org.br/revista/article/view/35>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SUMÁRIO

PAPALIA, Diane E; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. 12 ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PEREIRA, Mara Dantas *et al.* The COVID-19 pandemic, social isolation, consequences on mental health and coping strategies: an integrative review. **In: Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. 1-35, 2020. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4548>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

PFEFFERBAUM, Betty; NORTH, Carol S. Mental Health and the COVID-19 Pandemic. **The New England journal of medicine**, v. 383, n. 6, p. 510-512, 2020. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32283003/>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

RIBEIRO, Aline Cammarano *et al.* Vulnerabilidade no cotidiano de adolescentes na pandemia de COVID-19. **In: Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 57, p. 1-8. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/ytW5vNwPRWsZBC7P68jkYSG/?lang=pt>>. Acesso em: 26 nov. 2023.

RIBEIRO, Elthon Ferreira. Redes sociais na pandemia: análise das *lives* na quarentena. **In: Revista Temática**, v. 17, n. 3, p. 202-216, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/58296>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

SÁ, Rita de Cassia de Souza; ROSA, Helena Rinaldi; TARDIVO, Leila Salomão de La Plata Cury. **Sentimentos e atitudes de adolescentes no isolamento social em período da pandemia por coronavírus**, 2020a. Disponível em: <<https://www.ip.usp.br/site/wp-content/uploads/2020/06/RESUMO-PESQUISA-ADOLESCENTES-40-dias.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2023.

SANTOS, Catiele dos. COVID-19 e saúde mental dos adolescentes: vulnerabilidades associadas ao uso de internet e mídias sociais. **In: HOLOS**, v. 3, p. 1-14, 2021. Disponível em: <<https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11651>>. Acesso em: 26 nov. 2023.

SCHLEMMER, Eliane. A pandemia proporcionou vários aprendizados. **In: TICs & EaD em Foco**, v. 7, n. 1, p. 5-25, 2021. Disponível em: <<https://www.uemanet.uema.br/revista/index.php/ticseadfoco/article/download/537/367/1158>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria. Adolescência através dos Séculos. **In: Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 227-234, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/MxhVZGYbrsWtCsN5nSXszh/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 28 out. 2023.

SUMÁRIO

SHIGEMURA, Jun *et al.* Public responses to the novel 2019 coronavirus (2019-nCoV) in Japan: Mental health consequences and target populations. *In: Psychiatry and Clinical Neurosciences*, v. 74, n. 4, p. 281-282, 2020. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/pcn.12988>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SILVA; Thayse de Oliveira; SILVA, Lebiã Tamar Gomes. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. *In: Revista Psicopedagogia*, v. 34, n. 103, p. 87-97, 2017.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA – SBP. Manual de Orientação: **#Menos telas #Mais saúde**. Rio de Janeiro, SBP: 2019.

SOUZA, Karlla; CUNHA, Mônica Ximenes Carneiro da. Impactos do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão sistemática da literatura. *In: Revista Educação, Psicologia e Interfaces*, v. 3, n. 3, p. 204-217. Disponível em: <<https://educacaoepsicologia.emnuvens.com.br/edupsi/article/view/156>>. Acesso em: 26 nov. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **Adolescent health**. World Health Organization, 2022a. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab_1>. Acesso em 05 nov. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Constitution of the World Health Organization**. 2023a. Disponível em: <<https://www.who.int/about/governance/constitution#:~:text=Health%20is%20a%20state%20of,absence%20of%20disease%20or%20infirmity>>. Acesso em: 26 fev. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Timeline**: WHO's COVID-19 response. World Health Organization, 2023a. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/interactive-timeline#event-52>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

Erliene dos Santos Sousa

Licenciada em letras e pedagogia - UEMA.
Especialista em Ensino da Gramática, produção e revisão textual - FAEME.
Especialista em educação especial e inclusiva - UEMA.
Tutora e orientadora de TCC da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA.

Maria Beatriz Sousa Saturnino

Graduanda em pedagogia - UEMA.

Geilson Conceição Silva

Graduado em Psicologia pela Faculdade de Educação Adelaide Franco - FEMAF.
Graduado em Pedagogia pela Universidade Metropolitana de Santos UNIMES.
Graduado em Filosofia pela Faculdade Evangélica do Meio Norte-FAEME.
Mestrando em Ciências da educação pela Universidade World university Ecumenical (W.U.E).
Especialista em psicopedagogia institucional pela Faculdade Evangélica do Meio Norte FAEME. Especialista em Neuropsicopedagogia pela Faculdade Batista de Minas Gerais - FBMG.
Especialista em Gestão e supervisão escolar, pela Faculdade Evangélica do Meio Norte FAEME.
Especialista em história e cultura afro brasileira, pela Faculdade Batista de Minas Gerais - FBMG, educação infantil e séries iniciais pela Faculdade de Educação Física de Barra Bonita FAEFI.
Docência do ensino superior, pela Faculdade de Educação Memorial Adelaide Franco - FEMAF, acadêmico de pós-graduação Lato Sensu em PSICOLOGIA E SAÚDE MENTAL pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo.
Acadêmico de pós-graduação em intervenção e aba aplicado ao transtorno do espectro autista, pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo.
Atualmente Coordenador de Cultura na Secretaria Municipal de Educação de Coroatá-MA, Psicólogo Clínico na clínica Dr. Naldo Dantas Coroatá-MA,

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Educador Especialista do Programa Ativa Comunidade Escolar em Coroatá-MA, mantido pelo BNDS (Banco Nacional de Desenvolvimento Social, Fundação RAÍZEN, Instituto Singularidades e COCRIAR mobilização comunitária, Professor Universitário nas faculdades FEMAF (Faculdade Educação Memorial Adelaide Franco) e FAEME (Faculdade Evangélica do Meio Norte), Professor efetivo da rede pública Municipal de Ensino em Coroatá-MA.

Wellida Cristina Silva Nascimento

Bacharel em Psicologia - Universidade Ceuma.
Pós-Graduada em Psicopedagogia - Universidade Dom Bosco.
Pós-Graduada em Neuropsicopedagogia - Faculdade São Luís.
Docente do Curso de Graduação em Psicologia - Faculdade de Educação Memorial Adelaide Franco - FEMAF.
Coordenadora do Curso de Psicologia - Faculdade de Educação Memorial Adelaide Franco - FEMAF.

Francisco Eric Vale de Sousa

Licenciado em Educação Física e Pedagogia.
Mestre em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília - UCB;
Doutor em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle - Unilasalle.
Docente dos cursos de Graduação e Pós-graduação da Faculdade de Educação Memorial Adelaide Franco - FEMAF e Docente da Rede de Ensino de Trizidela do Vale - Ma.

Cinthya Rayrelly Pereira de Sousa

Bacharel em psicologia pela Faculdade de Educação Memorial Adelaide Franco - FEMAF.
Formada em Técnica de Enfermagem pela Instituição IPED- Pedreiras.
Vínculo empregatício: Técnica de enfermagem no município de Trizidela do Vale.

Edilson da Silva Oliveira

Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão.
Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Politécnica e Artística do Paraguai - UPAP.
Supervisor Escolar na Rede Pública Municipal de Pedreiras - MA.
Secretário Acadêmico na Faculdade de Educação Memorial Adelaide Franco - FEMAF, Pedreiras - MA.



SUMÁRIO

Francisco das Chagas Alves da Silva Rufino Júnior

Graduando do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA.

Cristhiane Sampaio Aragão Fontenele

Licenciada em Pedagogia e Geografia.

Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional – FAEPI.

Especialista em Práticas Assertivas em Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos (EJA) pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN.

Mestranda Em Gestão do Ensino da Educação Básica na Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Docente do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação Memorial Adelaide Franco – FEMAF.

Docente do curso de Matemática na Universidade Estadual do Maranhão-UEMA/ Campus Pedreiras.

Docente da Educação Básica da Rede de Ensino de Pedreiras – MA.

Orientadora da Especialização em informática na Educação do Instituto Federal do Maranhão - IFMA/Campus Pedreiras.

Edma Ribeiro Luz

Licenciada em Letras e Educação Física.

Especialista em Informática na Educação - IFMA e em Língua Portuguesa - Flated.

Docente da Universidade Estadual do Maranhão campus Pedreiras e Faculdade de Educação Memorial Adelaide Franco - FEMAF.

Thayronne Rennon Lima Gomes

Graduado em Pedagogia.

Pós-graduação (título): Mestrando em Gestão de Ensino da Educação Básica PPGEEB - UFMA. Professor da rede municipal de educação de Pedreiras e na rede estadual de Educação do estado do Maranhão.

Francisca Dacy da Silva Carvalho

Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

Especialista em Metodologia do Ensino de História e Geografia do Brasil.

Acadêmica de Psicologia-Faculdade de Educação Memorial Adelaide Franco - FEMAF.

Docente da Rede de Ensino de Jenipapo dos Vieiras - MA.

Docente do Colégio Nossa Senhora de Fátima - Barra do Corda-MA.



SUMÁRIO

Luiz Carlos Rodrigues da Silva

Licenciado em Filosofia pela FAEME e em História pela UEMA. Especialista em Docência no Ensino Superior pela FACAM e Mídias na Educação pela UFMA. Mestre em Ensino de História pela UFT. Doutorando em Educação pela UAA. Docente efetivo de História no C E Arlindo Ferreira de Lucena, em Barra do Corda.

Lays Karyne da Silva Santos Mendes

Licenciada em Pedagogia - UFPI. Pós-graduada em Atendimento Educacional Especializado (AEE) pela Universidade Cândido Mendes. Especialista em Educação Especial e Inclusiva. Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade Memorial Adelaide Franco. Professora de AEE do Estado do Maranhão.

Antônio Cleilton da Costa Sousa

Graduado em Filosofia. Especialista em: Educação Especial; Educação inclusiva; A.E.E; LIBRAS; Gestão Escolar. Mestre em Educação pela UPAP. Acadêmico do curso de psicologia da FAEME.

Márcia Regina Pereira Bilio

Bacharel em Serviço Social pela Faculdade de Educação Memorial Adelaide Franco - FEMAF. Especialista em Serviço Social na Saúde Pública e Serviço Social na Educação - Faveni. Discente do curso de psicanálise, pela faculdade Anhanguera.

Ronny Batista de Sousa

Bacharel em Serviço Social pela Faculdade Evangélica do Piauí - FAEPI. Mestre em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. Doutorando em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Docente dos cursos de Graduação e Pós-graduação da Faculdade de Educação Memorial Adelaide Franco - FEMAF.



SUMÁRIO

Viviane Soares Silva

Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA.
Discente do curso de pedagogia pela FEMAF.
Especialista em Ciência Forenses - Perícia Criminal pela INCURSOS.
Coordenadora do Curso de Serviço Social pela FEMAF.

Talita Maciel Teixeira

Graduação serviço social e licenciatura em pedagogia.
Pós-graduação: saúde mental e atenção psicossocial FAR, metodologia do ensino superior FAR, ciência floresce INCURSO, e professora FEMAF e Supervisora de serviço social do hospital geral de Peritoró-MA.

Francisco das Chagas Araújo Coelho

Graduando do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA.

Isis Miridan Lopes de Sousa

Bacharel em Psicologia pela Universidade Santo Agostinho - PI.
Especialista em Saúde Mental e Políticas Públicas.
Docente dos cursos de Graduação e Pós-graduação da Faculdade de Educação Memorial Adelaide Franco - FEMAF.

Claudielli Francy da Costa Dias

Bacharel em Psicologia pela Faculdade de Educação Memorial Adelaide Franco - FEMAF.
Pós-graduanda em Psicologia Clínica, Gestalt-terapia e Docência do Ensino Superior pela Faceminas.
Docente dos cursos de Graduação da Faculdade de Educação Memorial Adelaide Franco - FEMAF.

ÍNDICE REMISSIVO

SUMÁRIO

A

adolescentes 8, 10, 28, 40, 41, 42, 50, 51, 52, 54, 57, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 96, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 109, 124, 234, 236, 237, 238, 245, 250, 251, 252, 253, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271

ansiedade 8, 40, 41, 42, 51, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 83, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 151, 152, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 167, 175, 176, 180, 224, 230, 240, 251, 254, 263, 266

assistente social 10, 198, 219, 221, 225, 226, 227, 232

C

colonização 203

COVID-19 8, 9, 10, 12, 15, 16, 21, 28, 35, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 59, 60, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 141, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 164, 166, 167, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 213, 214, 215, 216, 218, 221, 222, 224, 225, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 243, 244, 245, 250, 253, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271

crise sanitária 117, 199, 215, 235, 237, 239, 253, 255, 261, 265, 266

D

depressão 8, 40, 41, 42, 51, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 63, 64, 66, 70, 72, 76, 77, 79, 80, 83, 85, 110, 151, 152, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 167, 175, 176, 180, 224, 236, 240

DSM-5 60, 61, 62, 81

E

educação básica 13, 51, 67, 133, 178, 263

ensino fundamental 9, 39, 70, 97, 100, 123, 135

ensino remoto 9, 16, 25, 28, 29, 34, 38, 67, 75, 94, 97, 100, 103, 123, 126, 127, 141, 142, 157, 175, 178, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195

experiência 9, 28, 123, 135, 160, 177, 181, 249

F

fobia 46, 89

I

infância 51, 52, 76, 77, 245

L

letramento digital 29, 30

livros 14, 68, 69, 113, 118, 119, 172, 196, 237, 257

lockdown 88, 235, 265

N

neuropsicopedagogia 112, 119, 120

P

pandemia 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 23, 24, 26, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 49, 51, 56, 57, 60, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 133, 135, 138, 141, 146, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 191, 193, 195, 197, 199, 200, 201, 213, 214, 215, 216, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 229, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 250, 251, 252, 253, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270

SUMÁRIO

pós-pandemia 36, 37, 39, 41, 77, 78, 95, 100, 102, 103, 105, 107, 151, 256

psicologia 70, 80, 83, 152, 167, 175, 180, 257, 261, 267, 273, 275

R

recursos tecnológicos 25, 27, 28, 30, 75, 125, 131, 141, 183

redes sociais 10, 59, 60, 128, 169, 176, 192, 234, 235, 236, 237, 240, 244, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 271

Reforma Sanitária Brasileira 206, 232

S

saúde mental 10, 41, 42, 50, 51, 59, 60, 63, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106,

107, 108, 109, 110, 151, 152, 153, 154, 157, 158, 159, 163, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 191, 234, 236, 237, 240, 250, 251, 253, 256, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 276

Saúde Pública 83, 114, 200, 202, 213, 219, 238, 257, 261, 269, 275

SUS 44, 45, 48, 49, 205, 208, 209, 210, 211, 212, 226, 230, 231, 232, 233

T

TDICs 9, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 194

terapia 49, 93, 98, 101, 264, 276



www.pimentacultural.com

A PANDEMIA DA COVID-19

recortes interdisciplinares